

FREDERICO LAGO BURNETT

# ARQUITETURA COMO RESISTÊNCIA

AUTOPRODUÇÃO DA MORADIA POPULAR NO MARANHÃO



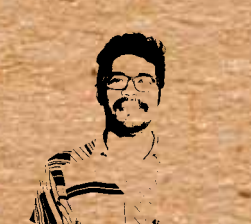
EDITORA UEMA

FAPENÁ















# ARQUITETURA COMO RESISTÊNCIA

AUTOPRODUÇÃO DA MORADIA POPULAR NO MARANHÃO

FREDERICO LAGO BURNETT (ORG.)

EDITORA UEMA / FAPEMA

São Luis

2020



Arquitetura como resistência: autoprodução da moradia popular no Maranhão / organização Frederico Lago Burnett. - São Luís: EDUEMA: FAPEMA, 2020.  
338 p.

ISBN: 978-85-8227-261-9

1.Moradia. 2.Arquitetura. 3.Autoprodução. 4.Cultura popular.  
5.Maranhão. I. Burnett, Frederico Lago. II. Título

CDU: 728(812.1)

Elaborado por Giselle Frazão Tavares - CRB 13/665

**COMPOSTO EM TREBUCHET MS**



# SUMÁRIO

Apresentação	8
Agradecimentos	9
Prefácio	10
INTRODUÇÃO: ARQUITETURA DE VIDA RESISTENTE	13
1 GRUPOS SOCIAIS E MORADIA POPULAR AUTOPRODUZIDA NO MARANHÃO	25
Grupos Sociais no Maranhão Atual	25
Caracterização Geral das Famílias Entrevistadas	31
Regimes de Autoprodução da Moradia Popular no Maranhão	34
2 REGISTROS DA AUTOPRODUÇÃO DA MORADIA POPULAR NO MARANHÃO	46
A Moradia de Palha	48
A Moradia de Taipa de Mão	66
A Moradia de Adobe	128
A Moradia de Madeira	164
A Moradia de Tijolo Maciço	196
A Moradia de Tijolo Cerâmico	214
3 AUTOPRODUÇÃO DA MORADIA DE TAIPA DE MÃO E ADOBE NO MARANHÃO	256
A Construção da Moradia de Taipa de Mão	258
A Construção da Moradia de Adobe	268
Acabamentos e Instalações Prediais	275
4 AUTOPRODUÇÃO POPULAR DO ESPAÇO RURAL E URBANO NO MARANHÃO	284
Pequizeiro, Belágua	285
São Miguel dos Correias, Cajari	295
Parque Jair, São Jose de Ribamar	305
Glossário	318
Referências	328
Autores, Pesquisadores e Colaboradores	337



# APRESENTAÇÃO

*Deu meia noite, a lua faz um claro,  
eu assubo nos aro,  
vou brincar no vento leste.  
A aranha tece puxando o fio da teia,  
a ciência da abeia, da aranha  
e a minha muita gente desconhece...*

João do Vale, Na asa do vento.

Uma publicação sobre arquitetura popular maranhense? O que têm a mostrar os sujeitos de um espaço de atraso e servidão, que moram nas periferias rurais e urbanas? Instalados no fundo dos indicadores sociais, reprodutores de atividades rudimentares, despojados de terra e voz, sem protagonismo nos destinos do estado, o que podem dizer aqueles que quase nunca se expressam?

Surpreendentemente, sim, os trabalhadores despossuídos do Maranhão têm muito a dizer sobre a arquitetura que produzem para viver e resistir. O que dizem não interessa apenas aos portadores de diplomas acadêmicos, projetistas e construtores, sempre com certezas técnicas e científicas; também aos políticos, gestores e funcionários públicos, tão focados no desenvolvimento via planos e programas, manejando planilhas e perseguindo metas. Todos precisamos, ainda que por um momento de descuido, duvidar de crenças e atentar para o saber e a tradição populares.

Saber e tradição populares, perante o agravamento de desigualdades e injustiças sociais, são estratégias para resistir, expressas em modos de vida e cotidianos familiares, fazendo da moradia, além de abrigo, ferramenta de trabalho, extensão da Natureza da qual seus moradores se fazem parte e são cúmplices. Através da diversidade, da sustentabilidade e da ambiência, ainda que restringidas pela economia de meios materiais e técnicos,

as construções populares reconstituem, para quem tem olhos e coração, o “menos é mais” arquitetônico, uma qualidade contraditoriamente inacessível para a casa mínima estatal.

Presentes ao longo de todo o estado, as construções aqui expostas assumem diferentes materiais e sistemas construtivos, muitas edificadas há mais de uma década, dotadas de insuspeitados níveis de habitabilidade. Contrastando-se àquelas que, como “taipas de emergência”, expressam a posse temporária e o precário fazer, resultantes da insegurança de vidas nômades, sob o ritmo de um desenvolvimento que se nega aos que não sabem do dia seguinte.

Se as moradias de taipa de mão, mais divulgadas, têm servido para execrar e condenar tudo o que seja feito por fora de normas instituídas, pouco se fala daquilo que representam para os que nada têm; menos ainda se cita ou avalia a qualidade construtiva das incontáveis casas autoproduzidas que nada devem às obras eruditas e muito ensinam sobre conforto ambiental. Condenação e silêncio indicam que há mais do que simples ignorância sobre o saber e a tradição populares...

Inventário parcial, mas abrangente das construções populares do Maranhão, esta publicação comprova a contradição da nossa questão habitacional: diferentemente do que pensa o senso comum, o valor das soluções culturais, implícitas nas construções populares maranhenses, em muito supera seus problemas técnicos, sempre usados para justificar a condenação das práticas tradicionais, às quais faltaria “dignidade”. Cabe perguntar se a prevalência de tais pré-conceitos, que sempre ocultam segundas intenções, não são atentados contra a identidade e a autonomia de grupos sociais marginalizados, mas capazes de construir um padrão de habitat compatível com seus modos de vida e condições de existência.

São Luís, Maranhão, janeiro de 2020  
Frederico Lago Burnett

# AGRADECIMENTOS

Iniciamos nossos agradecimentos aos que, pelo Maranhão afora, abriram moradias e corações aos forasteiros da capital, carregados de trenas, câmeras e muitas perguntas sobre terra, trabalho e família, abusando da bondade, provando bebidas e comidas, prazerosamente oferecidas. Sem muitas indagações ou desconfianças, moradores de campos, matas e praias - indígenas, remanescentes quilombolas, quebradeiras de coco, assentados, agregados, todos agricultores, criadores e pescadores - e de vilas, parques e bairros - assalariados, autônomos, biscateiros, domésticas, pequenos comerciantes -, nos contaram seus cotidianos de múltiplos afazeres, da produção de comida à construção da moradia, indispensáveis à sobrevivência familiar.

Porém, para chegar até a porta de centenas de moradias dispersas pela imensidão do estado, foi imprescindível contar com a ajuda de dezenas de colaboradores, que se disponibilizaram em apresentar a equipe aos moradores. Por isso, nossos agradecimentos também se estendem aos representantes de associações de moradores e sindicatos, lideranças comunitárias, conselheiros de colegiados, professores, religiosos, vereadores, secretários e funcionários municipais, estaduais e federais, sem esquecer os colegas pesquisadores, todos indispensáveis para nos levar até as salas, varandas, cozinhas e alpendres dos entrevistados.

Com papel essencial na realização dos estudos, nosso reconhecimento às três instituições públicas maranhenses que, de longa data, contribuem para o conhecimento e debate da realidade maranhense:

À Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão - Fapema, através dos Editais Tecnologias Sociais - TECS, de 2015, e Universal, de 2017, que viabilizou as atividades de laboratório e de campo, bem como o Edital de Apoio à Publi-

cação de 2017, que financia integralmente a publicação deste livro;

Ao Instituto Maranhense de Estudos Socioeconômicos e Cartográficos - Imesc, através do qual, entre 2015 a 2017, foi elaborada e executada a pesquisa para avaliar as ações e os resultados do programa estadual de produção habitacional, suscitando novas questões e resultando na pesquisa sobre a autoprodução da moradia popular maranhense;

À Universidade Estadual do Maranhão - Uema, que, através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica - PIBIC e da Bolsa de Apoio Técnico Institucional - BATI, ambos da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação - PPG, possibilitou a participação de alunos e graduados do curso de Arquitetura e Urbanismo nas atividades da pesquisa.

Ao Grupo Morar de Outras Maneiras - MOM, da Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais, parceiro de debates e trabalhos de campo no Maranhão, pela generosidade em compartilhar experiências e reflexões sobre a questão da autoprodução da moradia popular.

Aos colegas professores, colaboradores constantes ou eventuais, e aos alunos do curso de Arquitetura da Uema, pesquisadores e bolsistas, nosso reconhecimento pelo esforço em trazer à luz os modos de vida da população despossuída do estado, tema pouco valorizado como objeto de estudo, apesar de sua relevância para milhares de maranhenses.

Ao transmitir um pouco da imensa sabedoria do viver resistente dos que vivem nos campos e cidades maranhenses, esperamos que esta publicação contribua para reafirmar o direito inalienável dos grupos sociais populares do Maranhão de construir e viver em seus próprios espaços, produzidos conforme seus interesses e necessidades.



# PREFÁCIO

*Toda e qualquer verdade nova nasce apesar da evidência, toda e qualquer experiência nova nasce apesar da experiência imediata.*

Gastón Bachelard (1978, p. 93)

O volume que tenho a honra e o prazer de prefaciar reúne os resultados de uma pesquisa de peso no Maranhão e para além dele. A equipe coordenada pelo professor Frederico Burnett teve fôlego para abarcar a maior parte do território do estado, com sua enorme diversidade de condições e modos de vida, observando, registrando e sistematizando um tipo de produção de moradias que quase sempre passa abaixo dos radares da atenção acadêmica. Mais ainda do que de sua amplitude, o valor deste material advém das premissas que estruturaram o seu levantamento, a começar pela crítica do paradigma técnico (e arquitetônico) que domina a chamada questão habitacional desde meados do século XX.

Datam dessa época não apenas os grandes empreendimentos habitacionais da reconstrução pós-guerra no Norte Global, que serviram de modelo para políticas públicas em toda parte, como também o discurso do ‘desenvolvimento do terceiro mundo’ e a criação dos organismos internacionais que deveriam promovê-lo. Ivan Illich explicitou a relação entre a política desenvolvimentista internacional, a indústria da ajuda humanitária e a ideologia das *necessidades* que se consolidou nesse contexto.

As necessidades que a dança do desenvolvimento despertou não apenas justificaram a espoliação e o envenenamento da terra; elas também atuaram num nível mais profundo. Elas transmutaram a natureza humana. Transformaram a mente e os sentidos do *homo sapiens* naqueles do *homo miserabilis*. ‘Necessidades básicas’ talvez sejam o legado mais insidioso que o desenvolvimento deixou. (Illich, 1992, p. 88)

A habitação, bem o sabemos, integra a lista das tais ‘necessidades básicas’. Com suposta neutralidade técnica, as organizações do desenvolvimento desclassificaram como indignos ou inumanos praticamente todos os modos de habitar este planeta que ainda não haviam sido capturados pela economia de mercado, nem determinados por seus profissionais. Banco Mundial, Nações Unidas e agências afins estabeleceram um padrão universalmente válido para medir adequação e até ‘dignidade’ da moradia e com ele produzem, até hoje, suas estatísticas acerca das condições ditas *substandard*, em que atualmente viveriam quase um bilhão e meio de pessoas. Apesar dos discursos em prol de movimentos populares, autoajuda e especificidades locais, o resultado tem sido sempre a contabilidade de um *déficit*, cuja superação estaria, basicamente, na produção capitalista de insumos, edificações e urbanização (Clegg, 2017). O aspecto mais perverso dessa história é que, ao mesmo tempo em que foram definidas as necessidades de moradia e traçados os limites entre digno e indigno, nunca houve nenhuma perspectiva concreta de atendimento universal conforme o padrão prescrito. A conta não fecha.

Paradoxalmente, esse raciocínio se infiltrou também nas investigações científicas empreendidas por pesquisadores de países ‘subdesenvolvidos’ e não financiadas por agências internacionais. O público acadêmico e extra-acadêmico se convence facilmente da pertinência de pesquisas que, por ingenuidade ou premeditação, reproduzem e amplificam a ideologia das necessidades. Para todos nós que fomos socializados na segunda metade do século passado ou depois, evidências e experiências imediatas parecem provar a necessidade de habitações construídas a partir de projetos formais e materiais industriais, com banheiro, quartos, sala, cozinha, eletrodomésticos e tudo o mais que se supõe imprescindível para os membros da sociedade contemporânea.

No entanto, quando se assume a difícil tarefa de um discernimento crítico sobre esse senso comum e as corre-

latas preconceções do campo técnico, as coisas mudam de figura. Nos termos de Bachelard, nascem novas verdades, *apesar* das evidências e novas experiências, *apesar* da experiência imediata. A produção popular de moradias à margem ou na contramão da produção capitalista se constitui como um objeto do conhecimento e um campo de ação. A pesquisa conduzida pelo professor Frederico demonstra isso: “o valor das soluções culturais, implícitas nas construções populares maranhenses, em muito supera seus problemas técnicos, sempre usados para justificar a condenação das práticas tradicionais, às quais faltaria ‘dignidade’”. Muitas das moradias visitadas pela equipe são sólidas, sustentáveis e bem adequadas à vida de seus habitantes; tão adequadas que, em vários casos, os programas habitacionais públicos precisaram instituir a absurda obrigação de demolir tais moradias para garantir a ocupação, ao menos temporária, de suas unidades padrão.

A segunda premissa a destacar nesta pesquisa, diretamente relacionada à crítica do paradigma técnico, é a opção pelo conceito de *autoprodução* no lugar da mais usual *autoconstrução*, isto é, no lugar do termo que se tornou corrente ao considerar o contexto de desenvolvimentismo. Ele ecoa a *automedicação*, denotando uma ação de leigos, na qual, supostamente, apenas profissionais deveriam decidir e agir, e implicando precariedade, falta de conhecimento, desperdícios e consequências desastrosas. No Brasil, o termo foi adotado pelas pesquisas que primeiro se dedicaram à produção de moradias pelas populações de baixa renda das cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo, partindo da constatação de que migrantes rurais, sem acesso ao mercado imobiliário ou aos programas habitacionais públicos, de fato, construíam suas moradias com trabalho próprio. Todavia, a noção de autoconstrução tende a obliterar a complexidade da produção popular e informal de moradias, tanto nos processos tradicionais quanto nos seus desdobramentos mais recentes, urbanos, periurbanos ou rurais.

Por mais que se teorize a autoconstrução como conceito amplo, o imaginário que ela evoca de imediato é do

trabalhador pobre, que, num canteiro relativamente primitivo, realiza com as próprias mãos e sem habilidades específicas a lenta bricolagem de um abrigo. O conceito de autoprodução, pelo contrário, parte do entendimento de que esse tipo de processo sempre envolve formas de planejamento, estratégias e táticas econômicas (sejam monetárias ou não), saberes e habilidades, mobilização de ferramentas, materiais e mão de obra, além de centenas de outras ações e decisões. A premissa da autoprodução significa rechaçar o pressuposto de que a essência da produção popular de moradias seria o trabalho material dos moradores no próprio canteiro e, sem excluir essa possibilidade, perguntar de modo mais amplo e mais aberto por aquilo que as pessoas efetivamente fazem.

Tal abertura da pergunta reflete a postura crítica em relação à superioridade do conhecimento técnico-científico sobre o conhecimento prático, não transmitido por vias escolares. Ela assume que a produção popular de moradias não é um problema a solucionar a partir de uma coleção de fatos codificados e sintetizados em diagnósticos, mas de um campo heterogêneo de processos e produtos experimentados e burilados por gerações, sujeitos às macroestruturas, mas nem sempre determinados por elas, e que são quase totalmente ignorados pelas instituições formais.

Uma terceira premissa que torna exemplar a pesquisa na origem de *Arquitetura como Resistência* é a prioridade dada aos espaços e moradias rurais, que compõem cerca de um terço do inventário realizado. Comparadas à logística e à disposição exigidas por esse trabalho, que é literalmente ‘de campo’, as pesquisas mais usuais, em favelas urbanas centrais e mesmo em periferias urbanas pobres, são simples. Contudo, o fato de a imensa maioria das pesquisas concernentes à habitação ser feita na perspectiva urbana não se deve apenas à questão operacional. Os *loci* de referência e construção discursiva, isto é, “objetos com referência aos quais se definem e se constroem os objetos do conhecimento” e “ambientes concretos nos e a partir dos quais o trabalho intelectual



é elaborado” (Souza, 2015, p. 25-26), estão nas grandes cidades, mais próximas do capital e do Estado do que de práticas e organizações populares. Nesse sentido, as relações entre campo e cidade são análogas às relações entre centro e periferia, norte e sul globais ou sul-sudeste e norte-nordeste brasileiros. A análise da autoprodução de moradias rurais e sua comparação com as quantitativamente pequenas, mas simbolicamente relevantes extensões dos programas habitacionais urbanos a esses territórios, revelam as contradições da produção formal como numa caricatura.

Elas evidenciam, por exemplo, o quanto o padrão imposto a partir do centro é inadequado: da má implantação nos terrenos e do desconforto ambiental até a falta de espaço para um fogão à lenha e a impossibilidade de manutenção das edificações com materiais e conhecimentos localmente disponíveis. Elas evidenciam também a capacidade que as pessoas têm para transformar aquilo que lhes é imposto, modificando e ampliando unidades padrão, inventando novos usos para espaços prescritos ou criando formas inusitadas de emprego de materiais industrializados. Portanto, é absolutamente pertinente a constatação de que, “até o presente momento e apesar de limitações [...] os mais capazes para enfrentar a questão da moradia popular no Brasil têm sido seus próprios moradores”. Ainda assim, a produção formal tende a ser reconhecida como superior mesmo pelas pessoas a quem mais prejudica, porque, como sabemos, há quase dois séculos, “os pensamentos da classe dominante são também, em todas as épocas, os pensamentos dominantes” (Marx & Engels, 2007, p. 48). A cada programa público que descarta e desqualifica técnicas e hábitos de construção populares, as já frágeis convicções dos autoprodutores se abalam um pouco mais.

A leitura de *Arquitetura como Resistência* permite concluir que não precisamos de programas habitacionais que forneçam moradia prontas, seja no campo ou na cidade. Tenho consciência de que, à primeira vista, essa conclusão parece fomentar as condenações reacionárias das po-

líticas de inclusão social implementadas pelos governos Lula e Dilma Rousseff. Trata-se, porém, de recuperar a compreensão — quase esquecida nos últimos anos, mesmo pelo campo crítico — de que, para uma transformação rumo a mais autonomia e menos desigualdade e injustiça sociais, não bastam medidas compensatórias nas esferas da distribuição e do consumo. As mudanças fundamentais pertencem à esfera da *produção*, incluindo a produção material e simbólica do espaço.

O possível papel dos arquitetos e urbanistas nessa transformação está na assessoria técnica a grupos sócio-espaciais, que consiga se livrar da tradição paternalista e assistencialista que permeia a discussão desde a criação da ideologia das necessidades, com sua presunção e arrogância. Um passo nessa direção é conhecer e reconhecer a autoprodução pelos seus próprios parâmetros, entrar em diálogo com os autoprodutores, promover seu acesso às informações que lhes são frequentemente interditas e formular agendas de pesquisa junto com essas populações, isto é, mudar, na medida do possível, aqueles *loci* de referência e construção discursiva. Entendo que *Arquitetura como Resistência* é um passo nessa direção, que informará e inspirará outros passos.

Silke Kapp  
Professora Associada  
Escola de Arquitetura UFMG

## INTRODUÇÃO

# ARQUITETURA DE VIDA RESISTENTE

*Dizemos que estamos contra a ordem, mas, como não podemos suportar uma desordem (isto é, uma ordem que não é a nossa), com toda candura nos propomos como novos disciplinadores, “por vocação e consciência social”.*

Carlos Nelson F. dos Santos (1983, p. 87)

Resultado de pesquisa acadêmica<sup>1</sup> desenvolvida entre 2017 e 2019, o conteúdo deste livro trata dos processos que grupos sociais de espaços rurais e urbanos do Maranhão utilizam, sem qualquer intervenção estatal, empresarial ou técnica, para a autoprodução de suas moradias. Entendida aqui como o controle da construção pelos moradores, a autoprodução<sup>2</sup> habitacional inclui as etapas de concepção do projeto, aquisição dos materiais e uso de mão de obra, contemplando os variados regimes de execução dos serviços, sejam eles a autoconstrução com o trabalho de membros da própria família, o mutirão em suas diferentes formas de colaboração de parentes, amigos e vizinhos ou a contratação - por empreitada ou na diária - de profissionais, como pedreiros ou carpinteiros.

<sup>1</sup> “A moradia popular autoconstruída no Maranhão: regimes de propriedade, formas de produção, morfologia e tipologia urbana e rural” (Edital 031/2016, Apoio a Projetos de Pesquisa - Universal Fapema).

<sup>2</sup> Apesar do termo autoconstrução ser tradicionalmente utilizado na literatura acadêmica (Maricato, 1972; Oliveira, 2006), consideramos que ele não dá conta de todas as decisões tomadas pelos moradores em relação à produção do espaço da moradia, reduzindo a relevância das decisões e suas consequências para os envolvidos.

A identidade comum dos sujeitos analisados é dada pela posição marginal no sistema econômico hegemônico e pelo exercício de trabalhos manuais com pouca ou nenhuma qualificação tecnológica, resultando em insegurança fundiária, baixa situação de renda, acesso precário aos serviços de educação e saúde e limitações das possibilidades de ascensão social de seus membros. Apesar das diferentes origens e formas de organização, das variadas localizações espaciais e das múltiplas atividades produtivas exercidas, os grupos sociais pesquisados estão estreitamente relacionados com determinadas condições sociais, compondo práticas que, assim como as atividades produtivas familiares, fazem parte do cotidiano e expressam espacialmente determinados modos de vida.

A estrutura social no Brasil caracteriza-se por possuir um amplo conjunto de posições de classe destituídas. O desenvolvimento capitalista cria e reproduz processos de destituição tanto dentro como fora do âmbito do trabalho assalariado. Parte dessa dinâmica manifesta-se igualmente através de uma forte tendência de exclusão ou desconexão do sistema social de produção (Santos, 2009, p. 463).

Com trajetórias semelhantes no processo histórico maranhense, ainda que guardando particularidades, tais grupos sociais compartilham um arranjo social apoiado em laços de parentesco e vizinhança, com diferenciadas condições de organização política, aspectos que particularizam alguns desses grupos em relação a outros, mais ou menos afetados por influências externas e interesses privados. Suas relações com a terra, baseadas essencialmente no valor de uso que ela lhes oferece, os mantêm no campo da informalidade, do favor ou da irregularidade quando confrontados com as normas vigentes de propriedade fundiária, condições que resultam em instabilidade locacional em suas trajetórias de vida.



A existência significativa dessas populações em áreas rurais e urbanas do estado se explica pela histórica posição periférica do Maranhão em relação à dinâmica econômica nacional e suas fragmentadas porções territoriais, hoje inseridas na lógica produtiva de mercado. Mantendo o maior contingente da população rural do Brasil, um processo intensificado desde a segunda metade do século passado, cuja base é a exploração extensiva de recursos naturais por empreendimentos de grande e média escalas tecnológicas e baixa empregabilidade, ameaça posses tradicionais sem alternativas de vida e trabalho para os que são despossuídos (Arcangeli, 1987; Mesquita, 2011; Barbosa, 2013; Almeida e Mourão, 2017).

São muitas dessas comunidades remanescentes de escravizados, juntamente com povos originários e posseiros migrantes da seca que, impactados pelas políticas desenvolvimentistas dos anos 1960-1980, compõem parte significativa dos deslocados para sedes municipais e povoados de maior relevância econômica. Essa migração estimulou a criação de novos municípios e fez a “população urbana” maranhense saltar, em 50 anos, de 400 mil para 4 milhões de habitantes, mantendo a faixa de 2 milhões e meio dos moradores da zona rural (Burnett et al, 2016), alimentada graças às migrações internas e externas.

No contexto da urbanização acelerada das décadas de 1970/80, que resultou na “inclusão” dessa população migrante nas beiradas das cidades, o problema da moradia popular urbana - surgido com a abolição da escravidão nos cortiços e subúrbios (Villaça, 1986), agravado e ignorado pelo projeto de industrialização nacional de baixos salários (Maricato, 1972) - foi desvinculado de suas causas e erigido como “questão habitacional”, ocupando atenção do poder público, de planejadores urbanos e arquitetos (Valladares, 1983; Sampaio, 2000). Desconsiderados em função da disper-

são espacial, que não atendia interesses privados, os trabalhadores rurais ficaram à margem das políticas habitacionais, mantendo suas práticas de autoprodução da moradia, muitas das quais transferidas para as ocupações urbanas, permanecendo e se expandindo como prática dominante de construção residencial (CAU-BR/Data Folha, 2015), sendo incluída marginalmente nas preocupações do campo profissional da arquitetura.

A arquitetura produzida fora dos circuitos formais da construção civil - e a partir de saberes populares e ancestrais - é ainda um tema predominantemente estudado no âmbito da antropologia, da geografia cultural, da sociologia e outras áreas das ciências humanas. Os estudos de arquitetos e urbanistas não são abundantes e geralmente estão vinculados à preservação, conservação e restauração do patrimônio edificado ou à problemática do déficit habitacional e dos assentamentos urbanos ditos informais (Sant’Ana, 2014, p. 1).

Apesar dessa realidade visível e incontestável, que expõe as complexas relações entre casa e modos de vida dos seus moradores e que faz da habitação uma questão essencialmente cultural (Fathy, 1980; Rapoport, 2003; Oliver, 2006), a política habitacional nacional fez apostas na inserção produtiva dos trabalhadores, pensando a produção da moradia enquanto abrigo e instrumento para alcançar “civilidade”. Reduzindo a questão ao conceito de casa mínima, uma relação entre custo da unidade e produção em escala industrial, ignorando os raros estudos que buscavam entendimentos sociológicos e antropológicos sobre o tema (Santos, 1983; Bortoluci, 2016), o Estado brasileiro adotou o conceito de “déficit habitacional”, delimitou seu enfrentamento ao campo da arquitetura e subordinou ambos ao capital (Guglielmi, 1984).

Descartando práticas focalizadas e diferenciadas de produzir a moradia popular (Oliveira, 2006; Ferro,

2006; Lopes, 2006), a partir de então, quanto mais se fazia visível o produto casa, mais se obscureciam os grupos sociais, confundidos e desfigurados sob bandeiras genéricas de demandas habitacionais. Entretanto, à revelia dos expressivos quantitativos de programas habitacionais estatais, a permanência da prática social de autoprodução da moradia no Brasil (CAU-BR/Data Folha, 2015) tem demonstrado sua validade para as camadas populares e ocupado um crescente lugar nas preocupações e pesquisas acadêmicas.

### **DO BOSQUE À ÁRVORE, ANTECEDENTES E PERCURSOS DE UMA PESQUISA EM MÚLTIPLAS ESCALAS**

Os dados e estudos aqui reunidos configuram o resultado de um percurso acadêmico que, mesmo tendo a questão da habitação popular como foco, a mantinha em uma escala a qual Souza (2007) chamou de “visão de sobrevoo”, que corresponde ao “lôcus de referência discursiva” de “geógrafos, arquitetos-urbanistas e estudiosos e teóricos do planejamento urbano”. Para aquele autor, ao desconsiderar o “espaço dos movimentos sociais” (Souza, 2007, p. 106), os campos profissionais referidos adotam uma perspectiva que é “aquela do olhar do Estado” ou “próprio do Estado” (Souza, 2007, p.103): Tradicionalmente, as “profissões espaciais”, a começar pela Geografia, procedem a uma espécie de “visão de sobrevoo” e nitidamente a privilegiam, enxergando e analisando as sociedades e seus espaços quase sempre “do alto” e “de longe”, como que em uma perspectiva de “voo de pássaro” ou, no caso de fenômenos representáveis, por meio de escalas cartográficas muito pequenas (de planisfério, por exemplo), com um distanciamento ainda maior (Souza, 2007, p.103-104).

Essa opção metodológica pelo “voo de pássaro” está evidenciada tanto na dissertação de mestrado quanto na

tese de doutorado de Burnett (2008; 2011), cujos conhecimentos foram utilizados nos debates sobre planejamento urbano e legislação urbanística -, quando das elaborações dos Planos Diretores Participativos dos anos 2005 e 2006 - para reivindicar infraestrutura e serviços para a “cidade ilegal”, dentro da bandeira maior do “direito à cidade”, defendida pelo Movimento da Reforma Urbana.

Mantendo a “visão de sobrevoo” em trabalhos de avaliação dos planos diretores pós-2006 (Santos Jr e Montandon, 2011), quando foram estudadas as legislações urbanísticas de 24 cidades maranhenses, uma pesquisa sobre o uso do solo nos quatro municípios da Ilha do Maranhão<sup>3</sup> aproximou o olhar para o cotidiano de povoados e bairros no entorno da capital. A seguir, estudos sobre a estrutura da gestão do solo urbano em 42 prefeituras do interior do Maranhão expôs a distância sideral entre o mundo técnico proposto pelo Estatuto da Cidade e a realidade leiga dos que fazem o controle da produção do solo urbano nas pequenas e médias cidades maranhenses (Burnett et al., 2016).

Porém, foi de “dentro do Estado”, durante a execução do PAC do Rio Anil<sup>4</sup>, um complexo programa que combinava a urbanização dos bairros da Camboa,

---

3 “Uso do Solo e Ocupação Territorial na Região Metropolitana da Grande São Luís: A Metropolização da Ilha Do Maranhão” (Edital Fapema de Apoio a Projetos de Pesquisa APP - Universal, 2010-2012).

4 Iniciado em 2008, o projeto de urbanização integrada na margem esquerda do rio Anil incluía os bairros Camboa, Liberdade, Fé em Deus, Irmãos Coragem, Apeadouro, Alemanha, Caratatiua, Vila Palmeira, Barreto, Radional, Santa Cruz e Vila Sésamo, com remanejamento de habitações precárias situadas em áreas de risco, melhorias habitacionais e implantação da Via de Contorno (PAC 2, Segundo balanço, 2011-2014, disponível em [http://www.pac.gov.br/pub/up/pac/9/9-PAC\\_9\\_eixo\\_minha\\_casa.pdf](http://www.pac.gov.br/pub/up/pac/9/9-PAC_9_eixo_minha_casa.pdf) acesso 20/05/2014), mas, desde 2009, contempla apenas Camboa, Liberdade, Fé em Deus e Alemanha. Produção de 2.720 Unidades Habitacionais, Recuperação e Melhoria de 6.000 Unidades Habitacionais, Sistema Viário, Equipamentos Comunitários, Regularização Fundiária, Indenizações de Benfeitorias, Trabalho Social, Equipamento Cultural, Provisório/Despesas com Aluguel.

Liberdade e Fé em Deus com a remoção de moradores das palafitas para apartamentos no próprio bairro (Burnett e Silva, 2014), que aquele ângulo de visão preferencial (Souza, 2007) foi posto em xeque. Questões que tinham a moradia como centralidade passaram a fazer parte de nossas dúvidas: o que escondia a precariedade física e ambiental das palafitas que as tornavam tão imprescindíveis para seus moradores, fazendo que sua eliminação desequilibrasse a vida dos remanejados, ainda que para locais tão próximos? Que elementos a faziam parceiras de um determinando modo de vida que o programa estatal pretendia mudar, com intenções de melhorar as condições de vida dos despossuídos? Afinal, ter um lar com segurança física e jurídica não atendia a uma necessidade dos sem-teto?

Tais questões foram retomadas e aprofundadas em 2015, através da avaliação do programa estadual de substituição de moradias de taipa de mão e adobe por casas de alvenaria cerâmica em 30 municípios maranhenses com baixos Índices de Desenvolvimento Humano - IDH (Burnett, 2015). Ainda que assumindo nome e recursos públicos estaduais, o programa maranhense se constituía em uma versão rural do Minha Casa, Minha Vida e enfrentou inúmeras dificuldades no transporte de insumos, contratação de mão de obra e acompanhamento técnico nos povoados isolados, com atrasos que comprometeram a conclusão dos trabalhos. Assumindo o compromisso de demolir suas casas de taipa de mão e adobe, as famílias conviveram meses com obras constantemente interrompidas e, em muitos casos, tiveram que ocupar as moradias inacabadas, em processos confusos de apropriação (Burnett, 2017; Souza, 2017).

Acostumados a usar redes de dormir para transformar salas em dormitórios, a quantidade e dimensão dos ambientes não provocou maiores reações nos con-

templados, apesar de alguns estranharem o tamanho dos novos espaços em comparação com as moradias demolidas. Mais grave foi a inclusão da cozinha como parte da sala, criando uma situação inexistente nas moradias rurais e, de certa forma, conflitante com a tradição da casa camponesa, que preserva a sala como espaço das visitas. Uma situação que não previa o fogão de barro, imprescindível para quem não consegue arcar com os custos do gás de cozinha, usando-o quase exclusivamente para fazer o café da manhã, pois acender lenha leva tempo e pode atrasar os afazeres cotidianos que começam muito cedo.

Da mesma forma que outros casos posteriormente pesquisados no Maranhão (Burnett, 2017 e 2019), essas duas situações foram resolvidas pelos moradores com uma única modificação: transformar a área da lavanderia em cozinha de apoio e construir um puxado de palha ou taipa de mão para instalar o fogão de barro e o jirau. O desconhecimento e a pouca valorização dos modos de vida das famílias que, em tese, eram princípio e meta do Programa, se somaram a uma constatação: não se observava, entre os agentes públicos - arquitetos, engenheiros e assistentes sociais -, dúvida técnica, social ou moral que, perpassando suas práticas, os fizesse atentar para a luz amarela que se acendia de forma intermitente.

Ao oportunizar o contato com a unidade produtiva familiar do campo maranhense, a pesquisa foi decisiva para entender as complexas relações entre moradia e práticas cotidianas camponesas, dependente de recursos naturais e suas reduzidas vinculações, quando não inexistentes, com o mercado formal. A vivência permitiu identificar uma produção específica do espaço no qual a moradia ocupava o papel de abrigo, unidade produtiva, elo entre a família e a natureza, mas também objeto de relações e troca de favores



(Bourdieu, 1996) na construção e manutenção da casa. Sensibilizando toda a equipe da pesquisa - entre graduados e graduandos do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Estadual do Maranhão -, os estudos resultaram em trabalhos de conclusão de curso, dissertações de mestrado e elaboração de um projeto específico para estudar a moradia popular autoconstruída urbana e rural no estado. Contemplada com apoio financeiro do Edital Universal da Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão - Fapema, em 2017, a pesquisa tem como um de seus resultados esta publicação e seus métodos e procedimentos explanados a seguir.

### **A PESQUISA SOBRE MORADIA POPULAR AUTOPRODUZIDA NO MARANHÃO: CAMINHOS E ACHADOS**

Partindo do princípio de que o objeto moradia popular é resultante de um conjunto de condicionantes que se organizam em torno das possibilidades de acesso à terra, aos materiais de construção e à mão de obra, todos intimamente vinculados à realidade territorial e familiar, foi elaborada uma proposta de pesquisa visando “contribuir com o conhecimento das formas de morar de diferentes comunidades urbanas e rurais do Maranhão e seus regimes de propriedade do solo, morfologia dos ambientes construídos e tipologias arquitetônicas”.

Objetivando estudar inicialmente a autoconstrução - enquanto envolvimento direto dos futuros moradores no canteiro de obras -, a pesquisa logo constatou que tal conceito não abrangia a totalidade de procedimentos construtivos, optando no desenrolar dos estudos pela categoria da autoprodução, que coloca como centralidade a capacidade da família de controlar as decisões de um processo cujos tempo e método estão

intimamente identificados com e condicionados pelo cotidiano de suas vidas e usos que darão à casa. Assim, enquanto o esforço exclusivo da família - de um, alguns ou todos os seus membros - caracterizaria a autoconstrução, nos casos do *mutirão* - com ou sem *troca de dia* - e do contrato por diária ou na empreitada de terceiros - pedreiros e/ou carpinteiros, principalmente -, são extrapolados os esforços físicos dos moradores. Outros participantes se incluem no processo construtivo, mas a decisão sobre as obras se mantém nas mãos da família.

Entendemos por autoprodução o processo em que os próprios usuários tomam as decisões sobre a construção e gerem os respectivos recursos. Essa autoprodução pode estar associada à autoconstrução ou pode ser realizada apenas pelo trabalho de terceiros. No entanto, o pequeno empreendedor que constrói para venda ou aluguel, reproduzindo com alguma sistematicidade os expedientes de maximização de lucro do capital de construção ou do capital rentista, não pertence à categoria do autoprodutor porque não é usuário dos espaços que produz (Kapp et al., 2009, p.11)

Buscando identificar relações entre a posse da terra e as atividades produtivas dos construtores, o projeto partia dos chamados grupos sociais, termo utilizado no Plano Estadual de Habitação de Interesse Social - PEHIS (Maranhão, 2014) para se referir à constituição étnica, histórica e política daqueles que exprimiam altas demandas nos cálculos do déficit de moradia no Maranhão. Ainda contemplando urbano e rural, havia nas intenções uma clara primazia dos moradores do campo em relação aos da cidade, uma premissa ainda não fundamentada teórica ou empiricamente, que se sustentava nos conhecimentos adquiridos sobre o que era entendido como dois mundos apartados entre si, influenciados pelo forte protagonismo do camponês maranhense na defesa de seus espaços.

## GRUPOS SOCIAIS DO MARANHÃO E RECORTES ESPACIAIS

Do ponto de vista dos sujeitos a conhecer e considerando a diversidade de origens e percursos históricos daqueles que chamamos grupos sociais do Maranhão, a pesquisa direcionou esforços metodológicos para compreensão de possíveis particularidades do habitat dos grandes contingentes populacionais que ocupam vastas porções do território maranhense, já delineados em trabalhos produzidos sob encomenda estatal:

(...) o Estado do Maranhão se apresenta com características peculiares. Situado no Nordeste brasileiro, possui uma população rural ainda significativa, o que se traduz em um expressivo déficit habitacional, com questões fundiárias relevantes a serem enfrentadas e questões específicas das populações tradicionais - indígenas, quilombolas -, que requerem tratamento especial, devendo-se considerar questões culturais e problemas estruturais (Maranhão, 2012, p. 9)

No que concerne aos colonos, antigos posseiros e ribeirinhos, verificou-se que as necessidades habitacionais desses grupos não são diferentes das que concernem aos quilombolas, sendo demanda prioritária a regularização de terras e, em seguida, melhorias habitacionais (Maranhão, 2012, p. 42).

A persistente força do espaço rural maranhense, ainda pujante após décadas de urbanização acelerada e autoritária, é confirmada pelos índices oficiais do déficit habitacional rural, os quais superam em determinados componentes as carências urbanas (IBGE, 2010). O reconhecimento dessa realidade foi determinante na decisão metodológica da pesquisa que, partindo do campo para a cidade, acompanhou o próprio movimento de colonização do estado nos seus esforços de dominação e controle territorial, empurrando para os fundos das matas e

dos sertões os que se opunham ao trabalho compulsório imposto pela Corte e pelo patronato (Almeida, 2008).

Essas premissas definiram o percurso da pesquisa bibliográfica que se dedicou inicialmente à reconstituição da história da ocupação e reocupação territorial dos povos indígenas, dos remanescentes de quilombos, extrativistas, camponeses e assentados da reforma agrária. E, relativizando o conceito de dominação do campo pela cidade, buscamos identificar não apenas a existência/persistência de vínculos rurais nos moradores das periferias urbanas, mas também as semelhanças e mutações nas práticas de produção do habitat nas áreas de ocupação urbana por fora das normas urbanísticas: até que ponto o padrão de produção do espaço rural pelos despossuídos - instituído durante séculos como padrão de resistência socioespacial e popular - foi transposto para as cidades, considerando também a migração urbana compulsória, que levou à subordinação econômica e política de contingentes de trabalhadores, antes produtores que usufruíam de diferentes graus de autonomia?

O caminho inicial de mapeamento dos grupos sociais trazia indicações de trabalhos emblemáticos das áreas da história e da geografia sobre a colonização do Maranhão (Carvalho, 2006; Cabral, 1992; Trovão, 2008), e definiam as chamadas frentes de ocupação, dividindo-as em: litorânea, a primeira delas, a cargo da Coroa Portuguesa, sob os objetivos de implantar sistemas agrários exportadores que partiam de São Luís e ocupariam o norte do estado até a cidade de Caxias, elo entre o norte e o sul do estado; e a frente da pecuária, quase dois séculos depois da primeira, com origem na Casa Torres D'Ávila na Bahia, que cruzava o Piauí, chegava aos Pastos Bons do sul do Maranhão e estendia-se até a região central do sertão maranhense; uma terceira frente, dos migrantes da seca, bem mais afastada no

tempo e constituída por trabalhadores rurais migrados do nordeste, os quais acessavam o Maranhão por duas entradas e em dois momentos, por Floriano e por Tere-sina, no princípio e em meados do século XX (Almeida, 1981; Trovão, 2008; Velho, 2009), dispersando-se pelo Cerrado e pela Amazônia, iniciando a posse de terras devolutas para produção do arroz, que fez do estado um grande produtor nacional (Almeida, 2008; Velho, 2009).

Em busca de terras férteis, todas essas frentes pas-saram a se confrontar em momentos e espaços dis-tintos com os povos originários, dizimando nações e empurrando os remanescentes para as matas (Cabral, 1992; Carvalho, 2006). Esse confronto constituiu o que são hoje as terras onde estão circunscritos os indíge-nas do Maranhão, uma reduzida população compara-da a outras unidades federativas (Brasil, 2018). Um segundo movimento de conflitos fundiários em dife-rentes escalas, posteriores aos organizados contra os nativos, mas que lhes será contemporâneo em outros enfrentamentos, se deu contra os africanos escraviza-dos fugidos das fazendas da Baixada e do Itapecuru. Organizados nos quilombos, resistiram e consolidaram territórios que fazem o estado ter o maior quantita-tivo de comunidades remanescentes de escravizados do país (Brasil, 2019). Um terceiro conjunto de terras delimitadas para uso dos camponeses no Maranhão, os assentamentos do INCRA, completam as áreas com posses conquistadas através de lutas de ocupação, fora os processos de compra e venda, representando espaços de garantia de modos de vida camponesa, vin-culados à produção direta dos seus produtores (Mattos Junior, 2014).

A partir dessas três grandes áreas, que se fragmentam pelo território estadual de forma descontínua e desigual, foram sistematizados dados referentes aos conflitos fun-diários no Maranhão, disponibilizados anualmente pela

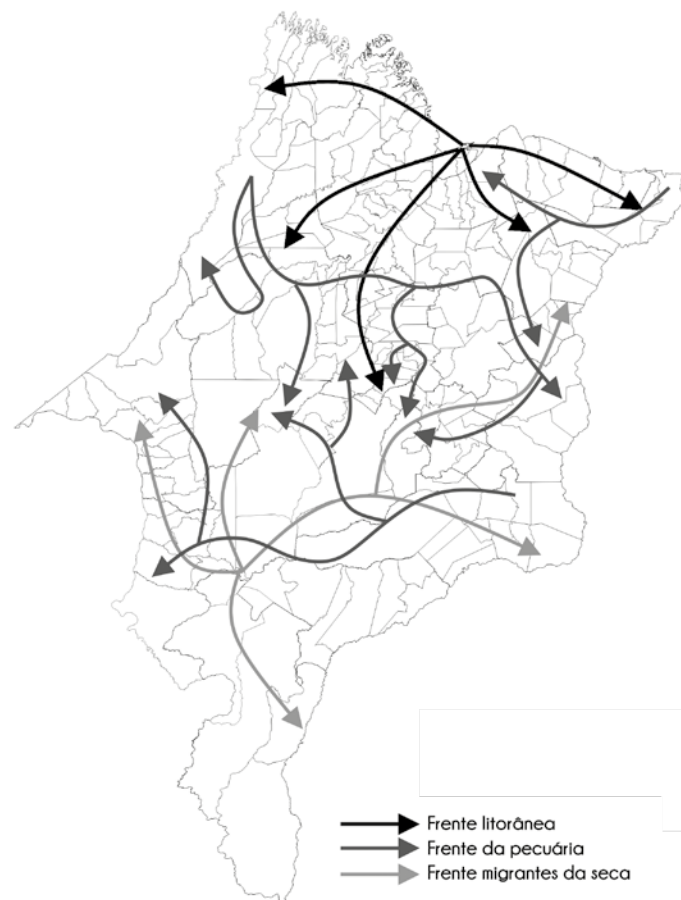


Figura 01: Mapa das frentes de ocupação do Maranhão



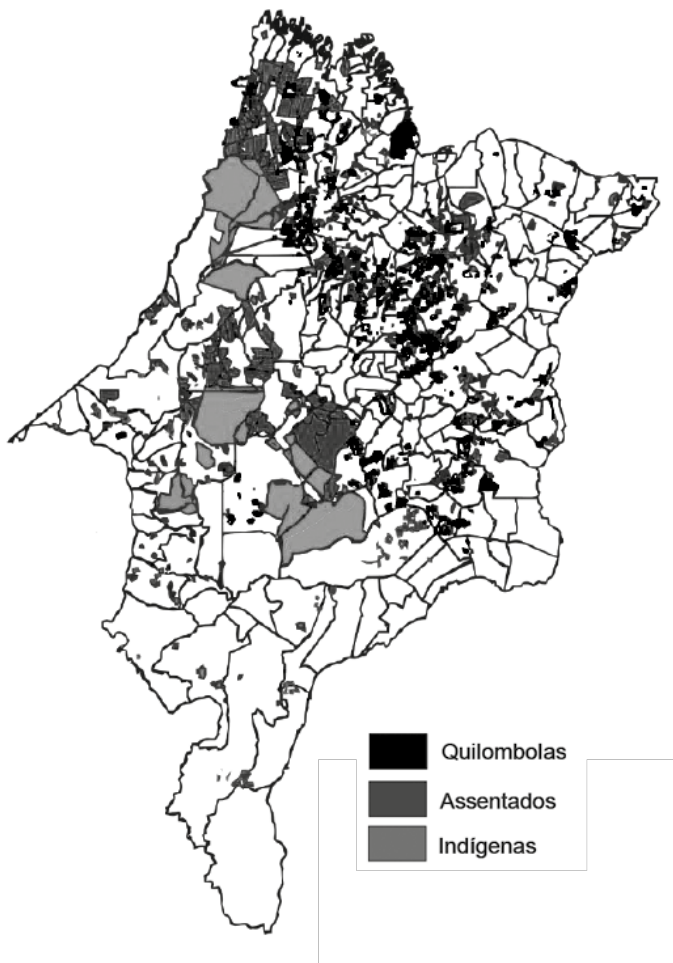


Figura 02: Mapa de terras indígenas, comunidades quilombolas e assentamentos no Maranhão

Comissão Pastoral da Terra, CPT, vinculada à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, CNBB. A elaboração de um mapa de conflitos fundiários no estado, a partir de tais dados (CPT, 2019) e sobreposto aos territórios legalmente delimitados, constituiu a primeira espacialização das áreas de interesse prioritário da pesquisa.

As condições materiais e temporais de realização da pesquisa, com a meta de traçar um quadro da auto-produção habitacional nas 5 mesorregiões<sup>5</sup> do estado, com prazo de execução estipulado em 2 anos (2017-2019), equipe reduzida e com dedicação parcial aos trabalhos, exigiu um ajuste dos recortes espaciais que possibilitassem uma amostra significativa do conjunto da realidade socioespacial maranhense. Considerando que a base logística da pesquisa em São Luís, geograficamente periférica em relação ao estendido território maranhense, se localizava a centenas de quilômetros da maioria das regiões do estado, o tempo e os recursos disponíveis exigiram delimitação compatível do trabalho de campo. Para reduzir as incertezas no enxugamento das viagens, o fator populacional das regiões foi incluído nas variáveis a considerar, definindo áreas com maior ou menor grau de urbanização. Dessa forma, as escolhas passaram a contar com a identificação de situações com maior e menor adensamento populacional e seus desdobramentos socioespaciais.

<sup>5</sup> Mesorregião e microrregiões são termos que correspondem à divisão regional do Brasil instituída em 1990 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE e válida até 2017, quando foram substituídos pelas Regiões Geográficas Intermediárias e Regiões Geográficas Imediatas, “um novo quadro regional” que estaria “vinculado aos processos sociais, políticos e econômicos sucedidos em território nacional desde a última versão da Divisão Regional do Brasil publicada na década de 1990” que “pretende subsidiar o planejamento e gestão de políticas públicas em níveis federal e estadual e disponibilizar recortes para divulgação dos dados estatísticos e geocientíficos do IBGE para os próximos dez anos”. Fonte: <https://www.ibge.gov.br/geociencias/organizacao-do-territorio/divisao-regional/15778-divisoes-regionais-do-brasil.html?&t=sobre>

## OPÇÕES METODOLÓGICAS E TRABALHO DE CAMPO

O significativo percentual populacional vivendo em relação direta com os recursos naturais, bem como a recente e débil urbanização, sem dinamismo econômico na quase totalidade dos municípios, baixa oferta de infraestrutura e serviços públicos e precárias condições de renda da maioria da população sugerem a prevalência de práticas e valores rurais nos assentamentos urbanos do estado, razão da maior atenção à vida rural, referência para os estudos dos grupos sociais nas cidades. Coerente com esse entendimento sobre o estado da urbanização maranhense, a dedicação de um tempo maior da pesquisa aos moradores de áreas rurais (66,55% do total de moradias visitadas) resultou em um quantitativo superior de dados em relação àqueles que vivem nas cidades (33,45% do total).

Assim, sem desconhecer que, enquanto poder político e econômico, a cidade domina o campo (Marx e Engels, 2007; Castells, 2000), pois muitas das dinâmicas presentes nas áreas rurais maranhenses são originadas em centros decisórios dentro e fora do país, mas também no próprio estado, tomamos como referência de análise da questão habitacional no Maranhão o modo de vida rural. De fato, a sistematização dos dados coletados identifica tal modo como padrão na autoprodução dos assentamentos e das moradias populares no espaço urbano, apontando que os grupos sociais analisados buscam preservar a base estrutural de suas condições de vida, caracterizadas pela inclusão marginal nas relações econômicas hegemônicas (Santos, 2009), através de espaços que lhes permitam reproduzir margens de manobras historicamente construídas no campo.

Com a definição das grandes áreas - mesorregiões, microrregiões e municípios preferenciais -, a viabilidade de acesso àqueles que constituíam o foco da pesquisa

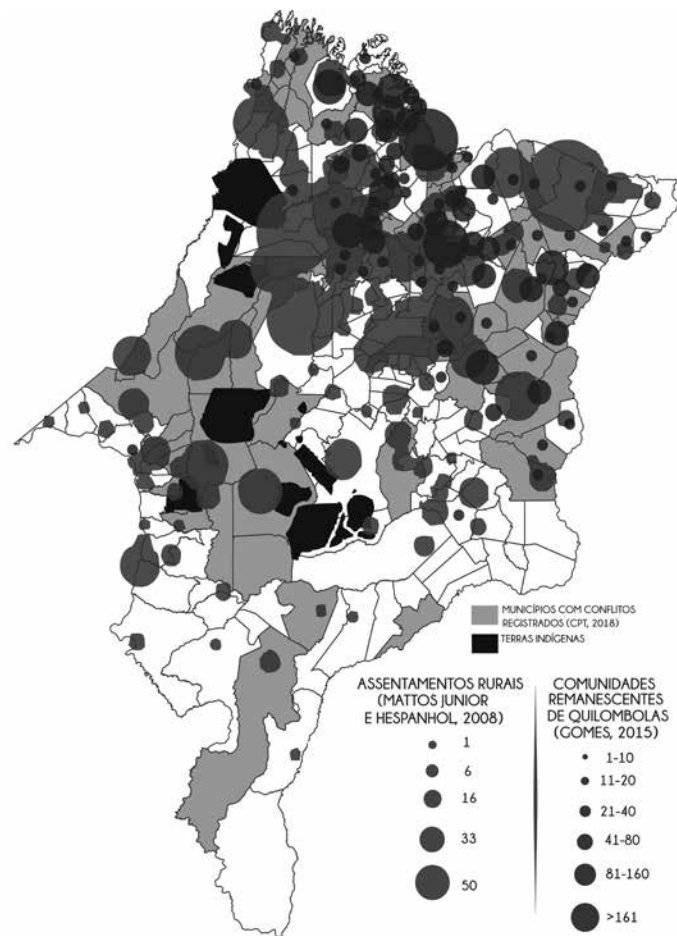


Figura 03: Mapa dos conflitos fundiários em territórios de grupos sociais no Maranhão

Fonte: CPT, 2018

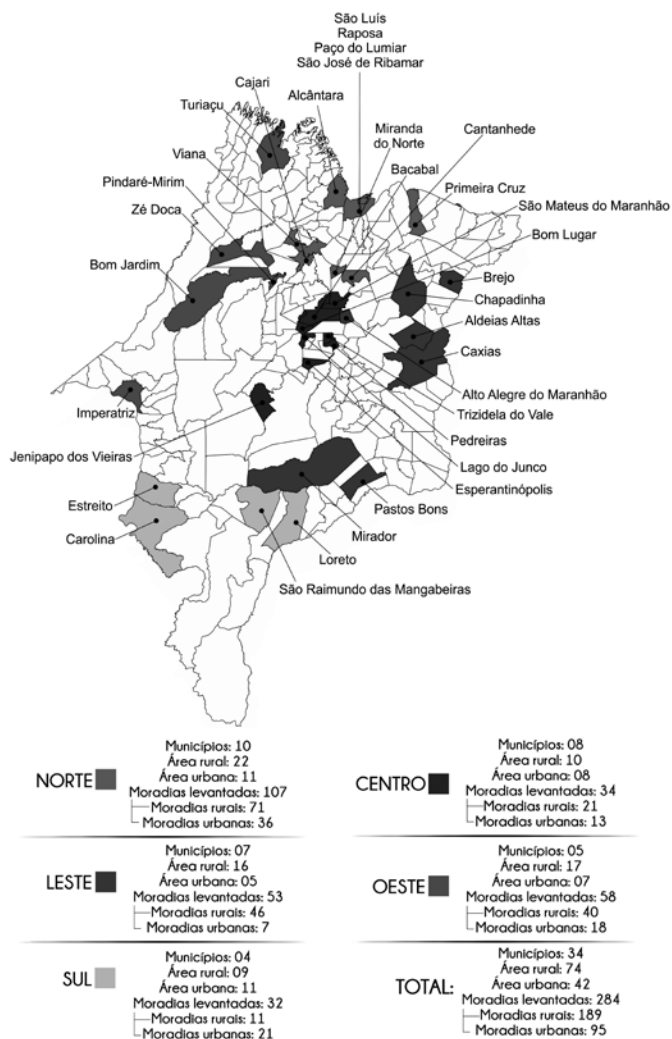


Figura 04: Mapa do trabalho de campo nas mesorregiões e municípios do Maranhão

foi decisiva na definição dos roteiros de viagens. Dependendo dos “facilitadores”, isto é, dos contatos no interior dos campos e nas beiradas das cidades que nos aproximassem das famílias construtoras de suas moradias, uma rede estadual de relações foi sendo tecida progressivamente: lideranças comunitárias e representantes sindicais, membros do Conselho Estadual das Cidades, colegas professores e pesquisadores, parentes e amigos, políticos e religiosos, gestores de áreas públicas. Logo, um total de 56 colaboradores fizeram a ponte para chegarmos aos 74 povoados e 42 bairros de 34 municípios nas cinco mesorregiões, totalizando 284 moradias pesquisadas, 189 delas na zona rural e 95 na urbana.

Tomando como grande unidade territorial a Mesorregião, hoje uma divisão territorial modificada pelo IBGE, que adota as Regiões Geográficas, as atividades foram distribuídas entre graduados e graduandos do curso de Arquitetura e Urbanismo, muitos com participação produtiva em pesquisas anteriores. Com bolsistas responsáveis pelas informações produzidas, esses colaboradores tinham como tarefas sistematizar dados, elaborar mapas, croquis de campo e desenhos digitais das moradias, classificar registros fotográficos e fichas de entrevistas, organizar planilhas e gráficos sobre o conjunto de informações coletadas.

Considerando o volume das informações produzidas, muito além das possibilidades desta publicação, todo esse acervo será hospedado no site do Núcleo de Pesquisa e Extensão para o Habitat Urbano e Rural do Maranhão - Athuar, do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Estadual do Maranhão, onde ficará disponível para consultas e aplicação no interesse do desenvolvimento científico e social.

O questionário para coleta de informações disponibilizadas pelas famílias, suas relações com atividades produtivas e a construção da moradia, elemento central

nesta pesquisa, impuseram a necessidade de ter certas garantias na etapa de recolhimento dos dados. Utilizando a ficha impressa e adotando a metodologia da entrevista semiestruturada - que permite desdobramentos diferenciados e acolhimento de especificidades dos entrevistados -, o conteúdo aplicado se organizou em três grandes blocos: a família, o lugar e a casa. Esses blocos estavam dispostos em uma ordem variável e dinâmica, que procurava se adequar a uma linha de conversa, sem sequência fixa, com atenção para aspectos valorizados pelos moradores e de interesse da pesquisa - atividades cotidianas, parentes nas vizinhanças, custo da mão de obra, preço e quantitativo de materiais utilizados, satisfação com a casa etc. -, no intuito de construir um quadro particularizado daquele recorte espacial.

A autorização para realizar a pesquisa, feita após a identificação da equipe e as razões do trabalho -“divulgar as diferentes moradias construídas pelos próprios moradores em todo o estado, mostrando seus conhecimentos e modos de morar” -, foi aceita em 98% dos casos, com apenas seis negativas, quatro em áreas urbanas e duas na zona rural. Realizada em ambiente escolhido pelos moradores, quase sempre na varanda ou na sala, mas também na copa, cozinha, alpendre ou percorrendo o lote, a conversa ocorria, quando possível, simultaneamente aos trabalhos de desenho e registro fotográfico da moradia, expressamente autorizados e com acompanhamento de alguém da casa, que determinava a existência de locais interditados. Ao final, uma foto dos membros presentes da família constitui um acervo que, juntamente com imagens dos colaboradores e pesquisadores, ilustra as capas internas desta publicação e lembra seu caráter de construção coletiva.

## CONTEÚDO DA PUBLICAÇÃO

Na impossibilidade de incluir todo o volume de dados e informações produzidos pela pesquisa, o conteúdo desta publicação representa uma escolha, um “cortar na carne” indispensável para adequá-la ao orçamento disponível. Procurando disponibilizar o máximo da amplitude e da profundidade das questões que envolvem o tema da autoprodução da moradia popular no estado, a estrutura desta publicação contempla resultados acumulados ao longo dos quatro anos de estudo e se organiza em quatro seções, além desta Introdução.

Na primeira delas, visando contextualizar o mundo em que os grupos sociais pesquisados vivem, optamos por tomar como principal referência da narrativa a dimensão fundiária sobre a qual se instalam e onde produzem seus espaços de vida e trabalho. Tomando o rural e o urbano como divisão maior dos espaços da pesquisa, buscamos diferenciar os estatutos de ocupação conforme as situações de posse da terra, as quais, por sua vez, resultam em práticas produtivas e condições de vida mais ou menos ameaçadas, mais ou menos estabilizadas. A partir de tais premissas, o conjunto das entrevistas foi condensado visando caracterizar o perfil geral de vida familiar enquanto geração de renda e acesso a bens e serviços, um esforço de contextualizar a diversificada autoprodução habitacional dos grupos pesquisados. A partir de tal quadro, todo o material coletado e sistematizado foi utilizado para analisar os regimes de execução das moradias, considerando o material predominante e os regimes de construção adotados. Esse conteúdo aponta para tendências de mudanças e permanência de certas práticas e usos de materiais que são indispensáveis para pensar ações conscientes e consequentes de fortalecimento das potencialidades e necessidades das práticas populares de construir em nosso estado.



Na segunda seção, dedicada à análise descritiva dos variados sistemas construtivos coletados na pesquisa de campo, tomamos como eixo de organização os diferentes materiais de construção utilizados nas várias regiões do estado, ordenando-os conforme suas origens, da extração direta aos produzidos de forma industrial - palha, taipa de mão, adobe, madeira, tijolo maciço e tijolo cerâmico. Incluindo planta baixa e registros fotográficos da moradia e de seus anexos, as fichas contêm um texto padrão com a descrição da composição familiar, atividades produtivas, acesso aos programas de renda mínima e condições gerais de infraestrutura e serviços públicos do lugar, concluindo com informações sobre a construção da moradia - época da obra, área coberta, número e função dos ambientes, processo projetual, aquisição do material, uso de mão de obra. Constituída por uma seleção de 98 moradias, os quantitativos dos materiais buscam respeitar a presença estatística dos tipos no contexto da moradia popular autoproduzida no Maranhão. Representando 34,5% das 284 moradias pesquisadas em todo o estado, a exposição completa estará disponível para acesso digital no sítio eletrônico do Núcleo de Pesquisa e Extensão em Assessoria Técnica para o Habitat Urbano e Rural - Athuar, do curso de Arquitetura e Urbanismo da Uema, oferecendo possibilidades variadas de apreensão, análise e discussão.

Na terceira parte é feita uma descrição analítica de dois dos processos construtivos mais tradicionais dos praticados em regiões do Maranhão, a taipa de mão e o adobe, com seus procedimentos técnicos de coleta dos insumos, fabricação, execução e manutenção, expressando componentes construtivos, acabamentos e instalações prediais. Esboço do estado da arte dessas duas técnicas em nosso estado, arquitetos e engenheiros poderão aí encontrar novas sendas a percorrer em

práticas profissionais mais compatíveis com modos de vida de grande presença entre nós.

Na quarta e última seção, dedicada a resultados de estudos anteriores, realizados simultânea e paralelamente aos diferentes projetos de pesquisa sobre a produção do espaço coletivo rural e urbano no Maranhão, estão expostas três análises sobre dois povoados - Pequizeiro, em Belágua, e São Miguel dos Correias, em Cajari - e uma ocupação urbana consolidada, o Parque Jair, em São Jose de Ribamar, na Ilha do Maranhão. Assentamentos em diferentes regiões e com distintas datações, os textos expõem aspectos das práticas sociais dos moradores em seus esforços de produção de espaços coletivo e familiar, oferecendo material para identificar semelhanças e diferenças em escalas variadas.

Após as Referências do material utilizado nas três primeiras seções do livro, segue o breve currículo de pesquisadores, colaboradores e bolsistas participantes, bem como um Glossário com mais de uma centena de termos identificados durante a pesquisa, coletados em laboratório e trabalhos de campo. Tentativa inicial de organizar e disponibilizar a rica nomenclatura de práticas sociais de uso de recursos naturais, instrumentos de trabalho e equipamentos de construção, o Glossário oferece um quadro das formas de ocupação e uso do espaço pelos grupos sociais maranhenses no contexto de reprodução de suas vidas.

Esperamos que as decisões tomadas para seleção e sistematização do material pesquisado, necessárias para materializar esta publicação, não ofusquem a força cultural e o poder transformador que os múltiplos protagonistas nos transmitiram com suas histórias de vida e esforços cotidianos, indispensáveis para lhes assegurar a existência

Frederico Lago Burnett

## CAPÍTULO 1

# GRUPOS SOCIAIS E MORADIA POPULAR AUTOPRODUZIDA NO MARANHÃO

Frederico Lago Burnett  
Manoel Fernando Moniz Filho  
Nubiane da Fonseca Vieira

## GRUPOS SOCIAIS NO MARANHÃO ATUAL

A situação da moradia popular rural e urbana no Maranhão convive com uma contradição própria, dada pela condição de inserção produtiva do estado no sistema econômico nacional e mundial. Ausente de todo o processo brasileiro de industrialização, concentrado espacialmente em reduzidas porções do país, a grande distância física do Maranhão em relação aos centros hegemônicos o manteve na periferia nacional e regional. Com reduzido número de centros urbanos de porte médio e predominância de pequenas sedes municipais, há forte dependência de transferências governamentais e presença do poder público como empregador social. Como o trabalho formal contempla cerca de 25% da população, a maioria concentrada na capital, São Luís, o estado possui os maiores indicadores nacionais de famílias em situação de pobreza e extrema pobreza<sup>6</sup>.

---

<sup>6</sup> Situação de extrema pobreza, rendimento domiciliar até R\$ 145 per capita mensal; situação de pobreza, rendimento domiciliar entre R\$ 145 e 420 per capita mensal. Em ambos os índices, o Maranhão apresenta os valores mais altos do país: respectivamente 19,9% e 53% da

Contrariamente ao senso comum e técnico-positivista, que acredita em uma paulatina, gradual e inevitável inserção da população marginalizada do Maranhão periférico em relações de trabalho dominantes no “mundo globalizado”, a realidade socioespacial compromete tal casamento: nossos processos históricos preestabelecem um divórcio litigioso entre os modos de produção empresarial que aqui aportam e os saberes e capacidades da maioria da nossa população rural e urbana. Os efeitos desse matrimônio compulsório estão registrados nas péssimas condições de renda, educação e saúde resultantes, sendo o mais eloquente e visível a questão habitacional: até o presente momento e apesar das limitações nas soluções implementadas nos exemplos publicados aqui e em outros trabalhos, está comprovado que os mais capazes para enfrentar a questão da moradia popular no Brasil têm sido seus próprios moradores.

Recolher e sistematizar esse saber popular específico, sem imputar a tais processos qualquer conotação de vício ou virtude, abre bem mais do que sendas de inserção profissional para produção de espaços compatíveis com a realidade dos grupos sociais, pois possibilita expor a existência - na verdade, a preexistência - e a validade de modos de produzir e viver. Para tanto, optamos por uma forma de organização dessas considerações que, entre outras possíveis, leva em conta as questões da ocupação da terra e do trabalho familiar em torno da autoprodução da moradia, condicionantes que determinam as formas e os resultados da casa popular. Retomaremos aqui a pré-classificação da qual partimos na proposta de pesquisa e na metodologia para levantamento dos dados, isto é, conforme a classificação dos grupos sociais presentes no Maranhão, levando em conta a distribuição espacial conforme

---

população nas situações de extrema pobreza e pobreza (IBGE, Síntese de Indicadores Sociais, 2019).

trajetórias históricas, as quais resultaram em localizações geográficas e formas de vida.

### **Grupos sociais rurais**

A pesquisa permite concluir que, em termos de ocupação e apropriação do espaço, o rural maranhense está dividido em dois subgrupos, compostos por sujeitos coletivos constituídos historicamente - os Povos Originários e os Remanescentes de Comunidades Quilombolas - e aqueles com constituição coletiva recente - Assentados da Reforma Agrária e Movimento das Quebradeiras de Coco. Cada subgrupo possui diferentes condições de controle sobre suas terras, de acesso e apropriação de recursos naturais e variados níveis de organização política.

Um segundo subgrupo rural se caracteriza pela individualização das histórias de vida de seus componentes, ainda que façam parte de movimentos de migração familiar ou coletiva: posseiros, colonos e agregados. Esse subgrupo tem como local de fixação, respectivamente, terras devolutas isoladas e autodesbravadas, grandes glebas desapropriadas para fins de ocupação planejada ou áreas privadas de exploração tradicionais. Em todos os casos e tal qual os grupos com posses coletivas, a garantia de permanência na terra dependerá de fatores diversos e com variadas escalas de poder e interesses, envolvendo grileiros, empresários da pecuária e do agronegócio, sob tendências de expansão territorial, seja regional ou urbana, e suas inevitáveis mudanças no uso do solo.

Esse contexto tem implicações diretas no uso da terra para trabalho e moradia, com diferentes graus de autonomia no modo como cada grupo social faz uso dos recursos disponibilizados pelo espaço ocupado. Além da margem de segurança jurídica instituída, em

variados graus, por indígenas, assentados, quilombolas e quebradeiras de coco para defender suas terras, a diferença maior entre os dois subgrupos aqui descritos é dada pelas práticas coletivas estabelecidas em torno da terra de propriedade comum dos primeiros e o ambiente de dispersão e posse individual que predomina entre os membros do segundo subgrupo. Os processos narrados por Conceição (1980), na região de Santa Inês e Bacabal, nas décadas de 1960 e 1970, são exemplos das grandes dificuldades que se interpõem na luta pela terra dos posseiros e que levaram à formação dos primeiros sindicatos rurais no Maranhão.

Contudo, a existência de interesses privados em torno de áreas institucionalizadas, como as terras indígenas, mantém uma pressão constante com impactos de pequena escala, trazendo dilapidação dos recursos naturais e insegurança para as famílias que convivem, em algumas regiões, com o alto nível de racismo e intolerância, além de casos recentes de mutilações físicas dos Canelas de Viana, ainda hoje com pendências na regularização de suas terras. Mais uma vez, indígenas e remanescentes quilombolas surgem com maior grau de liberdade de decisão, mas aqui as quebradeiras de coco se sobrepõem em grau de autonomia perante os assentados, que estão sob normas e ações de órgão federal e de gestão burocratizada dos territórios. Uma situação semelhante já foi vivenciada pelos colonos, submetidos ao planejamento estatal, que, após suspenso, agravou as condições de isolamento, desorganização e pobreza, a exemplo dos núcleos de colonização em Zé Doca, mas também em Buriticupu (Burnett, 2017).

A condição de isolamento, no caso dos posseiros, possibilita um poder de decisão limitado pela própria capacidade individual e familiar de intervir na natureza, mas a epopeia do arroz (Velho, 2009; Lemos, 2015), que coloca o Maranhão como produtor de des-



taque nacional e movimentou uma significativa cadeia de usinas de beneficiamento de arroz no entorno da área produtiva, comprova a capacidade desses produtores solitários. Ademais, demonstra que as ações pessoais são fragilizadas perante as trocas desiguais, instauradas com usineiros e comerciantes. Estes, por sua vez, controlam os preços de compra e, com empréstimos antecipados, destroem as possibilidades de manutenção das atividades de pequena escala.

Um ensinamento incorporado pela Cooperativa de Pequenos Produtores Agroextrativistas do Lago do Junco e Lago dos Rodrigues - CPPALJ, construída desde a década de 1990 pelas quebradeiras de coco da região, diz que, ultrapassando as relações individuais e diretas de comercialização das amêndoas em pequena escala, é possível instalar fábrica de beneficiamento do óleo, diversificar a produção e construir vínculos nacionais e internacionais de comercialização. Essa conquista significativa teve início com o direito de acessar os frutos do babaçu em terras privadas e ainda hoje sob condições conflituosas, apesar das leis estadual e municipais, estas bem mais efetivas, que confirmam o “babaçu livre” e resultam no Movimento Interestadual das *Quebradeiras de Coco Babaçu* - MIQCB<sup>7</sup>.

Na ponta dessa escala de graus de autonomia em relação ao uso da terra pelos grupos sociais rurais do Maranhão, os agregados dispõem de normas mais ou menos formalizadas de atitudes e iniciativas que devem acatar, inclusive nas condições para construção de moradia. Ainda que não possa “ser compreendido

---

<sup>7</sup> “Em 1991, as quebradeiras, com a ajuda de organizações não governamentais, articulam o primeiro Encontro Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu, em São Luís, do qual resultou na criação da Articulação das Mulheres Quebradeiras de Coco Babaçu. Em 1995, no II Encontro Interestadual, o nome é mudado para Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu - MIQCB” (<https://www.miqcb.org/quem-somos>).

na condição limitada de eleitor de cabresto, jagunço ou assalariado, pois ganharia sentido pela submissão, pelos serviços que prestava e favores que recebia” (Ribeiro, 2010, p. 397), cabe entender que os “agricultores aceitavam, juntos, um mando e as suas ofertas; fazendeiros mandaram enquanto dispuseram de recursos” (Ibidem, p. 398), demonstrando uma assimetria nessas relações de complementariedade de interesses, com os camponeses em posição desvantajosa.

Foi possível identificar algumas situações em que as necessidades de sobrevivência do camponês ainda o fazem “aceitar um mando”, reconhecendo de maneira sincera a obrigação de pagar pontual e rigorosamente pelo uso da terra alheia e se dispor à execução de serviços para os proprietários. Porém, também foram constatadas situações diversas: perante a morte do patriarca e a partilha da herança em Gameleira, Caxias, ocorre a manutenção do pagamento do foro ao encarregado direto; em Santa Luzia, Cantanhede, a indefinição quanto aos destinos das terras após a venda pode inviabilizar a permanência de posseiros com mais de uma geração no lugar. Mas há situações que levam a processos de doação das terras aos antigos agregados. Esse é o caso de Tamanduá, em Aldeias Altas, assim como dos casos de ocupação urbana de antigas terras rurais, em Imperatriz e Carolina. Nessas situações, os proprietários acionam o poder público para indenizar as próprias perdas, abrindo caminho para a consolidação do assentamento.

### **Grupos sociais urbanos**

Comparativamente ao espaço rural, onde a visibilidade dos grupos sociais se expressa de forma diferenciada em relação aos territórios ocupados, a tentativa de aplicar tal metodologia no espaço urbano se revela uma tarefa difícil. Constituídos há pouco mais de

uma geração, os assentamentos populares urbanos do Maranhão constroem identidades em bases diferentes daquelas do espaço rural. Envolvidos na dinâmica urbana, ainda que à margem da legislação e da presença do Estado, os assentamentos populares nas cidades acolhem uma diversidade de moradores com distintas profissões, a maioria delas baseada no trabalho braçal, mas que se distingue por inserções conforme as atividades exercidas. Com exceção dos momentos iniciais de ocupação da área, quando o interesse da posse pode coletivizar os ocupantes a partir de processos mais ou menos conflituosos, os quais resultam ou não na consolidação do assentamento, a ausência de práticas coletivas sistemáticas, assim como no rural - mutirões e trocas de dia para roça, construção e festejos religiosos -, é mais um agravante para a individualização nos assentamentos urbanos.

Por isso, a produção do novo espaço, que passa a ser realizada pelos grupos urbanos populares de interesse deste trabalho, é um denominador comum que os une, mas também que os diferencia, conforme os contextos nos quais foram produzidos. Nesse sentido, assim como aqueles grupos rurais que estão enraizados em terras indígenas e territórios quilombolas, a antiguidade da posse e seus processos de afirmação e resistência são decisivos para ações coletivas mais ou menos autônomas dos seus moradores. Mas os assentamentos urbanos de grandes dimensões espaciais e populacionais podem assumir uma dinâmica através da qual, e ainda com as mesmas reivindicações gerais, o outro se coloque como um estranho e um possível concorrente.

Em relação ao fundiário, o que unifica a todos é a situação de ocupantes, condição que se assemelha ao posseiro rural, mas nem sempre restrito às terras devolutas, abrangendo propriedades ociosas e áreas de uso restrito por questões ambientais ou de insta-

bilidade física. Nessas condições, a ocupação pode se configurar como recente ou consolidada, sendo a última situação de menor insegurança para os moradores, dado o adensamento populacional, a infraestrutura e os serviços públicos instalados, além dos vínculos estabelecidos com representantes do poder público. Para cada uma dessas situações, podemos identificar uma prática construtiva, sendo a mais comum a “taipa de mão de ocupação”, pequenos casebres edificadas com vistas a assegurar a posse imediata do lote e a permanência da família, com rapidez e baixos investimentos de tempo e dinheiro. Uma estratégia que dissemina e relaciona a tipologia construtiva a uma condição de precariedade, quase sempre passageira, pois se mostra compatível com a condição da posse da terra.

No quantitativo da pesquisa, tais procedimentos de ocupação urbana aparecem como formas eficientes de conquistar a terra, com raros processos de remoção ou conflitos abertos com pretensos proprietários. A maioria deles é provocado pela expansão urbana, que transforma o rural em periurbano, com áreas agrícolas de posseiros valorizadas para produção imobiliária, casos recorrentes nos povoados Cumbique, na Raposa, e Tendal, em Paço do Lumiar. Uma situação generalizada ocorre na Ilha do Maranhão, exemplificada por São Luís, com quase 50% da zona rural ameaçada de inclusão no perímetro urbano da capital pela atual proposta de revisão do Plano Diretor (Zagallo et al, 2019).

Evitando classificações por faixa de renda, que pouco esclarecem sobre o cotidiano e as perspectivas das famílias (Souza, 2009; Kapp, 2012), utilizamos o conceito de “classes destituídas”, que agrupa não apenas a precária inserção no sistema econômico, mas se configura como uma situação de vida na qual “aquilo que a pessoa *tem* determina o que ela *obtem* e condiciona o que ela necessita *fazer* para conseguir o que *obtem*” (Santos, 2009,

p. 464), conformando um círculo fechado que atinge a família e reproduz uma condição de destituição social.

O resultado dessa abordagem é a identificação de um “conjunto de posições de classe destituídas” que totaliza mais de 40% dos indivíduos no Brasil e integra trabalhadores elementares e empregados domésticos, autônomos precários, produtores agrícolas precários, trabalhadores de subsistência e trabalhadores excedentes (Santos, 2009, p.467-468 apud Kapp, 2012).

Ao fazer um comparativo das classes destituídas por unidade federativa, tomando a família como unidade, Santos (2009) destaca que a posição do Maranhão, ao lado de Alagoas, soma mais da metade das famílias nessa condição, sobressaindo a categoria salarial de “trabalhador elementar”, que “expressa a elevada depreciação social do trabalho braçal e despojado de habilidades comportamentais e cognitivas mais valorizadas”, e de “empregado doméstico”, que “forma um importante contingente de pessoas que usam as suas habilidades básicas de cuidado do lar para prover a reprodução social de famílias de estratos mais vantajosos” (Santos, 2009, p. 467). No caso em estudo, há que acrescentar a recente inserção urbana dessa população, que reduz suas relações e, conseqüentemente, suas possibilidades de renda, com efeitos diretos sobre a questão da moradia.

Por essa razão, foi possível identificar que o nível de urbanização da cidade, aqui entendida como o maior ou menor grau de institucionalização e homogeneização de relações mercantis, com presença de atividades secundárias e terciárias, é decisivo para determinar as condições de sobrevivência das camadas populares no espaço urbano. Assegurar o mínimo de condições de produtor direto, com a posse de meios de produção, assegura margens de segurança para as famílias, si-

tuação constatada principalmente nos centros urbanos pequenos e médios. O tamanho do lote, possibilitando atividades de criação de pequenos animais e plantações diversas, é também um potencial para ampliação da moradia ou construção de nova unidade independente, seja para os filhos ou mesmo para renda de aluguel (Romanelli e Bezerra, 1989; Alves, 2005). Em contrapartida aos vínculos rurais de moradores urbanos, foram identificados em Carolina, Caxias, Loreto, Paço do Lumiar, São Luís, São José de Ribamar, São Raimundo das Mangabeiras, moradores urbanos que, através da inserção em atividades comerciais, serviços na construção civil e biscates, não exercem outros trabalhos fora aqueles eminentemente urbanos.

Utilizando as categorias profissionais propostas por Santos (2009), foram identificados dois grupos na população pesquisada nas áreas urbanas: os assalariados e os autônomos. Ambos estão submetidos à economia urbana, ainda que em maior ou menor grau pratiquem formas independentes de produção - criação de animais, pesca e roça -, ou tenham vínculos mais ou menos formais - empregadas domésticas e serviços gerais em órgãos públicos. Para exercitar as possibilidades de caracterização dos grupos sociais urbanos, a Tabela 01 relaciona o material predominante na construção das moradias, o perfil socioeconômico do lugar e as atividades produtivas desempenhadas pelos novos ou antigos moradores de assentamentos urbanos, buscando caracterizar o perfil produtivo dos moradores.

É possível constatar que, conforme o perfil socioeconômico da sede municipal - com maior ou menor predominância de atividades do secundário e terciário, e, conseqüentemente, de relações monetarizadas -, variam as possibilidades de manutenção das atividades rurais ou mesmo a sua compatibilização com a prestação de serviços pelas demandas urbanas. Contudo,

cabe atentar que, não sendo um espaço homogêneo, mesmo as maiores cidades do estado - São Luís e Imperatriz, mas também São José de Ribamar, Raposa e Paço do Lumiar, conurbadas com a capital - ainda conseguem acolher práticas à margem da subordinação de empregos assalariados ou serviços prestados. Em Imperatriz, uma pesquisa com moradores de seis bairros periféricos comprovou a permanência de roças, hortas e criação de pequenos animais nos próprios lotes ou afastados da moradia (Lima, 2008, p. 33).

Como consequência dessa inserção marginal no urbano, temos autônomos em casas de palha, professores em moradias de adobe, comerciantes em casas de madeira, fabricantes de alimentos em residências de tijolo maciço e agricultores em moradias de tijolo cerâmico. Em poucos casos, a pesquisa constatou o exercício de atividades produtivas na própria moradia, como aulas particulares, confecção de alimentos, pequenos comércios e serviços, atividades que exigem um acúmulo de conhecimento urbano e, em alguns casos, um

pequeno capital inicial. Entretanto, estudos indicam que os obstáculos para ascensão social desses grupos urbanos, já classificados como ralés e batalhadores (Souza, 2009), limitam seriamente suas possibilidades de realizar os sonhos urbanos de migrantes rurais.

Os trabalhadores autônomos precários, apesar de ganharem a vida por conta própria, são destituídos na prática de ativos ou recursos de capital e de qualificação e reproduzem a sua atividade nos interstícios dos mercados de produtos e serviços. Não dispõem de estabelecimento fixo e nem realizam a sua atividade com o uso de veículo automotor. O local de funcionamento do empreendimento do trabalho consiste no domicílio em que mora, no domicílio do sócio ou freguês, em local designado pelo cliente ou em via ou área pública (Santos, 2009, p.467-468).

Nos casos relatados, há uma forte diferenciação na autoprodução da moradia no rural e no urbano, prevalecendo a taipa de mão como imposição aos agrega-

Tabela 01: Localização da moradia, tipo de material, atividades produtivas dos moradores

Material predominante	Condição de urbanização	Atividades produtivas dos moradores	Perfil da atividade produtiva
Palha	Pequenas sedes urbanas	Pescador, Agricultor, Autônomo	Predominância rural
Taipa De Mão	Médias sedes urbanas	Aposentado, Pedreiro, Serviços Domésticos, Prestação de Serviços	Predominância urbana
Adobe	Pequenas sedes urbanas	Professor, Comércio, Aposentado, Agricultor, Carvoeiro	Convivência de rurais e urbanas
Madeira	Médias e grandes sedes urbanas	Pescador, Autônomo, Aposentado, Comércio, Pedreiro e Serviços Gerais	Predominância urbana
Tijolo Maciço	Pequenas e médias sedes urbanas	Aposentado, Pedreiro, Biscate, Produção e comercialização de alimentos	Predominância urbana
Tijolo Cerâmico	Grandes e médias sedes urbanas	Agricultor, Pescador, Serviços Domésticos, Ajudante de Pedreiro	Convivência e Complementaridade



dos, enquanto a construção de alvenaria com elevado grau nos acabamentos, mesmo em ocupações recentes, pode ser uma tática adotada imediatamente após a posse da terra por ocupantes urbanos. Foi possível constatar que os vários grupos sociais nos dois grandes espaços transitam entre os vários sistemas construtivos, condicionados pela disponibilidade dos recursos naturais e financeiros, ainda com o entendimento geral da supremacia do tijolo cerâmico perante os demais materiais. Com essa compreensão geral sobre os grupos sociais e suas relações com a terra, o trabalho e a moradia, é apresentada uma caracterização mais próxima do cotidiano das famílias entrevistadas e suas práticas gerais de sobrevivência e reprodução social. Ao identificar de maneira genérica tais modos de vida, será possível entender escolhas familiares em relação aos regimes de autoprodução da moradia.

### **CARACTERIZAÇÃO GERAL DAS FAMÍLIAS ENTREVISTADAS**

O perfil geral dos entrevistados, diferentemente das regiões e dos grupos sociais, foi escolhido de forma aleatória, quase sempre a partir da iniciativa dos colaboradores locais que acompanhavam a equipe e seguiam como único critério de contato o envolvimento da família na construção da moradia. Esse perfil mostra algumas diferenças entre o rural e o urbano, mas também muitas semelhanças entre eles, não sendo aconselhável entendê-los como realidades desconexas. Mas as maiores distinções entre os moradores de uma mesma área foram constatadas no espaço urbano, com uma variedade de dimensões de lotes e de moradias, estado da construção e materiais utilizados, situações que expressam existência de relações de trabalho diferenciadas entre os moradores, com muito menor ocorrência nos povoados visitados.

### **Composição familiar**

No que se refere ao grupo familiar, cabe ressaltar que a média da idade é maior nos casais do campo do que nos da cidade, comprovando a permanência de processos migratórios que envolvem os mais jovens. Há também entre os moradores urbanos uma proporção maior de mulheres como chefes de família, mas ocorre semelhança no quantitativo do grau de informalidade dos vínculos matrimoniais, com alta proporção dos amigados, prevalecendo o maior tempo de união na área rural, em decorrência da própria idade média dos casais. Enquanto a alfabetização dos pais também é mais alta na cidade, com muitos dos entrevistados do campo tendo frequentado até o fundamental e hoje apenas “assinando o nome”, no que se refere aos filhos menores, tanto os moradores da área rural quanto da área urbana têm seus filhos estudando, fato relacionado com os programas de transferência de renda, que exigem a frequência escolar, com algumas poucas famílias recebendo bolsas escolas - livros e fardamento; claro que as condições de ensino e aprendizado dependem de outros fatores (Bourdieu, 1996; Souza, 2009), mas raros foram os casos em que as visitas coincidiram com a realização de deveres de casa.

Quanto aos vínculos parentais dos entrevistados, estes são mais amplos no campo, alcançando pais, irmãos/irmãs dos casais e também seus filhos e netos, enquanto na cidade se reduzem mais, alcançando principalmente filhos/filhas. A proximidade física varia do mesmo povoado/bairro para o mesmo lote e a mesma casa, com o rural apresentando baixa incidência de filhos casados morando com os pais. Isso acontece tanto com as filhas quanto com os filhos, alguns inclusive beneficiários de programas habitacionais estatais. A idade avançada dos pais na zona rural contribui para

facilitar o apoio aos filhos, quando os recursos das aposentadorias funcionam como um seguro familiar, ocorrendo muitos casos em que os netos passam a morar com os avós, mesmo que os pais estejam próximos ou distantes.

### **Benefícios de programas sociais, acesso aos serviços públicos e lazer.**

Em todas as moradias visitadas, com alta incidência de recebimento de benefícios de prestação continuada ou programas de transferência de renda, principalmente na área rural, por razões de faixa etária, foi possível constatar a permanência entre os idosos das atividades produtivas anteriores - roça e extrativismo vegetal ou animal -, exceto nos casos de impedimento por saúde. Grande parte dos recursos financeiros oriundos de tais fontes é usado na aquisição de bens de consumo duráveis - fogões, geladeiras, TV, ventiladores, principalmente, mas também o tanquinho, eletrodoméstico muito presente nas moradias rurais, e mobiliário em geral, mesas e cadeiras, camas e colchões, armários de cozinha -, de materiais de construção e contratação de mão de obra para a nova moradia ou reforma/expansão da existente. A estocagem de materiais - tijolos e telhas cerâmicas novos - para futuras obras é prática comum, assim como em situações de menor renda se observa a reutilização de materiais usados, provavelmente pelas doações ou demolições, encostados junto à casa.

Mesmo nas situações em que uma renda contínua assegure certas condições de consumo, os valores são insuficientes para cobrir todos os gastos com alimentação, a começar pelo gás de cozinha, cujo preço mantém o uso do fogão a lenha, de preferência utilizando a casca do coco babaçu como combustível, e, em raros

casos, quando da inexistência deste, a fabricação do próprio carvão, que também pode ser comercializado na vizinhança. Nesse sentido, o sempre presente fogão a gás é utilizado de forma comedida, principalmente na refeição da manhã, evitando o demorado processo de acender o fogão de barro. Esse é um agravante para os moradores das cidades que não dispõem da possibilidade do fogão a carvão, situação restrita a poucos casos, em determinados bairros. A própria variedade da forma e tamanho do equipamento - há fogão, forno e fogareiro, sem falar no trempe ou tacuruba, um antecedente indígena também utilizado para cozinhar (Martins, 2018) e que ainda faz parte das moradias mais simples, de palha, e das maiores, de tijolos cerâmicos - já comprova a sua imprescindibilidade e adaptabilidade às várias situações de espaço interno e externo das moradias.

No caso da energia elétrica, as alternativas de escapar dos custos são mais estreitas e as contas a pagar elevadas. Ainda que o cadastro social possibilite faturas diferenciadas, foram poucos os entrevistados que usufruem desse direito e as contas se acumulam com várias situações de corte de energia. Conforme relato colhido na Terra Indígena Rio Pindaré, município de Bom Jardim, um acordo com a concessionária teria repassado para a FUNAI a responsabilidade de pagamento das contas, pois a entrada de equipes para cortar a energia elétrica em aldeias da região havia resultado em conflitos e apreensão de motocicletas dos técnicos. Hoje contando com a oferta de energia elétrica disseminada por todo o estado, o Parque Nacional da Chapada das Mesas, em Carolina, foi a única região pesquisada onde os moradores não tinham acesso ao serviço. Várias famílias ainda utilizam lamparinas a querosene, dado o custo dos equipamentos de energia solar, oferecida por empresa aos moradores de porta

em porta, ficando restrita àqueles com maior renda - pequenos criadores, comerciantes e prestadores de serviço, exceções no conjunto populacional da área.

Quando há atendimento coletivo de abastecimento de água, feito por iniciativa do poder municipal através de poços profundos e caixas d'água, a manutenção é irregular e os moradores devem se cotizar para os consertos periódicos dos equipamentos. Nos assentamentos mais isolados, recentes e com poucos moradores, a prática é a abertura de poços rasos, as cacimbas, ou a coleta direta nos cursos d'água próximos. Não há costume de uso filtros para a água consumida pelas famílias e, apesar da geladeira, ainda é comum a presença do pote de barro, que esfria a água e tem um mobiliário de madeira próprio, onde ficam os copos de alumínio. Mais raro ainda, a coleta adequada dos esgotos de banheiros não é uma prática cultural, com vários casos em que se mantém o uso do mato e da sentina móvel, isto é, transferida quando a fossa fica cheia. Vários banheiros construídos pela Funasa, em alvenaria de tijolos cerâmicos revestidos internamente e com caixa d'água elevada de polietileno, foram encontrados em precário estado de conservação, muitos deles sem os reservatórios, usados no interior da casa ou ao lado dos jiraus.

O acesso aos serviços de educação e saúde é o grande diferencial entre as duas áreas, sendo raras as situações em que os moradores rurais contam com esse atendimento nas vizinhanças. É comum que os deslocamentos sejam feitos nos carrinhos de linha, mais ou menos regulares, entre povoados ou destes para a sede municipal mais próxima, que nem sempre pertence ao município de moradia dos usuários. A motocicleta, disseminada entre os moradores, é a opção mais viável, usada também para as compras periódicas de mantimentos e comercialização de produtos de por-

ta em porta, hortaliças e pescados, principalmente. O uso desse transporte torna comum, em locais mais isolados, a venda da gasolina em algumas residências, anunciada através de cartazes de papelão fixados nas fachadas. Da mesma forma são comercializados frangos abatidos, ovos e dindin. Em locais sujeitos a enchentes, que cortam os caminhos terrestre, são comuns meios de transportes fluviais, com muitas famílias possuindo a própria rabeta, com ou sem motor, e mesmo pequenas lanchas, utilizadas para a pesca e transporte de mercadorias.

### **Consumo alimentar e comercialização da produção**

Com relação às origens dos produtos para alimentação familiar, um grande diferencial separa o rural e o urbano, pois, em todos os casos visitados, os primeiros são plantadores ou coletores e, diante das limitadas possibilidades de acessar alimentos comercializados, o consumo alimentar das famílias se concentra ou mesmo se restringe aos produtos da roça: arroz, feijão e farinha de mandioca. Sempre que possível, esses produtos são estocados no paiol anexo para toda a estação até a próxima colheita. Em muitos locais, ainda são motivos de práticas coletivas - plantar, colher, fazer farinha e carvão, quebrar coco -, onde prevalece a troca do dia sem nenhuma intermediação monetária, tendo sido constatada a tradição do pagamento de parte da produção ao dono da casa de farinha, ainda que pertença a parentes.

Parte dessa produção é eventualmente trocada ou vendida, sem nenhuma divulgação expressa, com exceção da venda de frango, dindin e gasolina, que são anunciados com cartazes de diferentes formas e tamanhos fixados nas moradias. O milho, também comumente plantado, é destinado a alimentar a criação,

principalmente as galinhas, pois os animais de porte médio - porcos e bodes - são criados soltos; quando a vizinhança externa aos lugares, normalmente médios e grandes criadores e agricultores, exige o aprisionamento desses animais, retendo ou abatendo os que entram em suas terras, a criação fica inviável pelos custos da ração industrializada.

O extrativismo representa fonte de alimentação e renda para os camponeses da maioria das regiões do Maranhão, com destaque para a coleta e quebra do coco babaçu, prática cultural da troca de dia e do azeite na culinária, além da comercialização da amêndoa, de forma individual ou coletiva, cuja maior expressão é o Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu - MIQCB. A pesca, praticada sempre que possível em rios, igarapés e lagoas, representa um valioso componente da alimentação familiar e o excedente costuma ser comercializado, oferecido em caixas de isopor em motocicletas, as quais circulam pelas redondezas e geram significativa e imediata renda. Contudo, somente nas regiões de praia, onde são reduzidas ou inexistem as possibilidades do roçado de arroz e feijão por condições do solo, a pesca assume perfil profissional, com uma estrutura - dono do barco, encarregado da pesca e equipe de pescadores. Seus praticantes passam vários dias no mar e fazem a distribuição do pescado conforme a hierarquia dos componentes.

## **REGIMES DE AUTOPRODUÇÃO DA MORADIA POPULAR NO MARANHÃO**

Para o entendimento das relações que o processo de autoprodução da moradia popular no Maranhão estabelece em vários níveis com a posse da terra urbana e rural, bem como a caracterização de seus ocupantes,

um organograma foi construído (Figura 1). Mesmo sendo um estudo inicial, alguns entendimentos foram desenvolvidos sobre as relações entre a posse da terra, os regimes de autoprodução e a seleção dos materiais de construção. Restrito a uma parte do esquema proposto, a pesquisa não alcançou identificar as formas de morar e produzir do habitat dos ciganos e ficou restrito às terras indígenas dos Guajajaras, no centro e no leste maranhenses. Apesar de menor amplitude de exemplares da moradia urbana, com quantitativos inferiores aos da zona rural, o material organizado permite avançar na compreensão de tipologias dos processos de autoprodução habitacional no espaço urbano.

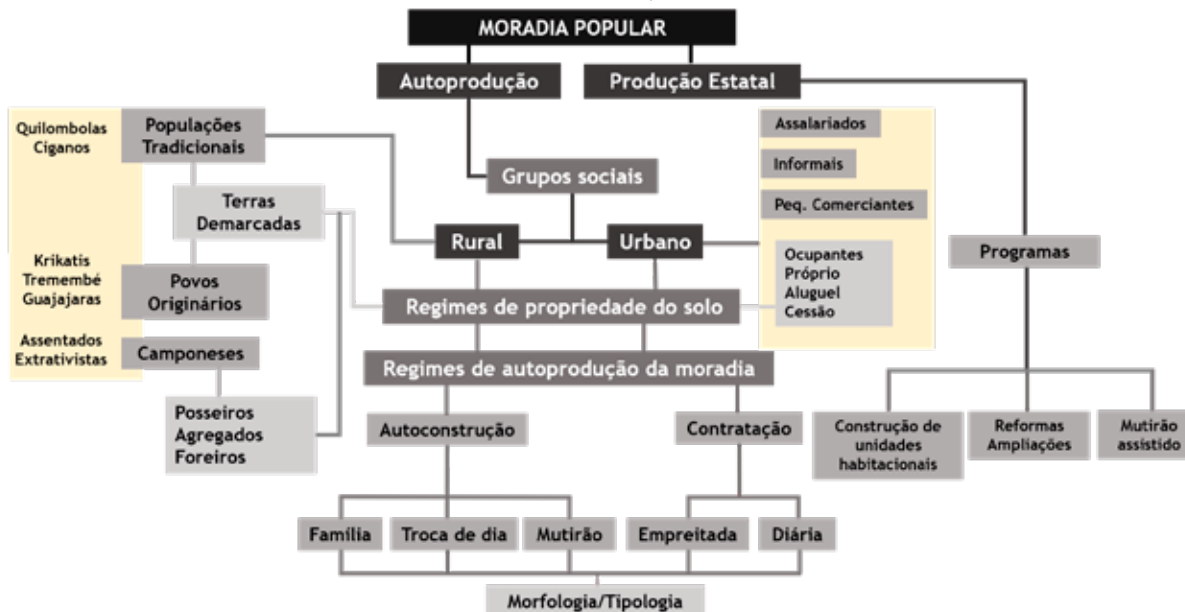
### **Critérios de organização e análise da amostra coletada**

Considerando que, durante os dois anos da pesquisa, foram entrevistadas 284 famílias, sendo 189 (66,54%) em zonas rurais e 95 (33,45%) em zonas urbanas ou periurbanas, a mostra de casas selecionadas para esta publicação, que soma 98 residências (ou 34,5% do total coletado), procurou manter aquelas proporções, de forma que 60 delas são moradias rurais (61,22% do total) e 38 estão localizadas em áreas urbanas ou periurbanas (38,78%).

Como há relação direta dos grupos sociais, rurais ou urbanos, com uma determinada tipologia construtiva, o uso de um material específico para edificar a moradia foi identificado apenas em duas situações - a casa de taipa de mão e palha dos indígenas da TI Rio Pindaré e as casas de madeira dos pescadores das ilhas de Turiaçu. Este trabalho organiza as moradias por materiais - em palha, taipa de mão, adobe, madeira, tijolo maciço e tijolo cerâmico -, sem uma classificação a priori por tais grupos. A partir dessa distribuição e to-



Figura 01: Maranhão: um possível esquema da Autoprodução da Moradia Popular entre os Grupos Sociais



mando como referência as proporções dos materiais de construção, foi adotado o critério da diversidade das condições construtivas, das dimensões e do uso combinado de diferentes materiais, de forma a expressar a variada realidade da moradia popular maranhense.

Para a distribuição dos quantitativos dos sistemas construtivos levantados, as referências foram os dados estatísticos do Sistema de Informações de Atenção Básica - SIAB, do Ministério da Saúde, que contempla 57% da população brasileira e os materiais utilizados no Maranhão (Tabela 02). A título de complementação das informações, a última coluna da tabela, sob a rubrica "Tijolo", inclui os três tipos em uso no estado: adobe, maciço e de alvenaria, não computados pelo SIAB.

A partir dos dados de 2015, últimos disponíveis no

site do SIAB do Ministério da Fazenda, que relaciona tijolo, taipa de mão revestida e não revestida, madeira, material aproveitado e outros, temos as proporções da tabela 03, com quase 70% de moradias de tijolo e 26,83% para as taipas de mão, com ou sem revestimento, sempre referidos aos 57% do total da população contemplada pelos levantamentos do SIAB. Quando verificamos o total das moradias levantadas pelo sistema federal (995.267) e multiplicamos por quatro (média da composição familiar do estado), chegamos ao número de 3.981.068 habitantes, quantitativo que representa aproximadamente os 57% dos domicílios levantados, correspondendo a 6.984.329 habitantes do estado em 2015, confirmação aproximada pela atualidade dos dados.

Como a pesquisa do SIAB/MS não expressa qual o tipo de tijolo a que se refere e que soma praticamente 70% das moradias, inferimos que aí estão considerados tanto o tijolo cerâmico quanto o maciço e o de adobe, enquadrados como materiais adequados e aceitos pelas normas vigentes de durabilidade. Por outro lado, a ausência da palha na relação se enquadraria no item Outros, com percentual muito próximo ao Material Aproveitado. Estes, juntos, somam 1,20% do total.

Comparando as tabelas do SIAB com a das moradias pesquisadas (Tabela 04), verificamos uma redução nos percentuais das casas de tijolos, que, somando cerâmicos, maciços e de adobe, totalizam 45 moradias (17 adobe + 8 maciços + 20 cerâmicos) ou 45,91% do total levantado no trabalho de campo, uma redução de 24% daquele percentual identificado pelo SIAB. Essa diferença se justifica pelo foco exclusivo da pesquisa nas moradias populares autoproduzidas, um recorte não delimitado pelos estudos do Ministério da Saúde.

A partir do lançamento dos dados coletados e da análise dos regimes de produção, as colunas da Tabela 05, referentes à distribuição das amostras nas zonas rural e urbana, não representam um número determinado a priori no laboratório, mas resultam do trabalho

de campo, tendo como referência maior para nossos “guias” ou colaboradores a visita às casas, fruto de processos de autoprodução.

Do universo selecionado, um total de 98 moradias, chegamos ao quantitativo de 60 casas (61,22%) com processos de autoconstrução por seus moradores - família, mutirão ou troca de dia -, e outras 38 (38,78%) construídas através de diferentes formas de contratação - pagamento de diárias a carpinteiros, pedreiros ou ajudantes, empreitadas global ou parcial para construção da moradia. Em ambos os casos, consideramos também aqueles parentes com trabalho remunerado. No comparativo rural - urbano, há pouca modificação nesses números, com 61,66% para o primeiro caso e 60,59% para o segundo, enquadrados como autoconstrução. Já para os regimes de contratação das obras, os percentuais são de 38,33% e 39,48%.

### As moradias de palha

Os resultados mostram a palha com a quase totalidade dos casos enquadrados como autoconstrução (100% no rural; 80% no urbano), indicando não apenas a apropriação da técnica pelos moradores, mas também a

Tabela 02: Maranhão: percentuais do material das moradias e a estimativa em tijolo (cerâmico, maciço e adobe)  
Fonte: SIAB, 2013/Latase, 2019.

Estado/ esorregião	Taipa de mão sem revestimento	Taipa de mão com revestimento	Madeira	Material impróprio	Pedra, concreto, outros	Tijolo
Maranhão	17,39%	11,17%	2,18%	0,55%	0,61%	68,10
Norte Maranhense	19,07%	10,39%	1,12%	0,59%	0,48%	68,35
Leste Maranhense	19,69%	12,56%	0,20%	0,25%	0,67%	66,63
Centro Maranhense	17,03%	14,40%	0,51%	0,30%	0,41%	67,35
Oeste Maranhense	16,40%	10,48%	6,98%	0,67%	0,55%	64,92
Sul Maranhense	2,90%	3,05%	1,26%	1,82%	1,94%	89,03

Tabela 03: Maranhão: tipologia da moradia conforme Material de Construção Predominante  
 Fonte: SIAB, 2015

Material de Construção Predominante	Quantitativos	
	Absoluta	Relativa
Tijolo	690.548	69,38%
Taipa de Mão Revestida	102.659	10,31%
Taipa de Mão não Revestida	164.428	16,52%
Madeira	25.547	2,56%
Material Aproveitado	5.544	0,55%
Outros	6.541	0,65%
<b>Total</b>	<b>995.267</b>	<b>99,97%</b>

sua relação com a falta de disponibilidade de recursos para pagamento de mão de obra e aquisição de materiais no mercado. No entanto, as informações coletadas com moradores de casas de palha indicam que a tipologia já enfrenta dificuldades na coleta direta e no transporte, muitas vezes desde áreas distantes, com inúmeros relatos sobre a dificuldade de pagar o material e o frete. Uma situação agravada é o fato da palha ter uma durabilidade mais baixa entre os demais materiais pesquisados, com média de três a quatro anos, exigindo sua substituição nas paredes e coberturas.

Especialmente, a palha foi encontrada em três das cinco mesorregiões pesquisadas, tanto em áreas sujeitas a alagamentos quanto em terra firme. No primei-

ro caso, o peso do material surge como mais indicado para suspender as edificações sobre esteios, pois a outra alternativa mais comum, a madeira ou o próprio tijolo cerâmico como vedação, é inacessível para muitos; no segundo caso, predomina a farta disponibilidade do material - caso das áreas indígenas - ou renda compensatória em função de condição de trabalho - o seguro defeso dos pescadores sendo o mais comum.

#### As moradias de madeira

A madeira se apresenta como um sistema construtivo que, do ponto de vista da obra, se contrapõe à palha, já que 100% das moradias da zona rural foram executadas

Tabela 04: Distribuição Quantitativa das Tipologias Construtivas da Pesquisa de Campo

Material Predominante	Quantidade por Material	Distribuição Espacial Mostra	
		Rural	Urbano
Palha	8	3	5
Taipa De Mão	30	25	5
Adobe	17	10	7
Madeira	15	8	7
Tijolo Maciço	8	2	6
Tijolo Cerâmico	20	12	8
<b>Total</b>	<b>98</b>	<b>60 / 61,22%</b>	<b>38 / 38,78%</b>

Tabela 05: Distribuição Rural e Urbana do Material Predominante e os Regimes de Produção da Moradia

Material Predominante	Quantidade por Material	Distribuição Espacial da Mostra		Regime de Produção da Moradia			
		Rural	Urbano	Rural		Urbano	
				Autoconstrução	Contratação	Autoconstrução	Contratação
Palha	8	3	5	3	0	4	1
Taipa de Mão	30	25	5	22	3	3	2
Adobe	17	10	7	7	3	3	4
Madeira	15	8	7	0	8	4	3
Tijolo Maciço	8	2	6	1	1	4	2
Tijolo Cerâmico	20	12	8	4	8	5	3
<b>TOTAL</b>	<b>98</b>	<b>60</b>	<b>38</b>	<b>37</b>	<b>23</b>	<b>23</b>	<b>15</b>
		<b>61,22%</b>	<b>38,78%</b>	<b>61,66%</b>	<b>38,33%</b>	<b>60,52%</b>	<b>39,48%</b>

através da contratação de mão de obra. A necessidade de conhecimentos técnicos e ferramentas de custo elevado implicam a presença de um carpinteiro, profissional raro nos campos, sempre atraído pelo urbano e seu mercado de maior demanda. Contrastando com o rural, a pesquisa identificou proporção equilibrada de execução de moradias de madeira contratadas e autoconstruídas na área urbana. Por um lado, a presença do profissional da carpintaria é mais comum nas cidades e, por outro, como as moradias autoconstruídas levantadas ocorrem nas ocupações de áreas alagáveis, as palafitas são, em muitos

casos, situações transitórias. Como é comum o posterior aterramento dos mangues para construir moradias de alvenaria em terra firme (Silva, 2016), a execução da palafita pode prescindir da contratação do especialista, mas a pesquisa localizou que, nessas áreas, alguns moradores exercem atividade de construtores de palafitas.

Muito relacionada com a região Amazônica, sobretudo pela presença da matéria-prima, o uso da madeira tem o suporte das chamadas serrarias, legais ou não, que se instalam nas proximidades de áreas de extração ou em bairros periféricos, próximos de portos, onde é

Tabela 06: Moradia Autoproduzidas em Palha: Localização, Regime de Produção e Grupo Social

Meso	Município	Lugar	Regime de produção	Grupo Social
Norte	Cajari	Rural	Contratação	Posseiro
		Rural	Contratação	Posseiro
		Urbano	Autoconstrução	Ocupante
Oeste	Pindaré Mirim	Urbano	Autoconstrução	Posseiro
		Urbano	Autoconstrução	Posseiro
	Bom Jardim - TI Rio Pindaré	Rural	Autoconstrução	P. Originários
Sul	Estreito	Rural	Autoconstrução	Posseiro
	São Raimundo das Mangabeira	Rural	Contratação	Ocupante

possível a chegada do material. Visita anterior à pesquisa em Buriticupu e o trabalho de campo em Turiaçu comprovaram ser possível encomendar as tábuas, em um sistema pré-fabricado, que substitui a presença do carpinteiro na obra. Porém, em Cajari, o próprio morador beneficiou as toras de madeira extraídas por ele com uso de motosserra de sua propriedade.

### As moradias de taipa de mão

A moradia de taipa de mão, com ou sem revestimento, material no qual o Maranhão tem destaque nacional, com 28,6% contra 3,9% do Brasil, e mesmo do Piauí, com 13,7% (SIAB/MS, 2015), ainda é presença forte no cenário estadual. Entretanto, foi constatada sua predominância em construções mais antigas, indicando tendência de substituição do material. As moradias novas desse sistema construtivo foram localizadas em

ocupações urbanas recentes, dentro daquela perspectiva que considera tanto a insegurança inicial da posse quanto os recursos financeiros dos moradores.

O isolamento e a falta de recursos ainda explicam sua construção, razão pela qual são elevados os percentuais de autoconstrução - 88% para a zona rural, 60% na zona urbana. Um quadro que, segundo o mesmo SIAB, já foi muito mais grave, conforme a Tabela 08, indica um percentual de 56,39% das moradias de taipa de mão, com e sem revestimento, no estado.

Ao lado das divulgadas moradias precárias de taipa de mão, foram encontrados inúmeros exemplares nas regiões Norte, Leste e Centro do estado, com mais de 10 e 15 anos de construção - São João de Cortes, em Alcântara; Mairi, em Primeira Cruz; Tamanduá, em Aldeias Altas; Centro dos Cocos, em Alto Alegre do Maranhão; Lagoa Amarela, em Chapadinha; Jiquiri, em Esperantinópolis; Cajueiro, em São Mateus do Mara-

Tabela 07: Moradias Autoproduzidas em Madeira: Localização, Regime de Produção e Grupo Social

Meso	Município	Lugar	Regimes de produção	Grupo Social
Norte	Cajari	Urbano	Autoconstrução	Ocupante
	São Luís	Urbano	Autoconstrução	Ocupante
	São Luís	Urbano	Autoconstrução	Ocupante
	Viana	Rural	Contratação	Posseiro
Oeste	Imperatriz	Urbano	Autoconstrução	Ocupante
	Pindaré	Urbano	Autoconstrução	Posseiro
	Bom Jardim - TI Rio Pindaré	Rural	Contratação	P. Originários
	Turiaçu	Rural	Contratação	R. Quilombola
		Rural	Contratação	Posseiro
		Rural	Contratação	Posseiro
		Rural	Contratação	Posseiro
		Rural	Contratação	R. Quilombola
Urbano	Contratação	Ocupante		
Urbano	Contratação	Ocupante		
Sul	Carolina	Rural	Contratação	Posseiro



nhão; e Nova Conquista, em Zé Doca. Algumas dessas moradias são cobertas por palha, mas rebocadas e pintadas, com pisos cimentados e esquadrias de folhas de madeira, comprovando o potencial do sistema.

Por excelência material dos mutirões e troca de dia, a construção e manutenção das moradias de taipa de mão são processos próprios de determinados modos de morar, relacionados com sociabilidade e solidariedade. A pesquisa acompanhou, no leste maranhense, a substituição da cobertura de palha de uma moradia de 46m<sup>2</sup> em uma manhã de trabalho, com uma dúzia de amigos e vizinhos, encerrada com um cozido de carne de porco e arroz branco.

Tipologia construtiva própria, mas não exclusiva, dos povos indígenas visitados nas terras indígenas de Rio Pindaré, em Bom Jardim, e Cana Brava, em Jenipapo dos Vieiras, a taipa de mão está estreitamente relacionada com a situação dos agregados, sob permissão de ocupação de terra privada, condicionada a inúmeros fatores e incerto futuro. São justamente em tais condições de ocupação do solo que predominaram as moradias de taipa de mão precárias, com baixo investimento nos

acabamentos e quase sem atenção para a necessária e constante manutenção que tais edificações exigem.

### As moradias de alvenaria

Os três tipos de alvenaria utilizados nas moradias estudadas pela pesquisa - blocos de adobe, tijolos maciços e tijolos cerâmicos - indicam um equilíbrio do uso rural e urbano do primeiro e do último, enquanto aparece a predominância do tijolo maciço em áreas urbanas. Dos três, o adobe é aquele com maior margem de produção por parte de pequenos construtores, pois não exige o uso de forno e o conhecimento inerente à fabricação, consistindo em um processo de secagem ao sol de pasta de terra, com ou sem agregados, em formas de madeira com tamanhos variados, o que faz variar as dimensões e o peso das peças. A seguir, o tijolo maciço, passível de produção em povoados com adensamento populacional, argila adequada e tradição em confeccionar cerâmicas, mas é um ofício de reduzida renovação, que desatualizou seu uso diante das facilidades de aquisição do tijolo cerâmico.

Tabela 08: Maranhão, Percentuais Casas de Taipa de Mão com e sem Revestimento, 1998-2013  
Fonte: SIAB/MS, 2015

Ano	Casas de Taipa de Mão no Maranhão	
	% de casas com revestimento	% de casas sem revestimento
1998	20,66	35,73
2000	18,74	33,36
2005	14,64	25,37
2007	14,30	23,46
2010	12,64	19,96
2011	11,83	18,99
2012	11,55	18,18
2013	11,17	17,39

Tabela 09: Moradias Autoproduzidas em Taipa de Mão: Localização, Regime de Produção e Grupo Social

Meso	Município	Espaço	Regime de Produção	Grupo Social
Norte	Alcântara	Urbano	Autoconstrução	R. Quilombola
		Urbano	Contratação	R. Quilombola
		Rural	Autoconstrução	R. Quilombola
	Cantanhede	Rural	Autoconstrução	Agregado
	Miranda Norte	Urbano	Autoconstrução	Ocupante
	Primeira Cruz	Rural	Contratação	Posseiro
São José Ribamar	Urbano	Autoconstrução	Ocupante	
Leste	Aldeias Altas	Rural	Autoconstrução	Agregado
		Rural	Autoconstrução	Agregado
	Alto Alegre	Rural	Autoconstrução	Assentado
	Caxias	Rural	Autoconstrução	Foreiro
	Chapadinha	Rural	Autoconstrução	R. Quilombola
		Rural	Autoconstrução	Agregado
Mirador	Rural	Autoconstrução	Posseiro	
	Rural	Contratação	Posseiro	
Centro	Bacabal	Urbano	Contratação	Ocupante
		Rural	Autoconstrução	Assentado
		Rural	Contratação	R. Quilombola
	Esperantinópolis	Rural	Autoconstrução	Posseiro
		Rural	Autoconstrução	Posseiro
	Janipapo dos Vieiras	Rural	Autoconstrução	P. Originários
São Mateus	Rural	Contratação	Assentado	
Oeste	Bom Jardim - TI Rio Pindaré	Rural	Autoconstrução	P. Originários
		Rural	Autoconstrução	P. Originários
		Rural	Autoconstrução	P. Originários
		Rural	Autoconstrução	P. Originários
	Zé Doca	Rural	Autoconstrução	Colono
		Rural	Contratação	Posseiro
Pindaré	Rural	Autoconstrução	Posseiro	
Sul	Loreto	Rural	Contratação	Posseiro

### As moradias de adobe

Verdadeira tradição construtiva em algumas regiões do Maranhão, as moradias de adobe convivem com a

produção de moradias de taipa de mão, mas representam um estágio de aperfeiçoamento, pois exige maior expertise dos construtores. Comprovando ser um sistema de origem rural, 70% das moradias pesquisadas no

campo resultaram de processos de autoconstrução, enquanto na cidade a contratação de mão de obra chega a 57% do total. O peso das peças e a fragilidade perante o contato com a água não têm afetado sua produção e uso em alguns povoados de Alcântara e Brejo, ainda que o maior acesso ao tijolo cerâmico tenha levado a adotá-lo nos casos de ampliações, sendo comum encontrar os dois materiais até no mesmo pano de parede.

### **As moradias de tijolo maciço**

Um aperfeiçoamento do bloco de adobe, pois é levado ao forno de barro a lenha até seu cozimento, o tijolo maciço ou tijolo de 1 furo tem resistência à água, mas a espessura das peças não facilita a abertura de rasgos para passagem das instalações elétricas e hidráulicas. Tal como o bloco de adobe, o material convive nas construções com a popularização do tijolo cerâmico, pois sua fabricação tem rareado, na medida em que os fornos artesanais não conseguem competir com as olarias. A compatibilização dos dois componentes dá margem para várias adaptações, mas o uso do tijolo cerâmico acontece prioritariamente para elevar o pé direito das moradias, quase sempre no momento em que se decide substituir a cobertura.

Conforme a pesquisa de campo, sua maior incidência se dá em sedes urbanas de pequeno porte ou povoados com tradição na produção de cerâmica artesanal, como é caso de Itamatatua, em Alcântara, cujo imponente forno instalado sob um rancho se encontra hoje desativado. No rural é onde há equilíbrio dos regimes de produção, com a área urbana recorrendo mais à autoconstrução (66% dos casos) do que à contratação dos trabalhos.

Os números são inversos em relação ao rural e o urbano, com 66% de contratações no primeiro espaço, pelo ainda raro conhecimento do processo construti-

vo, e 62,5% de autoprodução nas cidades, onde até os ajudantes na construção civil assumem a execução das obras de suas moradias.

### **As moradias de tijolo cerâmico**

De todos os materiais identificados, a compra do tijolo cerâmico implica uma transação comercial diferente dos demais, inclusive da madeira, que tem possibilidade de extração direta, e do tijolo maciço, possível de ser autoproduzido ou adquirido por escambo. Assim como a telha cerâmica, o tijolo industrial implica posse de recursos financeiros e, por isso, é comum encontrar esses materiais estocados em moradias de taipa de mão, comprovando a sequência muitas vezes demorada para efetivar as obras. Dado o número significativo de moradias de taipa de mão, adobe e madeira que ostentam coberturas de telhas cerâmicas, podemos concluir que a substituição das paredes da casa se coloca como obstáculo de difícil execução para a maioria dos grupos sociais analisados. Além disso, solucionaria um problema mais recorrente, que a cada quatro anos, no máximo, resulta em operações que exigem planejamento para encostar as palhas previamente e dependem do compromisso de amigos e parentes para, em mutirão, destapar e tapar a casa durante o dia, pois a família precisa voltar à noite para suas camas e redes.

A existência no meio rural de empreiteiros - pedreiros com equipe que recebem encomenda para construção de moradias de tijolos cerâmicos - circulando entre vários povoados e com preços definidos, conforme o número de ambientes ou dimensões da moradia, é um indicativo da disseminação do sistema construtivo, que depende de disponibilidade de recursos da aposentadoria, de benefícios de prestação continuada ou periódica, como o seguro defeso dos pescadores.

Tabela 10: Moradias Autoproduzidas em Bloco de Adobe: Localização, Regime de Produção e Grupo Social

Meso	Município	Espaço	Regime de Produção	Grupo Social
Norte	Alcântara	Rural	Autoconstrução	R. Quilombola
		Urbano	Contratação	R. Quilombola
	Primeira Cruz	Rural	Autoconstrução	Posseiro
Leste	Brejo	Rural	Autoconstrução	R. Quilombola
		Rural	Contratação	R. Quilombola
		Rural	Autoconstrução	R. Quilombola
	Mirador	Urbano	Contratação	Posseiro
		Urbano	Contratação	Posseiro
		Urbano	Contratação	Posseiro
Centro	Jenipapo dos Vieiras	Urbano	Autoconstrução	Posseiro
Sul	Loreto	Rural	Autoconstrução	Posseiro
		Rural	Contratação	Posseiro
		Urbano	Contratação	Posseiro
	São Raimundo das Mangabeira	Rural	Autoconstrução	Posseiro
		Urbano	Autoconstrução	Posseiro
		Rural	Autoconstrução	Posseiro
	Carolina	Rural	Contratação	Posseiro

Tabela 11: Moradias Autoproduzidas em Tijolo Maciço: Localização, Regime de Produção e Grupo Social

Meso	Município	Espaço	Regime de Produção	Grupo Social
Norte	Alcântara	Rural	Autoconstrução	R. Quilombola
Leste	Pastos Bons	Urbano	Contratação	Ocupante
	Mirador	Urbano	Contratação	Ocupante
Centro	Bacabal	Urbano	Autoconstrução	Ocupante
	Jenipapo dos Vieiras	Urbano	Contratação	Ocupante
Oeste	Zé Doca	Urbano	Autoconstrução	Ocupante
Sul	Carolina	Rural	Contratação	Posseiro
	Estreito	Urbano	Contratação	Ocupante

Conciliar essa receita com as despesas fixas da casa é o que permite acessar a “casa de tijolo”.

Os números são inversos em relação ao rural e o urbano, com 66% de contratações no primeiro espaço,

pele ainda raro conhecimento do processo construtivo, e 62,5% de autoprodução nas cidades, onde até ajudantes de pedreiros assumem a execução das obras de suas moradias.

## ESTADO ATUAL DA AUTOPRODUÇÃO DE MORADIAS POPULARES NO MARANHÃO

A distribuição dos regimes de autoprodução - autoconstrução e contratação -, entre os seis diferentes tipos de materiais predominantes pesquisados (Tabela 13), indica que a palha é o material que possui o mais alto percentual nas moradias autoconstruídas (87,5%), seguida de perto pela taipa de mão (83,33%). Esses são os dois materiais com percentual mais alto do que a média de todos os pesquisados. No outro extremo, com taxas mais elevadas de contratação de mão de obra, temos a madeira com a maior proporção (73,4%) e o ti-

jolo cerâmico com a segunda taxa de utilização de mão de obra (55%). Em posições intermediárias, o tijolo maciço e o adobe, respectivamente, com 62,5% e 58% de percentuais de uso da mão de obra não remunerada.

Com um cômputo geral da Tabela 14, de 60 casas autoconstruídas (61,22%) e 38 contratadas (38,78%), esse indicativo da autoprodução de moradias populares no Maranhão mostra o envolvimento direto dos moradores no processo da obra. Um percentual praticamente idêntico ao da autoprodução para áreas rurais e urbanas (Tabela 13) indica que os moradores das cidades, os quais deveriam estar inseridos nas relações monetárias de mercado, continuam a manter as mesmas prá-

Tabela 12: Moradias Autoproduzidas em Tijolo Cerâmico: Localização, Regime de Produção e Grupo Social

Meso	Município	Lugar	Regime de Produção	Grupo Social
Norte	Alcântara	Rural	Contratação	Remanesc. Quilombola
	Cantanhede	Urbano	Autoconstrução	Ocupante consolidado
	Paço Lumiar	Rural	Contratação	Posseiro
	Raposa	Urbano	Autoconstrução	P. Originário s/ terra
		Rural	Contratação	Assentado s/ regularizar
	São Luís	Urbano	Contratação	Ocupante consolidado
Leste	Viana	Rural	Contratação	Posseiro
	Alto Alegre	Rural	Contratação	Assentado
Centro	Mirador	Rural	Contratação	Posseiro
	Bom Lugar	Rural	Contratação	Posseiro
		Rural	Autoconstrução	Posseiro
	Esperantinópolis	Rural	Contratação	Posseiro
	Lago Junco	Rural	Autoconstrução	Quebradeiras coco
	Pedreiras	Urbano	Autoconstrução	Pescador
Rural		Contratação	Assentado	
OESTE	São Mateus	Rural	Autoconstrução	Posseiro
		Urbano	Contratação	Ocupante
	Imperatriz	Urbano	Autoconstrução	Ocupante
	Pindaré	Urbano	Contratação	Ocupante
SUL	Zé Doca	Rural	Contratação	Assentado
	Carolina	Urbano	Contratação	Ocupante



Tabela 13: Distribuição Rural e Urbana do Material Predominante e os Regimes de Produção da Moradia

Material Predominante	Quantidade Por Material	Distribuição Espacial da Mostra		Regime de Produção da Moradia			
		Rural	Urbano	Rural		Urbano	
				Autoconstrução	Contratação	Autoconstrução	Contratação
Palha	8	3	5	3	0	4	1
Taipa De Mão	30	25	5	22	3	3	2
Adobe	17	10	7	7	3	3	4
Madeira	15	8	7	0	8	4	3
Tijolo Maciço	8	2	6	1	1	4	2
Tijolo Cerâmico	20	12	8	4	8	5	3
<b>TOTAL</b>	<b>98</b>	<b>60</b>	<b>38</b>	<b>37</b>	<b>23</b>	<b>23</b>	<b>15</b>
		<b>61,22%</b>	<b>38,78%</b>	<b>61,66%</b>	<b>38,33%</b>	<b>60,52%</b>	<b>39,48%</b>

Tabela 14: Moradias Autoproduzidas: Material Predominante por Regime de Autoconstrução

Material Predominante	Quantitativo da mostra	Regime de construção				
		Autoconstrução	Contratação	Autoconstrução	Contratação	
Palha	08	8,16%	07	87,5%	01	12,5%
Taipa de mão	30	30,61%	25	83,33%	05	16,66%
Adobe	17	17,34%	10	58%	07	42%
Madeira	15	15,30%	04	26,6%	11	73,4%
Tijolo maciço	08	8,16%	05	62,5%	03	37,5%
Tijolo cerâmico	20	20,40%	09	45%	11	55%
Total	98	100%	60	61,22%	38	38,77%

ticas identificadas por pesquisas feitas há mais de 50 anos em São Paulo (Maricato, 1972; Sampaio, 1990).

Sintomaticamente, o mesmo período temporal de existência das políticas habitacionais de grande escala, mais que a permanência da condição de “classes despossuídas” (Santos, 2009), mostra que os resultados de tais programas estatais comprovam a dupla incapacidade, do Estado e do sistema econômico hegemônico, em resolver o problema da moradia popular, inclusive no restrito espaço do centro dominante do poder político e industrial nacional.

Considerando a realidade maranhense, periferia distante do mercado do Sudeste, talvez seja o momento de invertermos a lógica até aqui imposta e pensarmos em programas que possibilitem aos moradores dos assentamentos rurais e urbanos a gestão de recursos técnicos e financeiros, destinados a uma outra forma de produção habitacional. Essa outra forma deve partir de suas necessidades e ser decidida a partir de seus projetos de vida.

CAPÍTULO 2

# REGISTROS DA AUTOPRODUÇÃO DA MORADIA POPULAR NO MARANHÃO

Frederico Lago Burnett  
Nubiane da Fonseca Vieira  
Manoel Fernando Moniz Filho  
Marcos Andrei Freire Dias  
Marcelo Durans Diniz

Luana Barros Barbosa  
Roseane Caldas Souza  
Aylla Maria Gomes Pimenta  
Jéssica Costa Dias  
Gabriela Silva de Oliveira

Lorena Araujo Gonçalves  
Emanuelle Christiny de Abreu Fonseca  
Marcelle Costa Araújo  
Maria Eduarda Lima Brito  
Tauanda Souza Braga

















Mesorregião Norte  
Cajari  
Povoado: Coelho



Rural

Ano: 2007  
Área: 43m<sup>2</sup>



Grupo Social  
Posseiro



Regime de Produção  
Diária



Material Predominante  
Palha



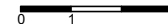
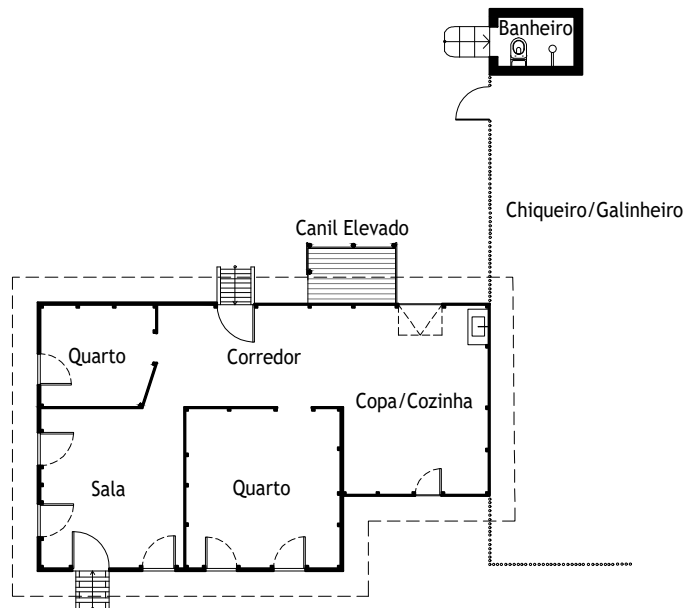
Assistência Social  
Seguro Defeso,  
Bolsa Família

Composição Familiar



Atividade Produtiva  
Pesca, roça, Professora  
Escola Municipal

Singularidade Construtiva  
Palafita com expansão em PVC



Moradia em Coelho, povoado de Cajari, área alagável na beira do rio Maracú, onde vive casal na faixa etária dos 40 anos, filho pequeno, esposa professora no colégio municipal próximo, ele pescador que também faz roça; recebem benefício do Bolsa Família e, três meses por ano, têm direito ao Seguro Defeso da Colônia de Pescadores; utilizam moto própria e rebeta como transporte nas viagens à sede do município.

Com exceção da cerca do curral de porcos, galinheiro e “chiqueirinho”, abrigo da cadela da família, ambos também elevados do solo e na lateral da casa, não há delimitação física do lote, igual às moradias vizinhas, a maioria de parentes. Contam com energia elétrica para televisão, geladeira, tanquinho, acesso à internet, mas não têm abastecimento de água para consumo humano. A água é adquirida no povoado Flecheira ou na sede de Cajari; existe sanitário em alvenaria com lavanderia na lateral e caixa d’água elevada, que abastece a bancada da cozinha; não possuem coleta de lixo, que é queimado ou enterrado nas proximidades.

Devido à alta do rio, esteios de aroeira, enterrados a 1,50m, elevam a moradia em 1,00 metro do solo; construída em 2007 com palha e cobertura de quatro águas com telhas cerâmicas, a obra custou R\$ 5.000, considerando o material gasto, principalmente telhas e palhas, e R\$ 1.000 de mão de obra, na base de R\$ 70 a diária, pagos com o Seguro Defeso, além da ajuda de irmão para a tapagem com palha. Com 43m<sup>2</sup> de área coberta, assoalho de tábuas serradas, esquadrias externas de uma folha de madeira e internas em cortinas de tecido, a moradia conta com sala, dois quartos e cozinha. Recentemente foi ampliada para funcionar também como copa, tendo utilizado para fechamento externo da expansão régua horizontal de PVC, usualmente utilizadas para forros, e cobertura de duas águas com telhas cerâmicas, porém mais baixa que a da construção original.





Mesorregião Norte  
Cajari  
Povoado: Coelho



Rural

Ano: 2015  
Área: 46m<sup>2</sup>



Grupo Social  
Posseiro



Regime de Produção  
Empreitada



Material Predominante  
Palha



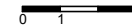
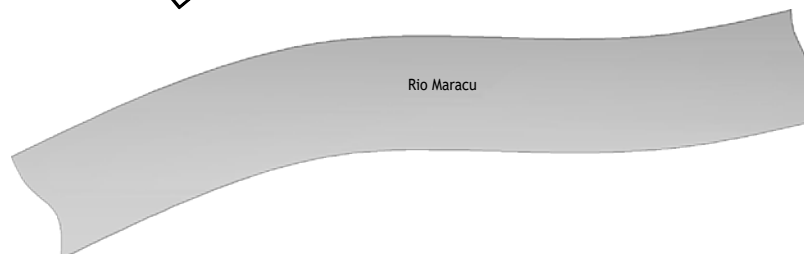
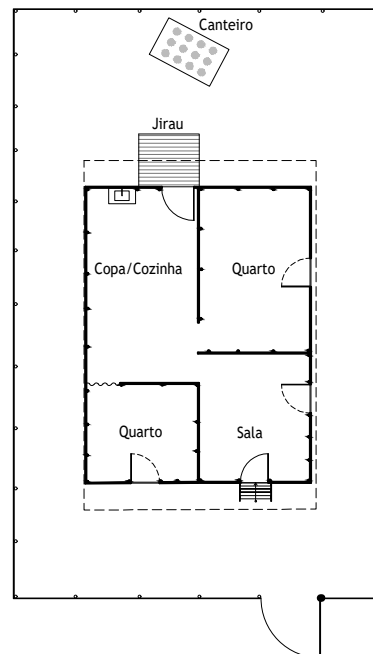
Assistência Social  
Seguro Defeso,  
Bolsa Família

Composição Familiar



Atividade Produtiva  
Pesca, Criação  
de porcos

Singularidade Construtiva  
Jirau no nível do piso da casa



Moradia em Coelho, comunidade às margens do Rio Maracú, beirada do campo de Cajari, fora dos limites de terras particulares, casal de idade média, casados há nove anos, têm ensino médio, três filhos menores, todos na escola. Vivem da pesca que comercializam em feiras de Viana e Cajari, criação de porcos, do seguro-desemprego do defeso da Colônia de Pescadores e de Bolsa Família.

Erguida em centro de terreno, com cerca de cama de varas de arariba para evitar a entrada de porcos da família e de búfalos de criadores próximos, acesso por cancela frontal à porta principal, com anexos em frente à moradia, nas margens do rio, a casa de banho, sob um pé de cajá, fechada por palha de pindova, e pela tábuas de lavar roupa; na lateral, em área aterrada, o chiqueiro para abrigo dos porcos durante a cheia e, nos fundos do terreno, um canteiro elevado com temperos. Com energia elétrica para televisão, geladeira e tanquinho, não têm água para consumo humano, coletam na sede, duas vezes por semana na rabeta da família. Sem qualquer anexo como sanitário, os moradores ainda usam o entorno da casa, o mato, para necessidades fisiológicas e, como não existe coleta de lixo, os dejetos são lançados no mato e queimados periodicamente.

Com 46m<sup>2</sup> de área, a casa feita há quatro anos conta com sala, dois quartos e copa-cozinha. Os esteios são de maçaranduba, feixes de palha de pindova e 1.500 telhas foram compradas. As tábuas do assoalho e os barrotes de cararobeira ganharam de parentes e amigos e contrataram carpinteiro por empreitada de R\$ 700. Elevada 1.40m do nível do terreno natural, tem acesso por escada de encosto de três degraus, apoiada na soleira da porta principal da sala e uma segunda porta na cozinha, que dá acesso ao jirau, também elevado com piso de varas de arariba, parcialmente coberto por esteira de palha de pindova, onde se localiza o fogareiro de barro, cujo uso faz o bujão de gás de cozinha durar até três meses.




**Mesorregião Norte**  
**Cajari**  
**Bairro:**  
**Mangueirão**


**Urbano**    **Ano: 2012**  
**Área: 39m<sup>2</sup>**


**Grupo Social**  
**Ocupante**


**Regime de Produção**  
**Mutirão**


**Material Predominante**  
**Palha**

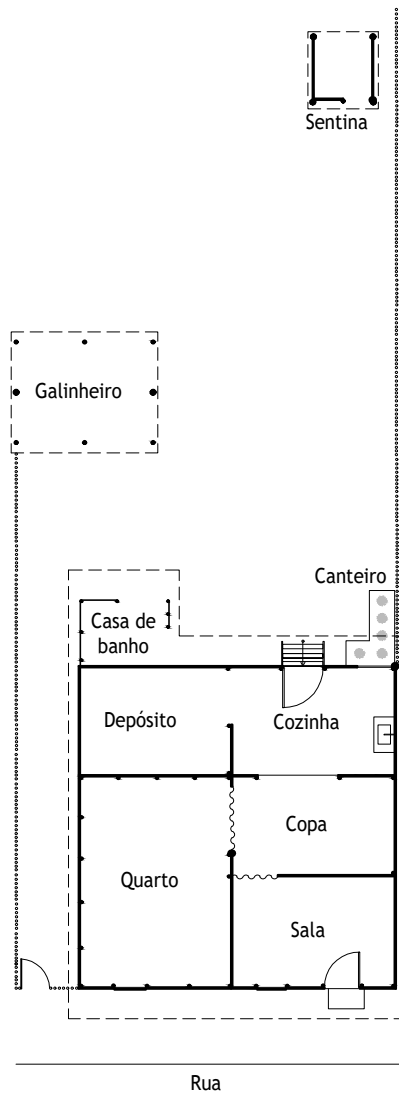

**Assistência Social**  
**Seguro Defeso,**  
**Bolsa Família,**  
**Bolsa Escola**

**Composição Familiar**  



**Atividade Produtiva**  
**Pesca e roça**

**Singularidade Construtiva**  
**Casa e galinheiro sobre esteios**





Palafita localizada em ponta de rua do bairro Mangueirão, sede de Cajari, onde vive casal em união estável, esposo com 55 e esposa 36 anos, ambos com ensino médio incompleto, duas filhas na escola, pescadores que comercializam o produto na própria residência, recebem Bolsa Família, Bolsa Escola e Seguro-Defeso da Colônia de Pescadores local.

Em área alagável em épocas de chuvas e cheias do Rio Maracú, implantada no limite frontal do lote, como as demais casas da rua, a moradia tem anexos nos fundos do terreno, cercado por varas de arariba: jirau de lavar roupa, também usada como casa de banho, parcialmente fechado por lonas e tábuas de madeira; sentina, que foi coberta pelas cheias; galinheiro elevado, coberto por estrutura de madeira e palha de pindova; e duas caixas d'água de polietileno. Possui energia elétrica para geladeira, televisão, abastecimento de água por rede geral, coleta de lixo e fossa rudimentar para a sentina.

Elevada 1m do nível do terreno natural, com 39 m<sup>2</sup> de área coberta distribuídos em sala, quarto, copa-cozinha e depósito, a moradia sobre esteios enterrados no mangue possui montantes de madeira que sustentam o assoalho de tábuas serradas, as paredes de palha de pindova e a cobertura de telhas de fibrocimento. Construída pelo casal e alguns amigos que ajudaram a fechar as paredes de roda, telhas e tábuas compradas no comércio local, restante do material retirado da própria região, a casa tem portas de madeira apenas na frente e nos fundos, meaçabas fechando as janelas da fachada e cortinas de tecidos nos vãos internos.







Mesorregião Oeste  
Pindaré Mirim  
Bairro:  
Rua São Pedro



Urbano Ano: 2012  
Área: 67m<sup>2</sup>



Grupo Social  
Ocupante



Regime de Produção  
Marido



Material Predominante  
Palha



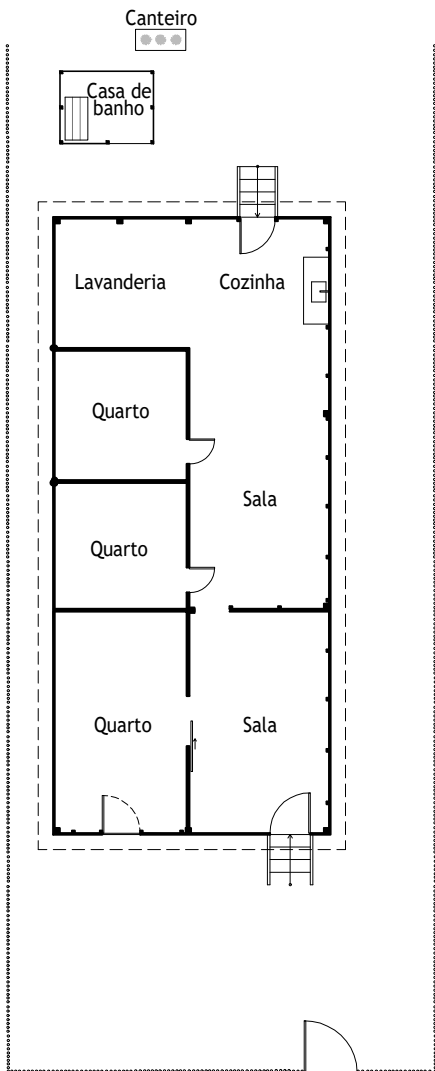
Assistência Social  
Seguro Defeso,  
Bolsa Família

Composição Familiar



Atividade Produtiva  
Pesca, Pintor, Carpinteiro

Singularidade Construtiva  
Divisórias feitas com partes  
de armários



Moradia na Rua São Pedro, periferia urbana de Pindaré Mirim, margens do Rio Pindaré, área sujeita a enchentes, onde moram 14 pessoas - casal, filhos e netos -, vivendo das atividades do pai, pintor e pescador. Essa família, como dezenas de outros ribeirinhos, está sob risco de despejo, ameaçada pelas obras de urbanização da margem do rio.

Sobre via de terra, implantada na cumeada da margem do rio, afastada 5m do limite do terreno, cercado por talos de pindova, com acesso através de cancela alta de madeira, a moradia conta com energia elétrica para televisão, geladeira e tanquinho, água de rede geral, mas sem coleta de lixo, queimado no próprio terreno. Como anexos, uma casa de banho com tábua de lavar roupa, um canteiro elevado com temperos e, devido à grande extensão do lote, nos fundos foi erguida a casa onde moram a filha grávida, o marido e um filho menor, próxima da sentina de uso de toda a família.

Com 30 anos vivendo no local, a moradia foi construída há sete anos pelo trabalho de dois meses do esposo, usando 30 feixes de palha de pindova para as paredes externas, madeirame beneficiado e telhas cerâmicas para a cobertura, além de peças descartadas de guarda-roupas para as divisórias internas. Com 67m<sup>2</sup> de área coberta, dividida em sala, três quartos e copa-cozinha, devido às cheias periódicas do Rio Pindaré, a moradia está suspensa 1 metro do solo, acessível por escadas de madeira fixadas nas portas da sala e da copa-cozinha. Devido às fortes chuvas que o vento faz atingir duas das fachadas, as palhas de vedação das paredes já foram trocadas duas vezes e, atualmente, necessitam de substituição, mas, segundo a moradora, o preço cobrado pelos fornecedores, que recolhem a palha do outro lado do rio, dificulta a contratação do serviço.





Mesorregião Oeste  
Pindaré Mirim  
Bairro:  
Rua São Pedro



Urbano

Ano: 2017  
Área: 46m<sup>2</sup>



Grupo Social  
Ocupante



Regime de Produção  
Marido



Material Predominante  
Palha



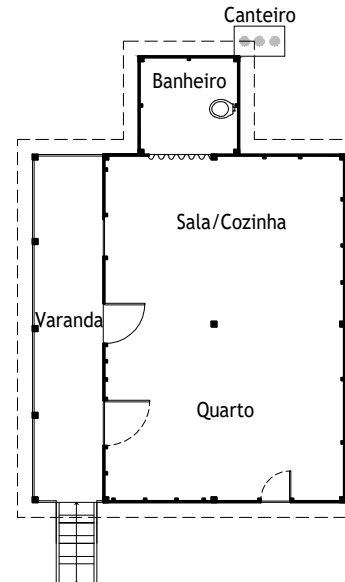
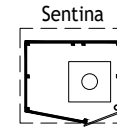
Assistência Social  
Bolsa Família

Composição Familiar



Atividade Produtiva  
Carpinteiro

Singularidade Construtiva  
Palafita construída nos fundos  
do terreno dos pais.



Moradia na rua São Pedro, área urbana de Pindaré Mirim, implantada em terreno plano, nos fundos de lote ocupado há 30 anos pelos pais da moradora, grávida, que vive com o esposo carpinteiro e um filho pequeno.

Implantada próxima à cerca lateral esquerda do terreno, a casa tem como anexos próximos um canteiro suspenso com temperos e uma sentina em estrutura de madeira, cobertura de telhas cerâmicas e fechamento em réguas de PVC, com vaso turco de madeira e fossa rudimentar, também utilizada pelos parentes que vivem na casa dos pais, localizada na parte anterior do lote. Com energia elétrica para televisão e geladeira, o abastecimento de água chega até a bancada da cozinha da moradia através de mangueira, mas não contam com coleta de lixo, o qual é coletado e queimado periodicamente.

Com 46m<sup>2</sup> de área coberta, elevada 1,60m do terreno natural por estacas de madeira enterradas no solo e que estruturam vigamento e assoalho de madeira, com alguns se elevando para compor a estrutura das paredes e da cobertura de uma água, a moradia é acessível por meio de escada de cinco degraus e corrimão de madeira, fixada na extremidade da varanda corrida, que acompanha toda a fachada principal da casa. Através da varanda, chega-se ao ambiente unificado da sala, quarto e copa-cozinha, sem quaisquer divisões, exceto pelo banheiro, localizado na extremidade oposta à escada de acesso e fora do corpo principal da moradia, com vaso de louça branca e chuveiro. A moradia tem todas as paredes feitas de palha, enquanto a cobertura é de telha cerâmica com madeirame aparelhado. O piso é composto por tábuas e as esquadrias são de tábuas de madeira e de PVC.





Rural

Ano: 2017  
Área: 63m<sup>2</sup>



Grupo Social  
Povos originários



Regime de Produção  
Morador



Material Predominante  
Palha



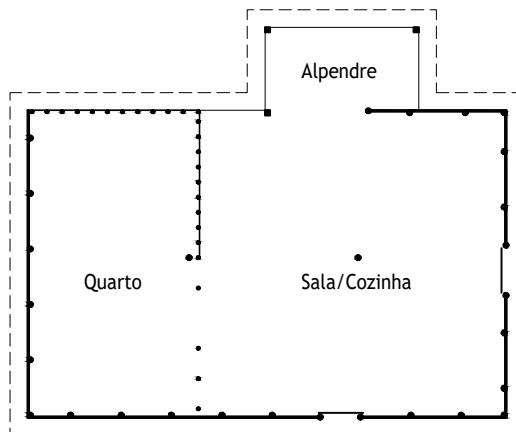
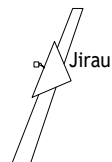
Assistência Social  
Não possui

Composição Familiar

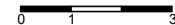


Atividade Produtiva  
Roça

Singularidade Construtiva  
Sem divisórias internas



Estrada de terra





Moradia onde vive índio solteiro na Terra Indígena Rio Pindaré, município de Bom Jardim, dos povos Guajajaras Tenetehara, Aldeia Novo Angelim. Essa aldeia resulta da saída de duas famílias da Aldeia Piçarra Preta e foi implantada em 2016, estando ainda em fase de implantação, hoje totalizando 16 famílias, com média de duas a oito pessoas. A aldeia já possui uma pequena escola em taipa de mão, coberta de palha, frequentada por crianças na faixa etária de 12 anos e que recebem aulas de português e tupi-guarani. Com água de poço artesiano, doado por pastor evangélico que dá assistência religiosa à aldeia, energia elétrica instalada pela concessionária depois que apreenderam a motocicleta de técnico da empresa e, por acordo com os indígenas, as contas são pagas pela FUNAI.

Erguida próxima à entrada da aldeia pela rodovia BR-316, que atravessa a reserva indígena, a casa não tem qualquer delimitação do terreno como as demais moradias da aldeia e tampouco possui anexos, exceto o jirau ao lado do alpendre, feito com uma peça triangular de concreto para apoiar baldes e abastecido de água, através de torneira alta fixada a um poste de madeira. Com energia elétrica para iluminação, televisão e geladeira, sem sanitário, os moradores utilizam o entorno da casa, o mato, para suas necessidades fisiológicas.

Com 63m<sup>2</sup> de área coberta, construída no nível do terreno externo, estrutura de madeira roliça nas paredes e no telhado de quatro águas, toda vedada com palhas de pindova e piso de terra batida, vãos das portas fechados com meaçabas, a casa tem dois ambientes demarcados por uma linha de montantes de madeira roliça, que serve de apoio ao tecido vermelho, fazendo de divisória parcial entre a sala-cozinha - com mesa, geladeira, fogão a gás -, e o quarto com cama, um gaveteiro, uma cadeira de plástico e um ventilador.







Urbano

Ano: 1994  
Área: 26m<sup>2</sup>



Grupo Social  
Ocupante



Regime de Produção  
Empreitada



Material Predominante  
Palha



Assistência Social  
Seguro Defeso,  
Aposentadoria

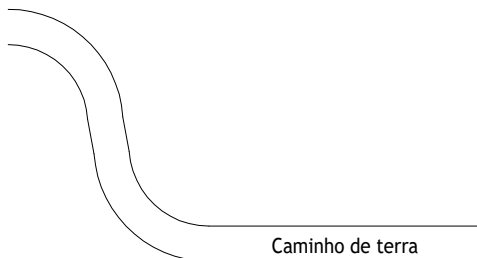
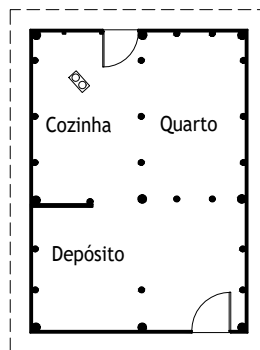
Composição Familiar



Atividade Produtiva  
Pesca

Singularidade Construtiva  
Sem divisórias internas

Casa de Banho



Moradia em Vila da Palha, ocupação consolidada às margens do Rio Tocantins, próxima à antiga área urbana central do município de Estreito, onde vive há dez anos pescador idoso, que apenas assina o nome, solteiro, dois filhos maiores não registrados e que não moram com ele, aposentado pela Colônia de Pescadores, ainda pratica pesca e comercialização como atravessador.

Erguida em área inundável, onde vive uma população em precárias condições de reprodução física, a moradia ocupa um terreno de 30x30m, delimitado pelas cercas de arame dos vizinhos e tem como único anexo uma casa de banho de palha sem cobertura, localizada nos fundos da residência. Sem energia elétrica, a geladeira, a televisão e o fogão a gás estão sem uso. A água fornecida pelo Serviço Autônomo de Água e Esgoto - SAAE é disponibilizada pela vizinha. Sem coleta de lixo, os dejetos são queimados e o morador usa o entorno da casa, o mato e a beira do rio, para as necessidades fisiológicas.

Construída há 25 anos, com 200 feixes de palha para a cobertura de duas águas e 150 feixes para as paredes de roda, a casa de 26m<sup>2</sup> foi adquirida há quatro anos pelo atual morador, que pagou R\$ 2.000,00. Na última piracema (janeiro de 2019), trocou toda a palha da moradia. Com piso de terra batida, sem divisórias internas, em um único cômodo, funcionam sala, quarto, depósito de material de pesca e cozinha, onde uma trempe de tijolos e chapa de ferro servem de fogão. Sem janelas, a moradia conta com duas portas de folhas de madeira, uma em cada extremidade da residência.





Mesorregião Sul  
São Raimundo  
Mangabeiras  
Povoado:  
Vila Cidadão



Rural

Ano: 2018  
Área: 30m<sup>2</sup>



Grupo Social  
Posseiro



Regime de Produção  
Empreitada



Material Predominante  
Palha



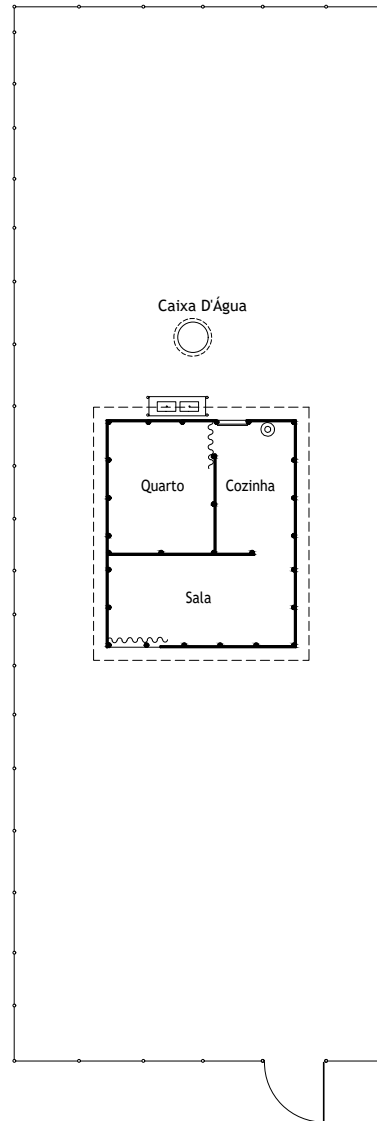
Assistência Social  
Não Possui

Composição Familiar



Atividade Produtiva  
Autônomo

Singularidade Construtiva  
Improvizada para ocupar área



0 1 3

Moradia no bairro Vila Cidadão, loteamento na periferia da área urbana de São Raimundo das Mangabeiras, que teve parte de suas terras ocupadas. Atualmente, tem promessa de regularização fundiária pelo executivo municipal, onde há um ano casal vive do trabalho do marido, vendedor autônomo de empresa de serviços de telecomunicações, e da ajuda de parentes que moram na vizinhança.

Em um lote de 10x28m, a moradia se ergue no centro do terreno, delimitado por cerca de madeira roliça e arame, tendo na parte posterior um jirau com bancada de granilite, apoiada em varas de madeira, usado para lavagem de louças e roupas. Mais ao fundo há uma caixa d'água de polietileno sobre o piso, que serve de local onde tomam banho, puxando água da rede municipal por meio de mangueira ligada à casa da tia da moradora, que mora em frente. Não há energia elétrica, apesar de parte do bairro já ter acesso a esse serviço, tampouco contam com espaço para as necessidades fisiológicas.

Para construção da moradia, feita há um ano, com 30m<sup>2</sup> de área coberta, contrataram por R\$400 mão de obra e material - 450 feixes de palha e peças de madeira roliça - para execução das paredes de roda e da cobertura de três águas. Posteriormente, os próprios moradores fizeram as divisões internas, também em palha. Distribuída em sala, quarto e cozinha, com grandes panos de tecido cobrindo as paredes de palha na cabeceira da cama do casal, a casa tem piso de terra batida, fogão de barro na cozinha e a porta da entrada é uma cortina de saco de aniagem; a da cozinha é uma folha de porta de madeira de almofada, que, solta do vão, deve ser carregada para fechar a abertura.











**TAIPA  
DE MÃO**





Rural

Ano: Há muito tempo

Área: 50m<sup>2</sup>



Grupo Social  
Remanescente  
Quilombola



Regime de Produção  
Mutirão



Material Predominante  
Taipa de Mão



Assistência Social  
Aposentadoria

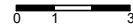
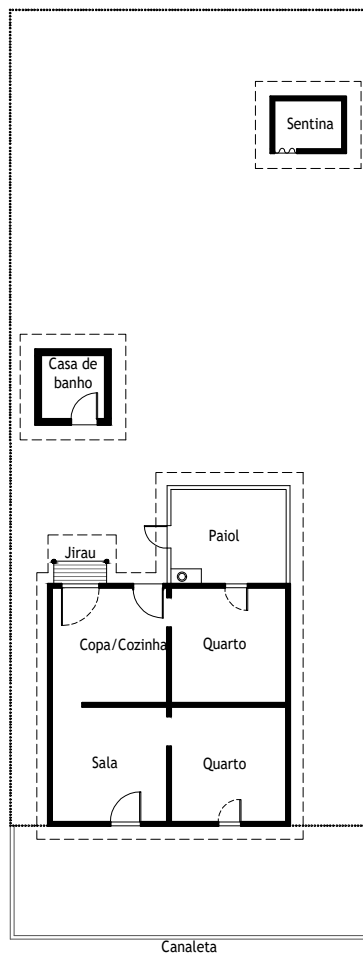
Composição Familiar



Atividade Produtiva  
Agricultora idosa

Singularidade Construtiva

Canaleta de concreto  
na calçada



Localizada nas proximidades do porto de Oitiua, Alcântara, área periférica do povoado certificado pela Fundação Cultural Palmares como remanescente quilombola, na moradia vive sozinha agricultora idosa, aposentada, vizinha de pescadores que comercializam seus produtos nas próprias casas.

Com acesso por via carroçável ligada à avenida central asfaltada de Oitiua, que leva ao porto do povoado, a moradia está implantada em terreno em declive, abaixo do nível da rua. Uma canaleta de cimento foi feita em todo o perímetro frontal do lote, drenando as águas pluviais e reduzindo seu volume em direção à moradia; para impedir o comprometimento da base da construção, uma calçada de proteção, também em cimento, foi executada em toda extensão da fachada frontal. Nos fundos do lote, voltado para o Rio Raimundo Sú e fechado por cerca de talos, a moradora tem como anexos a casa de banho em alvenaria cerâmica e cobertura de fibrocimento. Mais afastada, está a sentina em palha sem cobertura. Conta com energia elétrica, rede de abastecimento de água, sem coleta de esgoto, utiliza fossa rudimentar e os resíduos sólidos são queimados periodicamente.

Com terreno cedido pelo cunhado, seu vizinho, com materiais doados pela igreja evangélica frequentada pela moradora e que também organizou o mutirão para a construção, a casa em taipa de mão revestida apenas na fachada principal, originalmente coberta com folhas de pindova, atualmente com telhas de fibrocimento, tem 50m<sup>2</sup> de área coberta. Conta com sala, dois quartos e copa-cozinha, além de um puxado para o paiol coberto de palha de pindova. Devido à instabilidade do terreno, nas proximidades do rio, e apesar das precauções em evitar o contato com a água de chuva, parte dos fundos da construção cedeu, provocando rachaduras e alteração nos níveis internos da moradia.




**Mesorregião Norte**  
**Alcântara**  
**Território**  
**Quilombola:**  
**São João de Cortes**


**Rural**  
**Ano:** Há muito tempo  
**Área:** 92m<sup>2</sup>


**Grupo Social**  
 Remanescente  
 Quilombola


**Regime de Produção**  
 Família


**Material Predominante**  
 Taipa de Mão

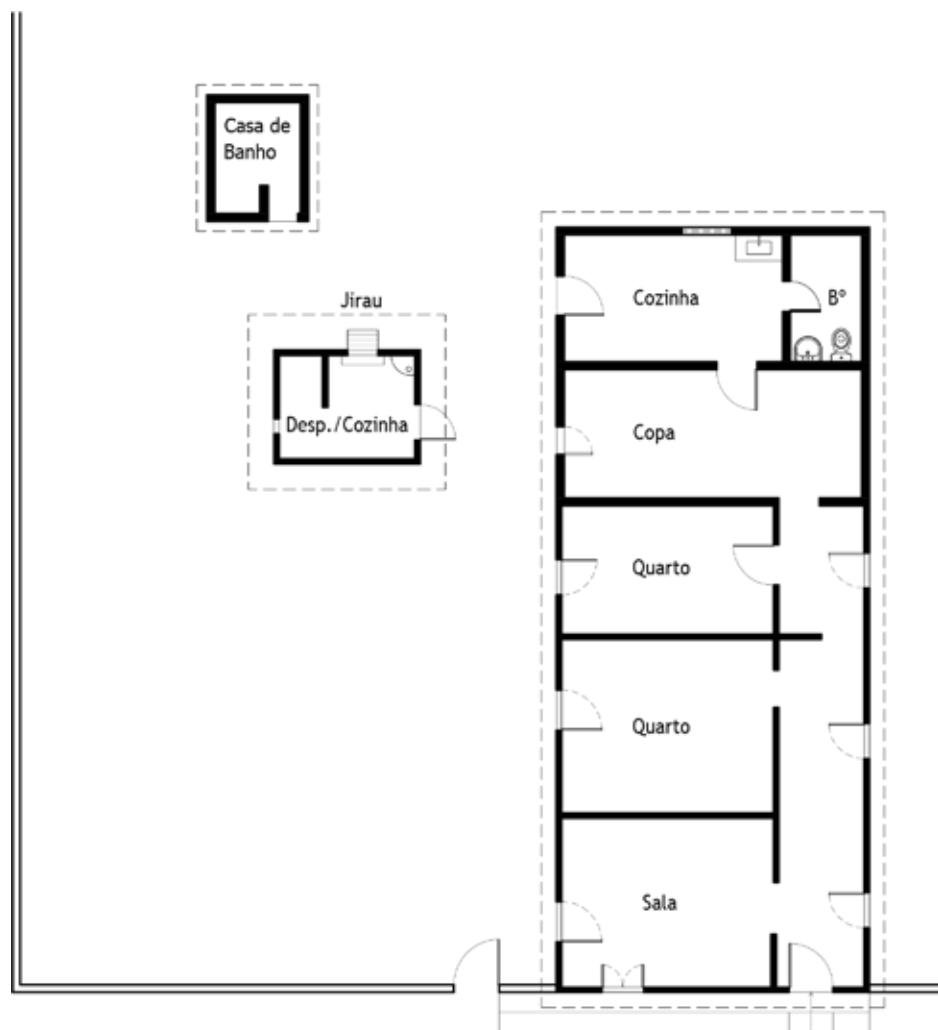

**Assistência Social**  
 Aposentadoria,  
 Pensão por viuvez

**Composição Familiar**  



**Atividade Produtiva**  
 Agricultora idosa

**Singularidade Construtiva**  
 Corredor interno lateral



Moradia na avenida da Igreja, em São João de Cortes, comunidade quilombola certificada pela Fundação Cultural Palmares, antigo aldeamento jesuíta fundado em 1722, às margens da Baía de Cumã, atual Distrito de Alcântara, onde vive agricultora aposentada, 79 anos. Tem ajuda de terceiros para os afazeres domésticos, pois os filhos moram em São Luís e seu neto, menor de idade, passa o dia em escola na sede do município.

Apesar de estar na área central do povoado, em terreno próprio, a via em que se localiza o imóvel não tem pavimentação, mas a casa conta com calçada cimentada. A moradia está implantada no alinhamento frontal do lote, com afastamento estreito na lateral esquerda e área arborizada maior do lado direito, onde se localizam os anexos. O anexo mais próximo da moradia é feito com taipa de mão revestida e coberto de palha. Possui dois ambientes, abriga cozinha de apoio com fogão de barro ao lado de pequeno oratório e, em outro ambiente, depósito e secador de roupas; uma segunda construção, um pouco mais afastada da moradia, em tijolos cerâmicos sem revestimento, pintados de branco, funciona como casa de banho. Conta com energia elétrica para TV e geladeira, abastecimento de água de poço artesiano e reservatório elevado do povoado; o banheiro tem fossa rudimentar e os resíduos sólidos são queimados periodicamente.

Construída pelo esposo falecido, com área coberta de 92m<sup>2</sup>, a moradia tem corredor lateral que funciona como hall de entrada e saleta de visita. Através dele se chega aos ambientes da sala, dois quartos, copa, cozinha e banheiro completo. Toda construída em taipa de mão revestida e pintada interna e externamente em amarelo claro, tem cobertura em fibrocimento, com inclinação acentuada que indica o uso anterior da palha de pindova, piso em cimento queimado, portas e janelas em tábuas de madeira, pintadas em esmalte na cor verde.





Mesorregião Norte  
Alcântara  
Território  
Quilombola:  
Santa Rita



Rural

Ano: Há muito tempo

Área: 54m<sup>2</sup>



Grupo Social  
Remanescente  
Quilombola



Regime de Produção  
Família



Material Predominante  
Taipa de Mão



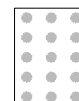
Assistência Social  
Aposentadoria

Composição Familiar

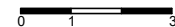
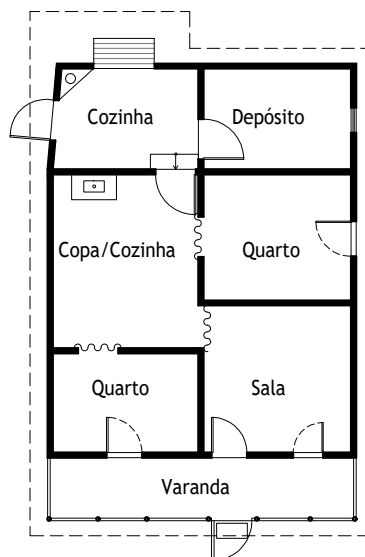


Atividade Produtiva  
Roça

Singularidade Construtiva  
Varanda com vergas em arco



Canteiro





Moradia em Santa Rita, pequeno povoado de Alcântara reconhecido como comunidade remanescente de quilombolas pela Fundação Cultural Palmares, em 2004, onde há 35 anos vive casal com filho e nora, aposentados, mas ainda fazem roça.

A Capela de Santa Rita, no centro da única via do povoado, larga e sem pavimentação, está ligada à estrada vicinal e organiza o casario, seguindo em declive para o rio e o porto da comunidade, para onde está voltada a fachada do templo. Os lotes dos moradores não utilizam cercas e as casas seguem um alinhamento entre si, mantendo distância de poucos metros uma das outras. A moradia tem seus anexos nos fundos: canteiro de temperos com cerca baixa de talos de babaçu, casa de banho e sentina em taipa de mão sem revestimento. Conta com energia elétrica, água de poço artesiano, utiliza fossa rudimentar e queima periodicamente o lixo coletado.

A moradia anterior, toda de palha e com apenas três metros de frente, foi substituída pela atual, com 54m<sup>2</sup> de área coberta, em taipa de mão revestida e caiada de branco, com cobertura de madeira roliça e telhas cerâmicas em duas águas. Uma varanda frontal estreita, apoiada em colunas de madeira roliça, fechada por guarda-corpo, também de taipa de mão, com acesso por cancela de ripas de madeira, apresenta vergas em arco abatido de taipa de mão preenchida com cacos de telhas cerâmicas. A casa tem piso cimentado e esquadrias de tábuas de madeira, conta com sala, dois quartos e copa-cozinha, com bancada de aço inox e torneira. Na parte posterior da moradia, em nível mais baixo que o restante da edificação e ligado à casa por rampa de cimento, foi construído um puxado de taipa de mão sem revestimento, coberto com palha de pindova e piso de terra batida, onde se encontra um depósito e a cozinha de apoio, com o fogão de barro no canto da parede e um jirau de janela para lavagem de louça.





Mesorregião Norte  
Cantanhede  
Povoado:  
Santa Luzia



Rural

Ano: Há mais  
de 20 anos  
Área: 102m<sup>2</sup>



Grupo Social  
Agregado



Regime de Produção  
Família



Material Predominante  
Taipa de Mão



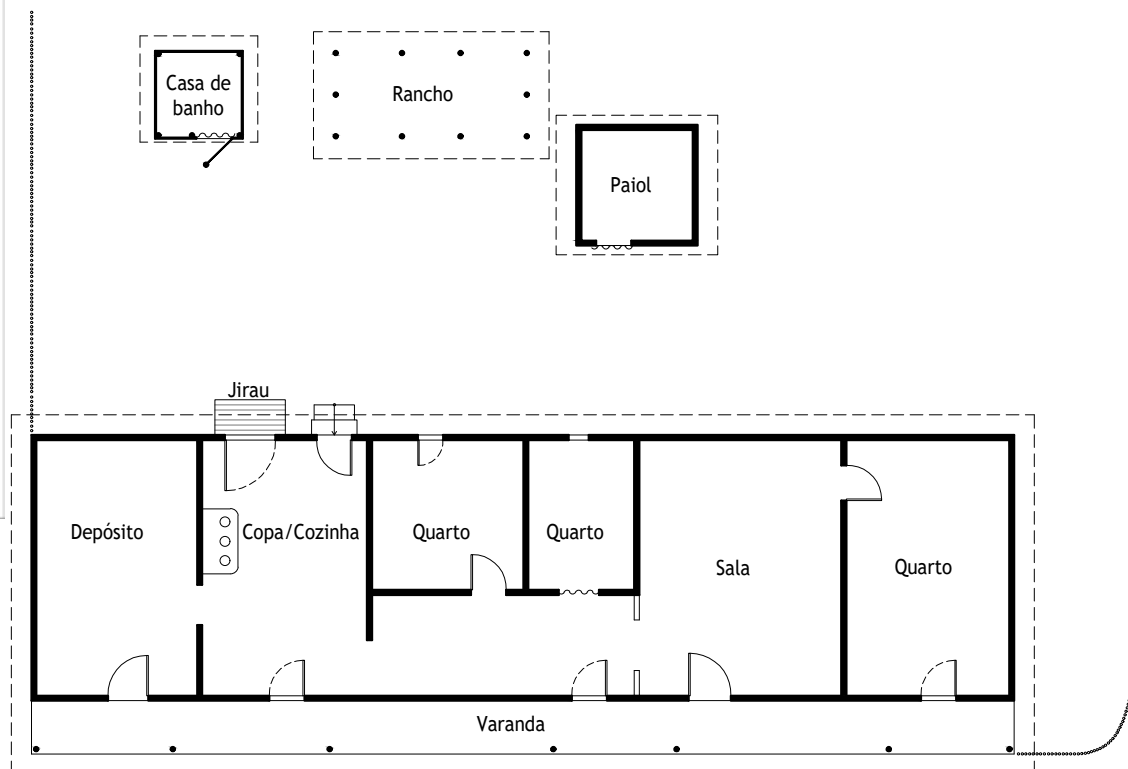
Assistência Social  
Aposentadoria

Composição Familiar



Atividade Produtiva  
Roça, Pesca, Coco,  
Criação pequenos  
animais

Singularidade Construtiva  
Planta estendida



Moradia em Santa Luzia, passagem da Ferrovia Trans-nordestina, onde vive casal de idosos e 4 dos 10 filhos, todos maiores, praticam roça, pesca, coleta de coco babaçu, criação de galinhas, porcos e bodes, e fazem farinha de mandioca. Foreiros em terras particulares pagam dois alqueires da roça por linha plantada. Com o falecimento da proprietária e a venda das terras pelos herdeiros, a divisão da área pode cortar as vias de acesso ao local, já com elevado número de moradias abandonadas. Organizadas em torno de um campo de futebol gramado, com os trilhos da ferrovia passando por uma das cabeceiras, todas as moradias da comunidade são de taipa de mão, condição que evita cobrança de indenizações na saída dos moradores.

Implantada ao lado da via de acesso ao lugar e de frente para a linha férrea e o campo de futebol, a moradia tem a largura do terreno, com laterais e fundos delimitados por cerca de faxina. Com casa de banho, rancho e paiol como anexos, o lugar possui energia elétrica, abastecimento d'água por poço raso individual e uso de sentina com fossa rudimentar. O lixo é coletado e queimado por cada família.

Com área coberta de 102m<sup>2</sup> (ou 60x22 palmos, segundo o morador) e varanda ao longo da fachada principal, a moradia tem sala, 3 quartos, depósito, copa-cozinha com fogão de barro e jirau de janela; a área entre a sala e a cozinha, com geladeira, mesa e cadeiras, dá acesso aos 2 quartos menores e à cozinha e depósito. Construída pela família em 30 dias, taipa de mão com forquilhas de aroeira e pau d'arco, cobertura com madeira roliça da região e 1.300 feixes de palha de babaçu comprados de terceiros, a moradia tem piso de terra batida, com exceção da sala, de cimento queimado, portas e janelas em tábuas de madeira, algumas aberturas na taipa de mão sem tapagem e cortinas de tecido no acesso de um quarto e nas paredes da sala.





Mesorregião Norte  
Miranda do Norte  
Ocupação:  
Morro da Macaca



Urbano Ano: 2019  
Área: 71m<sup>2</sup>



Grupo Social  
Ocupante



Regime de Produção  
Marido



Material Predominante  
Taipa de Mão



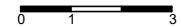
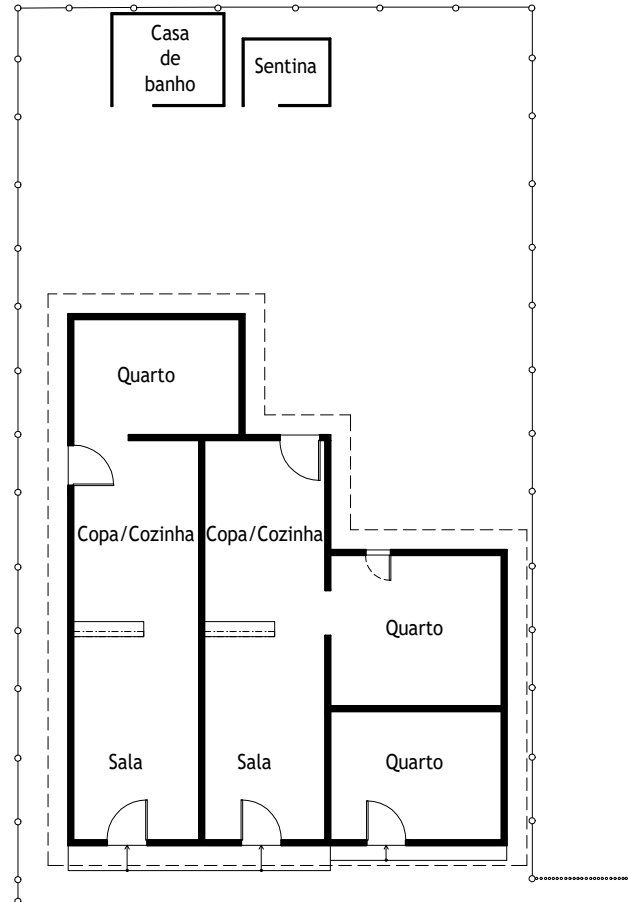
Assistência Social  
Aposentadoria

Composição Familiar



Atividade Produtiva  
Autônoma,  
Serv. Domésticos,  
Ajud. pedreiro

Singularidade Construtiva  
Duas moradias e um  
dormitório independente





Moradia em ocupação popular recente de parte das terras de fazenda, nas proximidades da sede do município de Miranda do Norte. A maioria das casas é em taipa de mão, sendo raras aquelas em alvenaria cerâmica. A dona do lote, com 55 anos, divorciada e aposentada, divide o espaço da casa com sua filha, o marido e duas netas menores, trabalham com comércio de alimentação que produzem na casa, serviços domésticos e eventuais trabalhos na construção civil.

Abertas à proporção que a ocupação penetra na área, as vias de circulação do bairro são feitas pelos próprios moradores, que assim viabilizam espaço para novos lotes. Energia elétrica através de ligação direta, abastecimento de água depende da compra em carros-pipa, esgotamento sanitário por fossas rudimentares e, sem coleta de lixo, os dejetos são descartados em áreas desocupadas do bairro. Localizada em área baixa, numa das pontas de rua do bairro, a moradia está implantada sem recuo frontal ou lateral, ocupando toda a largura do lote, com cerca de arame delimitando laterais e fundos, com sentina e casa de banho fechadas com palha de pindova e restos de telhas de fibrocimento, sem cobertura.

Executada pelo genro com material adquirido pela sogra, área coberta de 71m<sup>2</sup>, a construção abriga duas moradias geminadas sob o mesmo telhado de duas águas, cada uma com sala integrada à copa/cozinha e um quarto. Um terceiro ambiente, na lateral da moradia da filha, só acessado pela rua e com cobertura mais baixa, é ocupado gratuitamente por amiga da família. Construída em taipa de mão sem revestimento, com cobertura de palha de pindova, as moradias têm piso cimentado, portas externas em madeira com batentes altos para conter as águas de chuva, sem janelas e vãos internos vedados por cortinas de tecidos estampados.







Mesorregião Norte  
Primeira Cruz  
Povoado: Mairi



Rural

Ano: 1982

Área: 165m<sup>2</sup>



**Grupo Social**  
Posseiro



**Regime de Produção**  
Empreitada



**Material Predominante**  
Taipa de Mão



**Assistência Social**  
Aposentadoria

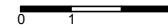
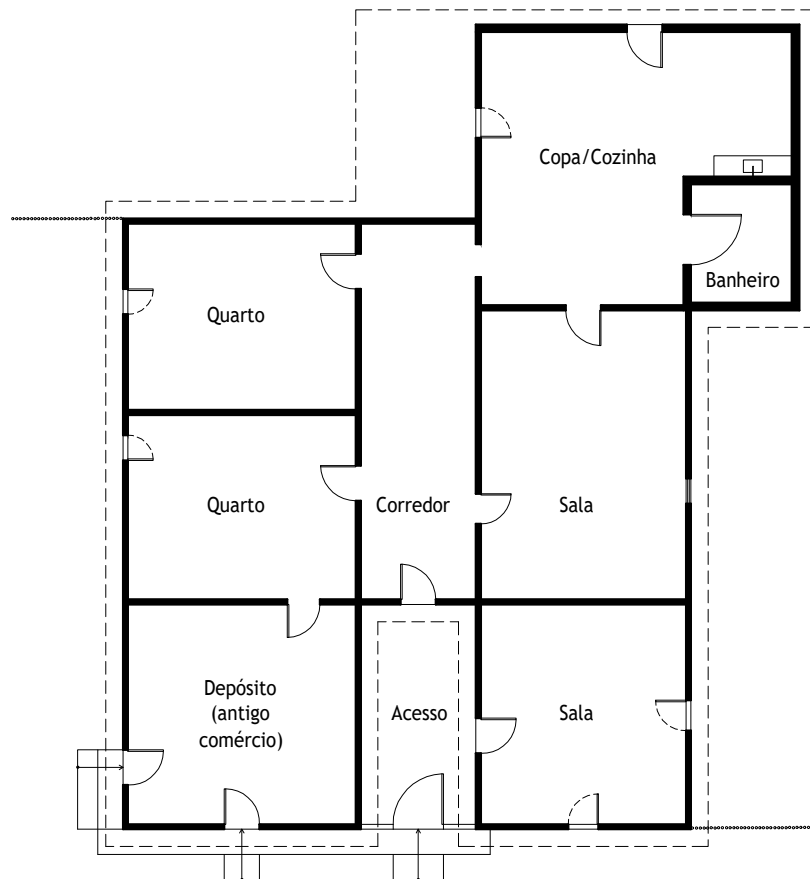
**Composição Familiar**



**Atividade Produtiva**  
Idosos incapacitados

**Singularidade Construtiva**

Eixo formado por terraço  
de acesso e corredor



Moradia em Mairi, área rural do município de Primeira Cruz, inserido no perímetro do Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses, onde vive casal de idosos aposentados que, devido à saúde debilitada de ambos, puseram a propriedade à venda e estão de mudança para a casa de uma filha em município próximo.

Localizada na estrada vicinal que constitui a rua principal do povoado, acessível somente por veículos 4x4, devido à baixa aderência do areal, com cursos de água e lama, a moradia ocupa uma das laterais de terreno com plantação de coco da praia nos fundos e delimitado por cerca compacta de estacas de madeira, mas deixando as fachadas principal e lateral direita da casa em contato direto com a via pública, um padrão de implantação do lugar. A moradia conta com energia elétrica para iluminação, geladeira e televisão, tem água de poço artesiano, conta com fossa séptica não ligada à rede, que não existe no povoado, e o lixo é periodicamente queimado no próprio terreno.

Construída há 37 anos, com padrão diferenciado das demais moradias do povoado, inspirado em construção existente na sede do município pelos moradores, os proprietários contrataram carpinteiros para sua execução em taipa de mão e cobertura de telhas cerâmicas artesanais. Com 165m<sup>2</sup> de área, a moradia está organizada em torno de um corredor central que se inicia em terraço descoberto entre dois corpos simétricos e idênticos a cada lado. O comércio que funcionava no corpo da fachada na lateral direita com duas portas está hoje desativado, servindo de depósito. O terraço segue pelo interior da moradia como corredor central e, em uma de suas laterais, se localizam duas salas; do lado oposto estão dois quartos. No fundo das salas, na lateral esquerda da parte posterior da moradia, a copa-cozinha e um banheiro completo, construídos recentemente em alvenaria cerâmica, modificam o caimento original da cobertura.





Mesorregião Norte  
São José Ribamar  
Bairro: Parque Jair



Urbano

Ano: 2007  
Área: 28m<sup>2</sup>



Grupo Social  
Ocupante



Regime de Produção  
Mutirão



Material Predominante  
Taipa de Mão



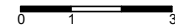
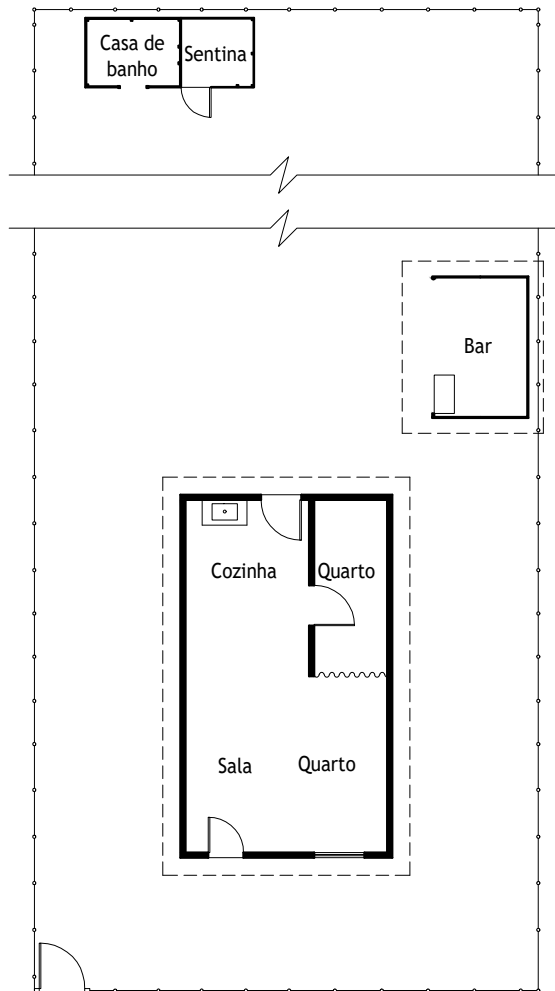
Assistência Social  
Bolsa Família

Composição Familiar



Atividade Produtiva  
Faxineira, Lavadeira,  
Ajud. Pedreiro,  
Venda bebidas

Singularidade Construtiva  
Bar para festas anexo



Construída há 12 anos no loteamento “Nova Era”, rebatizado Parque Jair depois da ocupação de 1996, a moradia é a quarta construção que se ergue no lote, há 20 anos pertencente à família. Residindo anteriormente na Vila Luizão, ocupação próxima no município de São Luís, a moradora trabalha com lavagem de roupa, é beneficiária do Bolsa Família, vive com o marido, ajudante de pedreiro, a filha, faxineira/diarista, e o genro.

Sem documentação de propriedade, o lote de esquina em área interna do bairro e rua sem pavimentação, mede 10x30m, tem cerca de arame farpado, mourões de madeira aproveitada e portão em ripas de madeira. Ocupando a porção frontal do terreno, a moradia libera os fundos, onde mangueiras dão sombra aos anexos em palha da casa de banho/lavanderia, sentina e apoio para as festas promovidas pela família. Com energia elétrica para geladeira e televisão, contam com poço artesiano com sistema de distribuição de água para a pia da cozinha e coleta de lixo. Sem rede coletora de esgoto, utilizam fossa rudimentar.

Com sala, dois quartos e copa-cozinha, a moradia em taipa de mão sem revestimento com 28m<sup>2</sup> de área coberta, tem piso de terra batida, cobertura de duas águas em fibrocimento, portas de madeira e janelas de chapa de ferro. Com materiais doados pela mãe da moradora, o ex-marido comandou o mutirão do madeirame e da tapagem, hoje as fachadas estão parcialmente cobertas por plásticos para proteção contra chuvas e o acesso se dá pela porta da cozinha, pois a entrada frontal foi fechada para uso da sala como terceiro dormitório.





Mesorregião Leste  
Aldeias Altas  
Povoado: Castelo



Rural  
Ano: Há muito tempo  
Área: 58m<sup>2</sup>



Grupo Social  
Agregado



Regime de Produção  
Moradores anteriores

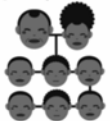


Material Predominante  
Taipa de Mão



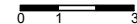
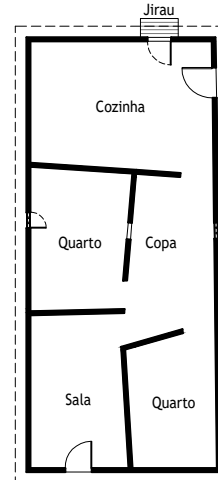
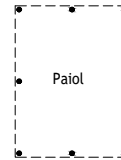
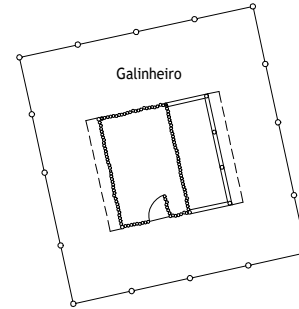
Assistência Social  
Bolsa Família, + IDH

#### Composição Familiar



Atividade Produtiva  
Roça, Coco, Galinhas,  
Serviços na Fazenda

Singularidade Construtiva  
Precariedade por  
morar de favor





Moradia em Castelo, terras particulares localizadas no município de Aldeias Altas, onde casal e seis filhos vivem de favor, trabalham na roça, têm criação de pequenos animais, quebram coco babaçu, recebem benefício do Programa Bolsa Família e foram selecionados em 2015 pelo Programa de segurança alimentar do Plano Mais IDH do Governo do Estado.

Sem delimitação de lote, a casa tem energia elétrica para televisão com antena parabólica e geladeira, água encanada de poço de manilha. O lixo é queimado periodicamente em local já determinado para esse fim e, como os moradores utilizam o mato para suas necessidades fisiológicas, a moradia não tem sentina. Todos os anexos são em taipa de mão sem revestimento e cobertura de palha de pindova: casa de banho, paiol para guardar e quebrar coco babaçu, canteiro elevado para os temperos, jirau para lavagem de louça e roupa, além de galinheiro em cercado de talos de pindova, financiado através de programa estadual para geração de renda e produção de alimentos pelos pequenos agricultores.

Em taipa de mão sem revestimento externo e parcial internamente, cobertura de duas águas em palha de pindova sobre madeira roliça, a moradia foi construída por antigos foreiros que deixaram a propriedade, apresentando alinhamento das divisões internas fora do esquadro das paredes externas. Somando 58m<sup>2</sup> de área coberta, tem sala, dois quartos, copa e cozinha, piso em terra batida e, fora as portas da sala e da cozinha, e as janelas do quarto e da cozinha que dá acesso ao jirau, os demais vãos externos, de pequenas dimensões, foram deixados sem tapagem para entrada de luz e ventilação. Internamente, os acessos aos quartos são vedados por cortinas de tecido.





Mesoregião Leste  
Aldeias Altas  
Povoado: Tamanduá



Rural

Ano: 2003  
Área: 88m<sup>2</sup>



Grupo Social  
Agregado



Regime de Produção  
Moradores e ajudantes  
na diária



Material Predominante  
Taipa de Mão



Assistência Social  
Aposentadoria

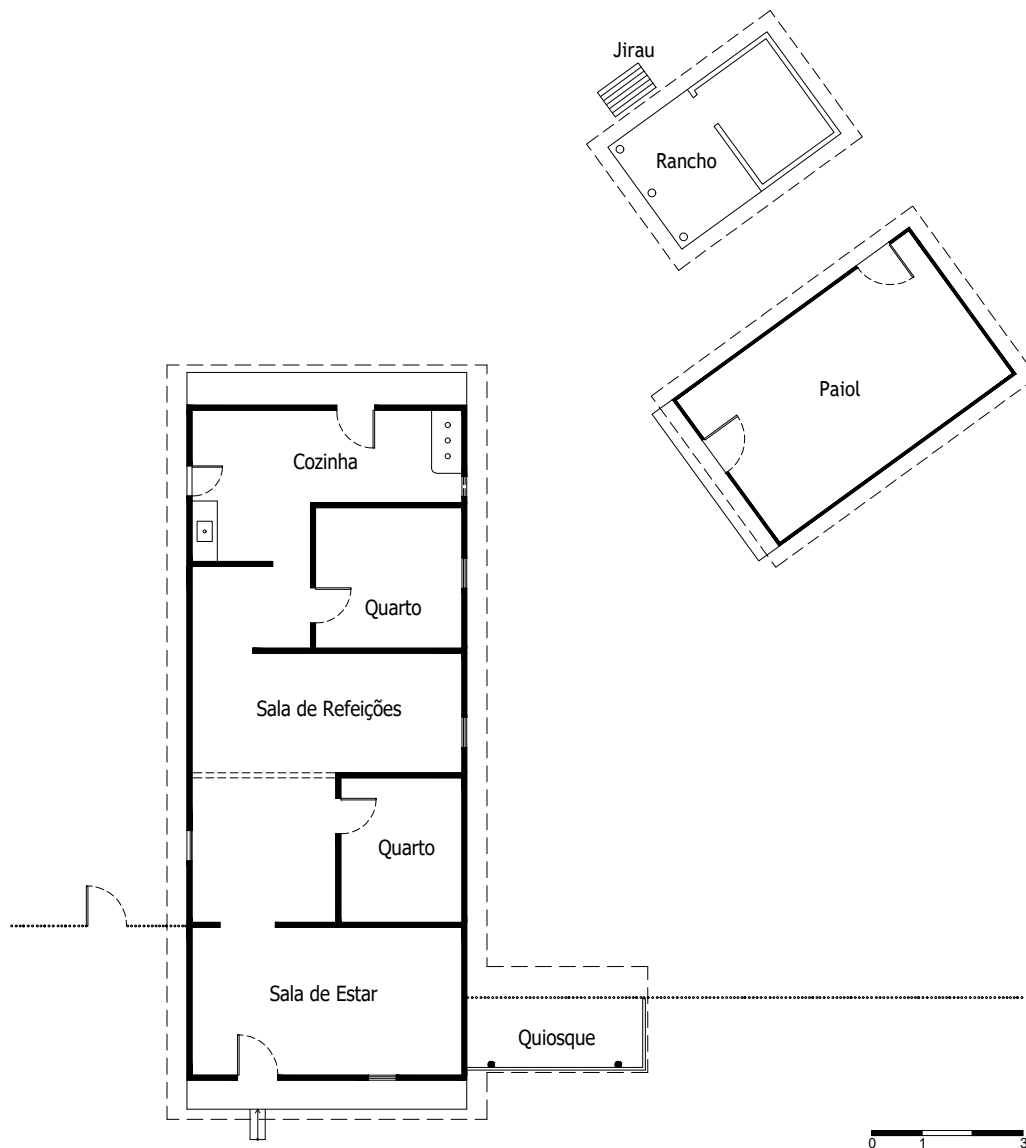
Composição Familiar



Atividade Produtiva  
Roça, Pequenos animais,  
Serv. Gerais na Escola,  
Filha professora



Singularidade Construtiva  
Rebocada e caiada,  
piso cimentado



Moradia onde há 17 anos vive casal e 2 filhas maiores, uma delas professora da escola local, onde a mãe é funcionária, trabalham roça de arroz, feijão, milho e mandioca, vendem parte da farinha, criam galinhas e porcos presos para não estragar roçados. Agregados, no início pagavam renda pela produção, mas “já faz tempo que deixaram de cobrar” e os proprietários prometem doar as terras para as famílias moradoras.

A casa está implantada próxima da escola municipal, do poço e da caixa d'água, sobre via de terra batida que contorna três lados do campo de futebol do povoado. Tem cerca de talo na lateral direita e, na lateral esquerda, quiosque do mesmo material coberto de palha, para venda de bebidas em dias de festejos; como anexos, a antiga casa de taipa da família, hoje depósito da produção, um rancho para trabalhos diversos e, mais ao fundo, casa de banho. Contam com energia elétrica para televisão, geladeira, ferro de passar roupa, água do poço artesiano mantido pela Prefeitura, mas os moradores arcam com os custos de manutenção.

Com 88m<sup>2</sup> de área coberta, construída em três meses pelos moradores e “uns dois” trabalhadores contratados, a moradia em taipa de mão tem sala, dois quartos, copa, cozinha com bancada e pia, todo material retirado do entorno, portas e janelas compradas em serraria. Marcada no chão com montantes de aroeira, enterrados a cinco palmos, a casa tem valeta com massa de barro, piso de cimento queimado, fachada principal e interior rebocados e pintados com cal branca, as demais fachadas externas em taipa de mão sem reboco.





Mesorregião Leste  
Alto Alegre do Ma.  
Assentamento:  
Centro dos Cocos



Rural

Ano: 2014  
Área: 54m<sup>2</sup>



Grupo Social  
Assentado



Regime de Produção  
Mutirão



Material Predominante  
Taipa de Mão



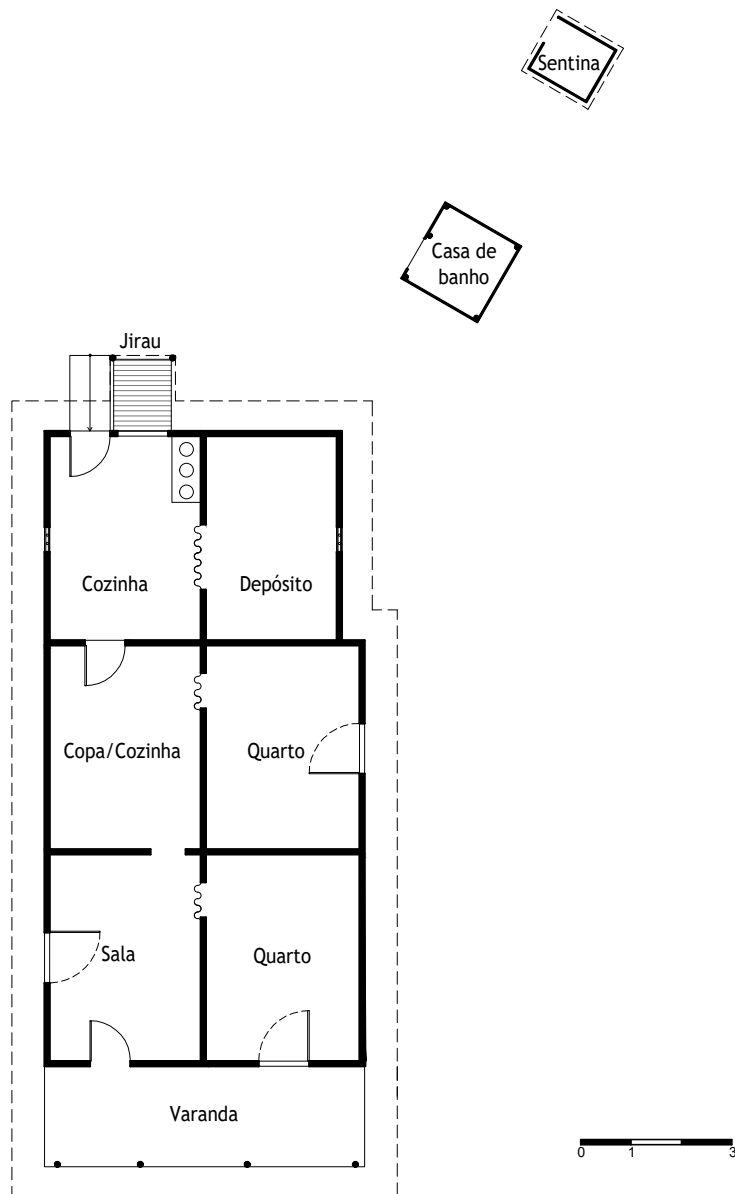
Assistência Social  
Aposentadoria,  
Benefício de Prestação  
Continuada

Composição Familiar



Atividade Produtiva  
Roça, coco

Singularidade Construtiva  
Varanda com quebra-sol  
de meiaçaba





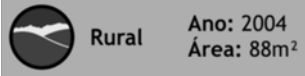
Moradia na comunidade de Centro dos Cocos, assentamento do INCRA legalizado em 1988, no município de Alto Alegre do Maranhão. Os moradores, casal e seu filho maior possuem como principais atividades produtivas a roça, criação de pequenos animais, extrativismo, principalmente do babaçu, que dá nome ao lugar, e a produção de polpas de frutas, comercializadas localmente.

O lote não tem qualquer delimitação e os anexos da moradia se localizam nos fundos - casa de banho com chuveiro, construída em palha e sem cobertura, sentina com fossa rudimentar e paredes de talos de palmeira e cobertura de palha, jirau de lavar louças na janela da cozinha. Com energia elétrica para televisão com antena parabólica e geladeira, água de poço raso, a qual chega por mangueira até o jirau. Não há coleta de lixo e os dejetos são queimados periodicamente.

Planejada e construída há quatro anos pelos próprios moradores, com ajuda de vizinho utilizando forquilhas de aroeira e materiais da região, além de outros comprados na “cidade”, a moradia em taipa de mão revestida, com cobertura de duas águas em telhas cerâmicas e piso cimentado, levou um mês para estar pronta. Elevada 15 centímetros do terreno natural, tem 54m<sup>2</sup> de área, distribuídos em varanda com quebra-sol lateral de meaçaba, com telhado de uma água, mais baixo que o da casa, sala, dois quartos e copa-cozinha com fogão a gás e geladeira. Possui um puxado construído aos fundos em taipa de mão, sem revestimento, e cobertura de duas águas de palha de pindova que abriga a cozinha de apoio para o fogão de barro, ao lado de outro ambiente que funciona como depósito.







Grupo Social  
Agregado



Regime de Produção  
Mutirão



Material Predominante  
Taipa de Mão



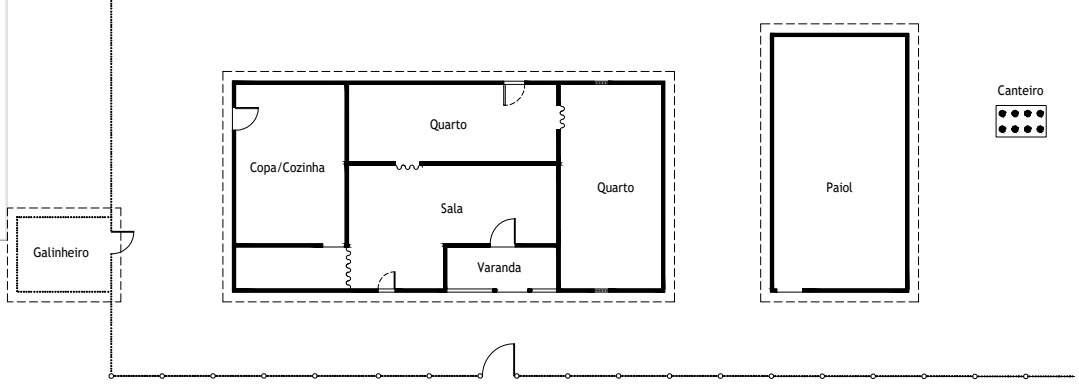
Assistência Social  
Aposentadoria,  
Bolsa Família

Composição Familiar



Atividade Produtiva  
Roça, coco

Singularidade Construtiva  
Planta estendida e varanda  
entalada



Moradia no povoado Gameleira, no lugar São Domingos, município de Caxias, onde vive casal com quatro filhos, todos menores, pelos quais recebem auxílio do Bolsa Família. São agricultores que plantam arroz, milho e feijão, criam porcos e galinhas em terras de empresa, atualmente em processo de inventário devido à morte do proprietário. O encarregado cobra foro sobre a produção, paga com regularidade pelos moradores.

O lugar possui energia elétrica para televisão e geladeira. A água deve ser coletada em cacimba próxima e transportada em botijões de plástico sobre carrinho de mão. Todo o lixo é queimado ou descartado no meio ambiente. Para evitar acesso de animais, o lote é delimitado por cerca de talo de coco com altura de 70 centímetros e uma cerca de arame farpado complementa o fechamento. Tem como anexos galinheiro do lado direito da moradia e, do lado esquerdo, armazém, onde guardam o produto das colheitas.

Construída em 2004, com ajuda de dez amigos, a obra tem 88 m<sup>2</sup>, distribuídos entre varanda com guarda-corpo de taipa de mão, sala, dois quartos e copa-cozinha, e durou um mês para ser concluída. Como a moradia está implantada entre a via e a encosta da mata, o terreno possui forte inclinação. Por ser mais largo do que profundo, exigiu que a moradia tivesse vários desníveis entre o exterior, a varanda de acesso e os ambientes internos. Construída em taipa de mão sem revestimento, cobertura em madeira roliça e palha de pindova, piso de terra batida, portas e janelas de folhas de madeira, a moradia, em um dos quartos, possui um vão em que não houve tapagem com barro. Internamente, os vãos das portas são vedados com tecidos estampados.





Rural

Ano: 2011  
Área: 80m<sup>2</sup>



Grupo Social  
Remanescente  
Quilombola



Regime de Produção  
Família



Material Predominante  
Taipa de Mão



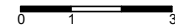
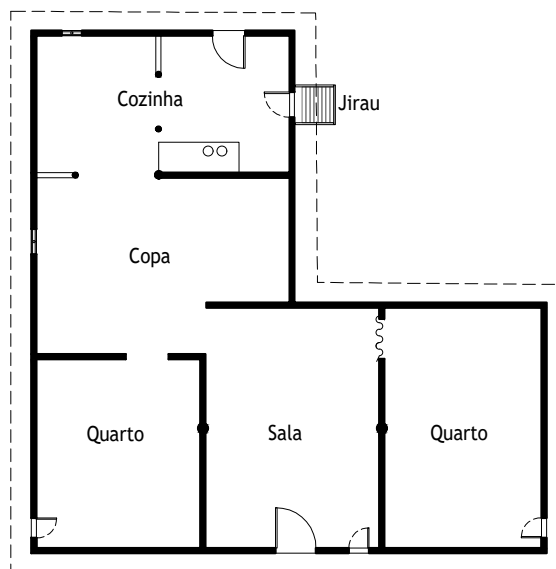
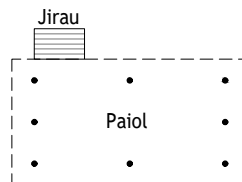
Assistência Social  
Bolsa Família

Composição Familiar



Atividade Produtiva  
Roça, Pesca e coco

Singularidade Construtiva  
Canto quebrado



Moradia em Barro Vermelho, município de Chapadinha, com uma área de 472,15 hectares, próximo ao rio Munim, reconhecido como comunidade remanescente de quilombo pela Fundação Cultural Palmares em 2010, onde mulher com dois filhos menores vive da agricultura, pesca e quebra de coco babaçu, o qual é comercializado em feiras das proximidades.

Disposta em terreno sem delimitação, a moradia está recuada da circulação principal, ao longo de ruas de terra, onde a vegetação cresce nas áreas sem uso. Os anexos se espalham aos fundos da casa: a casa de banho, fechada por palha de babaçu, o jirau de lavar roupa e outro de lavar louças acessível pela janela da cozinha, um canteiro elevado com temperos, o paiol para abrigo da produção e para quebra do coco babaçu, que funciona também como área de descanso dos moradores. Com energia elétrica para televisão, geladeira e iluminação interna, água recolhida do rio próximo, sem qualquer anexo como sanitário, os moradores ainda usam o entorno da casa, o mato, para suas necessidades fisiológicas. Como não existe coleta de lixo, os dejetos são queimados periodicamente.

Com 80m<sup>2</sup> de área coberta, construída há oito anos pelo ex-marido da proprietária, a moradia tem planta em L e conta com sala, dois quartos, copa, depósito e cozinha com fogão de barro. Elevada 10cm do nível do terreno natural, com piso de terra batida, paredes de taipa de mão, a maioria delas sem revestimento interno e externo, janelas em tábuas de madeira, as águas da cobertura de palha de pindova acompanham a quebra da planta baixa, com cumeeira contínua.





Mesorregião Leste  
Chapadinha  
Povoado:  
Lagoa Amarela



Rural

Ano: 1990  
Área: 52m<sup>2</sup>



Grupo Social  
Agregado



Regime de Produção  
Família



Material Predominante  
Taipa de Mão



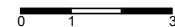
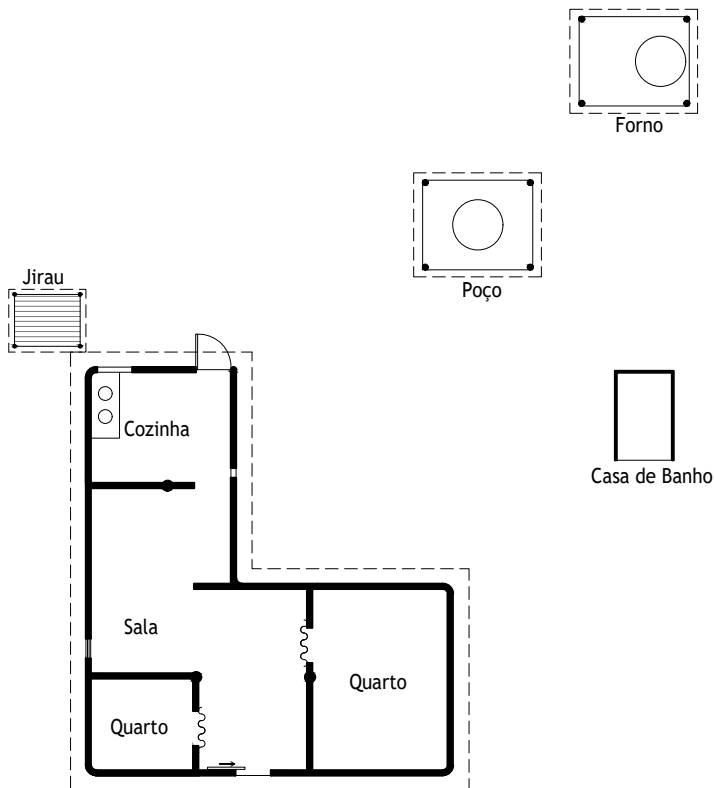
Assistência Social  
Aposentadoria  
Bolsa Família

Composição Familiar



Atividade Produtiva  
Roça, Farinha

Singularidade Construtiva  
Canto quebrado





Localizada em Lagoa Amarela, município de Chapadinha, próximo a campos de soja e eucalipto, na moradia vivem sete pessoas e o patriarca mora no local há mais de 50 anos em terras de duas famílias que comercializam e cedem áreas para fazerem casas de taipa de mão e roçados. Alguns moradores afirmam ter sido um quilombo com reconhecimento da Fundação Cultural Palmares, mas um dos proprietários do lugar contesta e no site da Fundação não consta processo concluído ou em andamento em nome do lugar.

Erguida em terreno cedido, sem delimitações físicas, em uma clareira sem vegetação, a moradia possui como anexos jirau de lavar louça coberto de palha, casa de banho, forno de barro e poço raso com roldana de madeira e cobertura de palha de pindova, de onde retiram água para consumo, conta com energia elétrica para televisão com antena parabólica, geladeira e aparelho de som.

Construída há pouco mais de 30 anos em taipa de mão revestida e caiada, “para encobrir a sujeira da taipa”, tem cobertura de palha em quatro águas que acompanham a planta em L. A moradia tem 52,03m<sup>2</sup> de área coberta com sala, dois quartos e copa-cozinha, piso de cimento queimado, janela da sala de varas e esquadrias em madeira. Feita pelo patriarca e seu filho, o material foi extraído nas proximidades, com armação e cobertura feitas em um dia de trabalho. Sem desnível em relação ao terreno natural, o acesso principal se dá através de saleta que leva ao quarto maior, à sala e copa-cozinha, com fogão de barro e porta em talo de palmeira dando acesso aos anexos. Com os cantos das paredes externas e os vãos das portas e janelas arredondados, a moradia tem volumetria diferenciada em relação às demais, a maioria sem revestimento externo e interno.





Mesorregião Leste  
Mirador  
Povoado: Baixão



Rural

Ano: Há muito tempo  
Área: 41m<sup>2</sup>



Grupo Social  
Posseiro



Regime de Produção  
Família



Material Predominante  
Taipa de Mão



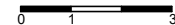
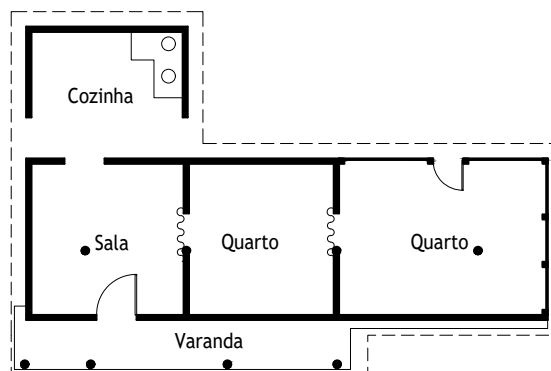
Assistência Social  
Aposentadoria,  
Bolsa Família

Composição Familiar



Atividade Produtiva  
Roça

Singularidade Construtiva  
Varanda e Cozinha no puxado



Povoado Baixão, município de Mirador, lugar onde sempre morou um casal de idosos, aposentados. Vivem com eles na moradia três dos nove filhos adultos que tiveram e que ainda moram nas proximidades. Apesar da idade, o casal continua fazendo roça de arroz, fava, milho e feijão.

Com acesso através de estrada carroçável, a 30 minutos da rodovia MA 270, ligação das sedes municipais de Colinas e Sucupira, em terreno sem delimitações, tem como único anexo a casa de banho de palha de pindova. Conta com energia elétrica para geladeira e televisão com antena parabólica nos fundos da casa. O abastecimento de água é feito através de poço artesiano do povoado. O mato é usado para as necessidades fisiológicas e o lixo é coletado e queimado periodicamente.

Com 41m<sup>2</sup> de área coberta, construída pelo próprio morador com ajuda ocasional dos filhos, utilizando material do próprio local - barro, forquilhas e palha de pindova -, a casa de taipa de mão sem revestimentos, com duas paredes do quarto maior ainda fechado com palhas, “faltando fazer a tapagem”, madeirame de madeira roliça e cobertura de palha trocada a cada três anos, tem duas águas e duas de suas forquilhas de apoio estão fincadas no centro da sala e em um dos quartos. Fachada frontal composta com uma pequena varanda aberta, a qual dá acesso à sala e aos dois quartos ligados entre si. Todo o piso da moradia, elevado do solo natural do terreno é de terra batida e a casa não possui nenhum vão de janela, apenas as duas portas externas e os vãos internos de acesso aos ambientes, sem qualquer vedação. A cozinha fica em um puxado com paredes em U e cobertura também de palha, independente do corpo principal da casa, com fogão e fogareiro de barro sobre base de barro em forma de L.




**Mesorregião Leste**  
 Mirador  
 Povoado:  
 Vaza Comprida

 Rural    Ano: 1990  
 Área: 91m<sup>2</sup>

 **Grupo Social**  
 Possheiro

 **Regime de Produção**  
 Empreitada

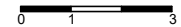
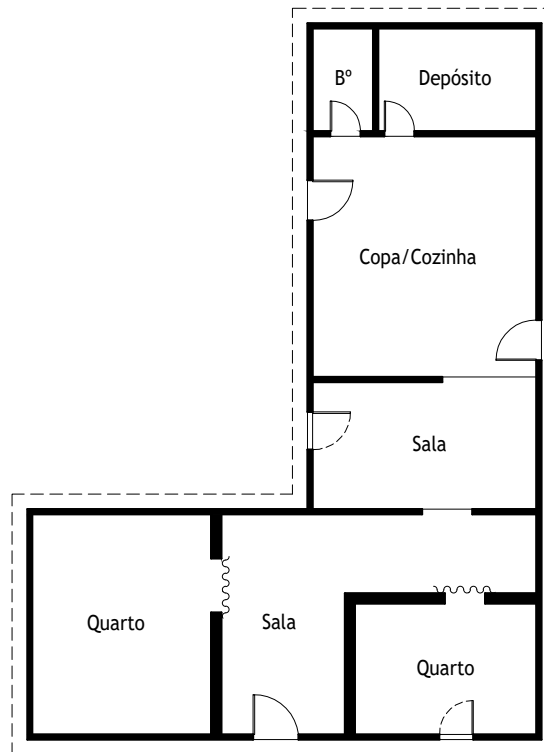
 **Material Predominante**  
 Taipa de Mão

 **Assistência Social**  
 Bolsa Família

**Composição Familiar**  


 **Atividade Produtiva**  
 Roça

**Singularidade Construtiva**  
 Canto quebrado





Moradia no povoado Vaza Comprida, município de Mirador, às margens da rodovia MA 270, que liga Colinas a Sucupira do Norte e passa pela sede de Mirador. Originalmente dos pais do atual morador, após a morte da mãe e para fazer companhia ao pai, o filho de meia idade, que morava nas proximidades, se mudou para a casa. Com o falecimento do pai, ele deixou a casa em que vivia para sua filha casada. “Para não deixar a casa se acabar”, ali vive com a esposa e uma filha, fazendo roça de arroz e feijão.

Em área cedida pelo proprietário das terras, delimitado por cercas, tem como anexo um rancho, com estrutura de madeira e cobertura de palha, sem vedação, que serve para armazenar ferramentas e equipamentos utilizados na roça. Contam com energia elétrica para iluminação, televisão, geladeira e tanquinho. Possuem abastecimento de água por rede geral, banheiro interno ligado à fossa séptica, sem coleta. Os resíduos sólidos são queimados periodicamente.

Com 91m<sup>2</sup> de área coberta, planta em L, corpo frontal com sala central e dois quartos de cada lado, a construção se estende perpendicularmente para os fundos do terreno, onde ficam sala, copa-cozinha e, na parte posterior, depósito e banheiro. Recentemente reformada pelo atual morador, a casa tem paredes externas em taipa de mão, com revestimento de barro e pintura de cal. A moradia foi executada através de contratação de mão de obra. Tem cobertura com madeirame roliço e palha de pindova, recentemente substituídas com o uso de 1.750 palhas, paredes internas em adobe, exceto o banheiro, em tijolo cerâmico. Todo o piso é de cimento queimado e as portas e janelas são de folhas de madeira. Sem cozinha de apoio, o fogão de barro fica na copa-cozinha, em L com a bancada, que possui pia e torneira, com três fiadas de revestimento cerâmico protegendo a parede de infiltrações.






**Mesorregião Centro**  
 Bacabal  
**Bairro:**  
 Parque Almiro Paiva


**Urbano**    **Ano:** Recente  
**Área:** 22m<sup>2</sup>


**Grupo Social**  
 Ocupante


**Regime de Produção**  
 Empreitada


**Material Predominante**  
 Taipa de Mão

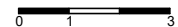
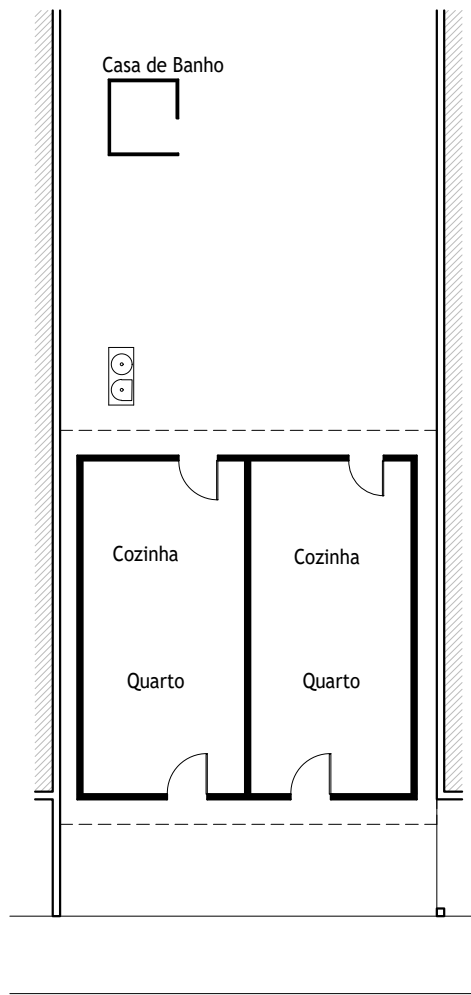

**Assistência Social**  
 Benefício de Prestação  
 Continuada

**Composição Familiar**  



**Atividade Produtiva**  
 Doméstica

**Singularidade Construtiva**  
 Duas moradias independentes



Moradia no Parque Almiro Paiva, ocupação consolidada instalada em área particular na região central da cidade de Bacabal, onde vive sozinha mulher separada, trabalha como doméstica, recebe auxílio doença, suas duas filhas maiores trabalham e vivem com suas famílias.

Com rua com pavimento, meio fio e calçada, em terreno comprado, a moradia está recuada do alinhamento e afastada 40cm das construções vizinhas, que também construíram o muro de tijolo que delimita os lotes. Separada por parede transversal, a construção está dividida em duas moradias, a outra ocupada por sobrinho da moradora. Tem como anexos jirau de lavar louça com bancada de granilite apoiada em paredes de tijolos cerâmicos sem reboco e, mais ao fundo do terreno, casa de banho e sentina tapada com tecidos. Com energia elétrica para televisão e geladeira, tem água da rede geral, fossa rudimentar e lixo coletado pela prefeitura.

Construída em taipa de mão por pedreiro contratado na diária, as casas geminadas têm fachadas de frente e fundos rebocadas com massa de cimento, cobertura de duas águas, madeirame roliço e beneficiado, telha cerâmica, cumeeira a 3,00m de altura e frechal das paredes com 2,24 m de altura. Com piso cimentado, sem revestimento interno, portas de entrada e nos fundos em madeira, nenhuma janela, a moradia tem 22m<sup>2</sup> de área coberta e está dividida internamente por um guarda-roupas que separa a sala e quarto da parte posterior, com copa-cozinha e fogão a gás.




**Mesorregião Centro**  
 Bacabal  
**Assentamento:**  
 Aldeia do Odino


**Rural**    **Ano: 2009**  
**Área: 58m<sup>2</sup>**


**Grupo Social**  
 Assentado


**Regime de Produção**  
 Mutirão


**Material Predominante**  
 Taipa de Mão

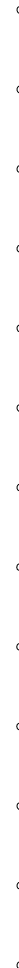
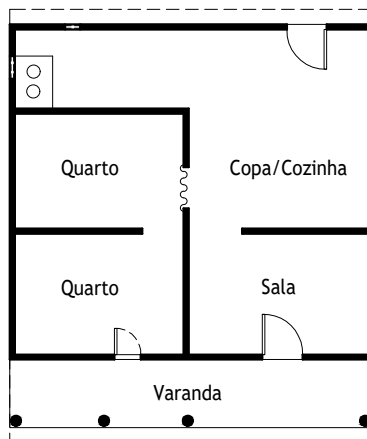

**Assistência Social**  
 Bolsa Família

**Composição Familiar**  



**Atividade Produtiva**  
 Roça, Coco, Serviços  
 em Fazenda

**Singularidade Construtiva**  
 Varanda



Moradia na Aldeia Odino, assentamento do INCRA no município de Bacabal, onde há 10 anos reside casal, três filhos, dois menores, todos na escola, trabalham na roça, recebem Bolsa Família e prestam serviços na diária para fazendeiro local. O povoado é referência em coco babaçu, principal fonte de renda das famílias, que vendem as amêndoas e usam a casca como carvão para os fogões de barro.

Com a propriedade regularizada, lote delimitado por cerca de arame, a moradia é abastecida duas vezes ao dia por poço artesiano do Serviço Autônomo de Água e Esgoto - SAAE, possui energia elétrica para televisão, geladeira, rádio e ventilador, fossa rudimentar para a sentina e o lixo é queimado periodicamente. Os anexos se localizam nos fundos do lote: casa de banho, fechada com talo de palmeira, jirau de varas para lavagem de louça e a antena parabólica da televisão.

Com 58m<sup>2</sup> de área, construída em taipa de mão sem revestimento através de mutirão dos amigos para a tapagem, a casa tem cobertura de duas águas em madeira roliça e palha de pindova, extraídos do entorno. Uma varanda ao longo da fachada principal com piso de terra batida, elevada 10cm do terreno, dá acesso ao interior da moradia, 15cm acima do piso externo. Com sala, dois quartos e copa-cozinha em L, a casa tem portas externas na sala e na cozinha e uma única janela em tábuas de madeira no quarto dos pais, que se comunica com o das filhas ao fundo, único com porta interna vedada com cortina de tecido estampado.





Rural

Ano: 2005  
Área: 81m<sup>2</sup>



Grupo Social  
Remanescente  
Quilombola



Regime de Produção  
Diária



Material Predominante  
Taipa de Mão



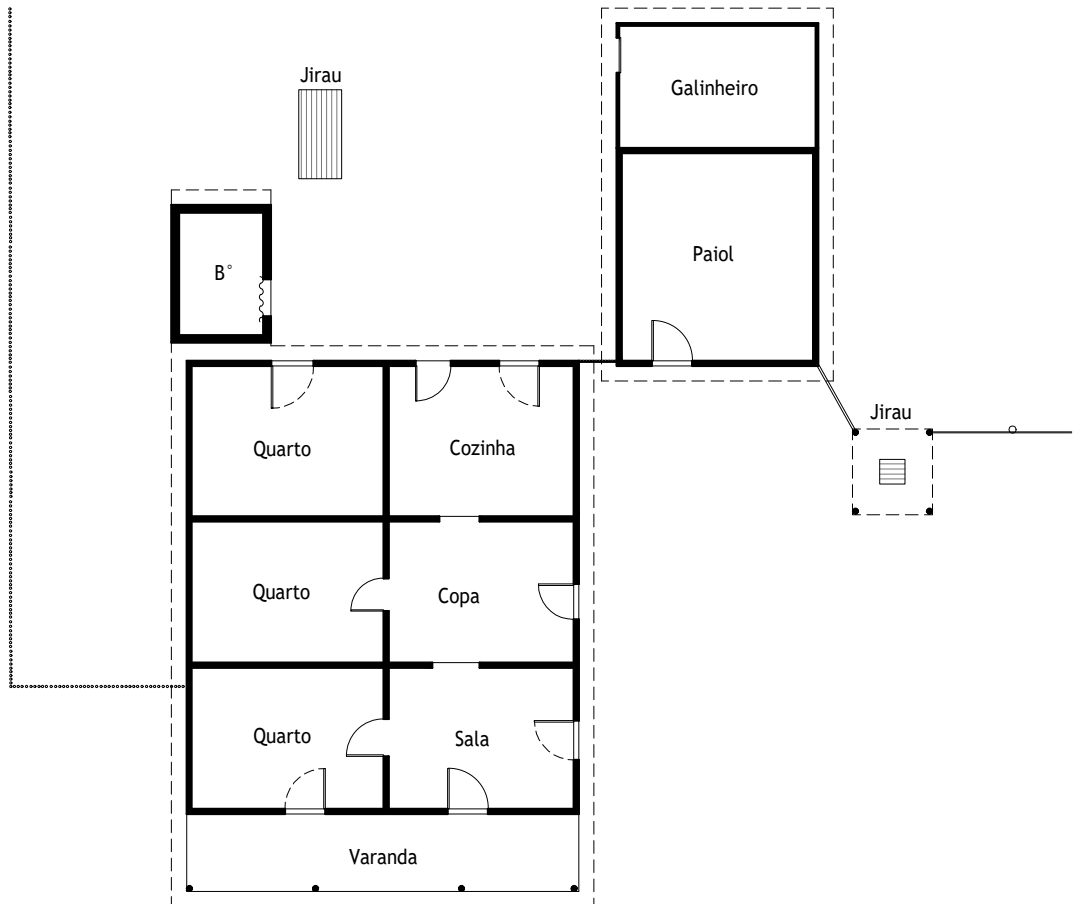
Assistência Social  
Aposentadoria

Composição Familiar



Atividade Produtiva  
Roça, Criação

Singularidade Construtiva  
Varanda





Moradia em Piratininga, município de Bacabal, comunidade remanescente de quilombola, onde vive casal de idosos, quatro filhos maiores e outros parentes moram na vizinhança aposentados, têm roça de feijão, milho e abóbora, criam porcos e galinhas que comercializam, se deslocam periodicamente para a sede do município utilizando moto própria, van de linha ou taxi. Reconhecida pela Fundação Cultural Palmares em 2005, originalmente com 4.200 hectares, devido a grilagem e ações de governos passados hoje está reduzido a 800 hectares, recentemente a comunidade recebeu 35 casas do Programa Minha Casa, Minha Vida Rural.

Com desnível natural no sentido dos fundos, o lote está cercado com talos de pindoba, tem paiol e galinheiro em uma só edificação e um jirau para lavar roupa na lateral fora dos limites do lote. Contam com energia elétrica para televisão com antena parabólica, geladeira e ventilador, água de poço artesiano do Serviço Autônomo de Água e Esgoto - SAAE, fossa séptica e lixo queimado periodicamente.

Com 81m<sup>2</sup> de área coberta, construída em 2005 com mão de obra na diária, barro e palha retirados do entorno, madeira e telhas compradas no município de Alto Alegre, portas e janelas em ripas de madeira, a casa tem piso cimentado com degraus que acompanham o desnível do terreno. Com varanda coberta de palha, sala, copa, cozinha, três quartos e puxado com banheiro completo em alvenaria de tijolo, a moradia tem piso cimentado e revestimento cerâmico, cobertura em duas águas com madeira roliça e telhas cerâmica.





Mesoregião Leste  
Esperantinópolis  
Povoado:  
Mão Cheinha



Rural

Ano: 1996  
Área: 106m<sup>2</sup>



Grupo Social  
Posseiro



Regime de Produção  
Família

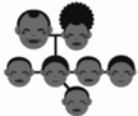


Material Predominante  
Taipa de Mão



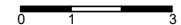
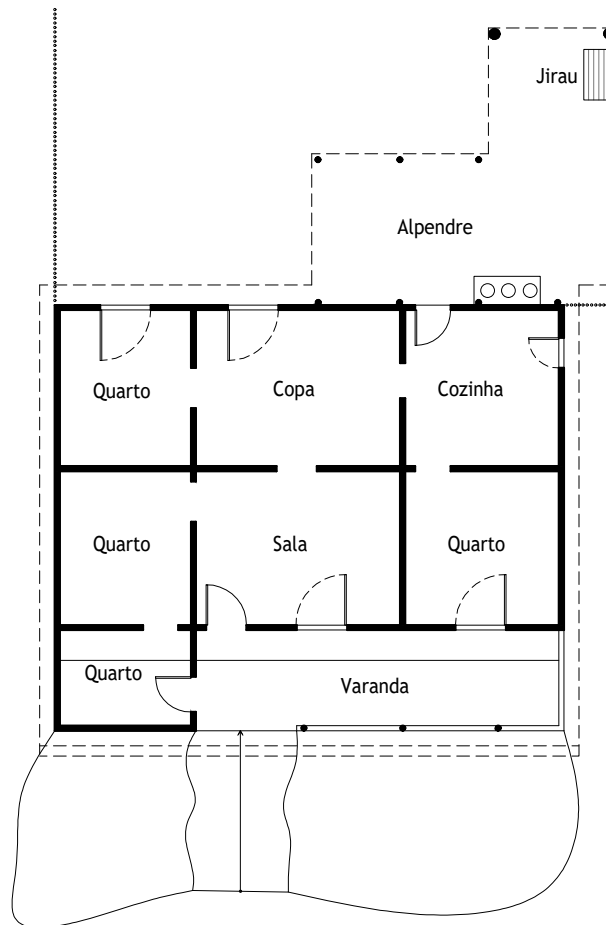
Assistência Social  
Aposentadoria

Composição Familiar



Atividade Produtiva  
Roça, Criação

Singularidade Construtiva  
Varanda com  
guarda-corpo de taipa



Moradia no povoado Mão Cheinha, município de Esperantinópolis, onde vive casal de idosos, agricultores aposentados com quatro filhos e neto, patriarca veio do Ceará na década de 1970; trabalham com roça, pesca e criação de animais.

Terreno de esquina com forte aclive no sentido dos fundos. O acesso à moradia se dá por rampa cimentada e a delimitação posterior do lote está feita por talos de palmeira e arame, que partem das laterais da edificação; um puxado de estrutura de madeira coberta com palha de pindova serve de apoio da cozinha para o fogão de barro e o jirau para lavagem de louça. Possui energia elétrica com irregularidade no serviço, abastecimento de água através de poço artesiano do povoado, com água salobra, sem instalações sanitárias e coleta de lixo. Os resíduos são queimados periodicamente.

Construída em 1996 pelo próprio morador, que retirou barro, madeira e palha da própria região, com 106m<sup>2</sup> de área coberta, em taipa de mão revestida e cobertura de estrutura de madeira roliça e telha cerâmica com calha de zinco no beiral da fachada principal, a casa tem varanda fechada por guarda-corpo de taipa de mão, com entrada lateral que dá acesso independente ao quarto da frente. Através de um degrau corrido com altura de 20cm, chega-se ao nível da sala, 30cm mais acima, e aos outros dois quartos, à copa, à cozinha e ao alpendre com jirau para lavar louças e panelas. Com piso cimentado e esquadrias de folhas de tábuas de madeira, os moradores coletam água da chuva para um recipiente de plástico, através de uma calha de zinco no beiral do telhado dos fundos, apoiada em forquilhas de madeira.





Mesorregião Centro  
Município:  
Esperantinópolis  
Povoado: Jiquiri



Rural

Ano: Há muito tempo  
Área: 176m<sup>2</sup>



Grupo Social  
Posseiro



Regime de Produção  
Família



Material Predominante  
Taipa de Mão



Assistência Social  
Aposentadoria

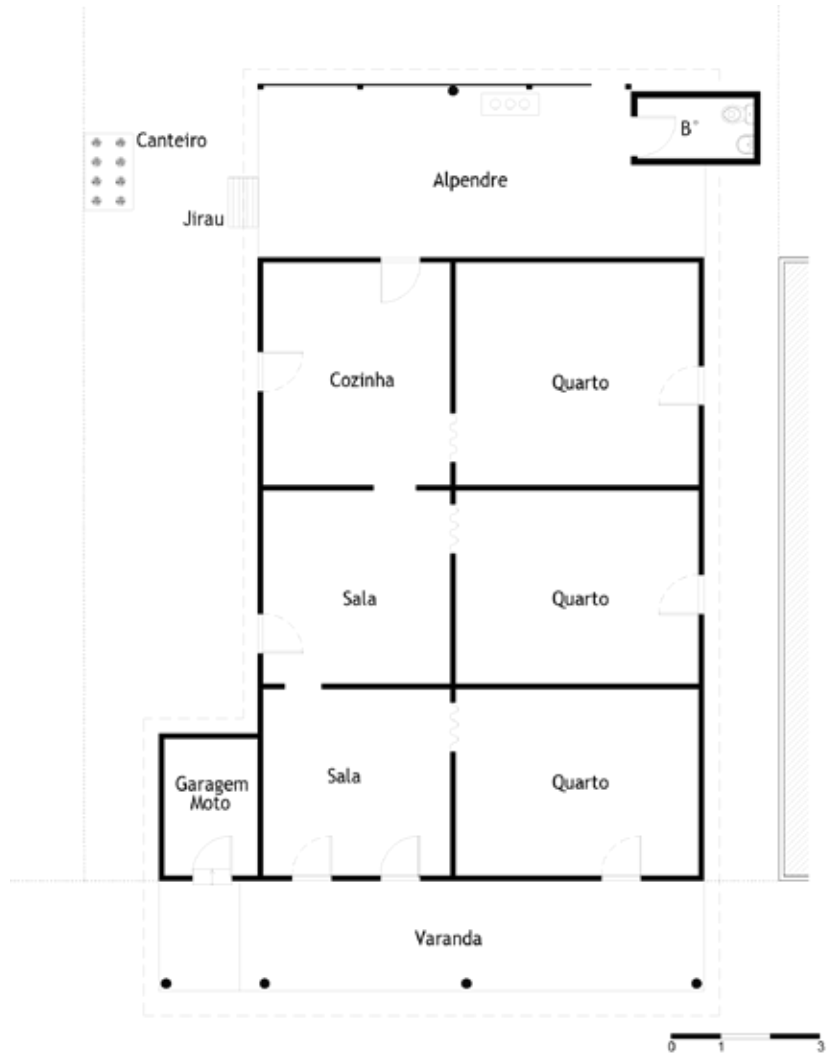
Composição Familiar



Atividade Produtiva  
Roça, Criação

Singularidade Construtiva

Varanda, caída,  
piso cimentado





Moradia no povoado Jiquiri, próximo da sede do município de Esperantinópolis, onde vive casal de idosos e neto que frequenta a escola fundamental. Os idosos são lavradores e extrativistas aposentados, ainda fazem roça e criam pequenos animais. Anteriormente também quebravam coco babaçu e um anúncio na fachada da casa informa que vendem geladim.

Com a construção ocupando toda a largura frontal do lote, delimitado nas laterais e fundos com cerca de varas, os anexos se localizam na parte posterior da moradia: poço raso de alvenaria rebocado, jirau de lavar roupa, uma antena parabólica e um canteiro elevado com temperos. Com energia elétrica para televisão e geladeira, a casa tem água encanada de poço artesiano, que abastece todo o povoado, banheiro nos fundos da casa, com fossa séptica construída através de programa da Fundação Nacional de Saúde - FUNASA. Não há coleta de lixo, que é queimado periodicamente.

Com 176m<sup>2</sup> de área, a moradia em taipa de mão e cobertura de quatro águas com madeira roliça e telhas artesanais, fachada principal e interior rebocados, foi construída pelo morador e alguns vizinhos em menos de uma semana, com materiais retirados do entorno. Somente as esquadrias externas de madeira foram compradas na “cidade”. Elevada 20cm do terreno natural, tem varanda corrida, duas salas, três quartos, cozinha, piso cimentado e vão internos fechados com cortinas de tecido colorido. Uma garagem fechada para moto foi construída posteriormente na lateral direita da fachada principal, assim como o banheiro em alvenaria de tijolo cerâmico rebocado e o alpendre no puxado dos fundos, protegido da chuva por uma parede de palha de pindova e que abriga o fogareiro de barro improvisado sobre um antigo fogão a gás.







Rural

Ano: 2005  
Área: 89m<sup>2</sup>



Grupo Social  
Povos originários



Regime de Produção  
Marido falecido



Material Predominante  
Taipa de Mão



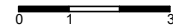
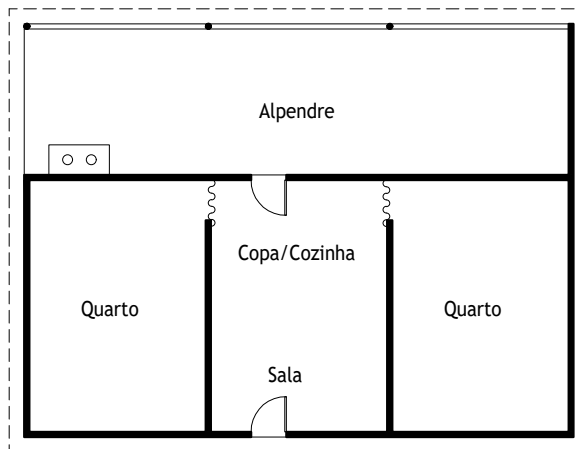
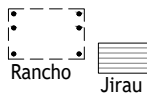
Assistência Social  
Pensão por viuvez

Composição Familiar



Atividade Produtiva  
Roça, Pedreiro

Singularidade Construtiva  
Alpendre



Moradia na Aldeia Guajajara Raydonio, Terra Indígena Cana Brava, município de Jenipapo dos Vieiras, às margens da MA-328 e próxima à BR-226, regularizada pela Fundação Nacional do Índio - FUNAI na modalidade “Tradicionalmente ocupada”, onde vive índia viúva com três filhos menores. O sustento é do trabalho na roça de mandioca, da pensão por viuvez e dos serviços de pedreiro do kariú com quem está casada.

Construída há cerca de 15 anos em terreno sem delimitações físicas, a moradia tem como anexos um jirau para lavagem de roupa e utensílios de cozinha e uma casa de banho fechada com madeira e lona, sem cobertura, todos localizados na parte posterior do terreno. Contam com energia elétrica para televisão com antena parabólica, fogão a gás e geladeira, água de poço artesiano, que serve toda aldeia, usam o mato para suas necessidades fisiológicas e, sem coleta de lixo, os dejetos são queimados periodicamente.

Com 89m<sup>2</sup> de área, construída em taipa de mão sem revestimento, cobertura em duas águas executada com madeira roliça e telhas cerâmicas, cumeeira com 4m de altura e frechal das paredes internas com 2,20m, piso em terra batida, duas portas externas e nenhuma janela, a casa conta com sala e copa-cozinha em um só ambiente na parte central, dois quartos nas laterais, com cortinas de tecido nos vãos de entrada e, em toda extensão dos fundos da moradia, um alpendre com fogão de barro funciona como área de cozinha e refeições, além de espaço de descanso e abrigo da motocicleta, tendo recebido recentemente uma parede de taipa de mão na lateral esquerda para proteção contra entrada de chuva trazida pelo vento.





Mesorregião Centro  
São Mateus  
Assentamento:  
Cajueiro



Rural

Ano: 2010  
Área: 62m<sup>2</sup>



Grupo Social  
Assentado



Regime de Produção  
Empreitada



Material Predominante  
Taipa de Mão



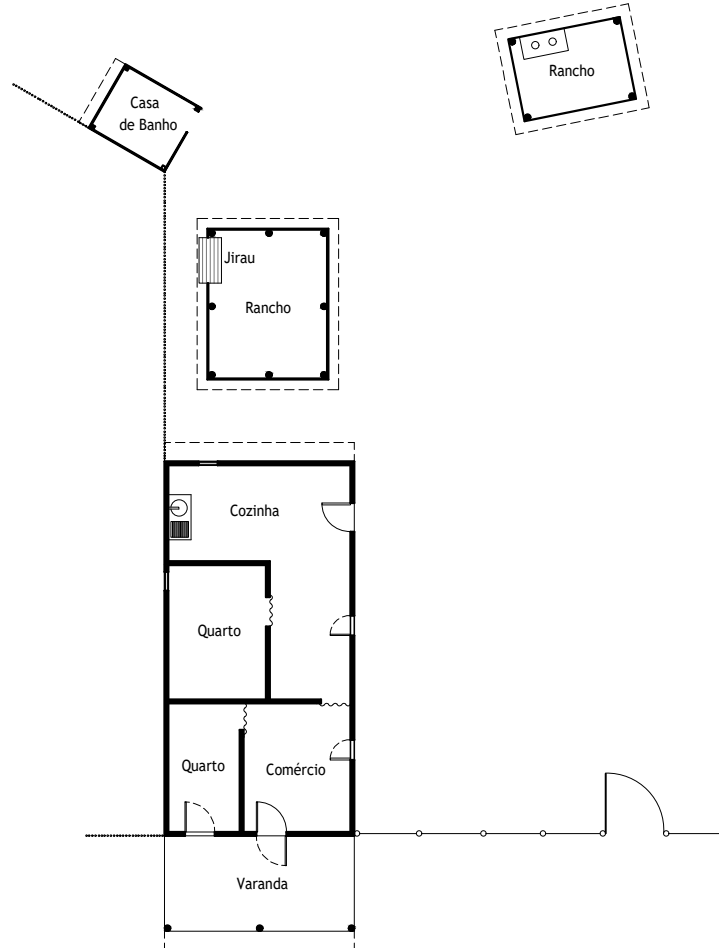
Assistência Social  
Bolsa Família

Composição Familiar



Atividade Produtiva  
Roça,  
Comércio, montador  
linha de transmissão

Singularidade Construtiva  
Varanda e mercearia



Moradia no município de São Mateus, povoado Cajueiro, assentamento do INCRA, onde reside casal na faixa dos 30 anos, amigados há 11 anos, escolarizados, com dois filhos que frequentam a escola e recebem o benefício do Bolsa Família. Além do trabalho do marido como montador de linha de transmissão, vivem da quebra do coco babaçu, pesca com gongo do coco, criação de galinhas e capotes, produção e venda da farinha de mandioca e da roça - duas linhas de feijão, mandioca e milho - para consumo próprio e venda no comércio, aberto no final de 2018 e instalado na antiga sala da moradia.

Situada em lote delimitado por cerca de ripas de madeira e arame farpado, tem como anexos área coberta com fogão de barro e mesa de refeições, paiol para quebra de coco babaçu, ambos com estrutura de madeira e cobertura de palha de pindova, e casa de banho. Contam com energia elétrica para geladeira e freezer, abastecimento de água através de poço artesiano, construído pela prefeitura e mantido através de cota dos moradores. Não possuem qualquer instalação sanitária e o lixo é queimado no próprio terreno. Para beneficiar a mandioca, usam a casa de farinha de parentes com o pagamento de 10kg de farinha por cada 50 kg produzidos.

Com 62m<sup>2</sup> de área, a moradia em taipa de mão revestida interna e externamente, tem fundação de pedra, foi construída há nove anos, em regime de empreitada (R\$ 300,00). Em três dias de mutirão familiar, as forquilhas e o barro foram trazidos do povoado Carrasco, a 8km de distância, telhas e madeiramento da cobertura compradas na sede, no valor de R\$ 2.000,00 reais. Com varanda, dois quartos, cozinha e sala, atualmente onde funciona o comércio, a construção anterior, antiga e também de taipa de mão, foi desmontada para dar lugar à nova, que mistura piso cimentado e de terra batida, tem esquadrias de madeira e cobertura de duas águas de telha cerâmica.





Mesorregião Oeste  
Bom Jardim  
Terra Indígena:  
Aldeia Januária



Rural

Ano: Há muito tempo

Área: 72m<sup>2</sup>



Grupo Social

Povos originários



Regime de Produção

Mutirão



Material Predominante

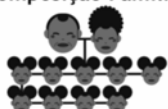
Taipa de Mão



Assistência Social

Bolsa Família

Composição Familiar

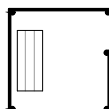
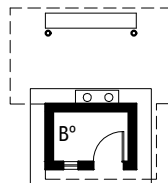


Atividade Produtiva

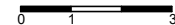
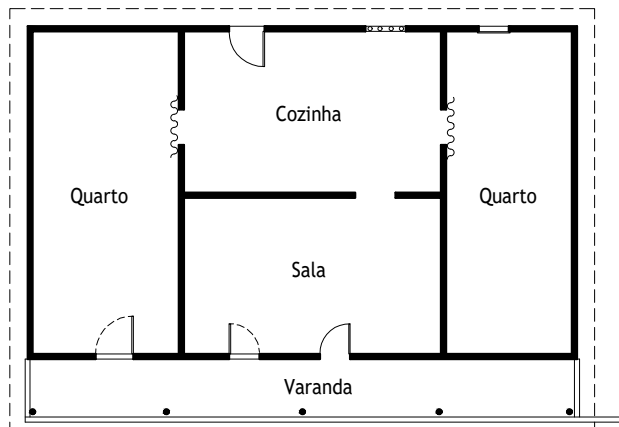
Roça, Professora

Educação Indígena

Singularidade Construtiva  
Varanda e banheiro da Funasa



Casa de Banho





Moradia na Aldeia Januária, mais populosa da Terra Indígena Rio Pindaré da etnia Guajajara, com de 15 mil hectares de terras nos municípios de Bom Jardim e Monção, regularizada pela Fundação Nacional do Índio - FUNAI na modalidade “terras tradicionalmente ocupadas”, onde vive casal indígena e nove filhos, fazem roça de mandioca e arroz, a esposa é professora de educação indígena da Secretaria de Estado da Educação, ministrando aulas na escola da própria Aldeia.

Implantada no centro de lote com cerca de varas de madeira e arame, a moradia está elevada 10cm do nível do terreno, tem como anexos casa de banho de palha sem cobertura, instalada sob a sombra de árvores, banheiro e lavanderia em alvenaria revestida e cobertura de telha cerâmica, conta com energia elétrica para televisão e ventilador, água do sistema de abastecimento da própria aldeia, lixo queimado no próprio terreno.

Em terreno cedido pelo irmão da moradora, com ajuda de amigos e material extraído do lugar, o marido riscou e construiu a casa com sala, quarto e cozinha. Com área coberta de 72m<sup>2</sup> e inicialmente apenas com paredes de roda de palha, aos poucos foram tapando com barro retirado do fundo do terreno, atualmente a moradia é toda executada em taipa de mão sem revestimento, cobertura de palha de pindova e madeira roliça, piso de terra batida, esquadrias de madeira. Acrescida de um quarto e varanda, tijolos e telhas cerâmicos estocados indicam a intenção dos moradores em substituir as paredes e a cobertura da moradia.




**Mesorregião Oeste**  
 Bom Jardim  
 Terra Indígena:  
 Aldeia Areinha


**Rural**  
 Ano: Há muito tempo  
 Área: 97m<sup>2</sup>


**Grupo Social**  
 Povos originários


**Regime de Produção**  
 Família


**Material Predominante**  
 Taipa de Mão

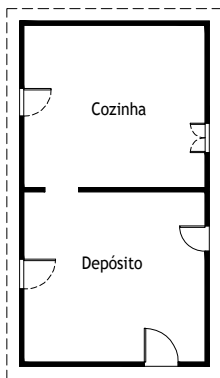
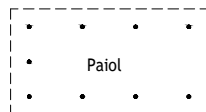

**Assistência Social**  
 Aposentadoria

**Composição Familiar**  

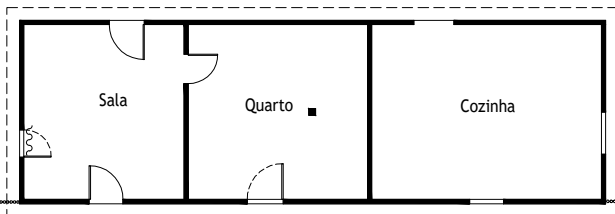


**Atividade Produtiva**  
 Roça

**Singularidade Construtiva**  
 Duas edificações em «L»



Pátio



Moradia na Aldeia Areinha, existente há mais de 50 anos, com sete famílias da etnia Guajajara, Terra Indígena Rio Pindaré, com pouco mais de 15 mil hectares de terras nos municípios de Bom Jardim e Monção, regularizada pela Fundação Nacional do Índio - FUNAI na modalidade “terras tradicionalmente ocupadas”, onde vive casal indígena e um filho adulto, mais três de criação. Ele cacique da aldeia, faz roça, paga hora de trator por serviços de capina e, tendo em vista a invasão de gado de fazendeiros da região, já abateu a tiros uma rês.

Lote na entrada da aldeia, em frente à via de circulação, delimitado por cerca de talos nas laterais da moradia, tem alpendre de esteios de madeira e cobertura de palha de pindova a 50m da casa para veículo que presta serviços aos moradores e fica sob responsabilidade do cacique. Nos fundos da casa, jirau para lavagem de roupa e casa de banho de pindova descoberto. Não há instalações sanitárias, os moradores utilizam o mato para necessidades fisiológicas. Energia elétrica sem conta, por acerto da concessionária com a FUNAI, água puxada da Aldeia Areão, chega até a roça do cacique, distante 300m da moradia.

Com 97m<sup>2</sup> de área coberta, a moradia é composta por duas edificações perpendiculares e afastadas 1,5m entre si. Em taipa de mão, parcialmente revestida e pintada, cobertura de palha de pindova sobre madeira roliça, esteios de sacopembinho, sabiá e unha de gato, amarradas com cipó de escada, a casa tem piso cimentado, esquadrias externas e o quarto em tábuas de madeira e internas em vãos abertos. A construção maior, voltada para o espaço comum da aldeia, tem cobertura de três águas, sala e quarto interligados e cozinha acessível pelo exterior; a edificação menor tem cobertura em duas águas, depósito com acesso em frente à porta da sala e uma segunda cozinha com porta para o pátio, utilizado como local de refeições e conversas.




**Mesorregião Oeste**  
 Bom Jardim  
 Terra Indígena:  
 Aldeia Tabocal

 Rural    Ano: 2011  
 Área: 81m<sup>2</sup>

 **Grupo Social**  
 Povos originários

 **Regime de Produção**  
 Mutirão

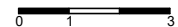
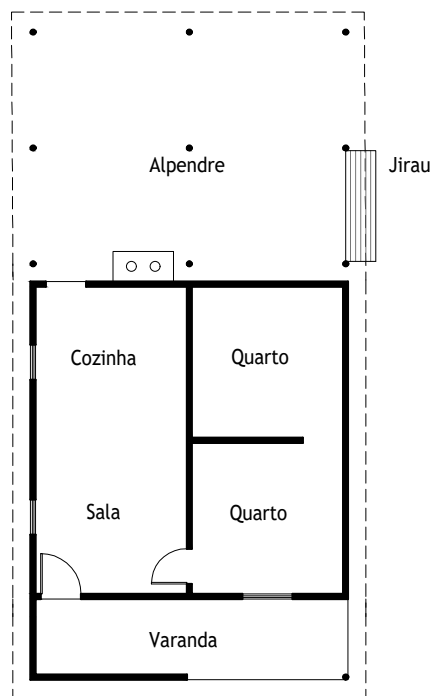
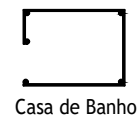
 **Material Predominante**  
 Taipa de Mão

 **Assistência Social**  
 Bolsa Família

**Composição Familiar**  


 **Atividade Produtiva**  
 Roça, Pesca

**Singularidade Construtiva**  
 Varanda na lateral da fachada





Moradia na Aldeia Tabocal, com 45 famílias da etnia Guajajara, Terra Indígena Rio Pindaré, com pouco mais de 15 mil hectares de terras nos municípios de Bom Jardim e Monção, regularizada pela Fundação Nacional do Índio - FUNAI na modalidade “terras tradicionalmente ocupadas”, onde vive casal jovem, ela indígena, ele kariú, alfabetizados com ensino fundamental. São casados há 10 anos, 5 filhos, todos menores, trabalham de roça de mandioca, feijão e macaxeira, vendem o que pescam de canoa no Rio Pindaré e no Lago Bolívia, possuem carroça e jumento para transporte dos produtos.

Erguida no limite frontal, a moradia está centralizada no lote, com delimitação do lado direito em talos de pindova, uma casa de banho fechada com lona. O único anexo nos fundos da moradia é a casa de banho, fechada por lonas, e um jirau. Com energia elétrica para televisão, geladeira, tanquinho e ventilador, a casa tem abastecimento de água, não há instalações sanitárias e o lixo é lançado nos fundos do terreno para queima periódica.

Construída há oito anos e executada em 45 dias, elevada 20cm do nível natural do lote, com taipa de mão sem revestimento, cobertura de duas águas em madeira roliça e palha de pindova, piso de terra batida, duas folhas de portas e nenhuma janela, a casa tem 81m<sup>2</sup> de área coberta com sala, dois quartos, cozinha e alpendre, onde ficam o jirau, o tanquinho e o fogão de barro, feito sobre a carcaça de um antigo fogão a gás. Posteriormente, um ambiente de acesso à casa e uma varanda foram anexados à fachada, com cobertura de palha de uma água que deixa a empena de palha da primeira cobertura à mostra.






**Mesorregião Oeste**  
 Bom Jardim  
 Terra Indígena:  
 Aldeia Areião


**Rural**  
 Ano: Há muito tempo  
 Área: 152m<sup>2</sup>


**Grupo Social**  
 Povos originários


**Regime de Produção**  
 Mutirão


**Material Predominante**  
 Taipa de Mão

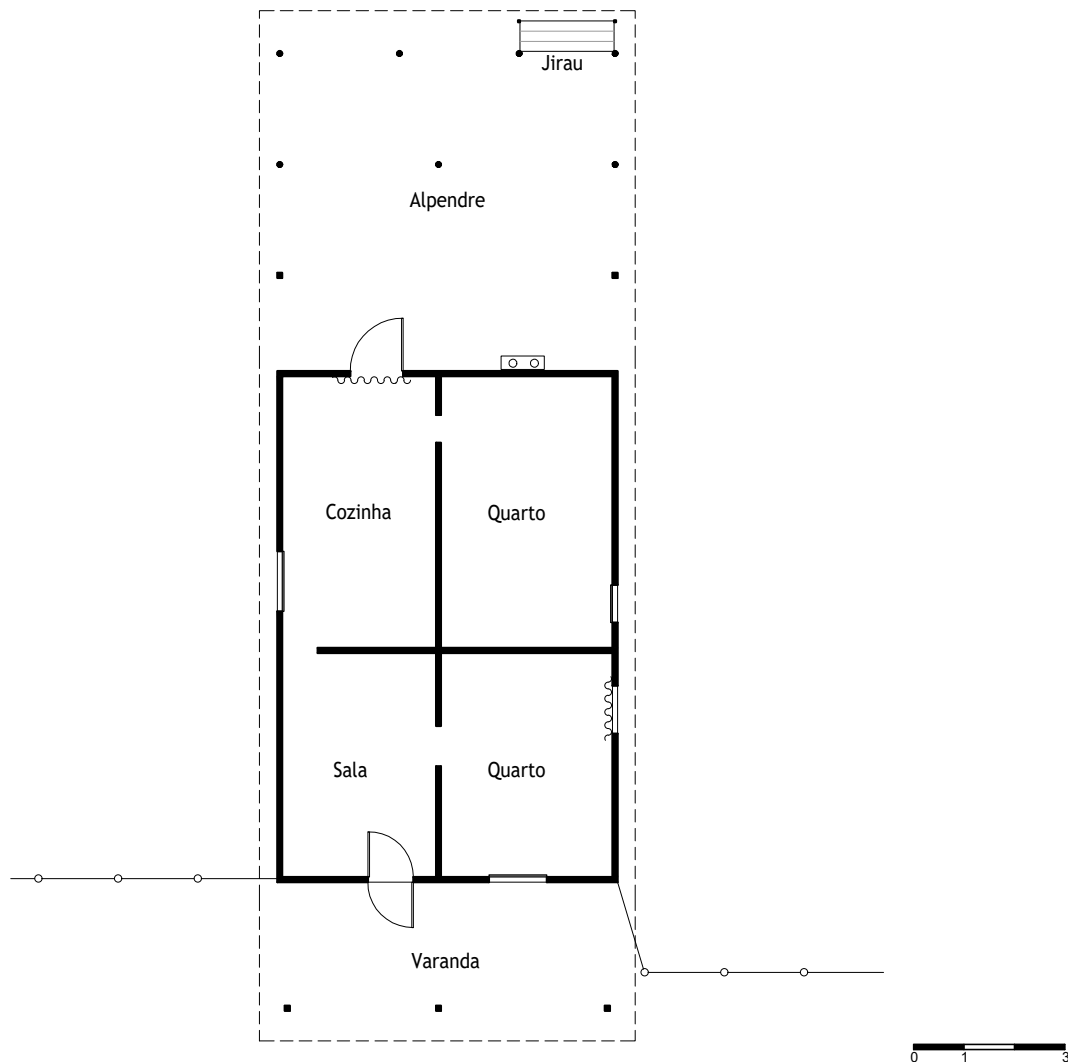

**Assistência Social**  
 Bolsa Família

**Composição Familiar**  



**Atividade Produtiva**  
 Roça, Professora  
 de Educação indígena

**Singularidade Construtiva**  
 Varanda e Alpendre



Moradia na Aldeia Areão, com 36 famílias da etnia Guajajara, Terra Indígena Rio Pindaré, com pouco mais de 15 mil hectares de terras nos municípios de Bom Jardim e Monção, regularizada pela Fundação Nacional do Índio - FUNAI na modalidade “terras tradicionalmente ocupadas”, onde vive casal indígena e seis filhos. Ela professora de educação indígena, contratada por processo simplificado da Secretaria de Estado da Educação, recebe um pouco mais de 1 salário mínimo e ministra aulas na escola da Aldeia Januária.

Erguida em centro de terreno, sem qualquer delimitação de lote e sem anexos, a moradia conta com energia elétrica para televisão, DVD, geladeira e tanquinho, água de poço artesiano, um banheiro construído pela FUNASA, em alvenaria de tijolos e telhas cerâmicas, ao lado da moradia, é utilizado pela família. O casal possui moto para transporte e a varanda é utilizada como garagem.

Com 152m<sup>2</sup> de área coberta, piso de terra batida elevado 20cm do terreno natural para proteção contra água de chuva, quase todos os materiais foram retirados da mata. A casa está construída em taipa de mão, parcialmente revestida e pintada, cobertura de palha de pindova e madeira roliça, apenas a entrada da sala tem porta de madeira. Os vãos externos são vedados com meaçaba e lonas e os internos com cortinas de tecido. Inicialmente, a moradia contava com sala, dois quartos, cozinha - abrigados sob a alta cobertura de duas águas, com empenas de taipa de mão - e, posteriormente, foi ampliada com a varanda, que tem cobertura de três águas e alpendre de grandes dimensões, onde fica o jirau, cujo telhado, de duas águas, segue um pouco mais baixo que a cobertura dos ambientes internos.





Mesorregião Oeste  
Zé Doca  
Povoado:  
Núcleo de  
Colonização G1



Rural

Ano: 2015  
Área: 63m<sup>2</sup>



Grupo Social  
Posseiro



Regime de Produção  
Família



Material Predominante  
Taipa de Mão



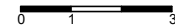
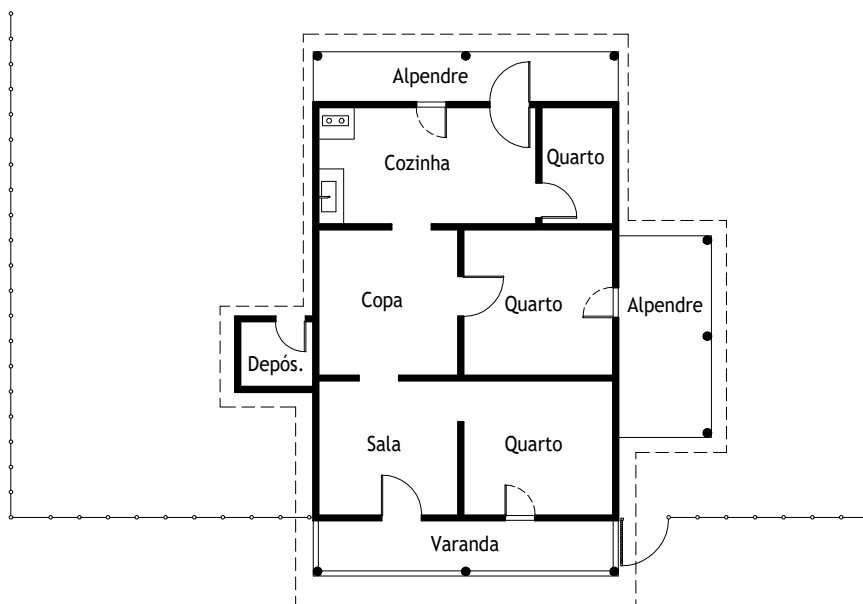
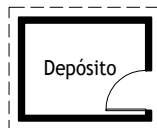
Assistência Social  
Bolsa Família

Composição Familiar



Atividade Produtiva  
Roça, Pesca

Singularidade Construtiva  
Ocupação área comum do  
Núcleo de colonização

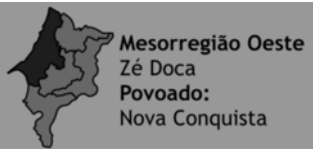


Moradia no Núcleo G1, povoado projetado e construído como parte da colonização planejada do município de Zé Doca, onde há 20 anos vive casal e dois filhos menores, trabalhando de roçado e pesca para o próprio consumo.

Localizada na beira da estrada vicinal, a moradia é posterior à povoação do lugar, instalando-se em área originalmente projetada para constituir espaço central e livre do núcleo. O terreno está delimitado por cerca de arame que parte das laterais da moradia, deixando a varanda aberta, tendo nos fundos jirau para lavagem de roupa, depósito e sentina em taipa de mão e cobertura de fibrocimento. Com energia elétrica para televisão e geladeira, abastecimento de água através de poço artesiano do povoado, os moradores contam com fossa rudimentar e os resíduos sólidos são queimados.

Com 63m<sup>2</sup> de área, construída pelos moradores há quatro anos, com fundação de pedra, em taipa de mão revestida e pintada, cobertura em telhas de fibrocimento em madeira roliça e aparelhada, a moradia possui varanda, sala, dois quartos, copa, cozinha ampliada por alpendre, com fogão a gás e de barro. Dois puxados laterais, um aberto com estrutura de madeira roliça, coberto de palhas de pindova, e outro fechado com taipa de mão sem revestimento e coberto por telhas de barro, servem respectivamente para guarda da bicicleta e para depósito. Executada no nível natural do terreno, toda a madeira foi extraída da região e o barro tirado no próprio assentamento. O piso interno é cimentado e as esquadrias em tábuas de madeira.





Rural

Ano: 2001  
Área: 132m<sup>2</sup>



Grupo Social  
Ocupante



Regime de Produção  
Contratado



Material Predominante  
Taipa de Mão



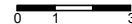
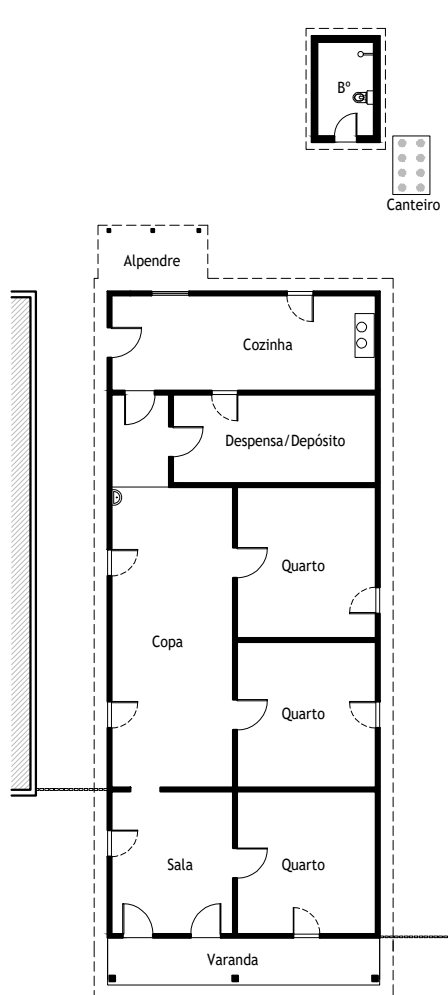
Assistência Social  
Aposentadoria

#### Composição Familiar



Atividade Produtiva  
Hospedaria, Restaurante

Singularidade Construtiva  
Taipa de mão com ripas  
de madeira serrada





Moradia em Nova Conquista, Zé Doca, que, juntamente com Ebenézia e Quadro, compõem a relação de povoados do município com projeto de emancipação na Assembleia Legislativa do Maranhão, onde casal de meia idade morava e tinha na localidade restaurante e pensão. A antiga moradia foi substituída por construção ao lado, em alvenaria de tijolos cerâmicos, para continuidade das mesmas atividades.

Implantada na testada do lote, delimitada por cerca de madeira, a moradia - atualmente utilizada como apoio da nova construção - está dividida com os fundos do terreno, tendo como anexos uma caixa d'água de polietileno, elevada sobre pilares de madeira e apoiada em tabuado, casa de banho e sanitário em alvenaria parcialmente rebocada e revestimento interno em cerâmica. Várias hortas elevadas e fechadas com telas e um misto de depósito e redário - área de descanso dos clientes -, com estrutura de madeira e cobertura de telhas cerâmicas. Com energia elétrica para bomba de água do poço artesiano, televisão e freezer, a casa tem acesso a água para consumo, sem rede de esgoto, os moradores utilizam fossa séptica e, sem coleta de lixo, os dejetos são queimados no próprio terreno.

Com 132m<sup>2</sup> de área, construída há 18 anos, a casa de taipa de mão tem fachada principal e o interior revestido e pintado, laterais e fundos sem revestimento, utiliza madeira roliça e ripas de madeira como armação para tapagem, cobertura em quatro águas, com madeiramento aparelhado e telhas cerâmicas. Piso cimentado, portas e janelas de folhas de abrir em madeira, tem varanda aberta para a rua, sala e copa, por onde se chega aos três quartos, depósito e, em um puxado de uma água, funciona a cozinha - com bancada de granilite apoiada em mureta de tijolos cerâmicos e fogão de barro alimentado a carvão vegetal - e um alpendre em estrutura de madeira e telha cerâmica, com piso de terra batida.





Mesorregião Oeste  
Pindaré Mirim  
Povoado: Maracá



Rural

Ano: 2004  
Área: 98m<sup>2</sup>



Grupo Social  
Remanescente  
Quilombola  
(sem reconhecimento  
da F.C.Palmares)



Regime de Produção  
Mutirão



Material Predominante  
Taipa de Mão



Assistência Social  
Aposentadoria

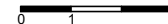
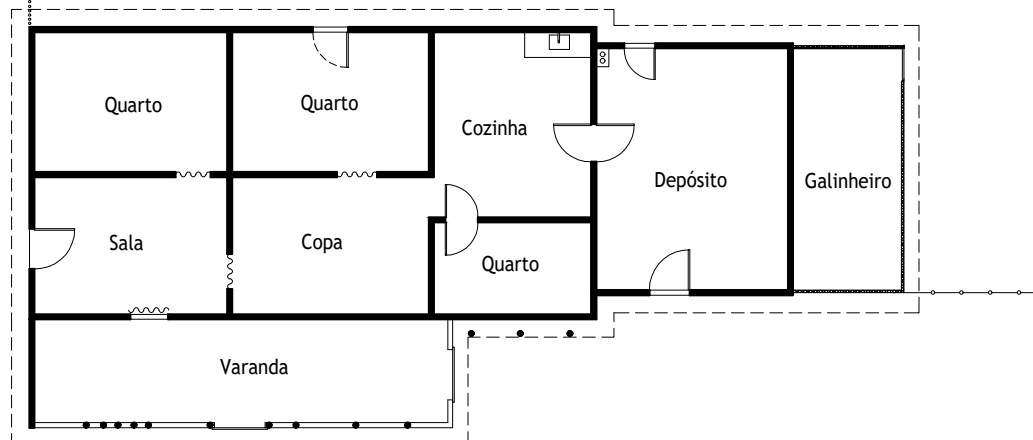
Composição Familiar



Atividade Produtiva  
Roça, Criação, Pesca

Singularidade Construtiva  
Planta estendida e  
varanda com guarda-corpo

Arquiteto: [unreadable]



Moradia na comunidade Maracá, na beira do lago de mesmo nome, nas proximidades do Bairro Santos Dumont, área de expansão urbana de Pindaré-Mirim, em conflito com fazendas de pecuaristas nas vizinhanças, onde vive casal de idosos aposentados, juntos há 30 anos, pescam e criam porcos, galinhas e bodes.

Localizada nas proximidades do lago que dá nome à comunidade, em terreno delimitado por cerca de madeira e arame nas laterais da moradia, o acesso principal é feito pela porta da casa, que dá para a via central da comunidade, em frente à Tenda São Jorge, espaço de culto dos moradores. Como anexos, galinheiro vedado com talos de pindova e cobertura de palha, colado na lateral esquerda da moradia, casa de banho tapada com palha e vão fechado com saco de aniagem e canteiros suspensos. Contam com energia elétrica para televisão e geladeira, água encanada que chega na bancada de granilite da cozinha. Sem instalações sanitárias, usam o mato para as necessidades fisiológicas e, sem coleta de lixo, os dejetos são queimados periodicamente.

Com 98m<sup>2</sup> de área coberta, a moradia tem sala, três quartos, copa-cozinha, varanda e depósito, foi construída há mais de 15 anos pelos próprios moradores, que compraram e transportaram esteios de canoa pelo rio, palha e talo de babaçu retirados do campo, cobertura em madeira de pau d'arco com palha de pindova e telhas cerâmicas. Levantada e coberta em uma semana, tapada em três dias, através de mutirão comunitário, a casa em taipa de mão revestida tem reboco interno de cimento, piso cimentado e terra batida, esquadrias externas em folhas de tábuas de madeira, cortinas internas de tecidos.




**Mesorregião Sul**  
 Loreto  
 Povoado: MA 374


**Rural**

**Ano:** Há muito tempo  
**Área:** 26m<sup>2</sup>


**Grupo Social**  
 Posseiro


**Regime de Produção**  
 Família


**Material Predominante**  
 Taipa de Mão

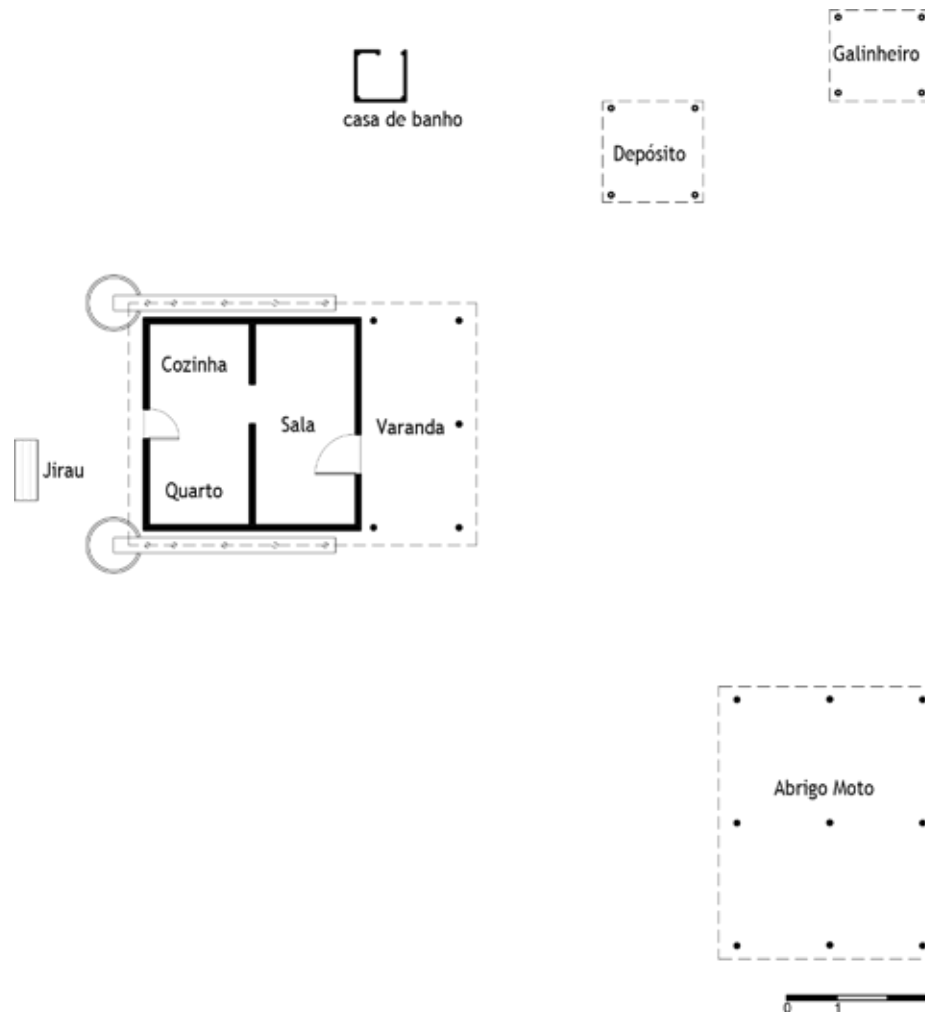

**Assistência Social**  
 Aposentadoria

**Composição Familiar**




**Atividade Produtiva**  
 Roça

**Singularidade Construtiva**  
 Moradia de apoio  
 para roçado do marido





Moradia na área rural de Loreto, próximo à sede municipal, onde agricultor casado, aposentado, residente no bairro São João, no centro da cidade, passa ali os dias produzindo roça de milho e feijão, cria galinhas e porcos, mas volta para pernoitar na sede do município.

Localizado sobre a rodovia MA-374, o terreno plano foi herança do sogro do morador; está delimitado por cerca de arame e tem como anexos abrigo para moto, depósito e galinheiro em estrutura de madeira e cobertura de palha. O galinheiro com tela metálica e, por trás da moradia, um jirau para lavar louça e a casa de banho são fechados por sacos de aniagem sem cobertura. O local conta com energia elétrica para televisão e geladeira, sem abastecimento de água para consumo humano. A água é comprada e captada da chuva através de calhas de zinco. Os resíduos são colocados na beira da rodovia e coletados pelo serviço municipal, uma sentina com fossa rudimentar atende ao morador.

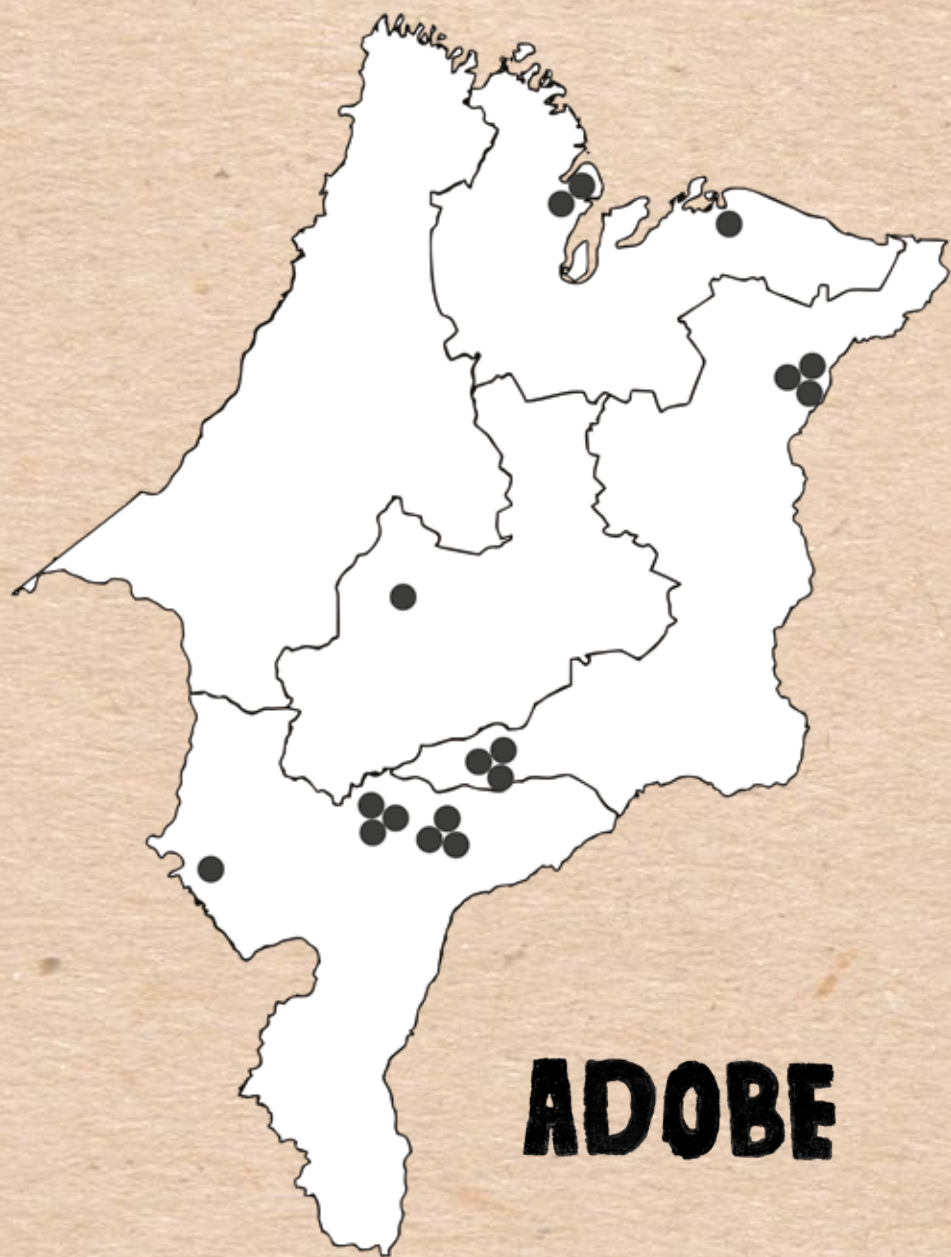
Com 26m<sup>2</sup> de área coberta, servindo de apoio ao morador, que passa o dia trabalhando na roça, a casa foi construída no nível do solo, com materiais retirados do próprio terreno, de taipa de mão revestida interna e externamente, pintura de cal nas fachadas, cobertura de palha de pindova, piso de terra batida. Com apenas dois cômodos, o primeiro funciona como sala e o outro como quarto e cozinha, tem fogão a gás e prateleiras para panelas. Uma varanda de grandes dimensões acompanha as duas águas do telhado e, nas laterais da residência, na projeção do beiral do telhado, calhas de chapa de zinco apoiadas em peças de madeira funcionam como coletoras da água da chuva para dois reservatórios de polietileno.













Mesorregião Norte  
Alcantara  
Território  
Quilombola:  
Canelatiua



Rural Ano: 2004  
Área: 130m<sup>2</sup>



Grupo Social  
Remanescente  
Quilombola



Regime de Produção  
Contratação



Material Predominante  
Adobe



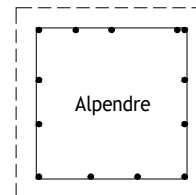
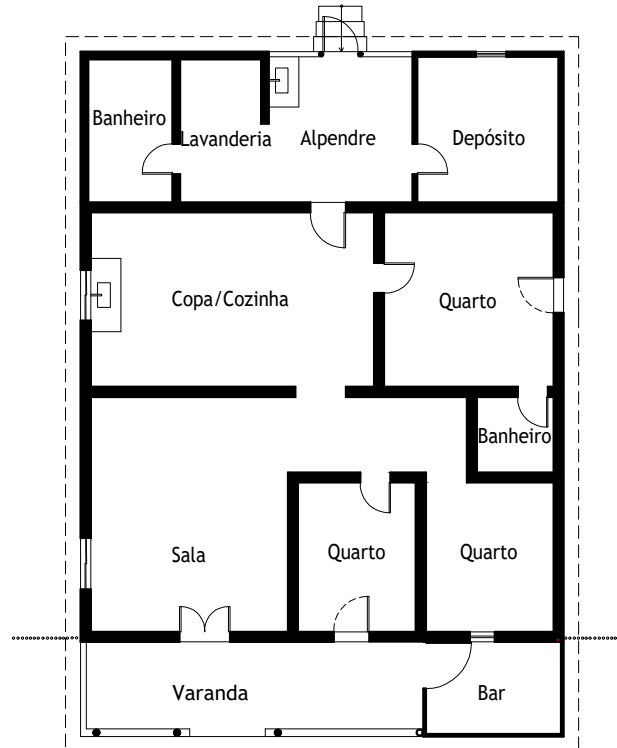
Assistência Social  
Aposentadoria

Composição Familiar



Atividade Produtiva  
Roça, Bar

Singularidade Construtiva  
Varanda, bar e rancho com  
radiola de reggae





Morada e comércio em Canelatiua, Alcântara, comunidade remanescente de quilombos com certidão expedida pela Fundação Cultural Palmares desde 2004, onde vive casal de meia idade e uma neta, há 15 anos no lugar, trabalhando com roça de mandioca e de milho. Tem bar instalado ao lado da varanda, com rancho aberto, coberto de palha, em frente à moradia, onde instalam as mesas e cadeiras e onde fica a grande radiola de reggae.

A propriedade é herança da família do marido. O terreno tem cerca nas laterais e nos fundos, onde palmeiras de açaí e bananeiras dividem o espaço com canteiros, casa de banho com paredes feitas de palha e cobertura de fibrocimento. Os moradores contam com abastecimento de poço artesiano do povoado, têm energia elétrica para geladeira, televisão e som, fossa séptica sem rede coletora de esgoto e os resíduos sólidos são queimados periodicamente.

Com 130m<sup>2</sup>, construída com blocos de adobe revestidos e pintados em cores vivas, parte da moradia foi ampliada com tijolos cerâmicos, possui cobertura de duas águas, madeira aparelhada e telhas cerâmicas, parte do piso está cimentado, outra parte com cerâmica decorada, janelas com esquadrias de madeira e de alumínio e vidro. A varanda de acesso, com guarda-corpo de tijolo cerâmico rebocado e pintado, divide espaço com o bar, com o balcão frontal e parede lateral fechados com tábuas de madeira envernizadas. Internamente, a moradia tem sala de estar - onde fica a mesa de som -, três quartos, um deles com banheiro interno, copa-cozinha, lavanderia, cozinha de apoio com fogão de barro e banheiro, fechados parcialmente com guarda-corpo de alvenaria e uma cancela de ripas de madeira, que dá acesso aos fundos do lote, 80cm abaixo do nível do interior da moradia.





Rural

Ano: Há muito tempo  
Área: 137m<sup>2</sup>



Grupo Social  
Remanescente  
Quilombola



Regime de Produção  
Contratação



Material Predominante  
Adobe



Assistência Social  
Aposentadoria

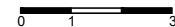
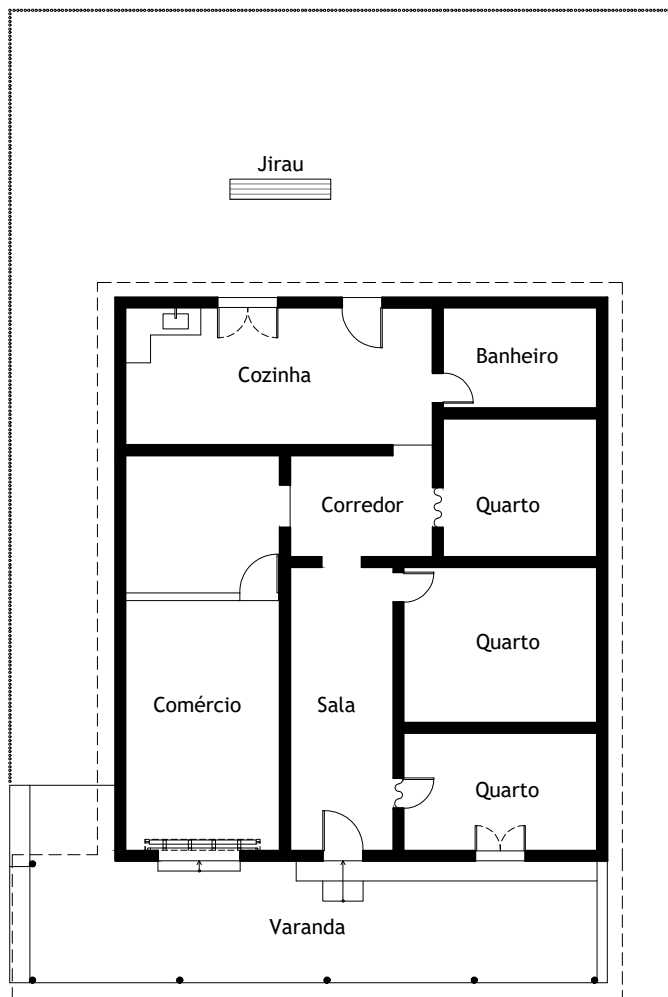
Composição Familiar



Atividade Produtiva  
Roça, Pesca, Comércio

Singularidade Construtiva

Bar e Comércio com  
porta de enrolar

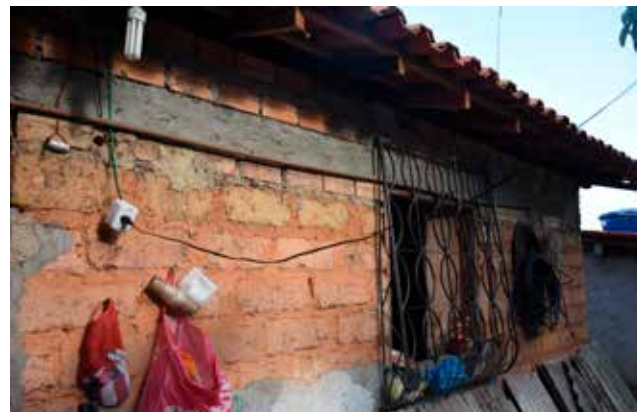




Moradia e comércio em São João de Côrtes, distrito de Alcântara, comunidade remanescente de quilombo certificada pela Fundação Cultural Palmares desde 2004, onde há 31 anos vive casal de meia idade, pescadores, fazem roça, vendem produtos alimentícios e bebidas no comércio que funciona na própria moradia.

Implantada na testada do lote e ocupando toda sua largura, a varanda aberta da moradia avança sobre o passeio público, apoiada em pilares de concreto, um padrão do lugar em construções de menor porte que, em conjunto, formam galerias cobertas sobre as calçadas. Na lateral direita da moradia, continuidade da varanda, há um espaço coberto para estacionamento de veículo e, na fachada, o vão largo de acesso ao comércio e à porta de entrada da residência. Na parte posterior, o quintal com jirau de lavar roupas e canteiro. Energia elétrica e água fornecidas por rede geral e fossa séptica recebe os dejetos do banheiro e cozinha.

No lugar onde havia uma pequena casa de taipa, os moradores construíram a atual de adobe, com reboco de cimento e pintura de cal, cobertura em madeira aparelhada e telhas cerâmicas que abrigam, em 137m<sup>2</sup> de área coberta, a varanda corrida, o salão do comércio - com área para estoque de sacos de mercadorias, balcão de atendimento e exposição de produtos -, sala, três quartos, banheiro e copa/cozinha. Trechos da moradia sem revestimento expõem as ampliações nos fundos, já executadas com vigamento de concreto e tijolos cerâmicos e, devido ao desnível do terreno, a cada passagem de um ambiente para outro, se sucedem degraus. O piso tem revestimento cerâmico em alguns ambientes, mas predomina o cimento queimado. Todas as esquadrias, com exceção do portão do comércio, de chapa de ferro de enrolar, são de madeira.





Mesorregião Norte  
Primeira Cruz  
Povoado: Caeté



Rural

Ano: 1999  
Área: 77m<sup>2</sup>



Grupo Social  
Posseiro



Regime de Produção  
Família



Material Predominante  
Adobe



Assistência Social  
Aposentadoria

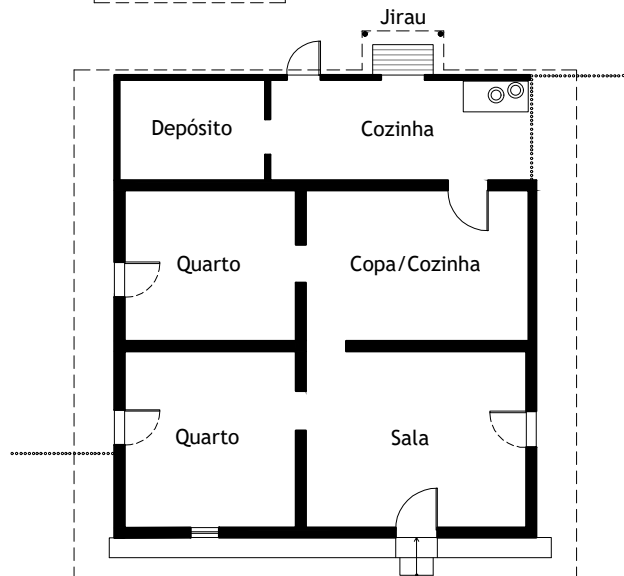
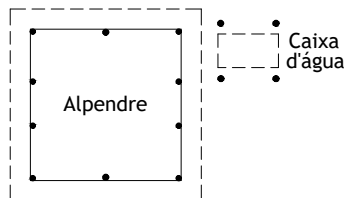
#### Composição Familiar



Atividade Produtiva  
Roça, Coco

#### Singularidade Construtiva

Rebocada e caiada,  
baldrame cimentado



Moradia na zona rural do município de Primeira Cruz, área do Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses, onde vive casal de idosos, agricultores aposentados que plantam coco, macaxeira, cebola, cebolinha e mandioca.

O acesso ao povoado, às margens do Rio Grande, se dá através de barco e, como nas vias sem pavimentação predomina areia solta, a ação do vento modifica constantemente a própria topografia local. O terreno de esquina está delimitado na lateral e nos fundos da casa por cerca de talos e arame. Os anexos, na parte posterior da moradia, são compostos por caixa d'água elevada sobre troncos de carnaúba, abastecida por poço raso. Há também uma estrutura independente da estrutura de madeira e cobertura de palha de carnaúba, que serve para as refeições e o estar dos moradores. Mais ao fundo, há uma área de plantio com canteiros de hortaliças, sem casa de banho, nem sentina. A moradia tem energia elétrica para os eletrodomésticos e o lixo é queimado periodicamente.

Com 77m<sup>2</sup> de área, elevada do terreno natural da rua por calçada de cimento com 40cm de altura para se proteger das mudanças do areal, a moradia foi construída há mais de 20 anos pelo próprio casal, com paredes de adobe revestido e pintado com cal, cobertura de telhas cerâmicas em quatro águas sobre madeirame roliço, piso cimentado e esquadrias em tábuas de madeira. Originalmente com sala, dois quartos e copa-cozinha, posteriormente foi ampliada com um puxado nos fundos, executada em taipa de mão sem revestimento, mistura telhas cerâmicas e de fibrocimento, as quais hoje abrigam o fogão de barro, o jirau de lavar louça e um depósito.





Mesorregião Leste  
Brejo  
Território  
Quilombola:  
Faveira



Rural

Ano: 1956  
Área: 204m<sup>2</sup>



Grupo Social  
Remanescente  
Quilombola



Regime de Produção  
Contratação



Material Predominante  
Adobe



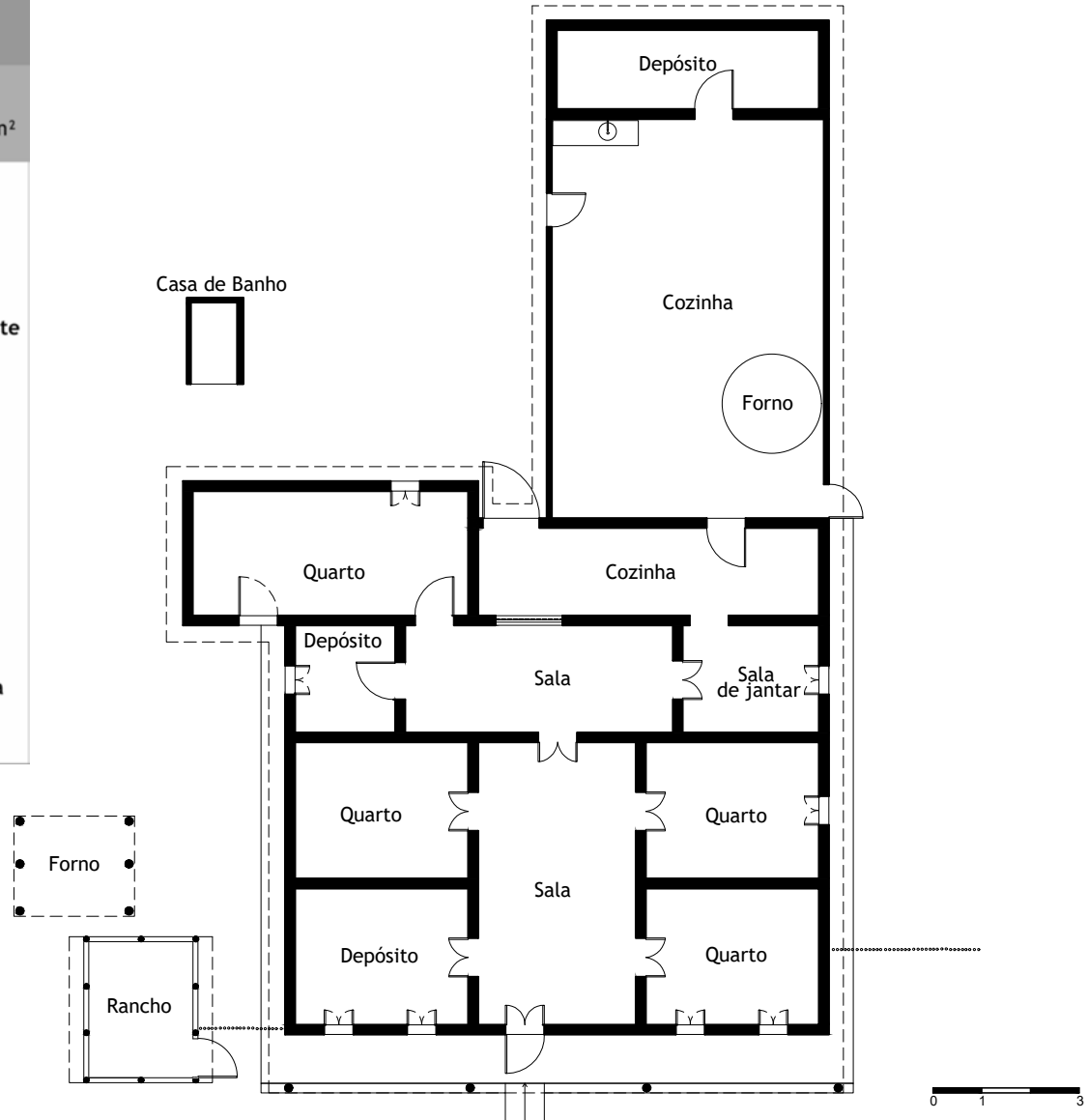
Assistência Social  
Aposentadoria

Composição Familiar



Atividade Produtiva  
Roça, Criação

Singularidade Construtiva  
Planta e fachada estilo  
Arquitetura Colonial



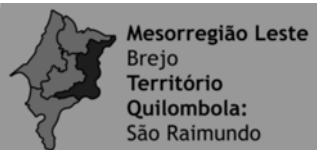


Moradia em Faveira, Território Quilombola de Saco das Almas, nos municípios de Brejo e Buriti, com certidão emitida em 2005 pela Fundação Cultural Palmares, onde vive casal em união estável há mais de 30 anos, com filhos, netos e sogra. Aposentados, trabalham de roça, criam caprinos e galinhas, produzem farinha de mandioca e vendem pássaros.

Recuada da estrada carroçável do povoado, em terreno plano delimitado por cerca de madeira nas laterais da construção, a moradia tem como anexos rancho de grandes dimensões, colado à parede externa da cozinha, com guarda-corpo de taipa de mão de 1m de altura e cobertura de duas águas em telhas cerâmicas, que abriga o forno de barro e serve de paiol de ferramentas e utensílios diversos. Na lateral esquerda da moradia, curral de caprinos e, à direita, casa de banho com paredes de palha. Mais ao fundo, depósito fechado e curral com abrigo para os animais. Tem energia elétrica para televisão, geladeira e freezer, água de poço raso e reservatório elevado. Como não existe coleta de lixo, os dejetos são queimados periodicamente.

Construída em 1956 pelos pais dos atuais moradores, com 204m<sup>2</sup> de área coberta, em tijolos de adobe rebocados com cimento e cobertura de telhas cerâmicas artesanais, a moradia está elevada 0,30 m do nível natural do terreno por meio de calçada de 80cm de largura, a qual contorna a construção e forma uma estreita varanda coberta pela extensão da cobertura apoiada em peças de madeira lavrada enterradas no solo. Com sala central que dá acesso à sala de estar, jantar, depósito e cozinha ao fundo e aos quatro quartos, dois de cada lado do espaço de entrada, tem piso cimentado e esquadrias de madeira com molduras de reboco externamente e, internamente, com os montantes de madeira à mostra.





Rural

Ano: 2004  
Área: 160m<sup>2</sup>



Grupo Social  
Remanescente  
Quilombola



Regime de Produção  
Contratação



Material Predominante  
Adobe



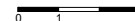
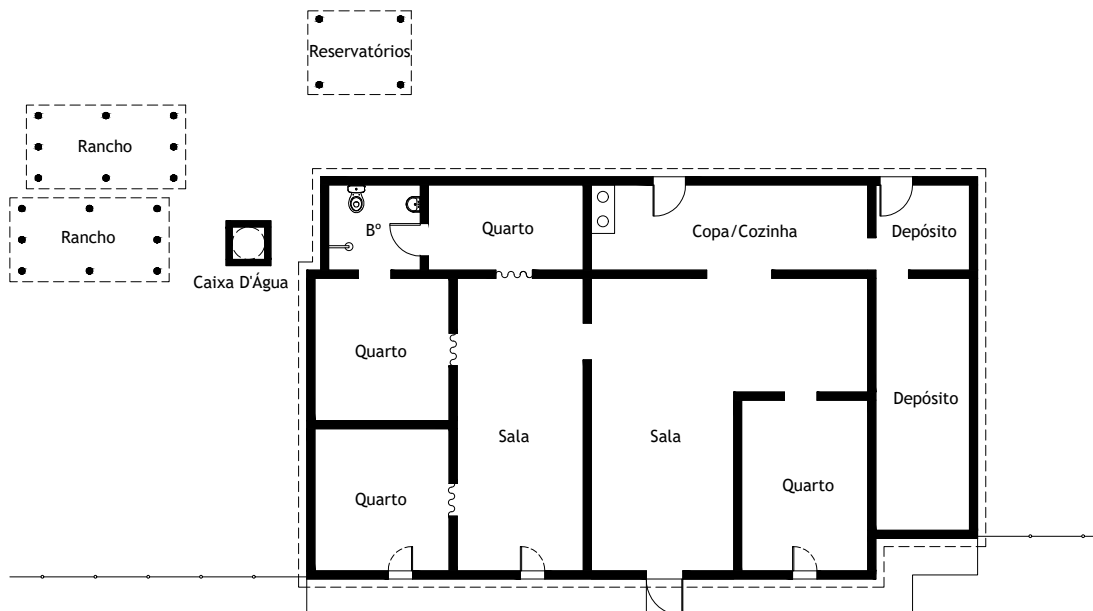
Assistência Social  
Aposentadoria

Composição Familiar



Atividade Produtiva  
Roça, Criação

Singularidade Construtiva  
Rebocada e caiada,  
calçada cimentada



Moradia em São Raimundo, Território Quilombola de Saco das Almas, municípios de Brejo e Buriti, com certidão emitida em 2005 pela Fundação Cultural Palmares, onde vive casal em união estável há 38 anos e um filho. O casal é aposentado, trabalha na roça e na criação de pequenos animais.

Erguida em um terreno plano e demarcado por cercas de madeira e arame nas laterais da moradia, os anexos se espalham pelos fundos da casa: diversas estruturas de madeiras e cobertura de palha para a armazenagem de ferramentas e estocagem de produtos, reservatório elevado de água e forno de barro, casa de banho com paredes de palha de pindova sem cobertura e pequeno sanitário em alvenaria de tijolo e telhas cerâmicos. Com energia elétrica para televisão e geladeira, a água advém de poço raso localizado nos fundos da moradia. Como não existe coleta de lixo, os dejetos são queimados periodicamente.

Com 160m<sup>2</sup> de área coberta, planejada pelos moradores que participaram da construção, além de pedreiros contratados e ajudantes da comunidade, a casa foi construída em seis meses, há mais de 15 anos, com adobe revestido e pintado interna e externamente. Tem cobertura de duas águas em madeira aparelhada e telhas cerâmicas, piso cimentado e banheiro revestido de cerâmica decorada nas paredes e no piso, portas externas e janelas de madeira, vãos dos quartos vedados com cortinas. Está elevada 20cm do nível natural, com calçada de cimento em toda extensão da fachada principal; tem sala, quatro quartos, banheiro completo, copa-cozinha com fogão de barro e dois depósitos construídos posteriormente, um puxado lateral em continuação da cobertura da cozinha, outro colado na parede dos quartos, com cobertura mais baixa de uma água independente.





Mesorregião Leste  
Brejo  
Território  
Quilombola:  
Vila das Almas



Rural

Ano: 2009  
Área: 98m<sup>2</sup>



**Grupo Social**  
Remanescente  
Quilombola



**Regime de Produção**  
Contratação



**Material Predominante**  
Adobe



**Assistência Social**  
Bolsa Família



**Atividade Produtiva**  
Roça, Criação, Bar

**Composição Familiar**



**Singularidade Construtiva**  
Quiosque-bar ao lado moradia





Moradia em Vila das Almas, Território Quilombola de Saco das Almas, nos municípios de Brejo e Buriti, com certidão emitida em 2005 pela Fundação Cultural Palmares, onde vive casal e cinco filhos, trabalham na roça - arroz, feijão, milho, abóbora, mandioca -, criam porcos e galinhas, vendem dindin e periodicamente fazem eventos no quiosque ao lado da casa, que também funciona como bar.

Erguida em terreno com recuo em relação à via de acesso ao povoado, a moradia tem como anexos um curral de madeira e arames para a criação de pequenos animais, banheiro em tijolo cerâmico rebocado e pintado, poço raso e bomba d'água, rancho do forno de barro com cobertura de palha, onde também guardam equipamentos e insumos da roça. Ao lado da casa, há uma estrutura aberta com guarda-corpo e colunas largas de tijolos de adobe e cobertura de palha para eventos ocasionais, promovidos pela família. Tem energia elétrica para televisão, geladeira, refrigerador e bomba d'água para poço raso. Sem coleta de lixo, os dejetos são queimados periodicamente.

Com 98m<sup>2</sup> de área coberta, construída há 10 anos pela família, a partir de desenho no papel do dono da casa, toda a família trabalhou na obra, que contou com auxílio de pedreiro contratado, com paredes em tijolo de adobe revestidos e pintados de cal, cobertura de madeira roliça e palha de pindova, já trocada quatro vezes, esquadrias externas - cancela, portas e janelas - em folhas de madeira e as internas vedadas com tecidos, a moradia se eleva pouco mais do que 0,20m do nível do terreno natural por calçada larga de cimento. Com sala, três quartos, copa-cozinha, depósito e, nos fundos, em um puxado, uma espaçosa cozinha de apoio com fogão de barro e outro a gás, construída em taipa de mão com cobertura de duas águas de palha de pindova e uma calha corrida de zinco recebe as águas das edificações.




**Mesorregião Leste**  
**Mirador**  
**Bairro: Chapada**

 **Urbano**    **Ano: 1992**  
**Área: 84m<sup>2</sup>**

 **Grupo Social**  
 Ocupante

 **Regime de Produção**  
 Contratação

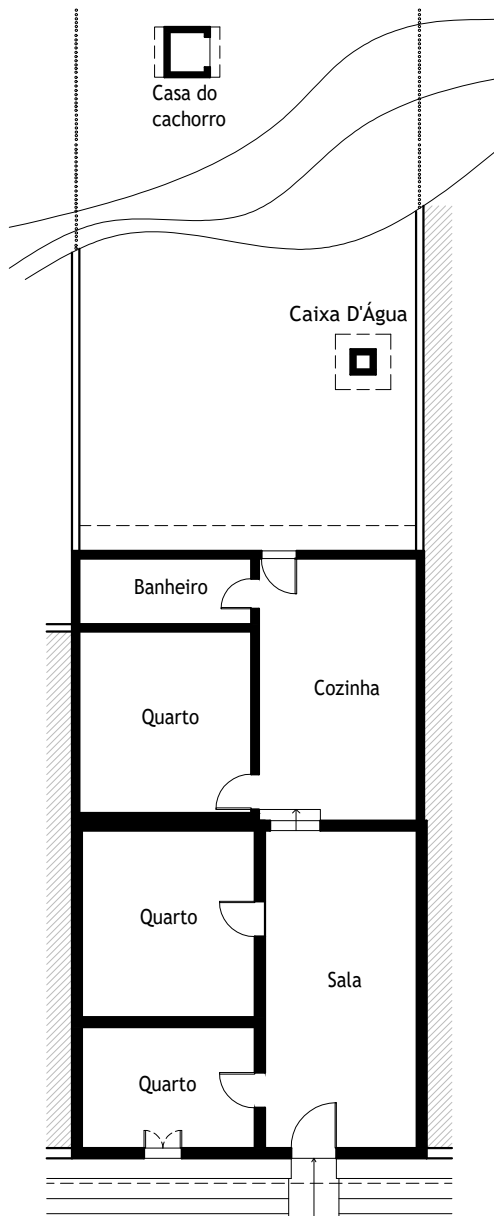
 **Material Predominante**  
 Adobe

 **Assistência Social**  
 Aposentadoria

**Composição Familiar**  


 **Atividade Produtiva**  
 Roça, Sindicato Rural

**Singularidade Construtiva**  
 Cobertura da  
 expansão da moradia



Moradia no bairro Chapada, centro da cidade de Mirador, onde há 27 anos vive um casal, cujo marido trabalha na roça e esposa tem carteira assinada pelo trabalho que desempenha no Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais - STTR do município. Têm um filho que estuda na capital do estado.

Em terreno 80cm elevado acima do nível da rua, geminada com as construções vizinhas, a moradia tem dois níveis de baldrame para vencer o desnível existente, sendo acessível por rampa cimentada com inclinação acentuada. No quintal, delimitado por muros de tijolos cerâmicos, uma caixa d'água de polietileno, elevada sobre coluna de alvenaria de tijolos cerâmicos, sem revestimento, e laje de concreto, contam com energia elétrica para televisão com antena parabólica, geladeira, ferro de passar e aparelho de som. Têm serviço de água encanada fornecida pelo Serviço Autônomo de Águas e Esgotos - SAAE, mas o esgotamento sanitário é a céu aberto. O lixo é coletado na porta pela prefeitura.

Com 84m<sup>2</sup> de área coberta, construída originalmente em adobe e cobertura de duas águas com telhas cerâmicas artesanais, que cobrem a sala e os dois quartos, a moradia foi ampliada com mais um quarto, cozinha e banheiro, executados em tijolo cerâmico com esquadrias em madeira. Devido à baixa altura da moradia, a ampliação modificou as caídas do telhado para cinco águas, obrigando a inserir calhas de zinco nos rincões criados pelo encontro interno de cada duas águas. Com o aclave do terreno no sentido dos fundos do lote, a ampliação também exigiu a criação de três degraus para subir ao nível dos novos ambientes, todos revestidos com piso cerâmico.





Mesorregião Leste  
Mirador  
Bairro: Professor  
Francisco



Urbano Ano: 1995  
Área: 133m<sup>2</sup>



Grupo Social  
Ocupante



Regime de Produção  
Contratação



Material Predominante  
Adobe



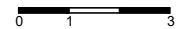
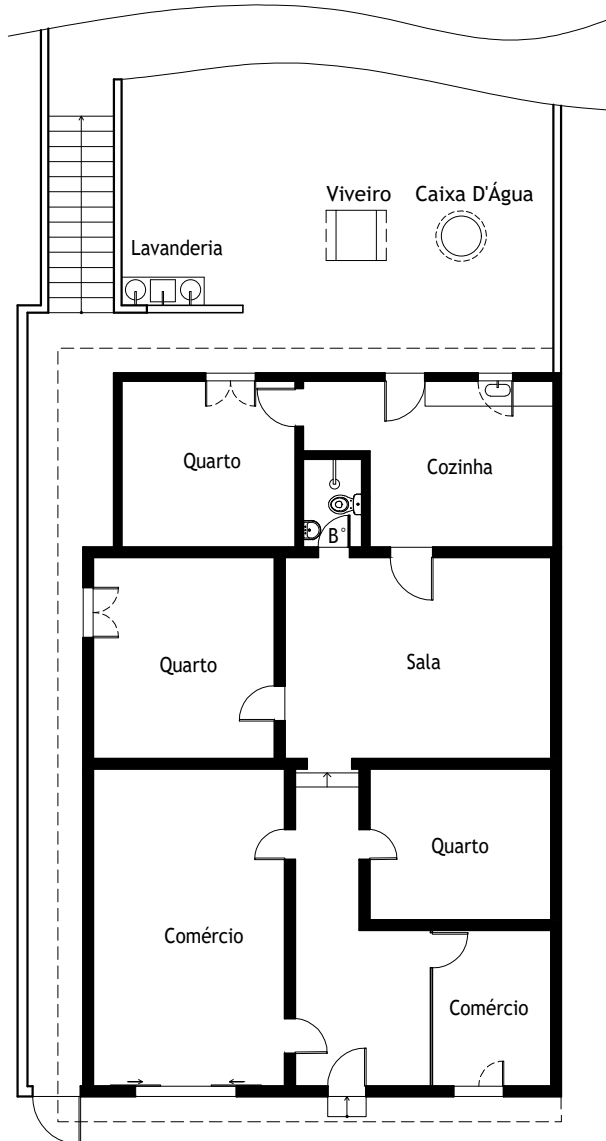
Assistência Social  
Aposentadoria

Composição Familiar



Atividade Produtiva  
Comércio

Singularidade Construtiva  
Portas corrediças do comércio





Moradia no bairro Chapada, centro da cidade de Mirador, onde vive casal idoso, ela professora aposentada, ele também aposentado, com dois filhos adultos e já casados; trabalham com comércio de gêneros alimentícios funcionando há 30 anos na própria casa. Contam também com a aposentadoria do esposo.

Em terreno com aclive acentuado para a parte posterior, a moradia está implantada em lote com calçada larga e os anexos nos fundos são acessíveis por escadaria externa na lateral do lote. Lá se encontram lavanderia e galinheiro, canteiros, guarda de bujões de gás. A moradia conta com energia elétrica para televisão, geladeira, computador, impressora e ventiladores, tem abastecimento de água encanada da CAEMA, não possui rede de esgotamento sanitário, mas sim fossa rudimentar para o banheiro. Há coleta de lixo pela prefeitura.

Com 133m<sup>2</sup> de área coberta, a parte frontal da moradia foi construída há mais de 30 anos em blocos de adobe e cobertura transversal de duas águas em madeira aparelhada e telhas cerâmicas. Os atuais moradores ampliaram e reformaram para abrigar a Casa São Lourenço e um escritório que faz serviços de cópias em outro ambiente da fachada. A ocupação da área frontal da construção com novos usos exigiu a ampliação da parte posterior, executada em tijolo maciço e constando de um quarto, banheiro e cozinha, com cobertura independente de duas águas, paralela à anterior, com calha de zinco no encontro das duas caídas. Com todo o piso em cerâmica esmaltada, portas e janelas de folhas de madeira pintada, protegidas por grades ou basculantes de ferro, a moradia está rebocada e pintada.





Mesorregião Leste

Mirador

Bairro: Muriçoca



Urbano

Ano: 2007

Área: 116m<sup>2</sup>



Grupo Social

Ocupante



Regime de Produção

Contratação



Material Predominante

Adobe



Assistência Social

Funcionários Públicos

Composição Familiar

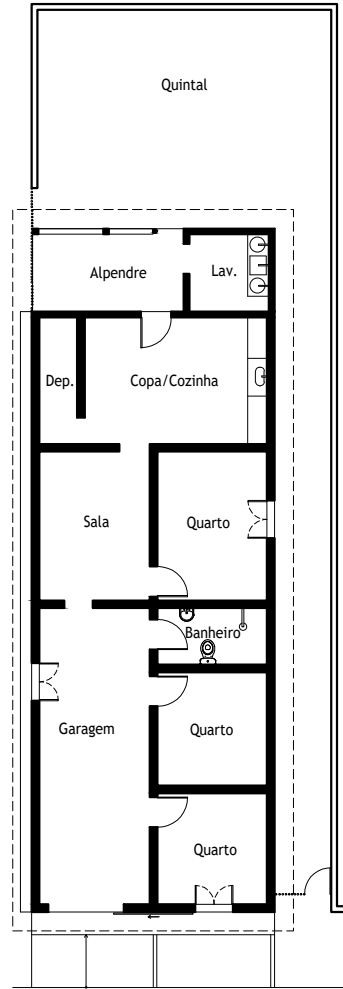


Atividade Produtiva

Professores Ensino

Municipal

Singularidade Construtiva  
Sala conjugada com garagem



Moradia no bairro Muriçoca, área periférica da cidade de Mirador, onde vive há 12 anos casal de professores do ensino médio concursados e em atividade, e seus três filhos, todos estudando.

Construída há cerca de 12 anos, em terreno com leve acive no sentido dos fundos, a moradia está implantada no limite frontal e na lateral direita do lote, afastada 1,50m da lateral esquerda, com o quintal elevado em relação ao piso interno e delimitado por cerca de madeira. Sem anexos, a moradia conta com energia elétrica para televisão, geladeira, tanquinho e ventiladores, água abastecida pelo Serviço Autônomo de Águas e Esgotos - SAAE, tem fossa séptica para o banheiro e serviço diário de coleta de lixo.

Com 116m<sup>2</sup> de área, a construção da casa foi contratada pelo dono do terreno e atual morador a pedreiro, responsável também pelo risco da planta. Com um ajudante, a obra foi feita em 45 dias, consumindo 3.500 tijolos de adobe, produzidos no local em 15 dias. Com madeirame aparelhado e telhas cerâmicas, a cobertura tem três águas, cumeeira na altura de 3,60 e frechal das paredes externas de 2,90m. A moradia tem garagem, sala, três quartos, copa-cozinha, depósito, lavanderia e banheiro interno. Recentemente, a moradia foi ampliada com um puxado nos fundos, dessa vez utilizando alvenaria de tijolo cerâmico e cobertura de uma água. Portão de correr de alumínio, externo à fachada, dá acesso à garagem, que serve de entrada à sala e aos dois quartos. As demais portas e janelas da casa são em madeira e todos os pisos são cerâmicos.





Urbano Ano: 2001  
Área: 66m<sup>2</sup>



Grupo Social  
Ocupante



Regime de Produção  
Contratação



Material Predominante  
Adobe



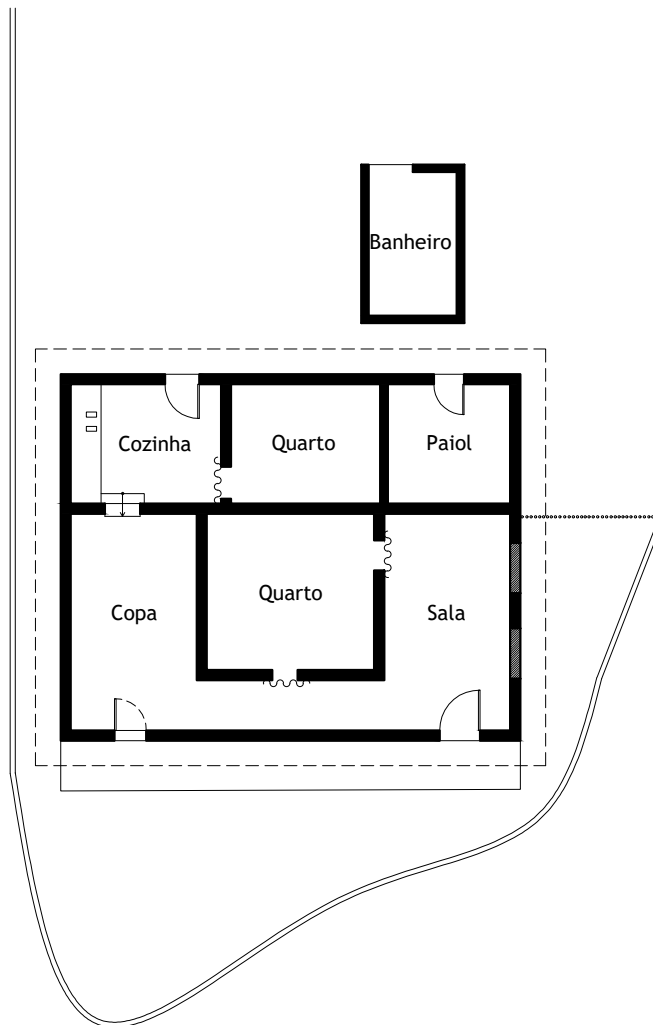
Assistência Social  
Aposentadoria

Composição Familiar



Atividade Produtiva  
Autônomo

Singularidade Construtiva  
Implantação em esquina  
com ângulo agudo





Moradia na periferia urbana de Jenipapo dos Vieiras, às margens da rodovia MA-328, onde há 18 anos casal de meia idade vive do serviço autônomo do marido e da aposentadoria da esposa.

Construída na esquina de duas ruas convergentes, já na saída da cidade, com declive para a parte posterior do terreno, onde passa curso de água, a moradia está implantada nos limites frontais e laterais do lote, demarcada com cerca de madeira nos fundos. Tem como único anexo um banheiro em alvenaria de tijolo cerâmico, acessível pela porta da cozinha. Com energia elétrica para televisão e freezer, abastecimento de água de poço artesiano do próprio bairro, a moradia não possui esgotamento sanitário, mas conta com serviço de coleta de lixo.

Com 66m<sup>2</sup> de área coberta, toda construída com blocos de adobe, cobertura em quatro águas que mistura madeirame roliço e aparelhado para apoio ao telhado cerâmico, a casa foi ampliada com um puxado nos fundos. A parte da frente, mais antiga e no nível da rua, tem sala com dois vãos de janelas, os quais foram fechados com alvenaria, quarto sem nenhuma abertura para o exterior e a copa, todos com piso cimentado, portas de entrada da casa em alumínio e janelas de madeira, vãos internos vedados com cortinas de tecido. Na ampliação para os fundos, construída 60cm abaixo do nível da rua e acessível através de degraus de blocos de adobe, foi construída a cozinha, com porta para a parte posterior do lote, onde ficam as entradas externas para o segundo quarto e depósito.







Mesorregião Sul  
Loreto  
Povoado: Fogoso



Rural

Ano: 2017  
Área: 58m<sup>2</sup>



Grupo Social  
Posseiro



Regime de Produção  
Família



Material Predominante  
Adobe



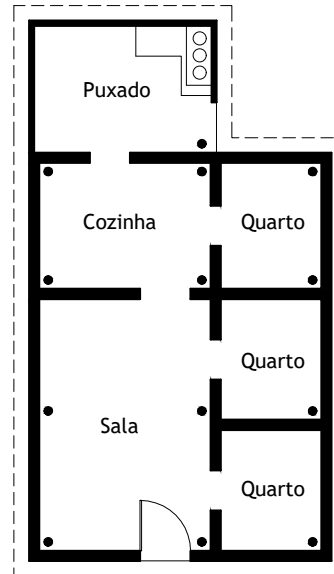
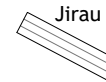
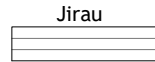
Assistência Social  
Bolsa Família

Composição Familiar



Atividade Produtiva  
Roça

Singularidade Construtiva  
Cobertura independente  
das paredes



Moradia localizada no povoado Fogoso, município de Loreto, onde reside casal e seis filhos, cinco deles na escola; vivem do roçado de arroz e da mandioca.

Recuada da testada do terreno, com duas muretas baixas de adobe em formato de L na frente da construção, onde o morador pretendia instalar um bar, a casa tem como anexo dois jiraus, um para lavar louças, outro para lavagem de roupas, uma casa de banho fechada com saco de aniagem e um rancho com cobertura de palha inclinada, na frente sustentada por varas de madeira roliça e nos fundos apoiada diretamente no solo. Possui energia elétrica para a televisão e geladeira, água de poço artesiano do povoado e o mato é usado para as necessidades fisiológicas. Sem coleta de lixo, queimam os resíduos periodicamente.

Erguida há dois anos pelo próprio morador, a moradia tem cumeeira e caibros em madeira roliça da cobertura de palha de pindova em quatro águas, os quais estão apoiados em forquilhas independentes das paredes de fechamento, cuja altura é de 1,50m. Executada em blocos de adobe e tijolos cerâmicos, a casa está rebocada e pintada externamente em duas cores, com barra inferior em tom mais escuro. Com 58m<sup>2</sup> de área coberta, distribuídos em sala, três quartos e cozinha, tem o piso cimentado, conta com uma porta de acesso para a sala. A janela da fachada é tapada por folha fixa de madeira. Um puxado nos fundos da casa, em taipa de mão sem revestimento e sem portas, com cobertura de duas águas também de palha, abriga o fogão de barro.





Mesorregião Sul  
Loreto  
Povoado: Ribeira



Rural Ano: Recente  
Área: 117m<sup>2</sup>



Grupo Social  
Posseiro



Regime de Produção  
Morador



Material Predominante  
Adobe



Assistência Social  
Aposentadoria

Composição Familiar



Atividade Produtiva  
Roça e doce de buriti

Singularidade Construtiva  
Banheiro no puxado e forno  
de barro anexo

forno  
para carvão



Moradia no povoado Ribeira, zona rural de Loreto, onde casal de idosos aposentados, com três filhas adultas e já casadas, que não residem com os pais, vivem da roça e do extrativismo do buriti, com o qual fazem doce para vender na própria casa.

Recuada no lote, as delimitações do terreno são feitas com cercas de estacas de madeira e, espalhados no fundo da casa, os anexos são um galinheiro, a antiga sentina desativada e, mais ao fundo, o forno para produção de carvão, uma horta ao lado da antiga casa, hoje utilizada como depósito, além de uma cozinha externa, instalada em um rancho, com forno e fogareiro de barro. Com energia elétrica para televisão e freezer, a água para consumo é filtrada e vem de nascente na propriedade. Os dejetos do banheiro vão para fossa rudimentar e o lixo é queimado periodicamente.

Construída pelo morador com 117m<sup>2</sup> de área coberta, ao lado e no mesmo alinhamento da antiga moradia, com baldrame de pedra, paredes de blocos de adobe com fachada principal rebocada, cobertura em madeira aparelhada e telhas cerâmicas, piso de cimento queimado, portas de madeira e janelas de chapa de ferro, a nova casa tem sala, quatro quartos, copa, cozinha. Uma ampliação na lateral esquerda e nos fundos da construção anexou um banheiro completo e uma cozinha de apoio, ambos executados em alvenaria de tijolos cerâmicos.




**Mesorregião Sul**  
 Loreto  
 Povoado: São João


**Urbano**    Ano: 2004  
 Área: 155m<sup>2</sup>


**Grupo Social**  
 Ocupante


**Regime de Produção**  
 Contratação


**Material Predominante**  
 Adobe

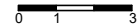
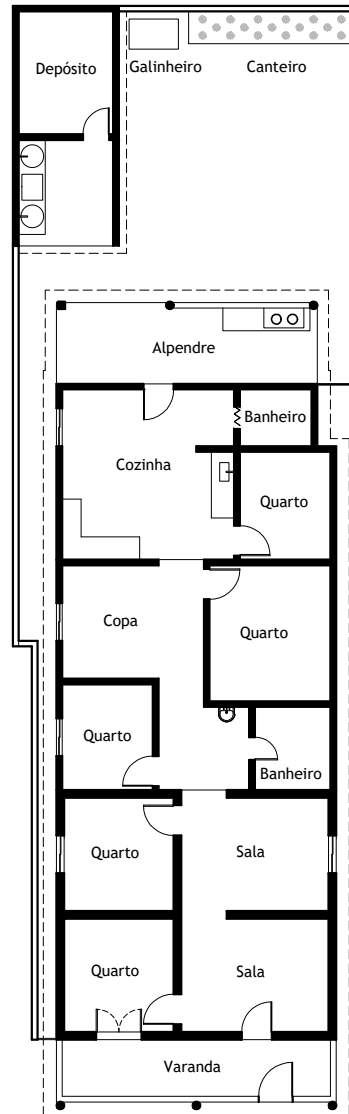

**Assistência Social**  
 Aposentadoria,  
 Pensão por viuvez

**Composição Familiar**  



**Atividade Produtiva**  
 Sem atividade

**Singularidade Construtiva**  
 Varanda e casa  
 rebocadas e pintadas





Moradia no bairro São João, área urbana do município de Loreto, onde reside há 15 anos viúva idosa com sua ex-nora, vivendo da aposentadoria e da pensão de viuvez. Todos os filhos, já adultos, moram em suas próprias casas.

Com a fachada frontal construída na testada do lote e afastamentos laterais dos lotes vizinhos de 1m, muros de tijolos cerâmicos fazem as delimitações dos fundos do terreno, onde a moradora tem um tanque de lavar, um pequeno galinheiro e canteiro com temperos. Com energia elétrica para televisão, geladeira, freezer e bebedouro, a água é fornecida pelo Serviço Autônomo de Água e Esgoto - SAAE do município. A casa conta com fossa séptica e coleta de lixo periódica.

Com 155m<sup>2</sup> de área coberta, as partes mais antigas da construção são de adobe e de tijolo maciço; as mais recentes usam o tijolo cerâmico, em reformas atestadas pelos diferentes desníveis e materiais dos pisos. A moradia tem corpo principal em adobe revestido e pintado, cobertura de duas águas em madeira aparelhada e telhas cerâmicas com sala, copa, cozinha, dois banheiros e quatro quartos. Telhados de uma água cobrem a varanda da fachada e o alpendre dos fundos, este último com fogão de barro. Ambos foram construídos posteriormente pelo marido. A casa tem suas janelas de madeira, alumínio e vidro, e as portas são de madeira e de PVC no banheiro.





Mesorregião Sul  
São Raimundo  
das Mangabeiras  
Povoado: Barracão



Rural

Ano: 2008  
Área: 54m<sup>2</sup>



Grupo Social  
Posseiro



Regime de Produção  
Família



Material Predominante  
Adobe



Assistência Social  
Aposentadoria

Composição Familiar



Atividade Produtiva  
Roça

Singularidade Construtiva  
Terraço frontal



Galinheiro



B



Jirau



Jirau

Alpendre



Jirau



Jirau

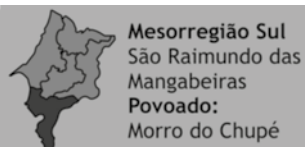


Moradia no povoado Barracão, São Raimundo das Mangabeiras, onde agricultor e três filhos vivem há mais de 10 anos trabalhando com roça de arroz, milho e feijão.

Erguida com afastamento do limite frontal do terreno, a moradia possui como anexos um alpendre para redes com fogão de barro, dois jiraus descobertos e outro com cobertura, um galinheiro com cobertura de palha em duas águas que chegam até o chão e sanitário em alvenaria de tijolos cerâmicos, sem revestimento externo e interno, coberto com telhas de fibrocimento. Tem energia elétrica para televisão e geladeira. Como o poço artesiano do povoado fornece água salobra, a prefeitura abastece a caixa d'água a cada 15 dias. Há fossa séptica para o sanitário e, sem serviço de coleta, o lixo é queimado periodicamente na própria área.

Com fundação de cinco fiadas de adobe de tição, terraço frontal elevado do nível do terreno, com cinta perimetral de dois tijolos cerâmicos, aterrado e recoberto com manta de piche, paredes internas e externas em adobe, para as quais foram utilizados 3.000 blocos, cobertura de duas águas em telhas cerâmicas com madeirame aparelhado, a moradia foi erguida há aproximadamente 25 anos pelo morador e um ajudante. Com 54m<sup>2</sup> de área coberta, distribuídos em sala, três quartos - um deles utilizado como depósito da produção - e cozinha, o piso é cimentado, há poucas esquadrias de madeira e os demais vão foram vedados com sacos de aniagem. A casa foi ampliada com um puxado na lateral direita da fachada dos fundos, com paredes de blocos de adobe e de taipa de mão, estrutura de cobertura de madeira roliça, cobertura de palha de pindova, piso cimentado e sem esquadrias, onde funciona a cozinha com fogão a lenha, feito também com blocos de adobe.





Mesorregião Sul  
São Raimundo das  
Mangabeiras  
Povoado:  
Morro do Chupé



Rural

Ano: 1995  
Área: 69m<sup>2</sup>



Grupo Social  
Posseiro



Regime de Produção  
Família



Material Predominante  
Adobe



Assistência Social  
Aposentadoria

Composição Familiar



Atividade Produtiva  
Roça

Singularidade Construtiva  
Distribuição alternada  
dos quartos





Moradia no povoado Morro do Chupé, em São Raimundo das Mangabeiras, onde há 25 anos residem o pai viúvo, idoso aposentado, e um filho maior de idade. Uma filha que mora próximo vai cotidianamente visitar e auxiliar nos cuidados com o pai.

Implantada na parte frontal de terreno em declive, o piso interno da moradia está elevado 20cm da entrada principal e 1m em relação aos fundos, onde uma escada na porta da cozinha dá acesso aos anexos - na lateral, cozinha de apoio, com estrutura de troncos e cobertura de palha e madeiramento roliço, abandonada depois da morte da esposa. Na parte posterior há uma casa de banho e um tanque de lavar roupa, construídos com blocos de cimento, sem cobertura. Contando com energia elétrica para geladeira e ventilador, a casa é abastecida por poço artesiano da prefeitura, não tem instalação sanitária e o lixo é queimado periodicamente.

Com 69m<sup>2</sup> de área coberta, construída com seis milheiros de blocos de adobe sem revestimento, telhado de duas águas em madeira roliça, coberta com aproximadamente 700 feixes de palha de pindova, trocadas há cada quatro anos, a moradia tem sala, três quartos, copa e cozinha. Com o piso cimentado, a porta externa e as janelas são de folhas de tábuas de madeira, os vão internos estão vedados por cortinas de tecidos e as redes são armadas em peças de madeira roliça, atravessadas nos extremos dos ambientes e fixadas horizontalmente nas paredes transversais de adobe.







Mesorregião Sul  
São Raimundo  
das Mangabeiras  
Povoado:  
Vila Cidadão



Urbano

Ano: 2019  
Área: 52m<sup>2</sup>



Grupo Social  
Ocupante



Regime de Produção  
Mutirão



Material Predominante  
Adobe



Assistência Social  
Bolsa Família

Composição Familiar

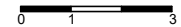
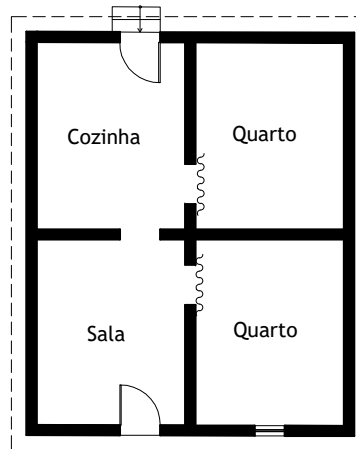


Atividade Produtiva  
Produção e venda de  
carvão

Singularidade Construtiva  
Calçada frontal aterrada



Casa de Banho



Moradia no bairro Vila Cidadão, área urbana do município de São Raimundo das Mangabeiras, em loteamento da Prefeitura, onde reside casal e três filhos, todos menores, dois frequentando a creche. Vivem da venda de carvão que produzem em área próxima, aproveitando a madeira de poda que é feita pela Prefeitura.

Erguida no centro do terreno, sem nenhuma delimitação, sobre um aterro de 15cm contido por um meio-fio de tijolo cerâmico, a moradia tem como único anexo uma casa de banho fechada com lona nos fundos. Conta com energia elétrica para televisão com antena parabólica e geladeira. A água provém de poço artesiano, que abastece todo o bairro. Como não possuem instalações sanitárias, os moradores utilizam a sentina do lote vizinho. Duas vezes na semana há coleta do lixo.

Com 52m<sup>2</sup> de área coberta em sala, dois quartos e cozinha, piso cimentado, duas portas e uma janela como esquadrias, a casa foi construída pelo casal com ajuda de familiares, amigos e vizinhos. Levantada em seis dias, a moradia utilizou 5.700 blocos de adobes, feitos com várias formas de madeira duplas. O material para confecção dos adobes foi retirado do próprio local. As telhas cerâmicas da cobertura de duas águas foram doações e a estrutura do telhado está feita com mistura de madeirame serrado e roliço.





Mesorregião Sul  
Carolina  
Fazenda:  
Santo Antônio



Rural Ano: 1989  
Área: 146m<sup>2</sup>



Grupo Social  
Posseiro



Regime de Produção  
Contratação



Material Predominante  
Adobe



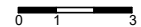
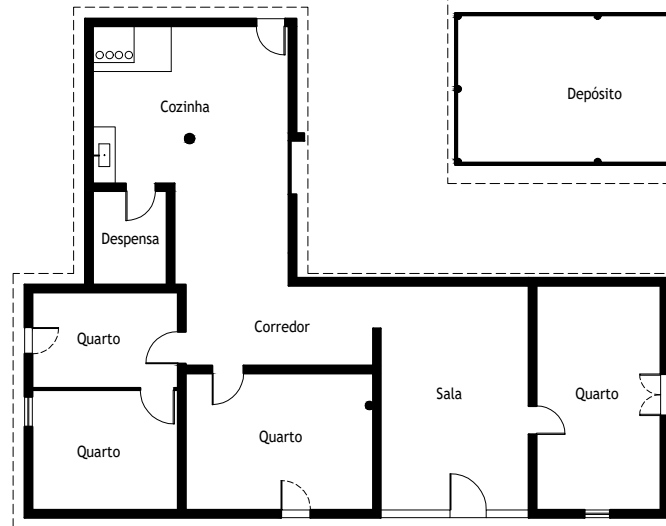
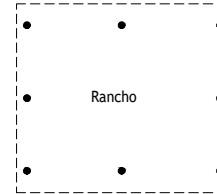
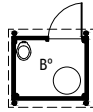
Assistência Social  
Aposentadoria

Composição Familiar



Atividade Produtiva  
Roça

Singularidade Construtiva  
Planta em «T»



Moradia na Fazenda Santo Antônio, estrada para as Cachoeiras do Prata e São Romão, encosta do Parque Nacional da Chapada das Mesas, Carolina, onde residem, há 30 anos, dois irmãos - um aposentado, ambos separados - e um sobrinho que vivem de roça de arroz, feijão, milho, banana, e mandioca, vendem em feiras, criavam porcos, galinhas e carneiros, mas abandonaram devido aos constantes ataques de onças.

Em lote de 1.300 hectares, pertencente ao pai falecido, cerca de tábuas de madeira, acesso por cancela frontal à porta de entrada, a moradia tem como anexos casa de farinha, estábulo, depósito e rancho, cobertos com palha, o maior fechado com tábuas de madeira, os demais abertos, dois jiraus para louças e roupas. Sem energia elétrica, usam lamparinas a querosene, não possuem geladeira, usam rádio a pilhas, ligação do Serviço Autônomo de Água e Esgoto - SAAE, sentina em madeira com vaso e fossa rudimentar, mas também usam o mato para necessidades fisiológicas, sem coleta de lixo, os dejetos são queimados.

Com 146m<sup>2</sup> de área coberta, em dois volumes perpendiculares com telhados independentes de quatro águas, unidos por calha de zinco, a maior dimensão da moradia está disposta no sentido da estrada. No corpo principal, sala e quatro quartos, no volume posterior, copa-cozinha e despensa com vão apoiado em pilar e viga de aroeira. Fundação em esteios de madeira e barro, paredes em adobe e taipa de mão, cobertura em ipê e aroeira, telhas cerâmicas planas, piso cimentado, esquadrias em tábuas de madeira.









**MADEIRA**



Mesorregião Norte

Cajari

Bairro:

Mangueirão



Urbano

Ano: 2015

Área: 76m<sup>2</sup>



Grupo Social  
Ocupante



Regime de Produção  
Familiar



Material Predominante  
Madeira



Assistência Social  
Seguro Defeso,  
Bolsa Família

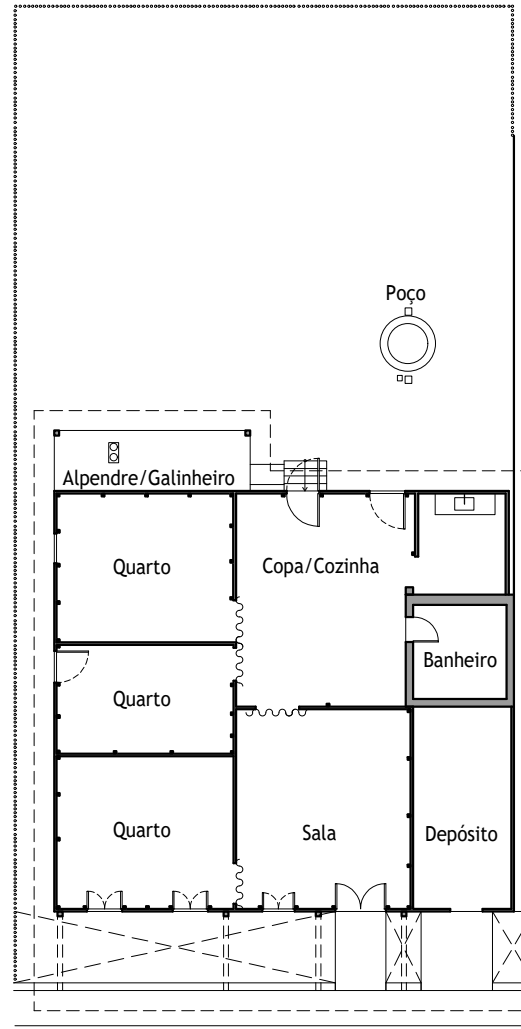
Composição Familiar



Atividade Produtiva  
Pesca, Roça e Serviços  
Gerais na Prefeitura

Singularidade Construtiva

Banheiro em tijolo  
cerâmico e varanda



0 1 3

Moradia localizada no bairro Mangueirão, próximo do Rio Maracú, Cajari, onde há 30 anos vive casal com ensino médio completo, quatro filhos, todos na escola, praticam pesca e roça de mandioca, milho e verdura, produzem e comercializam farinha d'água, têm carteira da Colônia de Pescadores, marido funcionário de serviços gerais na prefeitura, recebem benefício do Programa Bolsa Família.

Construída em ponta de rua sujeita a inundações, a moradia está suspensa 1,75m do mangue por estacas de arariba, a 15cm acima do nível da calçada de cimento da via sem calçamento, aterrada pelos próprios moradores. Tem como anexos poço raso de tijolo com bomba e antena parabólica, possui energia elétrica para televisão, geladeira e ventilador, sem abastecimento, recolhem água na casa da mãe do marido e, sem coleta de lixo, plásticos e papel são queimados, o restante lançado no rio.

Com 76m<sup>2</sup> de área, com varanda, sala, três quartos, copa-cozinha, depósito e puxado do galinheiro, a casa está apoiada em estacas de arariba, tem cobertura em madeira aparelhada e telhas cerâmicas, esquadrias de madeira, portas na frente e nos fundos, vãos internos vedados por cortinas de tecidos. Construída há cinco anos pelos moradores, a madeira em toras foi beneficiada por motosserra própria, 2.000 telhas foram compraram e banheiro de alvenaria feito há quatro anos. A umidade apodreceu pilares da varanda e, até que construam novas colunas de concreto, o assoalho e a cobertura estão provisoriamente apoiados em mãos francesas de madeira.





**Grupo Social**  
Ocupante



**Regime de Produção**  
Morador



**Material Predominante**  
Madeira



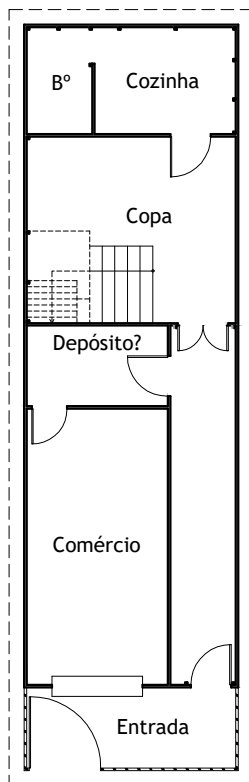
**Assistência Social**  
Aposentadoria,  
Bolsa Família

**Composição Familiar**

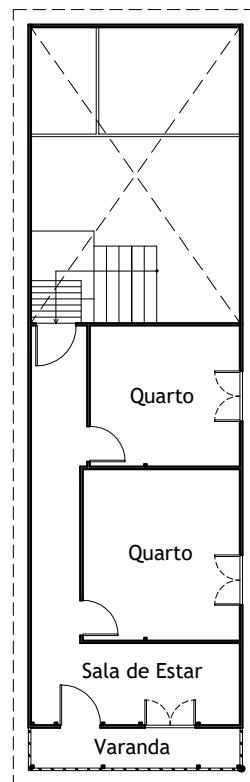


**Atividade Produtiva**  
Comércio, Construção  
de palafitas

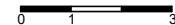
**Singularidade Construtiva**  
Dois pavimentos



Térreo



Primeiro Pavimento





Moradia e comércio no bairro Jaracati, área de ocupação popular em consolidação às margens do Rio Anil, em São Luís, onde há 10 anos mora comerciante de meia idade, solteiro, ensino fundamental, aposentado, com sua filha menor que frequenta a escola, vivendo do comércio no térreo do imóvel e de casas que constrói no bairro.

Implantada em área de mangue através de aterramento com entulho de demolição, com acesso construído em conjunto pelos moradores do lugar através de passarela de tábuas de madeira sobre a maré, a moradia ocupa um lote de 62,90m<sup>2</sup>, delimitada pela própria construção. Possui energia elétrica para televisão, ventilador, geladeira e freezer, tem abastecimento de água por rede geral. Sem rede coletora de esgoto, os dejetos sanitários são despejados diretamente no rio, assim como parte do lixo que não é coletado.

Com 105m<sup>2</sup> em dois pavimentos, toda construída pelo próprio morador, tem estrutura de madeira de pau d'arco no térreo e paparaúba no pavimento superior, com assoalhos e paredes externas em tábuas serradas, vedações internas em folhas de compensado e tábuas, cobertura de telhas de fibrocimento. As 14 portas e quatro janelas são de madeira de vários modelos, todas reaproveitadas. Pintada externamente nas cores branca, amarela e ocre, internamente de branco, azul celeste e rosa, a fachada principal e parte das laterais, nos dois pavimentos, estão vedadas com ripas de madeira. No térreo, a casa conta com comércio, depósito, cozinha com fogão a gás e banheiro aos fundos e, no pavimento superior, varanda, pequeno estar e dois quartos.






**Mesorregião Norte**  
 São Luís  
**Bairro:**  
 Vila Palmeira


**Urbano**    Ano: 2018  
 Área: 35m<sup>2</sup>


**Grupo Social**  
 Ocupante


**Regime de Produção**  
 Morador


**Material Predominante**  
 Madeira

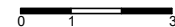
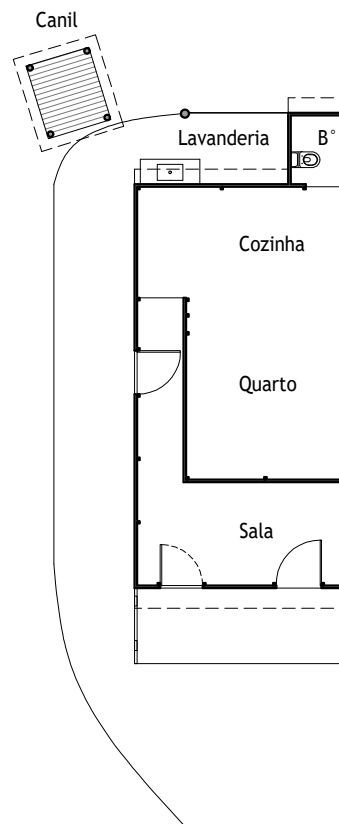

**Assistência Social**  
 Bolsa Família

**Composição Familiar**  



**Atividade Produtiva**  
 Trabalhos ocasionais,  
 Serviços Gerais  
 em empresa

**Singularidade Construtiva**  
 Canil em palafita



Morada na Vila Palmeira, bairro consolidado na margem esquerda do Rio Anil, próxima à ponte Newton Bello, em São Luís, fruto de ocupação popular iniciada no final da década de 1960 nas vizinhanças de conjuntos residenciais então em construção, onde há menos de um ano vive jovem casal, com ensino fundamental, uma filha menor, ele desempregado, exercendo trabalhos avulsos, ela serviços gerais em rede de supermercado, recebem auxílio do Bolsa Família.

Localizado em uma das extremidades do bairro, em ponta de rua que vai se formando sobre o mangue, o lote não tem qualquer delimitação e está sujeito a inundações da maré cheia, situação enfrentada com aterramento do solo para elevação do nível dos cômodos, processo iniciado pela área do quarto e da cozinha, utilizando entulho de demolição, tijolos cerâmicos e cimento para o piso. Recuada do alinhamento da casa vizinha, com terraço cimentado na entrada, tem nos fundos uma pequena palafita que serve de canil para o cachorro da família e, colado nas paredes da moradia, um jirau com bancada de granilite e reservatório de água de polietileno, funcionando também como casa de banho, parcialmente vedada por painel de lona. Os moradores contam com energia elétrica e fogão a gás. Lançam os dejetos sanitários diretamente no mangue e coletam parcialmente o lixo.

Com 35m<sup>2</sup> de área com sala, quarto e cozinha, ambientes separados por cortinas e guarda-roupa, e um puxado para o banheiro, a moradia foi construída em 25 dias pelos próprios moradores, com sarrafos e tábuas de madeira, cobertura de fibrocimento de duas águas que consumiu 40 telhas, portas e janela também de tábuas de madeira e piso cimentado. Com a fachada principal pintada em esmalte sintético amarelo e as demais sem nenhuma proteção, os moradores usam plásticos externos para evitar a penetração de chuva no interior da casa.



 **Mesorregião Norte**  
Viana  
Povoado: Tocoira

 Rural    Ano: 1980  
Área: 71m<sup>2</sup>

 **Grupo Social**  
Posseiro

 **Regime de Produção**  
Carpinteiro na  
empreitada

 **Material Predominante**  
Madeira

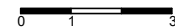
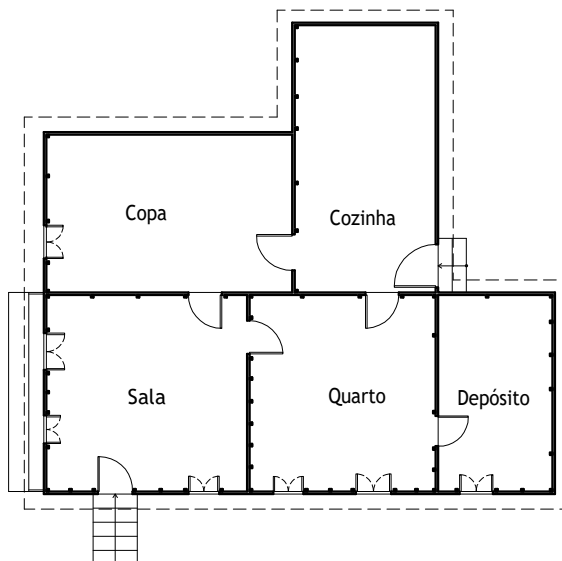
 **Assistência Social**  
Aposentadoria

Composição Familiar



 **Atividade Produtiva**  
Roça

**Singularidade Construtiva**  
Escada de acesso cimentada



Moradia em Tocoira, no município de Viana, às margens do rio Maracú, onde há 45 anos vive casal de idosos, com ensino médio e fundamental incompletos, aposentados, praticam a pesca e fazem roça de mandioca, arroz, feijão e milho para o próprio consumo. Possuem dois filhos adultos que moram com suas famílias fora do lugar.

Compondo um conjunto de 12 moradias, na beira do campo inundável do Maracú, sem delimitação física de lote, elevada na altura de 1,2m do solo alagável através de esteios de madeira, sendo alguns aparelhados, outros em estado bruto, o interior da casa é acessível por escada de alvenaria com reboco de cimento. Com uma casa de banho de palha de pindoba como único anexo, a moradia conta com energia elétrica para geladeira, tanquinho e ventilador, é abastecida de água por poço do próprio povoado, não tem qualquer instalação sanitária. Como não há coleta de lixo, os dejetos são queimados e enterrados.

Com 71m<sup>2</sup> de área coberta, construída por carpinteiro “das ilhas” com tábuas de madeira compradas em serrarias, originalmente com planta em L e três ambientes - sala, quarto e cozinha com fogareiro de barro -, foi posteriormente ampliada por duas meias-águas para a copa e o depósito ao lado do quarto. Com as fachadas pintadas na cor branca, as esquadrias e uma barra na cor azul celeste, a casa tem assoalho de tábuas, portas e janelas de folhas de madeira. Algumas aberturas são vedadas por meaçabas e as fachadas mais expostas aos ventos e às chuvas estão protegidas internamente por plásticos transparentes.




**Mesorregião Oeste**  
 Imperatriz  
 Bairro:  
 Parque Alvorada


**Urbano**    Ano: 2012  
 Área: 72m<sup>2</sup>


**Grupo Social**  
 Ocupante


**Regime de Produção**  
 Família


**Material Predominante**  
 Madeira

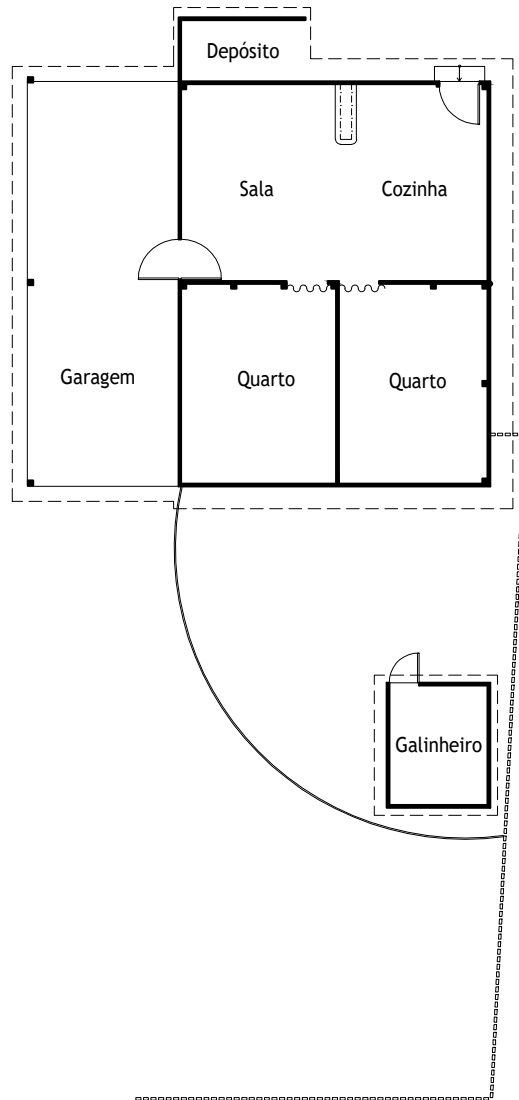

**Assistência Social**  
 Bolsa Família

**Composição Familiar**  



**Atividade Produtiva**  
 Ajud. Pedreiro e Zelador

**Singularidade Construtiva**  
 Varanda lateral como garagem



0 1 3



Moradia no bairro Parque Alvorada I, em Imperatriz, área de ocupação em processo de regularização fundiária pela prefeitura, sujeita a inundações, onde há sete anos vive casal, escolarizados, com quatro filhos, um deles maior, marido trabalha como ajudante de pedreiro, esposa zeladora e faz biscates, criam galinhas e recebem benefício do Programa Bolsa Família.

Em lote de 288m<sup>2</sup>, delimitado por diferentes materiais - cerca, tábuas e ferragens -, a casa está implantada a 10 metros da frente do terreno, tendo na lateral esquerda da fachada principal um galinheiro em estrutura de madeira, vedação com tela metálica e régua de PVC e cobertura de telhas cerâmicas. Com energia elétrica para televisão, geladeira e ventiladores, abastecimento de água canalizada do poço artesiano do bairro com tubulação comprada pelos moradores, a moradia não possui instalações sanitárias. Os moradores utilizam o banheiro dos vizinhos e, sem coleta, o lixo é queimado periodicamente nos fundos da casa.

Com área de 72m<sup>2</sup>, a varanda serve de abrigo ao veículo da família, sala e cozinha integrados, dois quartos e depósito com acesso externo. Construída nos finais de semana pelo casal, com material de demolição de obras, tábuas e cimento doados por familiares, a moradia tem baldrame de pedra, paredes externas em tábuas de madeira reaproveitadas com tapa-juntas de ripas de madeira, divisórias internas com régua de PVC, cobertura com estrutura de madeira, telhas cerâmicas e de fibrocimento em duas águas, telhado da varanda um pouco mais baixo, sem janelas. A moradia tem duas portas externas e os vão internos dos quartos são vedados por cortinas de tecidos.





Mesorregião Oeste  
Pindaré Mirim  
Bairro:  
Rua São Pedro



Urbano  
Ano: Há muito tempo  
Área: 82m<sup>2</sup>



Grupo Social  
Posseiro



Regime de Produção  
Irmão Carpinteiro

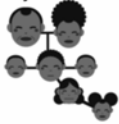


Material Predominante  
Madeira



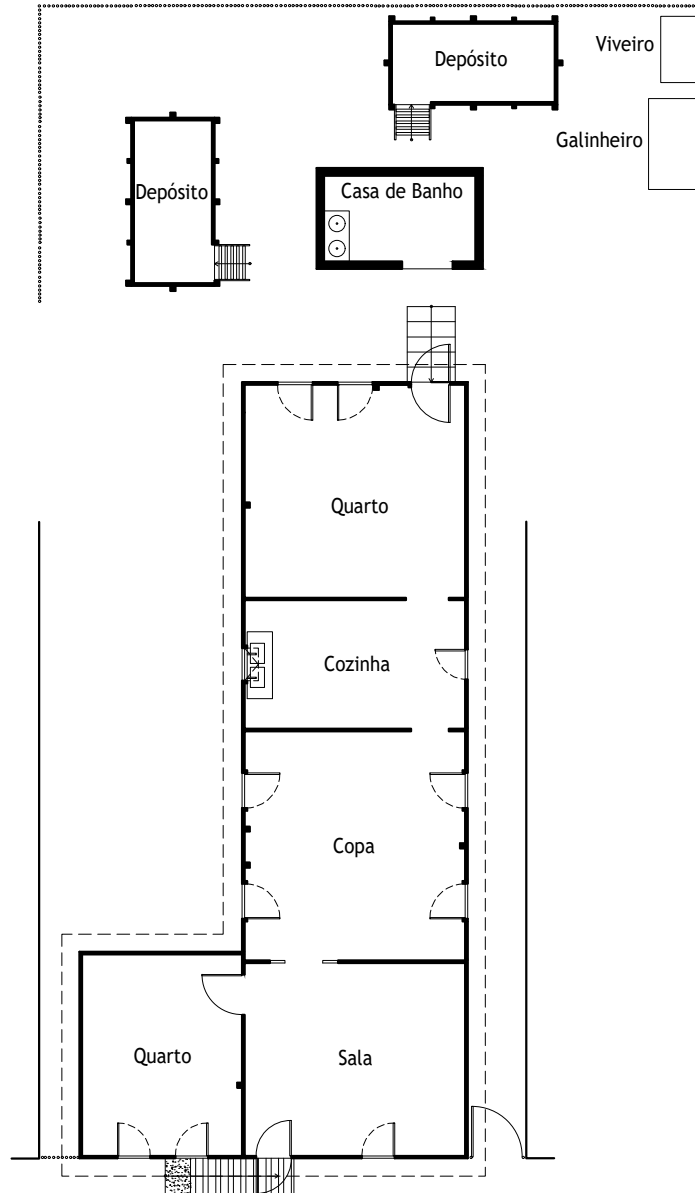
Assistência Social  
Seguro Defeso,  
Aposentadoria

Composição Familiar



Atividade Produtiva  
Pesca

Singularidade Construtiva  
Sobre esteios de madeira

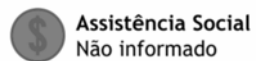
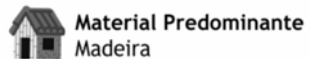
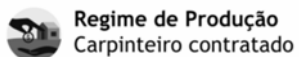
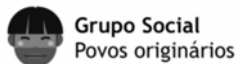
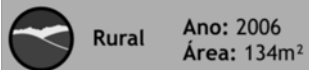


Moradia na Rua São Pedro, periferia urbana de Pindaré Mirim, às margens do Rio Pindaré, área sujeita a enchentes, onde casal, com três filhas maiores, uma neta e uma bisneta, vive da pesca e de aposentadoria rural.

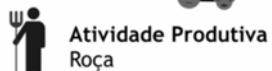
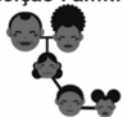
Localizada na testada do terreno, com fachada para a via sem pavimentação em frente ao Rio Pindaré, suspensa a 1,35m do chão devido às cheias do rio, vizinha de duas outras casas de madeira idênticas, uma delas moradia das filhas e outra funcionando como depósito de equipamentos de pesca, a moradia tem como anexos, nos fundos, uma casa de banho, também usada para lavar roupas, em alvenaria de tijolos cerâmicos e telha cerâmica; cercado suspenso sobre esteios para a criação de patos e marrecos; dois depósitos, também suspensos, de madeira cobertos de palha de pindova e telhas cerâmicas. Com energia elétrica para televisão, freezer, bebedouro e ventilador, abastecimento de água da concessionária local, não há coleta de lixo, que é queimado periodicamente.

Com 82m<sup>2</sup> de área coberta, suspensa sobre esteios de madeira que sustentam também o madeirame do telhado de duas águas, cobertos com telhas cerâmica e servem de suporte para as tábuas de vedação das paredes externas e internas, a casa foi feita pelo irmão do morador. Possui sala, dois quartos, copa e cozinha com bancada de inox e duas cubas. O acesso principal se dá por uma escada de nove degraus, feita de madeira e paralela à fachada frontal da casa, chegando à porta guarnecida por cancela de ripas de madeira. Nos fundos, com saída pela porta do último quarto da casa, há uma outra escada, com cinco degraus cimentados e vão também protegido por cancela de ripas de madeira.



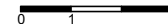
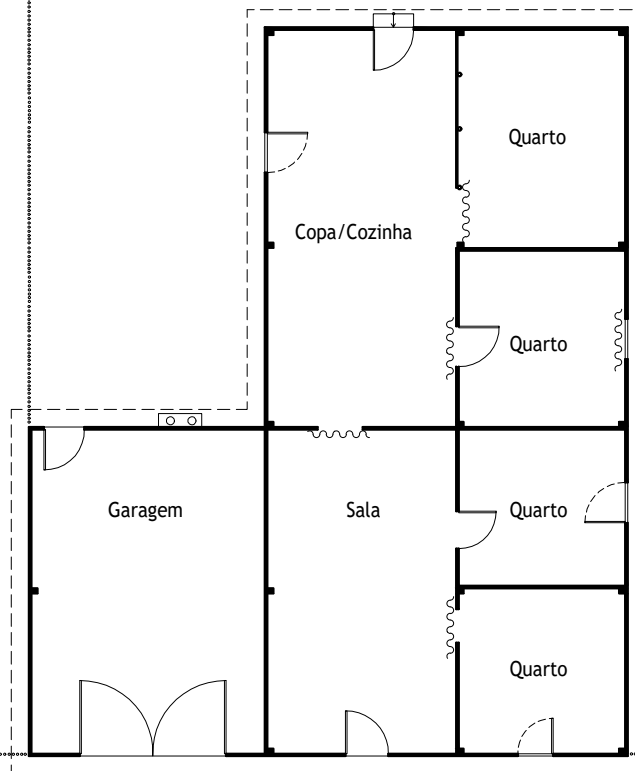
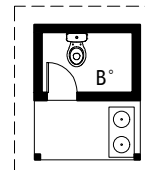


#### Composição Familiar



**Singularidade Construtiva**  
Garagem fechada geminada

Jirau





Moradia na Aldeia Januária, com 128 famílias, Terra Indígena Rio Pindaré, com pouco mais de 15 mil hectares de terras nos municípios de Bom Jardim e Monção, regularizada pela Fundação Nacional do Índio - FUNAI na modalidade “terras tradicionalmente ocupadas”, onde vive cacique da aldeia e família, totalizando 10 pessoas, entre filhos e parentes.

Erguida no limite frontal do lote, a delimitação nas laterais e nos fundos feita por cercas de varas de palmeira com cancela de madeira nos fundos e, como anexos, sanitário em alvenaria e cobertura de telha cerâmica, que abriga também o jirau de lavar roupa e, mais ao fundo, outro jirau para lavagem de louças e panelas, um cercado para animais e, próximo à edificação, um fogão de barro. Com energia elétrica da concessionária para iluminação, televisão e duas geladeiras, a casa tem água de poço artesiano da própria Aldeia, fossa rudimentar e os dejetos são enterrados e queimados.

Construída em 2006 por carpinteiro de Alto Alegre do Pindaré, contratado pelo falecido cacique, pai do atual, com madeira retirada da Aldeia Maçaranduba, Terra Indígena Carú, também no município de Bom Jardim, desde então nenhuma modificação ou ampliação foi feita. Com 134m<sup>2</sup> de área coberta, constituída por duas edificações geminadas, a área da moradia à esquerda possui sala, quatro quartos e copa-cozinha, e à direita, mais estreita e curta, abriga garagem para a camionete 4x4 a serviço da Aldeia, sob responsabilidade do cacique. A construção tem paredes externas e internas em tábuas de madeira pintadas com esmalte sintético, cobertura de duas águas com madeirame aparelhado e telhas cerâmicas, com calha de zinco no encontro das edificações, piso cimentado, portas e janelas com folhas de madeira, as internas de cortinas de tecidos.






**Mesorregião Oeste**  
 Turiaçu  
 Comunidade  
 Quilombola:  
 Jamary dos Pretos -  
 Cajual

 Rural    Ano: 2015  
 Área: 44m<sup>2</sup>

 **Grupo Social**  
 Remanescente  
 Quilombola

 **Regime de Produção**  
 Filho pedreiro

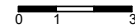
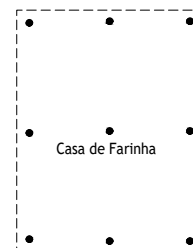
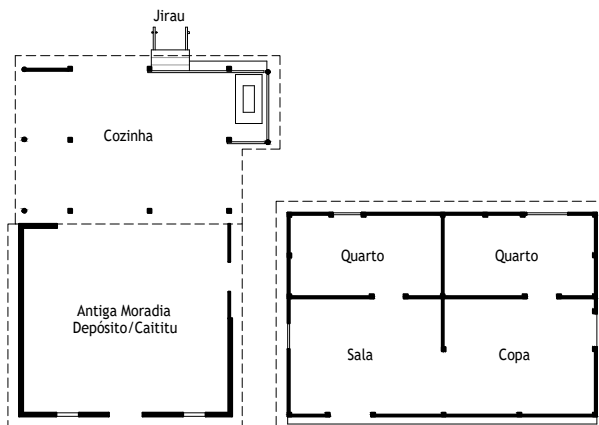
 **Material Predominante**  
 Madeira

 **Assistência Social**  
 Aposentadoria

**Composição Familiar**  


 **Atividade Produtiva**  
 Roça, Pesca, Criação

**Singularidade Construtiva**  
 Cozinha no anexo de  
 taipa de mão



Moradia em Cajual, povoado de Jamary dos Pretos, município de Turiaçu, comunidade reconhecida em 2014 pela Fundação Cultural Palmares como remanescente de quilombola, onde há quase 50 anos reside casal, com 11 filhos, apenas um deles e a sogra moram ali. Aposentados, praticam pesca e fazem roça de mandioca e milho, criam galinhas e porcos barrascos, criadeiras e capados.

Implantada em frente a uma clareira, 50 metros afastada da estrada vicinal que passa em frente, sem delimitação física do terreno, a moradia tem casa de taipa de mão, construída em 2013, funcionando como depósito e cozinha. Como anexo, casa de farinha em rancho de palha de pindova, com caititu, peneira, cocho e forno. Com energia elétrica para televisão e geladeira, água de fonte próxima, onde também tomam banho, usam o mato para necessidades fisiológicas e, sem coleta de lixo, os dejetos são lançados no entorno.

Construída em 2015 por filho pedreiro na diária, a casa com 40 x 20 palmos levou três dias para o fechamento e tem esteios de sapucaia e tábuas de guanaimim e paparaúba. A cobertura, com madeirame aparelhado e usou 20 feixes de palha de pindova amarradas com barbante, foi feita em uma manhã por mutirão de oito pessoas. Com 44m<sup>2</sup> de área coberta, sala, dois quartos e copa, a moradia não tem nenhum fechamento nos vãos de portas e janelas, o piso é de terra batida, usam a cozinha da antiga casa de taipa de mão que tem fogão de barro e trempe.





Mesorregião Oeste  
Turiaçu  
Povoado:  
Cunhã Cuema



Rural

Ano: Há muito tempo  
Área: 40m<sup>2</sup>



Grupo Social  
Posseiro



Regime de Produção  
Familiar



Material Predominante  
Madeira



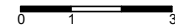
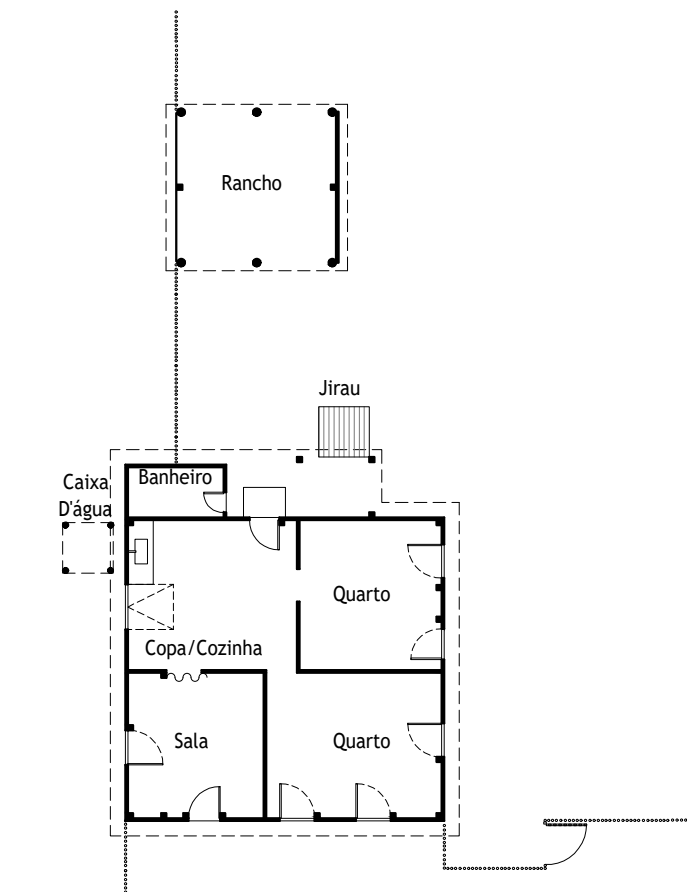
Assistência Social  
Seguro Defeso,  
Bolsa Família

Composição Familiar



Atividade Produtiva  
Pesca com rede taineira

Singularidade Construtiva  
Banheiro no alpendre



Moradia na ilha de Cunhã Cuema, a três horas de barco a motor da sede de Turiaçu, onde vive jovem casal que mora junto há cinco anos, e uma filha menor na escola, pescam com parentes - camarão, tainha, sardinha, peixe pedra, usando rede taineira - e vendem peixe, recebem benefício do Programa Bolsa Família. Deslocam-se periodicamente para compras na sede do município de Cururupu ou em São Luís.

Recuada 2,5m da frente do terreno, delimitado por cerca de varas nos dois lados da fachada, com acesso por cancela na lateral e pela porta principal da moradia, tem como anexos uma caixa d'água de polietileno ao lado da janela lateral da cozinha, jirau para lavar louça em frente ao alpendre da cozinha e, mais ao fundo, o rancho para torrar camarão e uma horta com temperos - cebolinha, cheiro verde e pimentinha. A energia elétrica para iluminação, televisão e ventilador, é gerada pelo motor da tia, que mora ao lado, pagamento mensal para compra do óleo diesel. A moradia tem água de poço raso em tijolos cerâmicos, banheiro com fossa rudimentar e, sem coleta de lixo, os dejetos são queimados e enterrados periodicamente.

Com 40m<sup>2</sup> de área, sala, dois quartos, copa-cozinha e um puxado para o banheiro e alpendre, a moradia está elevada 15cm do piso externo por esteios de madeira, tem paredes externas e internas, e piso de tábuas de madeira, cobertura de telha cerâmica sobre madeirame aparelhado e esquadrias de madeira. Originalmente da avó da esposa, depois do seu tio, que, ao se mudar para São Luís, “emprestou” para a sobrinha, os atuais moradores mudaram os usos da sala para quarto e vice-versa, substituindo portas e janelas, ainda com marcas na fachada principal. Para construção do banheiro, compraram duas dúzias de tábuas, a R\$ 60 cada, e utilizaram telhas antigas.





Mesorregião Oeste  
Turiaçu  
Povoado:  
Igarapé Grande



Rural

Ano: 2015  
Área: 60m<sup>2</sup>



Grupo Social  
Posseiro



Regime de Produção  
Carpinteiro na  
empreitada



Material Predominante  
Madeira



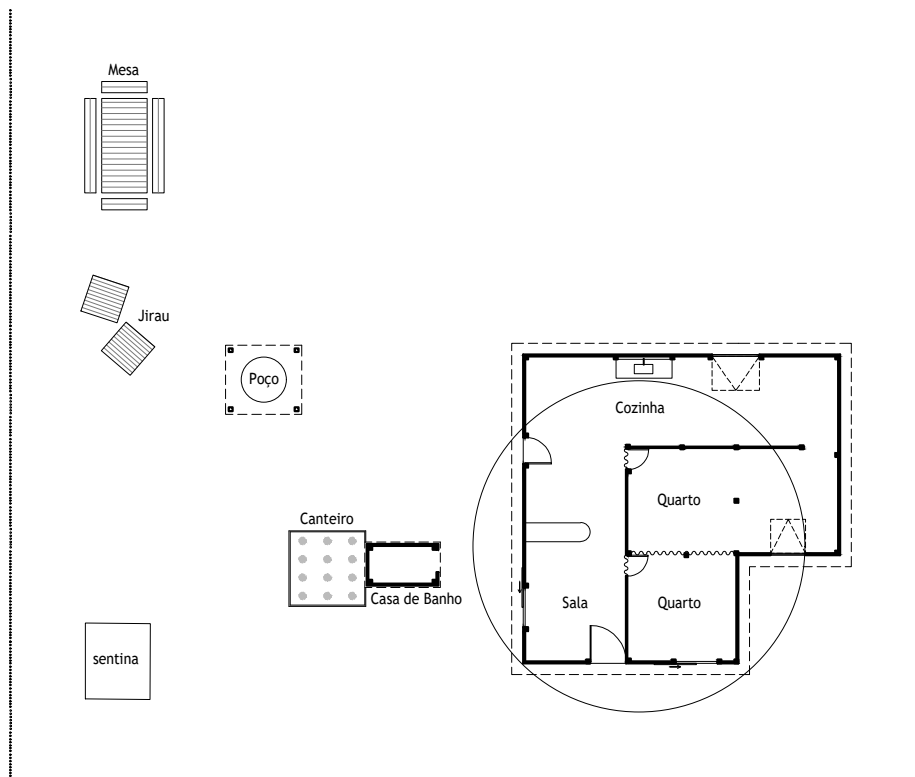
Assistência Social  
Seguro Defeso,  
Bolsa Família

Composição Familiar



Atividade Produtiva  
Pesca, criação de  
patos e galinhas

Singularidade Construtiva  
Janelas de folhas corrediças





Moradia onde casal e três filhos menores, dois em escola seriada do lugar, vivem da venda de galinhas e patos, e da pesca do marido, encarregado de barco. Duas vezes por semana pesca cação, pescada, gurijuba e corvina, produto dividido com os donos do barco e da rede. Para compras e visitas médicas, usam lancha de linha até a sede do município, R\$ 15 a viagem sem dia certo, embarque e desembarque em trapiche de madeira, construído pelos moradores. Quebrado na época, obriga os viajantes a entrarem no mangue e na água.

Em terreno da mãe do marido, que já havia abrigado chapéu de palha, bar de outro filho da proprietária, cujo piso cimentado foi aproveitado como base da casa atual, a moradia está implantada no centro do terreno arenoso, delimitado por cerca de varas, com jiraus para lavagem de roupa e limpeza do peixe, casa de banho e sentina com fossa rudimentar, canteiro com temperos e, sob um cajueiro, mesa e bancos em tábuas de madeira. Com placa solar para iluminação, pois a tensão não dá para uso de televisão, abastecimento de água de poço raso, contratado por R\$ 400 em trabalho de 3 dias, os resíduos sólidos são enterrados.

Com material de casa demolida, estando a família abrigada temporariamente com amigos, a execução foi iniciada há quatro anos, durou mais de um mês de empreitada com carpinteiro por R\$ 2.500. Esteios e cumeeira das paredes externas e da cobertura foram comprados. A moradia tem 60m<sup>2</sup> de área coberta, vedação com esteios de madeira e tábuas, cobertura de madeiramento com telha de fibrocimento e as janelas de correr, comuns no povoado, são reaproveitadas. Em 2018, usando régua de PVC, começaram a fazer as divisões internas da sala, três quartos e cozinha, ainda hoje por completar. Para complementar o piso cimentado do antigo bar, com sua marca fora e dentro da moradia, foi utilizada argamassa com caco de telha, cimento e areia.





Rural Ano: 1995  
Área: 126m<sup>2</sup>



Grupo Social  
Posseiro



Regime de Produção  
Carpinteiro na diária



Material Predominante  
Madeira



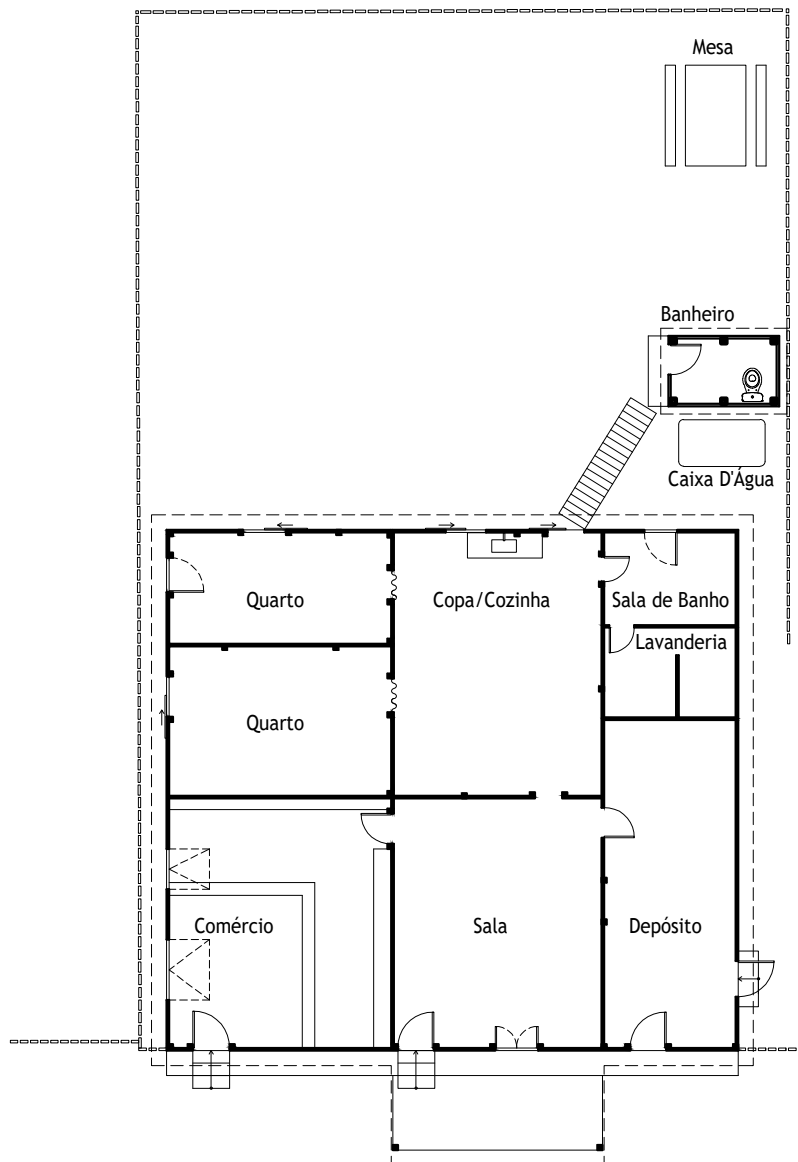
Assistência Social  
Aposentadoria

Composição Familiar



Atividade Produtiva  
Comércio, Professora e  
Diretora Escola Mucpal

Singularidade Construtiva  
Varanda e Merceria

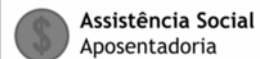
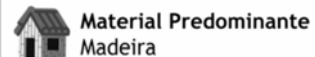
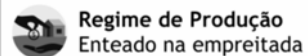
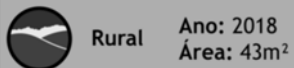
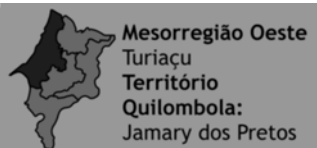


Moradia no Povoado Igarapé Grande, ilha a três horas de barco a motor da sede de Turiaçu, onde reside casal de meia idade, juntos há 33 anos, esposa professora e diretora da escola municipal local, ele aposentado, planta coco, jambu, caju e guajiru, tem comércio na própria casa, compra e revende produção dos pescadores do lugar - principalmente corvina e pescada amarela - e revende em Turiaçu, Belém e São Luís, praticando pesca como atividade complementar. Desloca-se periodicamente até Turiaçu para compras comerciais e negócios bancários, usa a lancha de linha, pagando frete pela carga, fica hospedado na casa da cunhada.

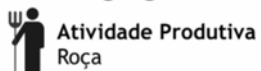
Erguida no limite frontal do lote, com cerca de tábuas de madeira nas laterais, a casa possui três acessos: ao comércio, à moradia e ao depósito. Um dos anexos é a sentina, com paredes de tábuas de madeira e régua de PVC, cobertura de fibrocimento, antena parabólica e, ao lado da sentina, caixa d'água de fibrocimento para limpeza dos pés. Com energia elétrica para iluminação, aparelho de som e televisão, gerada por placas solares com bateria de duração anual ao custo de R\$ 800, abastecimento de água por poço artesiano de manilha, fossa rudimentar e, sem coleta, o lixo é queimado periodicamente.

Anteriormente de madeira e palha, a moradia foi ampliada há 25 anos, com comércio ligado à sala, dois quartos, copa-cozinha e, em 2007, recebeu puxado lateral para depósito com freezer e isopor para os pescados, sala de banho e lavanderia, totalizando os atuais 126m<sup>2</sup> de área coberta com a varanda, executada em 2018. A construção, feita em regime de diárias, tem esteios de madeira, paredes externas de guanamim, internas de paraúba aproveitadas, piso assoalhado e de cimento queimado, cobertura com madeirame aparelhado, beiral com cachorros duplos e telhas cerâmicas, esquadrias de madeira de abrir e pivotante vertical fabricadas em Turiaçu.

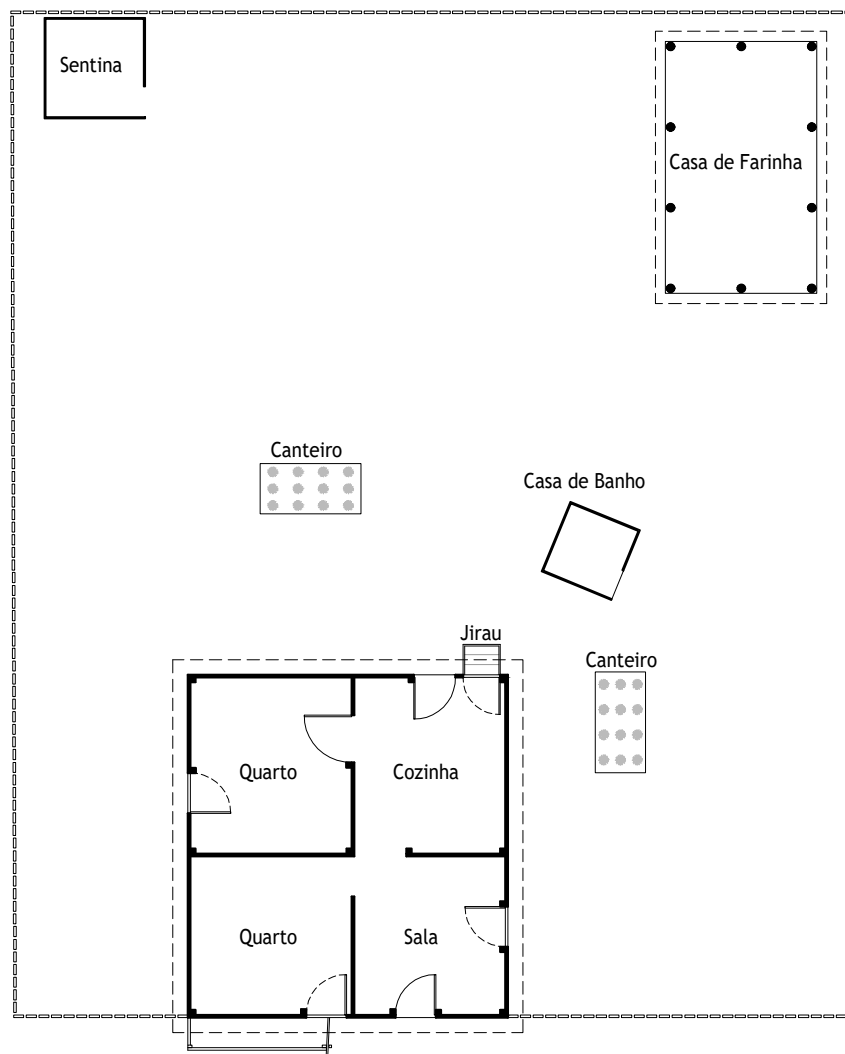




Composição Familiar



Singularidade Construtiva  
Casa de Farinha como anexo





Moradia no povoado de Barraca, Jamary dos Pretos, comunidade reconhecida em 2014 pela Fundação Cultural Palmares como remanescente de quilombola, também assentamento do INCRA, no município de Turiaçu, onde vive junto há dois anos casal idoso e a mãe do marido com 90 anos, aposentados, fazem roça em local “de agrado” do casal, plantam de duas a quatro linhas de milho, feijão, arroz e mandioca e produzem farinha em anexo dos fundos da casa. Os deslocamentos para a sede do município são para recebimento de benefícios, compras e consultas médicas.

Erguida no limite frontal do terreno, delimitado na frente por cerca de tábuas, laterais e fundos por cerca de estacas, tem como anexos dois canteiros de temperos, casa de banho e sentina em tábuas de madeira sem cobertura. Nos fundos, há a casa de farinha, fechada com tábuas e cobertura de palha de pindoba. Com energia elétrica para iluminação, geladeira e ventilador, água para consumo humano de poço artesiano, fossa rudimentar para esgoto e, sem coleta de lixo, os dejetos são queimados periodicamente.

Com 43m<sup>2</sup> de área coberta, divididos em sala, dois quartos e cozinha, construída em três meses pelo enteado, filho da esposa, ao custo de R\$ 2.000 a mão de obra, a moradia foi concluída em setembro de 2018, em madeira recolhida na região e cortada com motosserra, tem esteios de jarana e sapucaia enterrados 70cm no solo, tábuas de tauari, paparaúba e sucupira, cobertura de telha cerâmica com madeiramento aparelhado, piso de terra batida, portas e janelas de madeira. Tem jirau de madeira na janela da cozinha para lavagem de louça e um estrado de tábuas serve de piso para a geladeira e o fogão a gás, evitando contato com o piso de terra batida.







Mesorregião Oeste  
Turiaçu  
Bairro: Rabelão



Urbano Ano: 1999  
Área: 88m<sup>2</sup>



Grupo Social  
Ocupante



Regime de Produção  
Contratação



Material Predominante  
Madeira



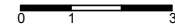
Assistência Social  
Aposentadoria

Composição Familiar



Atividade Produtiva  
Salão de cabeleireiro

Singularidade Construtiva  
Dois pavimentos



Morada no bairro Rabelão, na beira do rio Turiaçu, ocupação da área de entorno do estádio de futebol da cidade de Turiaçu e que dá nome ao lugar, onde vivem da aposentadoria e da renda de salão de cabelereiro, recém instalado na própria casa, avó idosa e sua neta adolescente. O terreno foi adquirido pelo avô, pescador e criador de gado no povoado Mutuoca. A casa foi construída em 1999, passando por ampliações posteriores.

Erguida com a fachada frontal no limite do terreno, sobre via asfaltada, sem delimitações laterais e de fundo, a moradia possui entrada para a sala de estar e para o salão de cabelereiro. Como anexos nos fundos, há um depósito no corpo do puxado do sanitário e uma caixa d'água de polietileno, elevada sobre estrutura de alvenaria rebocada e pintada, apoiada em laje de concreto armado. Possui energia elétrica para televisão com antena parabólica, geladeira e tanquinho, água distribuída pela rede geral do Serviço Autônomo de Água e Esgoto - SAAE, fogão a gás e a lenha, fossa séptica e coleta de lixo da Prefeitura duas vezes na semana.

Com 88m<sup>2</sup> de área coberta, a casa se ergue sobre esteiros de madeira, tem paredes externas e internas de tábuas de madeira, pintadas com esmalte sintético, corpo frontal em dois pavimentos e telhado de uma água, com sala de estar e salão de cabelereiro no térreo e escada para acesso ao pavimento superior com dois quartos; no segundo corpo, com um pavimento e cobertura de duas águas, a moradia tem sala, quarto e cozinha, todos com assoalho e esquadrias de madeira, cobertura de telhas cerâmicas com madeirame aparelhado. Ampliação feita em 2001, foram construídos nos fundos, em alvenaria de tijolos cerâmicos revestidos internamente, cozinha de apoio, box com chuveiro e lavatório e outro com vaso sanitário, além de depósito, em tábuas de madeira, acessível por fora da construção.




**Mesorregião Oeste**  
 Turiaçu  
 Bairro: Rabelão


**Urbano**  
 Ano: Há muito tempo  
 Área: 61m<sup>2</sup> e 54m<sup>2</sup>


**Grupo Social**  
 Ocupante


**Regime de Produção**  
 Contratação


**Material Predominante**  
 Madeira

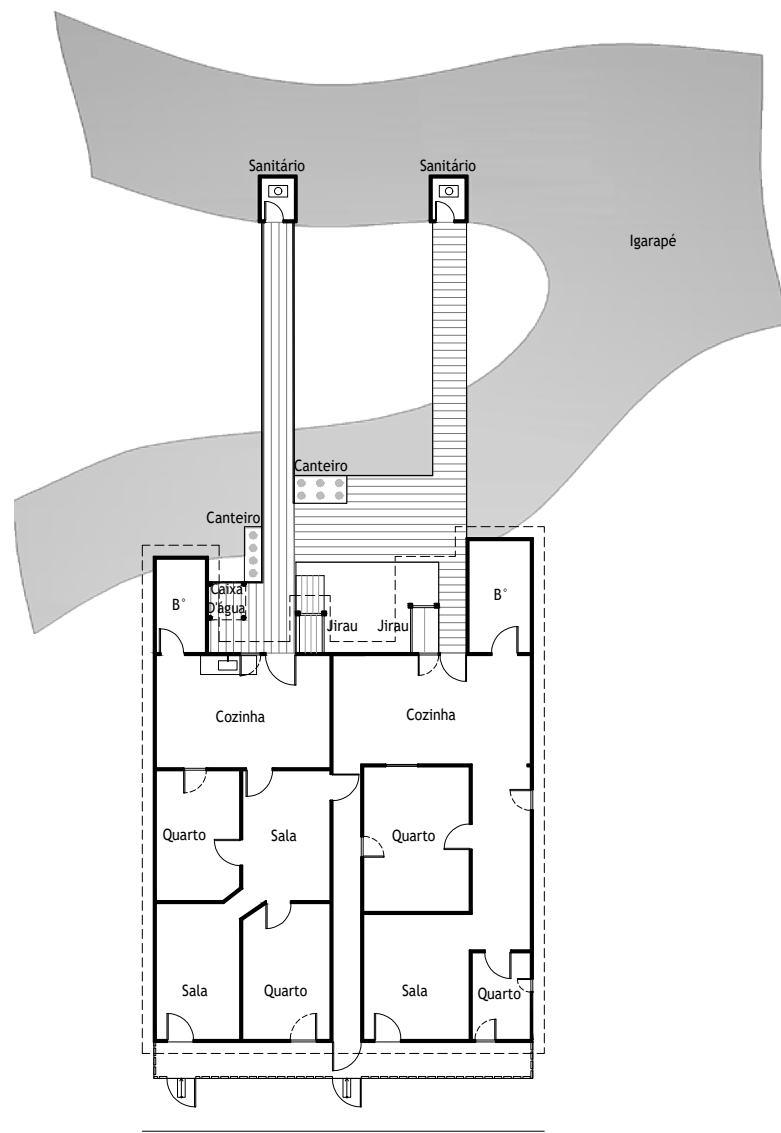

**Assistência Social**  
 Bolsa Família,  
 Seguro Defeso

**Composição Familiar**  



**Atividade Produtiva**  
 Pesca

**Singularidade Construtiva**  
 Geminada, sentina em  
 passarela sobre igarapé

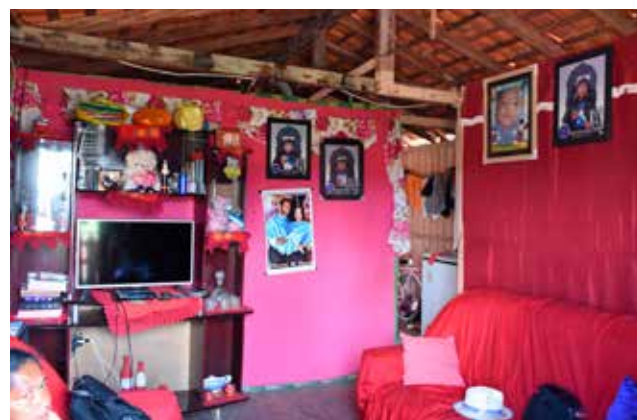


0 1 3

Moradias geminadas no bairro Rabelão, em área de mangue do rio Turiaçu, ocupação consolidada do entorno do estádio de futebol da cidade que dá nome ao lugar, em uma das casas vive matrimônio idoso, ele aposentado, ainda pescador, e na outra residência, seu filho e a esposa, casados há 13 anos “no civil”, seis filhos, maiores e menores, vivendo da pesca.

Implantadas a 2m do meio fio, passeio sem pavimentação, circulação-terraço com piso elevado 20cm e guarda-corpo de tábuas de madeira em toda extensão das edificações, cada uma com cancela própria, as moradias estão separadas por área com 80cm de largura, que em calha de zinco recebe as águas das coberturas e serve de depósito de equipamentos de pesca dos moradores. Como anexos, a 8m nos fundos, cada moradia tem sentina em tábuas de madeira e telhas cerâmicas, acessíveis por passarelas de madeira sobre o mangue, sujeito aos movimentos da maré. Com energia elétrica para iluminação, televisão, geladeira e tanquinho, sem abastecimento de água, compram a cada três dias, de vendedores que circulam pelo bairro, 1.000 litros de água por R\$ 30. O esgoto é despejado in natura no mangue e há coleta periódica do lixo no bairro.

Sobre esteios de madeira, paredes externas e internas de tábuas de madeira, cobertura de duas águas com madeirame aparelhado e telhas cerâmicas, assoalhos sobre barrotes, folhas de portas e janelas em tábuas de madeira, as moradias são pintadas externa e internamente em esmalte sintético de cores fortes, uma em azul, outra em vermelho. Originalmente com a mesma área coberta, devido aos puxados para os alpendres do jirau e os banheiros, as moradias têm 61m<sup>2</sup> e 54m<sup>2</sup> de áreas cobertas, com ambientes que possuem diferentes áreas e usos.





Mesorregião Sul  
Carolina  
Fazenda:  
Palmeirinha



Rural

Ano: 2007

Área: 121m<sup>2</sup>



**Grupo Social**  
Posseiro



**Regime de Produção**  
Contratação



**Material Predominante**  
Madeira



**Assistência Social**  
Aposentadoria,  
Bolsa Família

**Composição Familiar**



**Atividade Produtiva**  
Roça, Criação de gado

**Singularidade Construtiva**

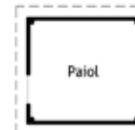
Pátio interno e banheiro  
em tijolo cerâmica



Casa de Banho



Tanque/Lavanderia





Moradia localizada na Chácara Palmeirinha, próxima ao Parque Nacional da Chapada das Mesas, município de Carolina, onde vive casal de meia idade, união no registro civil, ele borega, ela com o ensino fundamental, 6 filhos maiores, apenas um residindo com os pais, além da mãe da esposa e dois netos, trabalham de roça - fava, feijão, arroz, milho, mandioca e capim, produzem farinha e criam galinhas, porcos e gado, que comercializam na própria casa, recebem aposentadoria e benefício do Programa Bolsa Família pelos netos. Deslocam-se de duas a três vezes por mês para a sede do município utilizando carro de linha.

Erguida em terreno de 39 alqueires, propriedade do morador e da sogra, a área é toda cercada com arame e tem como anexos casa de banho com tanque para lavar roupas, jirau de madeira para lavagem de louças, casa de farinha, chiqueiro e, na lateral direita da moradia, depósito de tábuas de madeira com telhado cerâmico e cercado para o gado. Possui energia elétrica de motor, que consome 50 litros de óleo diesel por mês, para iluminação, geladeira e televisão, abastecimento de água por poço artesiano da propriedade, banheiro tem fossa séptica e o lixo é queimado a cada três dias.

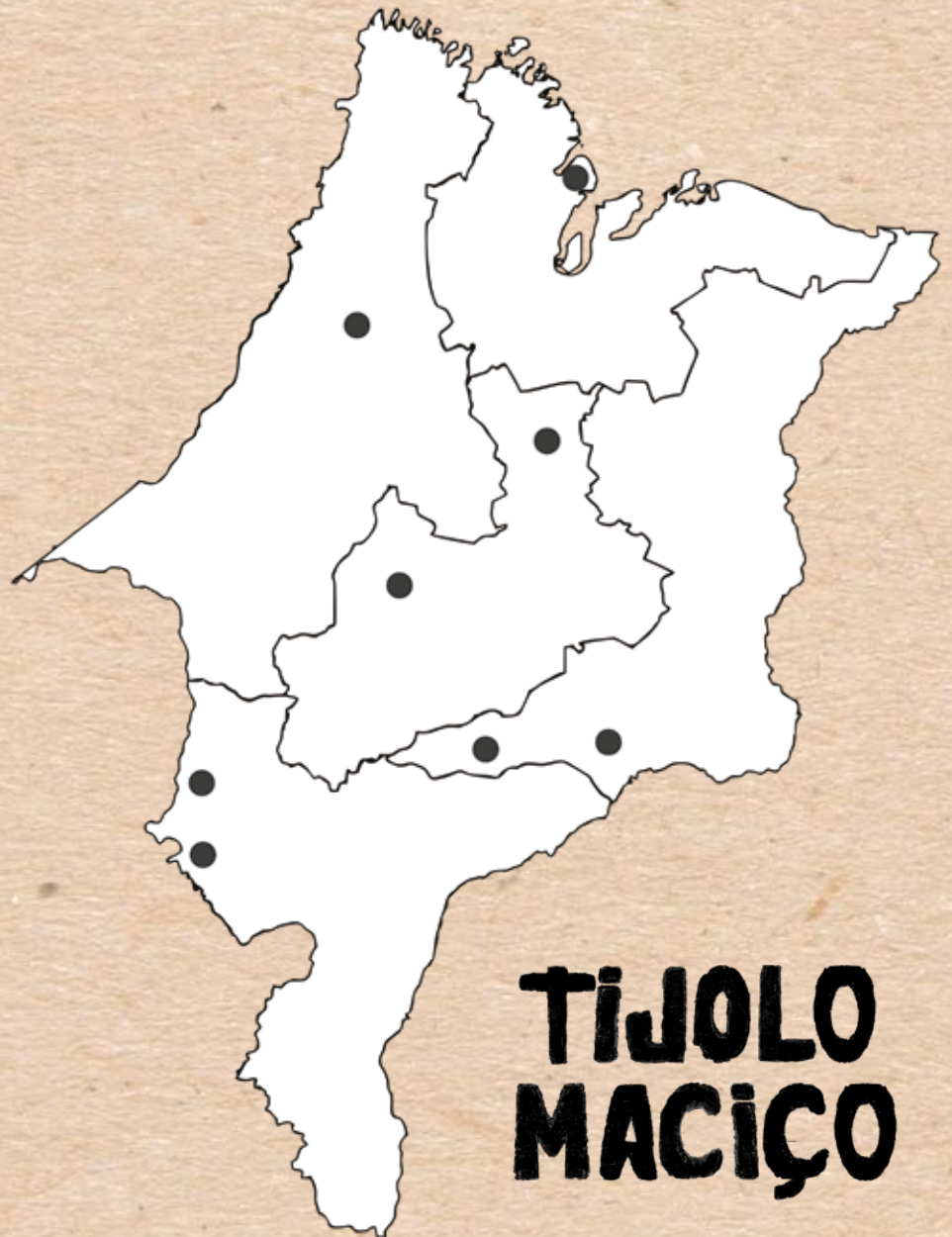
Com área coberta de 121m<sup>2</sup>, construída há 12 anos, com um custo aproximado de R\$ 5.000 e feita em dois meses por carpinteiro contratado, tábuas extraídas do entorno e 1.300 telhas, a moradia está dividida por um pátio interno descoberto, separando sala e dois quartos da copa e da cozinha - fogão a gás e de barro, bancada de aço inox -, com banheiro completo e acesso independente pela lateral esquerda da construção. Toda executada com paredes internas e externas em madeira, apenas o banheiro em alvenaria de tijolos cerâmicos sem revestimento externo, mas com piso e paredes revestidos com cerâmica decorada, a moradia tem toda a cobertura de duas águas com telhas cerâmicas planas e madeirame aparelhado, piso de terra batida, portas e janelas de tábuas de madeira.











**TIJOLO  
MACIÇO**



Mesorregião Norte  
Alcântara  
Território  
Quilombola:  
Itamatatua



Rural Ano: 1990  
Área: 86m<sup>2</sup>



Grupo Social  
Remanescente  
Quilombola



Regime de Produção  
Familiar



Material Predominante  
Tijolo Maciço



Assistência Social  
Aposentadoria

Composição Familiar

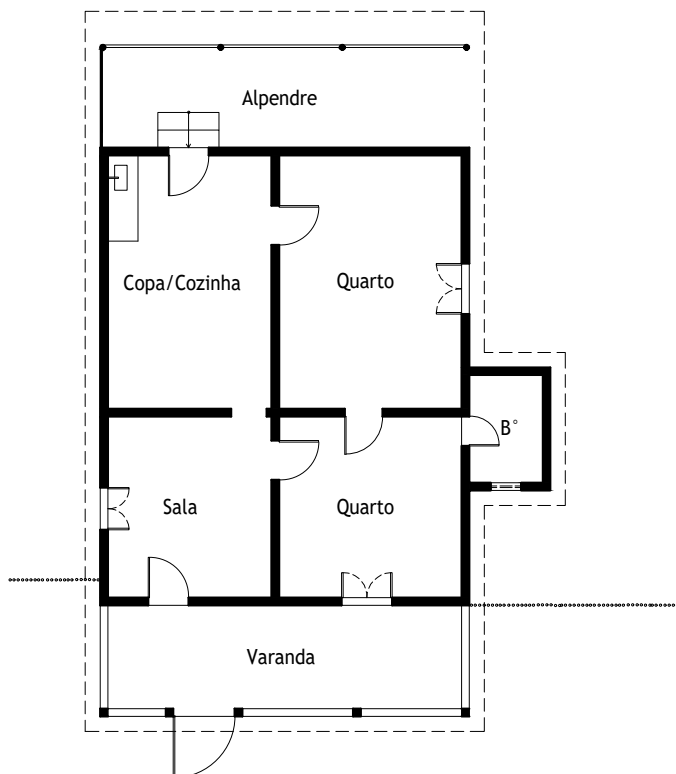
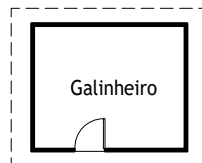


Atividade Produtiva  
Cerâmica artesanal

Singularidade Construtiva

Varanda e banheiro em  
tijolo cerâmico

Caixa  
d'água





Localizada em comunidade quilombola reconhecida pela Fundação Cultural Palmares, com tradição na produção de cerâmica artesanal da Associação de Mulheres de Itamatatiua, atualmente com 12 artesãs e quatro aprendizes, a moradia é herança de família das irmãs Jesus, agricultoras aposentadas vinculadas à associação de ceramistas locais. Sem posto de saúde ou agente comunitário, as compras e visitas médicas são feitas na sede do município de Bequimão, mais perto e mais barato, apesar dos custos da viagem de carrinho.

Implantada na via principal da comunidade, na testada do lote, com cerca de varas nas duas laterais da casa e no fundo arborizado, o terreno tem paiol construído em varas de madeira com cobertura de palha e reservatório de água em polietileno sobre pilares e laje de concreto. Até 2004, recolhiam água da fonte “Chora”, usada há mais de 200 anos pelos moradores. Hoje tem rede de abastecimento de poço artesiano, mantido através de pagamento mensal dos usuários. Desde 1994, tem energia elétrica para TV, geladeira e ventilador. Os resíduos sólidos são queimados periodicamente.

Construída pelo pai há 40 anos, depois que derrubaram a original, feita de taipa de mão, a casa com sala, dois quartos e cozinha tem 86m<sup>2</sup> de área coberta, foi feita com tijolos maciços produzidos no forno da comunidade, tinha piso de terra batida e, nos fundos, a casa de banho e sentina com fossa rudimentar foram feitas em palha de pindova. Há 10 anos recebeu piso cerâmico e banheiro completo, anexo ao quarto principal e, há oito anos, foi ampliada em altura com três fiadas de tijolos cerâmicos e ganhou a varanda do mesmo material. Portas e janelas, feitas por carpinteiro local, foram substituídas por modelos industrializados de venezianas móveis.






**Mesorregião Leste**  
 Pastos Bons  
 Bairro: São José


**Urbano**    Ano: 1993  
 Área: 76m<sup>2</sup>


**Grupo Social**  
 Ocupante


**Regime de Produção**  
 Marido e pedreiro


**Material Predominante**  
 Tijolo Maciço

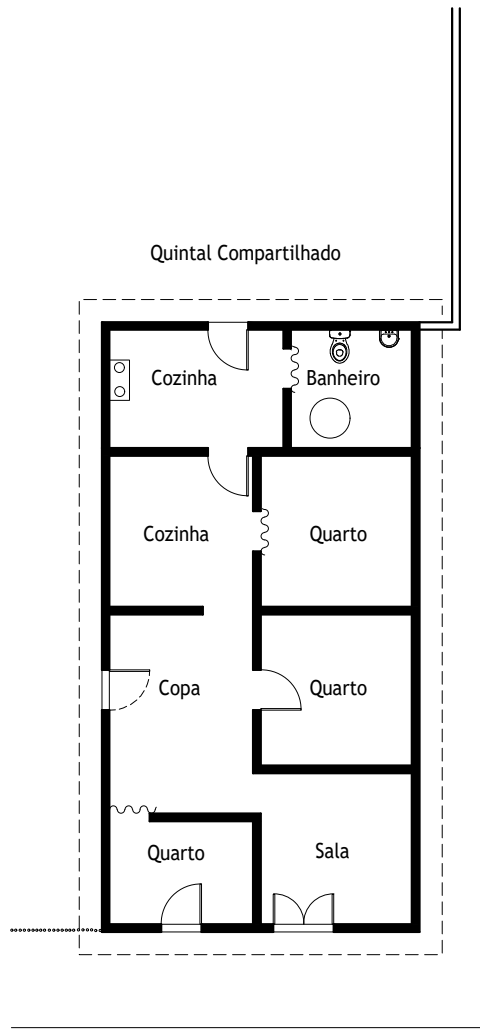

**Assistência Social**  
 Aposentadoria

**Composição Familiar**  



**Atividade Produtiva**  
 Roça

**Singularidade Construtiva**  
 Fachada lateral sem janelas  
 nos ambientes



Moradia no bairro São José, sede municipal de Pastos Bons, onde há quase 30 anos vive casal e filho, trabalham de roça de mandioca e pensão recebida por ela.

Localizada em terreno de esquina, as delimitações físicas do lote são feitas pela própria moradia, que se ergue no alinhamento frontal e lateral, tem quintal compartilhado com os vizinhos da fachada lateral e contam com cerca de madeira na lateral esquerda. Possui serviço de energia elétrica para televisão, geladeira e micro-ondas, água do Serviço Autônomo de Água e Esgoto - SAAE, que atende todo o bairro. A casa possui fossa séptica que não está ligada à rede coletora e tem serviço da prefeitura de coleta de lixo.

Construída em alvenaria de tijolo maciço, com revestimento externo apenas na fachada principal e internamente nos ambientes principais, a moradia possui cobertura de duas águas em madeira aparelhada e telhas cerâmicas, cumeeira central com três metros de altura e frechal a 2,40m. No interior da moradia se distribuem a sala de estar e de jantar, três quartos e a cozinha; um puxado de uma água no sentido dos fundos do terreno, também em tijolo maciço, mas sem revestimento, abriga cozinha com fogão de barro e banheiro completo, com caixa d'água de polietileno no piso. Com 76m<sup>2</sup> de área coberta, a moradia tem piso cerâmico, pintura a base de cal, portas de madeira e conta com apenas duas janelas, pois todos os cômodos da rua lateral não possuem nenhuma abertura.




**Mesorregião Leste**  
 Mirador  
 Bairro:  
 Morro do Boné


**Urbano**  
 Ano: Há muito tempo  
 Área: 86m<sup>2</sup>


**Grupo Social**  
 Ocupante


**Regime de Produção**  
 Empreitada para ampliação


**Material Predominante**  
 Tijolo Maciço

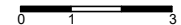
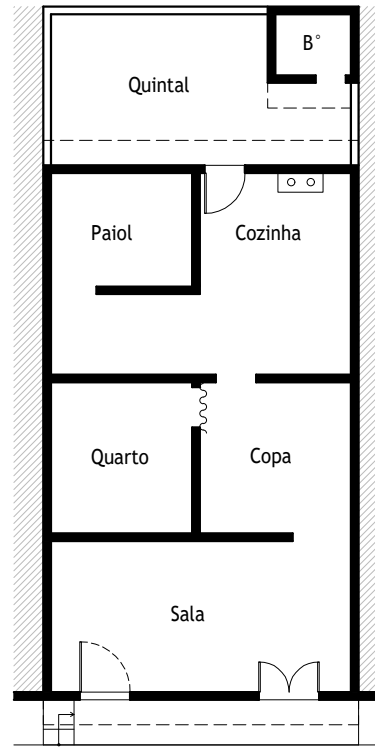

**Assistência Social**  
 Aposentadoria,  
 Bolsa Família

**Composição Familiar**  



**Atividade Produtiva**  
 Serviços domésticos

**Singularidade Construtiva**  
 Tijolos cerâmicos para elevar fachada e reduzir vão janela



Moradia no Morro do Boné, município de Mirador, onde vivem senhora idosa, aposentada, com sua filha que trabalha como doméstica e possui três filhos menores, todos frequentando a escola.

Implantada em terreno com acentuação sobre um baldrame alto de pedras cimentadas, 80cm acima do nível da caixa da rua, três degraus laterais dão acesso à calçada da moradia, que, por sua vez, tem ainda o piso interno 20cm acima. Geminada com a casa vizinha, que tem a mesma dimensão de largura do lote e, nos fundos do quintal, o único anexo é o banheiro da casa. Conta com energia elétrica para televisão e geladeira, tem abastecimento de água pela rede geral do Serviço Autônomo de Água e Esgoto - SAAE do município. O banheiro está ligado à fossa rudimentar e os moradores contam com coleta periódica do lixo.

Com 86m<sup>2</sup> de área coberta, a casa própria, trocada por outra, possuía apenas três ambientes, hoje acrescentados de mais dois, passando a contar com sala, dois quartos, copa e cozinha, utilizando na reforma mistura de blocos de adobe e tijolos cerâmicos. A ampliação exigiu elevação da altura da moradia com cinta de concreto sobre os vãos da porta e janela da fachada. Desse ponto para cima, até o frechal do telhado, os tijolos cerâmicos foram colocados na posição de “um tijolo”, dando à parede a espessura da maior dimensão das peças. Adotado para conseguir a mesma espessura dos blocos de adobe, o procedimento foi usado também nos três lados do vão da janela para reduzir seu tamanho e, ainda sem revestimento, a fachada deixa à mostra os furos de cada peça de alvenaria cerâmica.






**Mesorregião Centro**  
**Bacabal**  
**Bairro: Areia**


**Urbano**    **Ano: 2000**  
**Área: 44m<sup>2</sup>**


**Grupo Social**  
**Ocupante**


**Regime de Produção**  
**Morador**


**Material Predominante**  
**Tijolo Maciço**

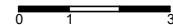
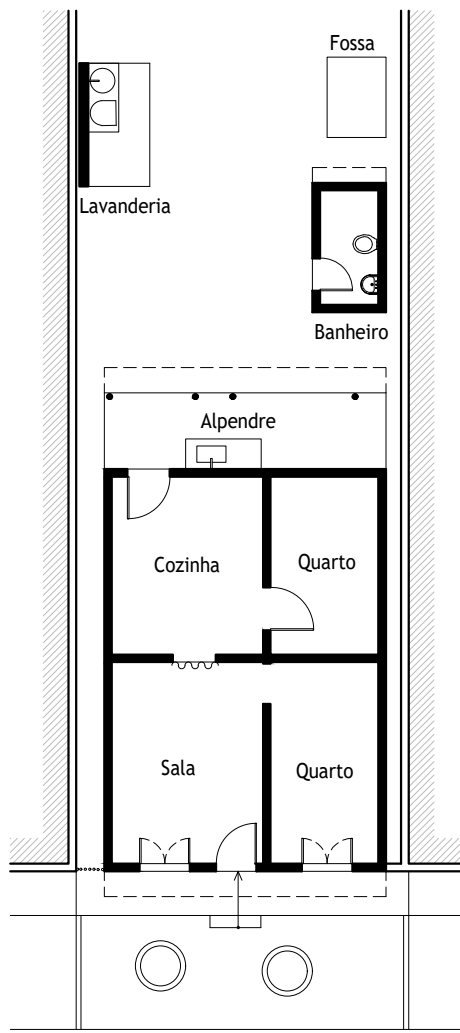

**Assistência Social**  
**Aposentadoria**

**Composição Familiar**  



**Atividade Produtiva**  
**Pedreiro, Roça**

**Singularidade Construtiva**  
**Qualidade de execução**  
**da obra**



Moradia no bairro Areia, ocupação popular consolidada na periferia do centro da cidade de Bacabal, onde vive sozinho idoso, com primeiro grau incompleto, solteiro, pedreiro de profissão, aposentado com um salário mínimo, mas ainda trabalhando na roça e na construção de moradias por empreitada. Cobra de R\$ 8 a 10 mil por construções entre 48 e 90m<sup>2</sup>, entregues rebocadas, revestidas e com instalações hidrossanitárias.

Construída onde havia uma casa de taipa de mão, em lote de 6m x 30m, documentação ainda em nome da mãe, a moradia foi iniciada em 1986 e concluída em 2000, tem afastamentos laterais de meio metro das casas vizinhas, banheiro e área de lavar roupas nos fundos, conta com rua asphaltada, calçada cimentada e elevada mais 60cm, onde o morador construiu dois canteiros circulares, hoje com duas acácias que dão sombra à fachada da casa. Conta com energia elétrica para televisão, geladeira, tem abastecimento de água da rede geral. O banheiro possui esgotamento sanitário através de fossa séptica não ligada à rede. O lixo é coletado duas vezes por semana pelo serviço municipal.

Com 44m<sup>2</sup> de área coberta, a moradia tem baldrames corridos em pedra preta e está toda construída em alvenaria de tijolos maciços de um furo, rebocados e pintados, cobertura em duas águas em madeira aparelhada e telhas cerâmicas com uma calha corrida de zinco ao longo de todo o beiral da fachada dos fundos, cumeeira na altura de 3,50m e frechal das paredes internas a 2,50m. Composta de sala, dois quartos, copa/cozinha, alpendre aos fundos, a moradia tem piso cerâmico, esquadrias de almofadas de madeira nas portas e nas duas janelas - da sala e do quarto da frente. No vão interno que liga a sala com os fundos da casa, a vedação é feita com uma cortina de tecido.





Mesorregião Centro  
Jenipapo dos Vieiras  
Bairro: Centro



Urbano

Ano: 1996  
Área: 78m<sup>2</sup>



Grupo Social  
Ocupante



Regime de Produção  
Contratação



Material Predominante  
Tijolo Maciço



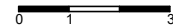
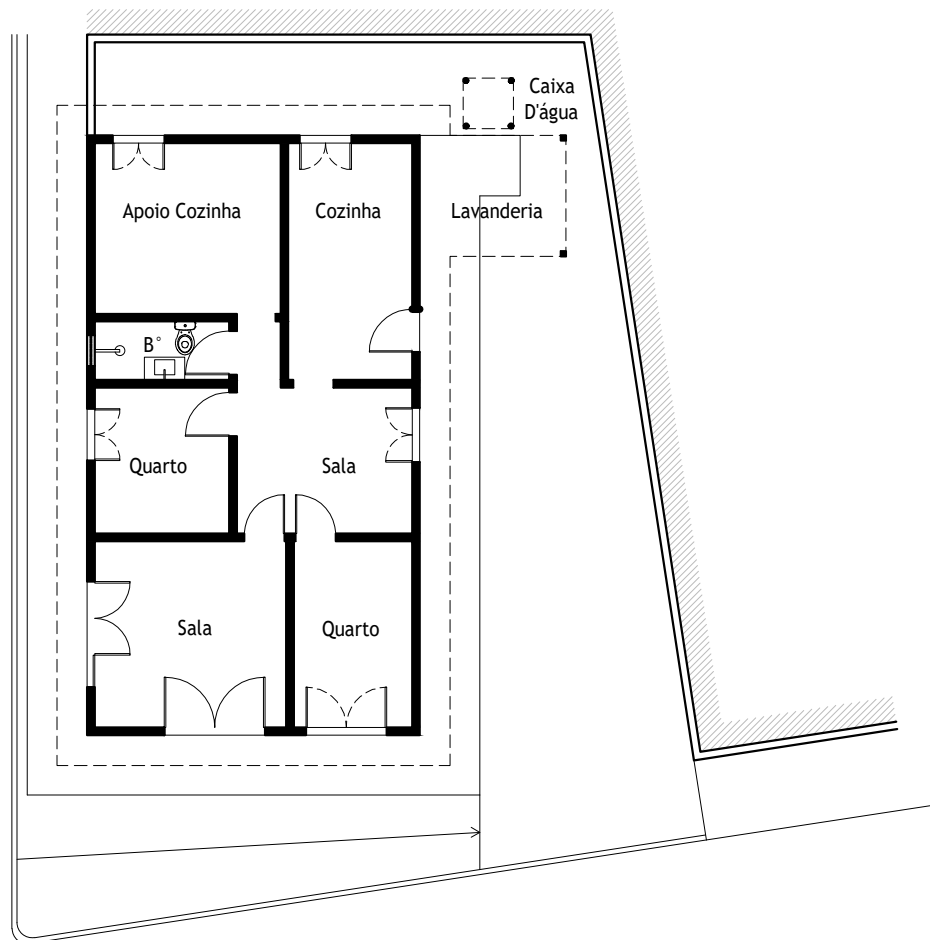
Assistência Social  
Aposentadoria

Composição Familiar



Atividade Produtiva  
Doceira

Singularidade Construtiva  
Aterro do lote



Moradia na área central da cidade de Jenipapo dos Vieiras, às margens da BR-230, a Rodovia Transamazônica, onde há 23 anos vive senhora de meia idade separada e seu filho maior de idade, funcionária pública municipal, trabalha com produção e comercialização de bolos, doces e salgadinhos sob encomenda.

Construída em terreno de esquina com topografia acidentada, sem delimitação física, a moradia se ergue sobre um baldrame de pedra que serve para nivelar o piso da casa e forma a calçada cimentada em volta das fachadas. Além do puxado nos fundos da lateral interna para abrigar a lavanderia, a casa conta com caixa d'água de polietileno elevada sobre estrutura de madeira. Também nos fundos, conta com energia elétrica para televisão, geladeira, freezer e tanquinho, possui abastecimento d'água de poço artesiano que serve ao bairro, tem fossa séptica para o banheiro sem rede de esgotamento sanitário, mas não conta com coleta de lixo.

No terreno, comprado com documentação de propriedade, havia uma pequena casa de taipa de mão, substituída pela atual, desenhada pela moradora e construída com ajuda financeira dos filhos em tijolo maciço. Revestida e pintada interna e externamente, tem cobertura com madeirame aparelhado e telhas cerâmicas, esquadrias de madeira pintada externamente e envernizadas internamente. Uma das portas maiores das fachadas e a janela ao lado são em alumínio branco. A moradia tem 78m<sup>2</sup> de área coberta, com duas salas - uma delas, na entrada, usada anteriormente como ponto de comercialização ao público da produção da moradora, hoje desativada - dois quartos, um depósito e a cozinha com o equipamento necessário para fabricação das encomendas.







Urbano

Ano: Há muito tempo

Área: 67m<sup>2</sup>



Grupo Social  
Ocupante



Regime de Produção  
Contratação



Material Predominante  
Tijolo Maciço



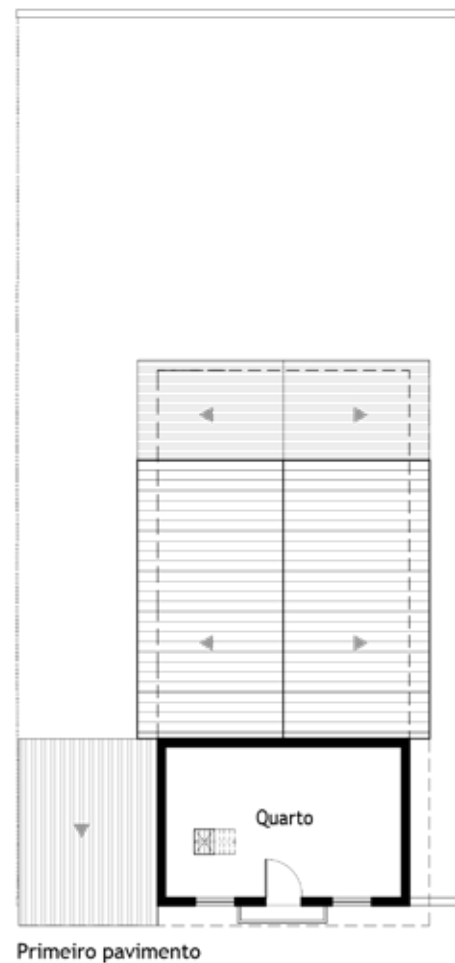
Assistência Social  
Bolsa Família

Composição Familiar



Atividade Produtiva  
Serviços ocasionais

Singularidade Construtiva  
Porta alçapão para quarto do  
1º pavimento



Moradia no bairro Major Corinto, originado de ocupação popular na área urbana de Zé Doca, município surgido através de projeto de colonização do governo federal da década de 1960 na área do Alto Turi e que foi dinamizado pela construção da rodovia federal BR-316, onde ali vive de trabalhos eventuais na cidade mãe separada com três filhos, todos na escola.

Em rua sem pavimentação, meio-fio ou passeio, próximo ao centro da cidade, a moradia esta implantada no limite frontal do lote, com porta da sala sobre a rua, muros da lateral e de fundo de tijolos maciços e, em um dos lados, cerca de varas de madeira aproveitada de serraria. Na lateral direita, através de porta no muro na fachada, um puxado coberto utilizado como depósito e, nos fundos, jirau de lavar roupa e fossa séptica. Com energia elétrica para televisão, geladeira, ventilador e sanduicheira, rede de abastecimento de água do Serviço Autônomo de Água e Esgoto - SAAE, a casa tem serviço de coleta de lixo.

Construída e cedida à família pelo irmão da moradora, com 67m<sup>2</sup> de área coberta, a moradia tem paredes de tijolos maciços, fachada principal e ambientes internos revestidos e pintados, cobertura de madeira aparelhada e telhas cerâmicas, piso de lajotas cerâmicas, esquadrias de folhas de madeira. Com a sala ao nível da rua, quartos, copa/cozinha e banheiro estão 90cm abaixo, escada de sótão no canto da sala e porta de alçapão dá acesso ao quarto do pavimento superior, com janelas e porta para sacada de madeira pintada na fachada.





Mesorregião Sul  
Carolina  
Bairro: Barreiro



Rural Ano: 1993  
Área: 55m<sup>2</sup>



**Grupo Social**  
Posseiro



**Regime de Produção**  
Contratação



**Material Predominante**  
Tijolo Maciço



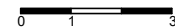
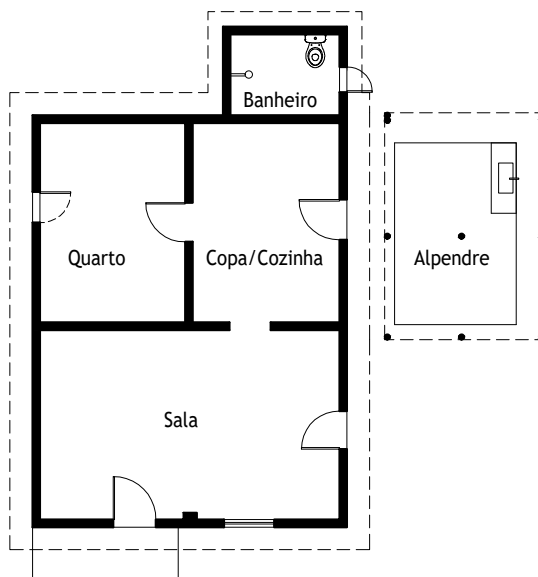
**Assistência Social**  
Aposentadoria,  
Pensão por viuvez

**Composição Familiar**



**Atividade Produtiva**  
Roça (hoje inativa)

**Singularidade Construtiva**  
Cobertura do jirau anexo



Moradia no lugar Barreiros, área rural próxima à sede de Carolina, onde vive sozinha viúva idosa, escolarizada, sem filhos, recebe pensão por viuvez e aposentadoria, pois trabalhava em roça alheia, tem ajuda de uma filha de criação, já adulta e mãe de três filhos, que não mora na casa, mas faz as compras e pagamento de contas da moradora.

Erguida com afastamento frontal do terreno de 750m<sup>2</sup>, com cerca de arame, o único anexo é um alpendre construído na lateral da casa para o jirau com pias de lavar louça e roupa, piso cimentado e cobertura de fibrocimento de uma água lançada em calha de zinco que recebe também as águas do telhado da moradia. Com energia elétrica para televisão, geladeira e ventilador, abastecimento de água do Serviço Autônomo de Água e Esgoto - SAAE, o banheiro tem fossa séptica, o lixo não tem coleta, é queimado periodicamente.

Construída há 26 anos em dois meses por mestre de obras com ajuda do marido da moradora, a casa com sala, quarto e copa-cozinha tem 55m<sup>2</sup> de área coberta. Possui baldrame e paredes de alvenaria de tijolos maciços e cobertura em telha cerâmica de olaria local, madeiramento comprado em serraria do bairro, paredes internas e fachada principal revestidas, outra emboçada e as demais no tijolo aparente. O piso é cimentado, portas e janela de madeira, e outra, na fachada principal, de chapa de ferro de correr. Na parede dos fundos da casa, um banheiro em tijolos cerâmicos com vaso e chuveiro, feito por pedreiro em 2011, tem acesso pelo alpendre.






**Mesorregião Sul Estreito**  
**Bairro: Beira-Rio**


**Urbano**    **Ano: 1989**  
**Área: 191m<sup>2</sup>**


**Grupo Social Ocupante**


**Regime de Produção Contratação**


**Material Predominante Tijolo Maciço**

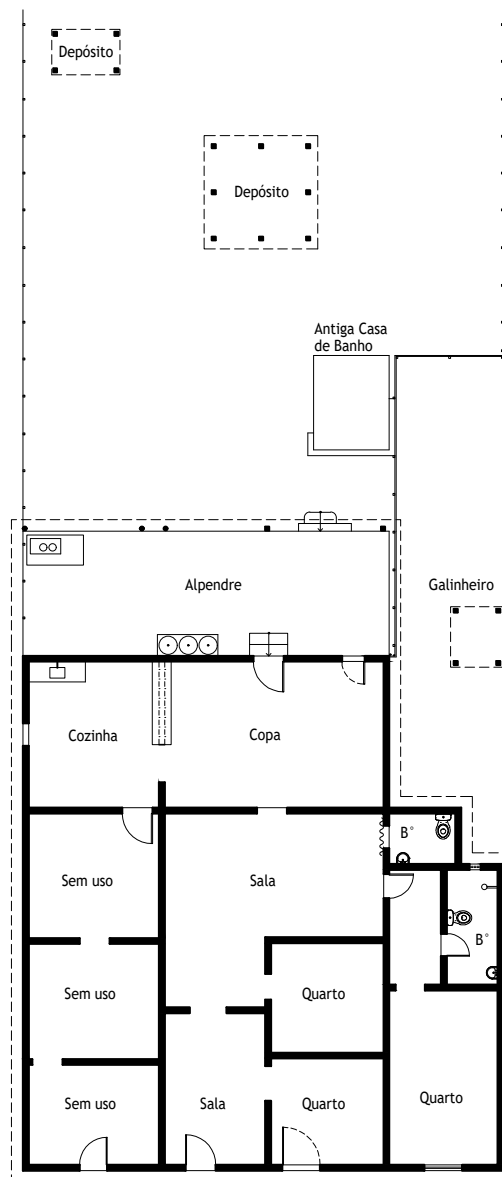

**Assistência Social Aposentadoria, Pensão por viuvez**

**Composição Familiar**  



**Atividade Produtiva Roça (hoje inativa)**

**Singularidade Construtiva Grande área coberta**



Moradia no bairro Beira-Rio, antigo centro de Estreito, deslocado devido às cheias da área, onde vive há 14 anos viúva idosa, morando no local há 40 anos, possui 13 filhos e 46 netos. Desde os 12 anos trabalhou na roça, onde plantava arroz, feijão e melancia. Hoje tem aposentadoria rural e pensão por viuvez.

A enchente ocorrida em 1980 alagou o bairro e desvalorizou as construções, possibilitando a aquisição de antiga farmácia, onde foi construída a primeira casa, feita de taipa de mão com um só ambiente, o qual foi posteriormente reformado e ampliado com recursos da lavagem de roupa e do trabalho de cozinha. Erguida no limite frontal do terreno, na cumeada da bacia do Rio Tocantins, que passa nos fundos e ainda tem pés de jacarandá, moreiras, jatobá e pajaú, a moradia tem como anexos um rancho com estrutura de madeira e telhas de fibrocimento, que serve para armazenar bananas, araruta e carnaúba, e um galinheiro. Possui energia elétrica para televisão, geladeira, tanquinho, filtro de água e ventiladores, abastecimento de água do Serviço Autônomo de Água e Esgoto - SAAE, um banheiro com fossa séptica, coleta de lixo três vezes na semana.

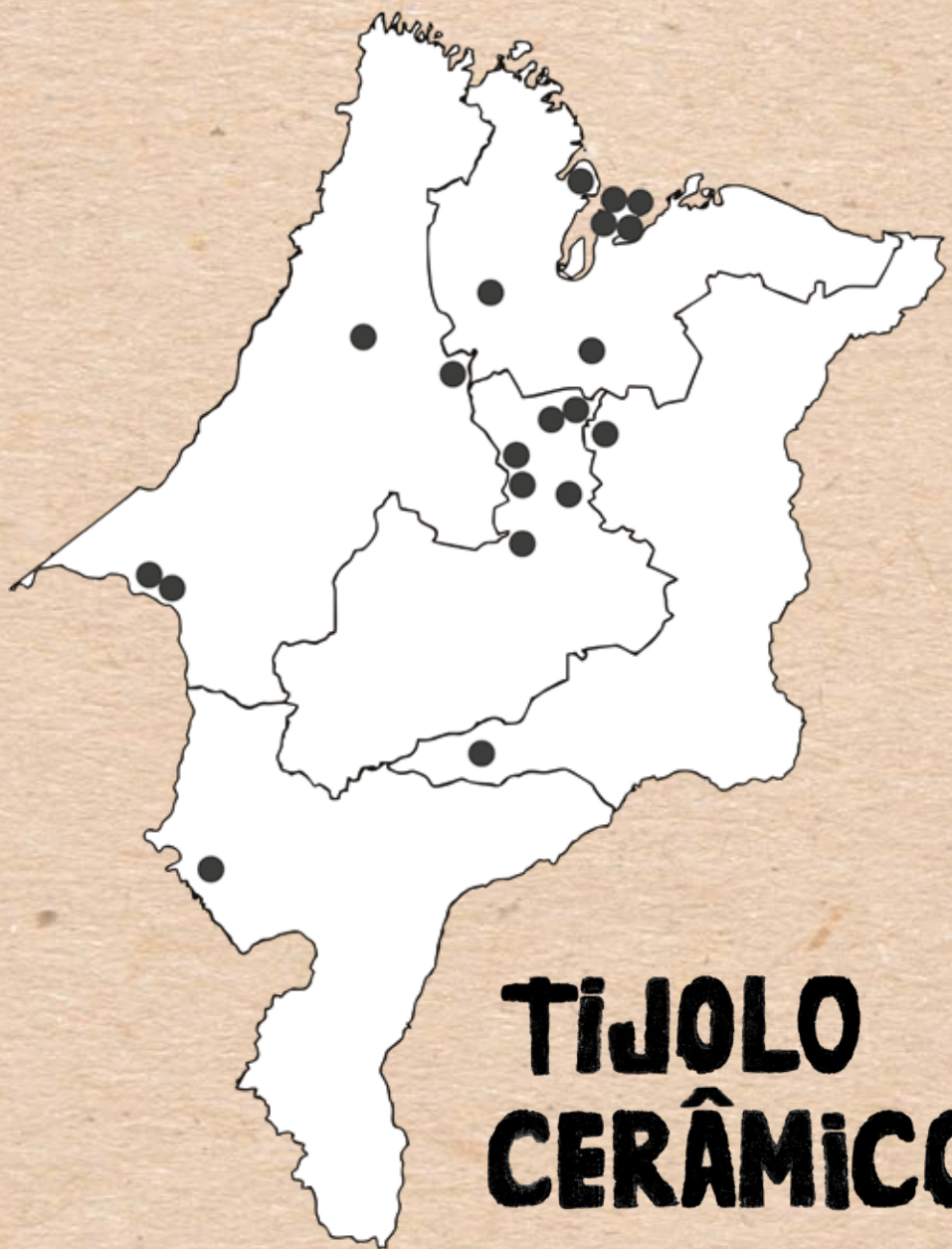
Com 191m<sup>2</sup> de área coberta, a fachada principal indica suas diferentes expansões, com a parte central original em duas águas perpendiculares à rua e as laterais com diferentes alturas e caídas das coberturas no sentido do corpo central, com calhas de zinco entre elas. Internamente, a moradia tem desníveis que marcam as expansões, predominando o tijolo maciço complementado com alvenaria cerâmica, todos sem revestimento. Com sala, três quartos, copa, cozinha, dois banheiros - além de três cômodos na lateral direita, onde morava filho casado - e um puxado para lavanderia com fogão de barro, a moradia tem piso cimentado, cobertura de telha francesa com madeiramento misto - aparelhado e roliço - e esquadrias de madeira, alumínio e vidro.











**TIJOLO  
CERÂMICO**





Mesorregião Norte  
Alcantara  
Território  
Quilombola:  
Peroba de Cima



Rural

Ano: Há muito  
tempo  
Área: 127m<sup>2</sup>



Grupo Social  
Remanescente  
Quilombola



Regime de Produção  
Família



Material Predominante  
Tijolo Cerâmico



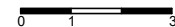
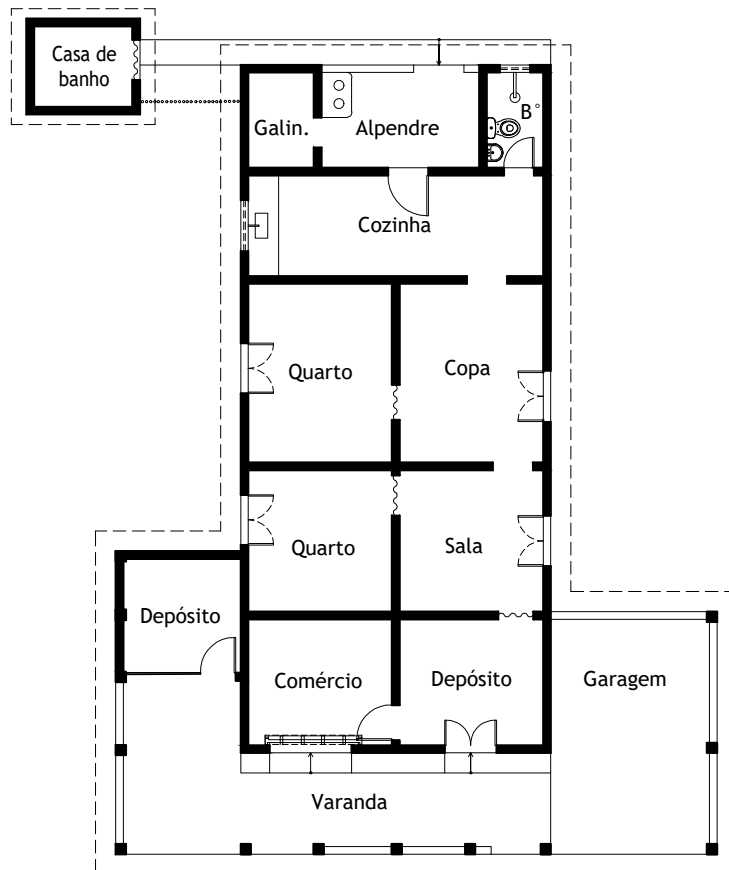
Assistência Social  
Aposentadoria

Composição Familiar



Atividade Produtiva  
Roça, Comércio

Singularidade Construtiva  
Terraço e Garagem



Moradia em Peroba de Cima, comunidade reconhecida como integrante do território quilombola de Alcântara pela Fundação Cultural Palmares em 2004, onde há 43 anos vive casal e um filho maior, trabalham na roça e no comércio de produtos alimentícios e de bebidas instalado na casa, o morador é da direção do Sindicato de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais - STTR do povoado.

Edificado na testada do lote, varanda da moradia dá acesso ao comércio e à moradia, que tem garagem lateral. O fundo do lote, com casa de banho na lateral direita e passarela cimentada, é acessível somente pelo interior da casa, que tem energia elétrica para televisão, geladeira, freezer e ventilador, abastecimento de água pelo reservatório do povoado, fossa séptica e, sem coleta, o lixo é queimado periodicamente.

Com 127m<sup>2</sup> de área coberta, a casa foi feita por etapas, primeiro a área do comércio, depósito, sala e quarto, em seguida, outro quarto, copa-cozinha e banheiro completo com caixa d'água elevada de polietileno. Toda em alvenaria de tijolos cerâmicos, rebocada e pintada internamente, piso em cerâmica esmaltada decorada, grades de ferro nos vãos de portas e janelas com esquadrias de madeira e porta de enrolar de chapa de ferro no vão largo do comércio. Com exceção do puxado para o fogão de barro e o galinheiro, em fibrocimento, a moradia está toda coberta com telhas cerâmicas.




**Mesorregião Norte**  
**Cantanhede**  
**Bairro: Centro**


**Urbano**    **Ano: 1994**  
**Área: 100m<sup>2</sup>**


**Grupo Social**  
 Ocupante


**Regime de Produção**  
 Família


**Material Predominante**  
 Tijolo Cerâmico

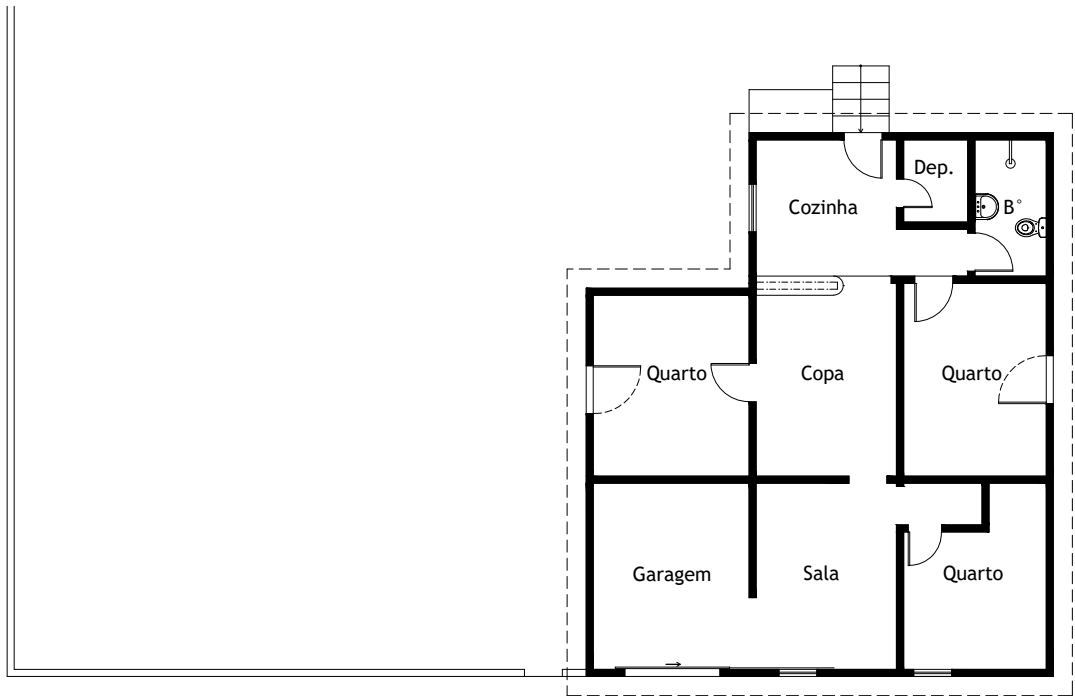

**Assistência Social**  
 Aposentadoria

**Composição Familiar**  



**Atividade Produtiva**  
 Roça, Ajud. Pedreiro

**Singularidade Construtiva**  
 Garagem no corpo da casa



Moradia no centro da sede municipal de Cantanhede, onde vive casal, dois filhos menores e um tio do marido, trabalham de pedreiro, praticam a pesca e comercializam em feiras da cidade as hortaliças que produzem no próprio terreno.

Em terreno próprio, com documento e área de 1.200m<sup>2</sup>, a maior parte ocupada pela grande horta, localizada na lateral de esquina do lote, delimitado por muros de alvenaria cerâmica sem reboco, com altura de 2,10m em toda a volta. A moradia ocupa lote seguinte, está construída no limite frontal e tem nos fundos uma porta de acesso à área de plantio, onde está a produção de hortaliças em canteiros suspensos de concreto, com cobertura de plástico translúcido sobre estrutura tubular de ferro esmaltado. Conta com energia elétrica para televisão, geladeira, ventiladores, abastecimento de água da rede geral, fossa séptica do banheiro, sem rede de esgoto, coleta de lixo três vezes por semana.

Com 100m<sup>2</sup> de área coberta, a construção foi iniciada há 25 anos pelo pai do morador e tinha sala, dois quartos e cozinha. Foi ampliada recentemente com ajuda de um irmão e, atualmente, conta com garagem com porta de correr de ferro, onde ficam abrigadas as motocicletas, uma sala, três quartos, copa separada da cozinha por balcão e, ao lado desta, banheiro completo e depósito. Erguida sobre baldrame de pedra, toda em alvenaria de tijolos cerâmicos rebocados e ainda sem pintura, a casa tem cobertura de madeirame aparelhado e telhas cerâmicas, piso cerâmico e esquadrias feitas em madeira e grades de ferro esmaltadas.






**Mesorregião Norte**  
 Paço do Lumiar  
 Povoado: Tendal

 Rural    Ano: 2004  
 Área: 125m<sup>2</sup>

 **Grupo Social**  
 Posseiro

 **Regime de Produção**  
 Família

 **Material Predominante**  
 Tijolo Cerâmico

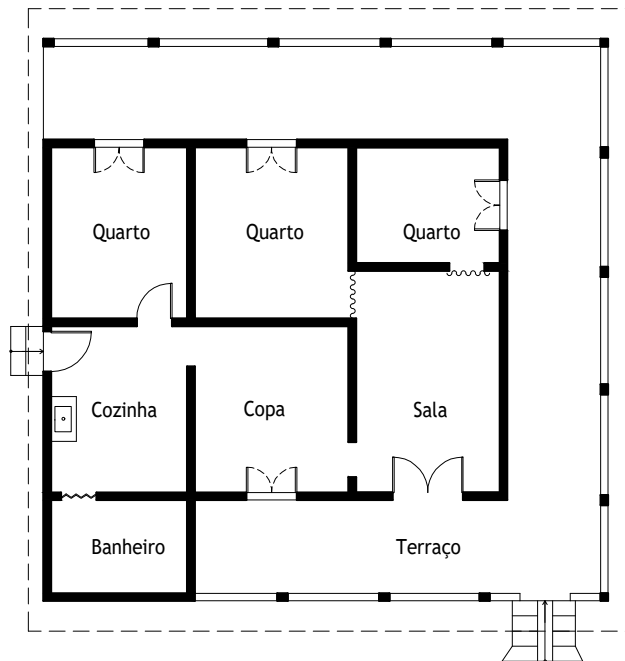
 **Assistência Social**  
 Aposentadoria

**Composição Familiar**  


 **Atividade Produtiva**  
 Roça e Pesca

**Singularidade Construtiva**  
 Varanda em «U»

  
 Caixa D'Água



0 1 3

Moradia no povoado Tendal Mirim, Paço do Lumiar, Região Metropolitana da Grande São Luís, segundo relatos dos moradores, originado a partir de aldeia indígena, hoje zona rural que, devido à implantação nas proximidades de um empreendimento residencial do Programa Minha Casa, Minha Vida, se encontra em transição como espaço periurbano do município. A mudança de uso do solo fez surgir conflito fundiário por conta da demanda judicial de pretensos herdeiros da área. Na moradia vivem dois casais, os pais e a filha com seu marido, que moram há 19 anos no local e 15 na moradia, trabalham na pesca e na agricultura familiar. A renda da família vem da venda das hortaliças comercializadas em feiras de São Luís e Paço do Lumiar.

Com área de 522m<sup>2</sup> de terreno, parcialmente vedado por cerca de varas e arame farpado e meia parede de tijolos cerâmicos, a casa foi erguida na porção frontal do lote mais elevada que o nível do terreno natural, tem acesso principal por escada de quatro degraus e rampa, e não possui anexos. Com energia elétrica fornecida pela concessionária para eletrodomésticos e irrigação da horta, o abastecimento de água é feito através de poço artesiano. Este, através de tubulação, abastece os pontos da casa, possui fossa séptica sem rede coletora e os resíduos sólidos são queimados.

Com 125m<sup>2</sup> de área coberta, um tio da moradora desenhou a planta da casa. Os materiais foram comprados dentro das possibilidades dos moradores e estocados. A moradia também foi construída aos poucos. Contando com uma sala, três quartos, copa, cozinha e banheiro, a casa tem uma larga varanda que contorna os três lados da construção, está executada toda em tijolos cerâmicos e estrutura de concreto. Algumas poucas paredes estão rebocadas; a cobertura é feita com madeirame aparelhado e telhas cerâmicas; o piso em cimento queimado, portas e janelas de madeira, dois vãos internos fechados com cortinas de tecido estampado.





Mesorregião Norte  
Raposa  
Assentamento:  
Cumbique



Rural

Ano: 1977  
Área: 92m<sup>2</sup>



Grupo Social  
Assentado



Regime de Produção  
Família e Contratados



Material Predominante  
Tijolo Cerâmico



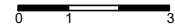
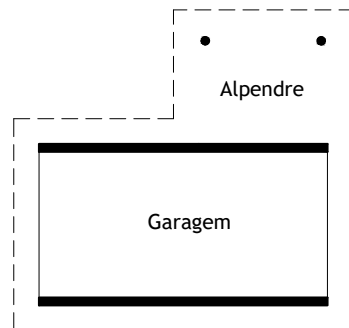
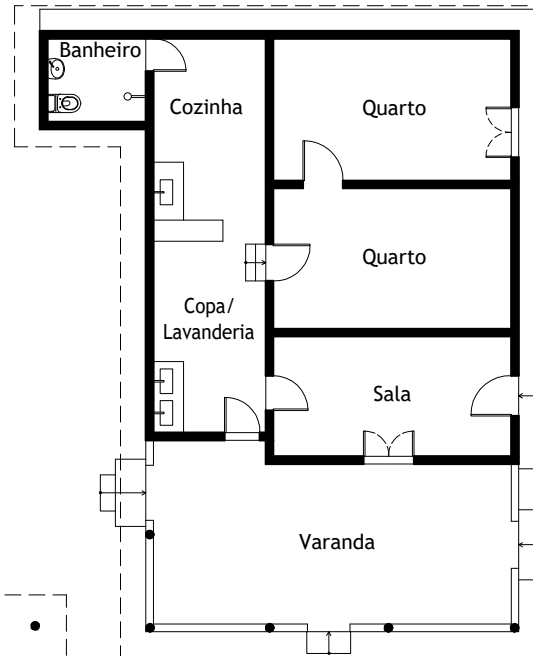
Assistência Social  
Aposentadoria

Composição Familiar



Atividade Produtiva  
Roça

Singularidade Construtiva  
Varanda lateral e abrigo  
anexo para veículo



Morada no Assentamento Cumbique, área rural do município de Raposa, Região Metropolitana da Grande São Luís, sob pressão imobiliária, em razão de processo de urbanização das áreas próximas, onde vive casal de agricultores, casados há 43 anos, com nove filhos adultos, oito deles morando nas proximidades, plantam hortaliças e macaxeira em área de 60 hectares da Cooperativa de Produtores Rurais, que reúne cerca de 60 trabalhadores entre pais, filhos e netos; vendem a produção na Feira do João Paulo, em São Luís, praticam a pesca, recebem aposentadoria e benefício de saúde da esposa, possuem uma camionete para transporte da produção e uma motocicleta.

Em lote sem cerca, a moradia se ergue na beira da estrada de terra interna ao povoado e tem como único anexo construção em alvenaria de tijolo cerâmico e cobertura de fibrocimento, no qual, de um lado, funciona como abrigo de camionete e, do outro, como rancho para os utensílios da roça e um pequeno tanque de criação de jabutis. Possui energia elétrica para televisão, geladeira, tanquinho e motor para irrigação, água para consumo na casa e na horta, fossa séptica para o banheiro. Sem coleta de lixo, os dejetos são enterrados e queimados.

Construída há 42 anos e hoje totalizando 92m<sup>2</sup> de área coberta, com varanda, sala, dois quartos, copa/lavadeira, cozinha e banheiro completo, a moradia tinha cobertura de palha, depois mudada para fibrocimento e atualmente em telha cerâmica. Com a varanda, feita posteriormente, o acesso da casa deixou de ser pela porta da sala, na fachada voltada para a estrada de terra, e passou a ser pela copa-cozinha, que tem porta dando para a varanda.






**Mesorregião Norte**  
 Raposa  
 Bairro:  
 Inhaúma


**Urbano**    Ano: 2001  
 Área: 84m<sup>2</sup>


**Grupo Social**  
 Povos originários  
 sem terra


**Regime de Produção**  
 Família


**Material Predominante**  
 Tijolo Cerâmico

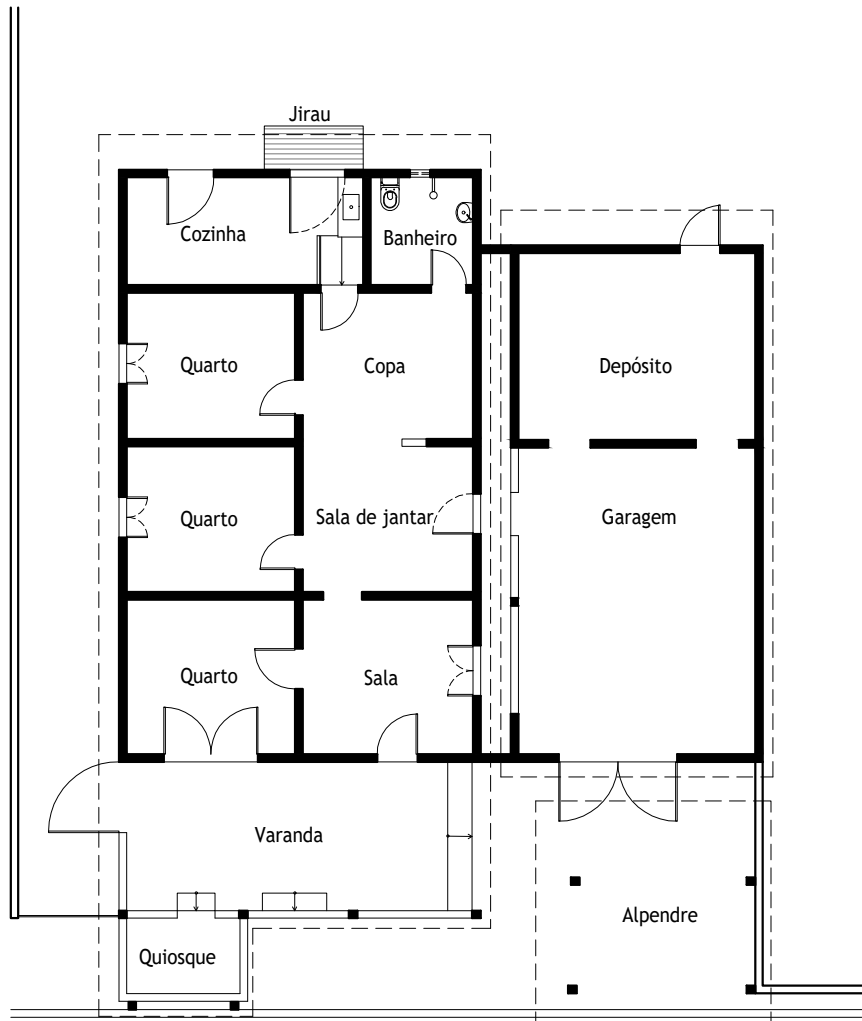

**Assistência Social**  
 Aposentadoria

**Composição Familiar**  



**Atividade Produtiva**  
 Produção e comércio  
 de alimentos

**Singularidade Construtiva**  
 Terreno abaixo do  
 nível da rua



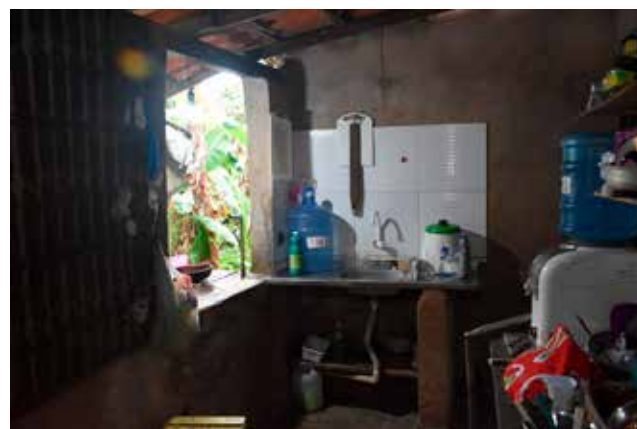
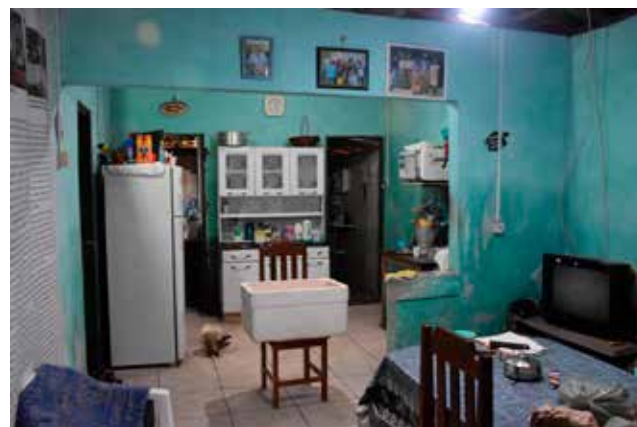
MA-203



Moradia em Inhaúma, bairro na sede do município de Raposa, Região Metropolitana da Grande São Luís, onde vive casal idoso da etnia Tremembé, ambos aposentados, ele cacique e, junto com a família, luta pela demarcação de terras indígena no município, vivem com filhos e netos, recebem auxílio do Programa Bolsa Família e comercializam churrasco no espeto, água de coco e caldo de cana de açúcar na própria casa. Nas vias públicas, essa comercialização é feita com o auxílio de uma bicicleta adaptada para isso.

Construída em terreno de marinha, graças à insistente solicitação do sogro do morador junto à Capitania dos Portos para “ocupar ponta da ilha”, a moradia está no alinhamento do lote, sobre a rodovia MA-203, que liga o município a São Luís, 80 cm abaixo do nível da via pública, com declive no sentido dos fundos. Tem como anexos na lateral uma garagem e um depósito onde guardam máquinas e bicicleta utilizadas no comércio ambulante que praticam. Na frente da moradia, há um pequeno quiosque de alvenaria, onde vendem água de coco, caldo de cana e artesanatos indígenas. Contam com energia elétrica para televisão, geladeira, tanquinho e ventilador, possuem abastecimento de água e coleta de resíduos sólidos. O banheiro tem fossa rudimentar.

Com 84m<sup>2</sup> de área coberta, com obras iniciadas em 2001, construída pelos moradores e filhos, com materiais doados por irmã, cunhado e sogro, a moradia foi concluída em dois anos, conta com varanda, sala, três quartos, sala de jantar, copa, cozinha com jirau e banheiro. Toda construída em alvenaria de tijolos cerâmicos, rebocados e pintados, tem pisos cerâmicos, esquadrias de madeira e cobertura com estrutura de madeira e telhas cerâmicas, exceto a varanda e o box comercial, ambos cobertos com telhas de fibrocimento.




**Mesorregião Norte**  
 São Luís  
 Bairro:  
 Vila Progresso


**Urbano** Ano: Recente  
 Área: 86m<sup>2</sup>


**Grupo Social**  
 Ocupante


**Regime de Produção**  
 Irmão pedreiro


**Material Predominante**  
 Tijolo Cerâmico

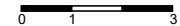
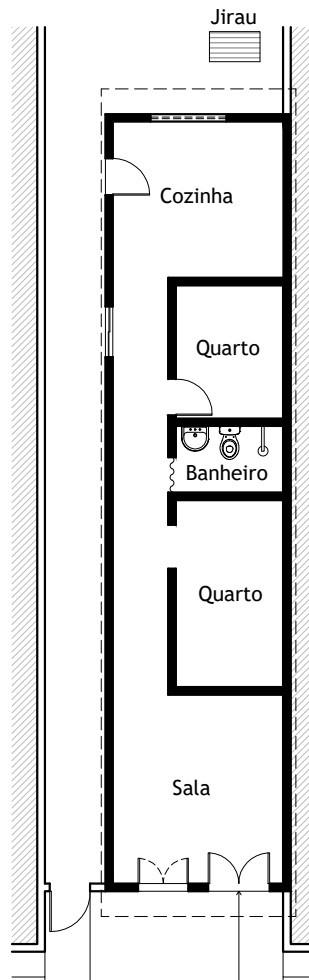

**Assistência Social**  
 Bolsa Família

**Composição Familiar**  



**Atividade Produtiva**  
 Serviços domésticos

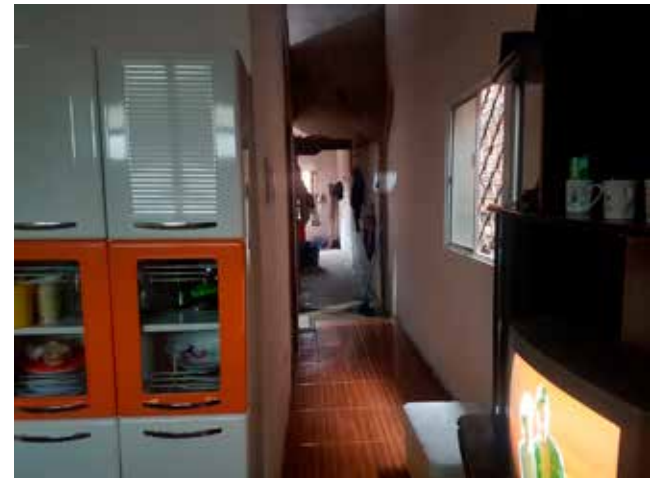
**Singularidade Construtiva**  
 Porta e janela em lote estreito



Moradia em Vila Progresso, bairro de ocupação popular consolidado em São Luís, iniciado no final da década de 1980, em movimento organizado pelos próprios moradores, então migrantes em São Luís, onde vive casal jovem, um filho menor e o irmão da moradora, que trabalha como doméstica.

Implantada em lote estreito, recuada poucos metros do alinhamento frontal, geminada com a casa vizinha à esquerda e com afastamento lateral direito que cria corredor descoberto e dá acesso à porta da cozinha e aos fundos do lote, a moradia está acima do nível da via pública, com acesso por rampa, à época ainda com o entulho da demolição sobre a calçada. Como anexos, nos fundos, um jirau de tábuas de madeira serve para lavagem de roupa, um reservatório d'água de polietileno no chão e o varal de secar roupas. Com energia elétrica para televisão, geladeira e som, abastecimento de água distribuída pela concessionária local, a casa tem fossa séptica para o banheiro e há coleta regular de resíduos sólidos.

Com 86m<sup>2</sup> de área coberta, construída pelo irmão da moradora, que trabalha como pedreiro, a moradia é feita com alvenaria de tijolos cerâmicos e cobertura de madeira aparelhada e telhas cerâmicas, beiral longo sobre a fachada principal suportado por cachorros simples de madeira. Sem revestimento nas paredes externas, com reboco e pintura na maioria das paredes internas, piso em parte cimentado, em parte com cerâmica esmaltada, algumas esquadrias de madeira e outras de alumínio e vidro, a casa tem sala, com acesso para a via pública, dois quartos, banheiro completo e cozinha nos fundos da construção com porta lateral. Todos os ambientes estão ligados através de corredor que acompanha o afastamento lateral da moradia.







Mesorregião Norte  
Viana  
Povoado: Canivete



Rural

Ano: Há muito tempo  
Área: 91m<sup>2</sup>



Grupo Social  
Posseiro



Regime de Produção  
Contratação



Material Predominante  
Tijolo Cerâmico



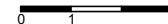
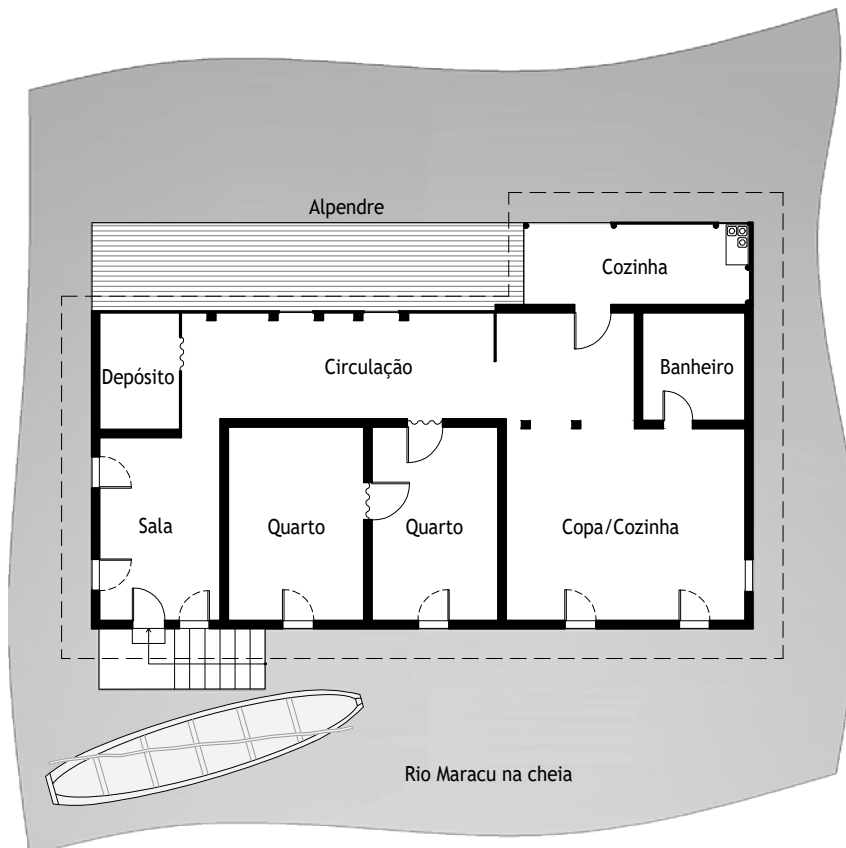
Assistência Social  
Aposentadoria,  
Seguro Defeso

Composição Familiar



Atividade Produtiva  
Pesca, Criação de porcos

Singularidade Construtiva  
Esteios de tijolos  
cerâmicos e concreto



Moradia às margens do rio Maracú, onde vive casal, alfabetizado, juntos há 39 anos, com seis filhos maiores, duas filhas e dois netos morando com eles, os demais nas vizinhanças, aposentado pela Colônia de Pescadores, recebem auxílio dos Programas Bolsa Família e Bolsa Escola do governo federal, fazem carvão, comercializam pescado em feiras, criam porcos e para deslocamentos usam lancha e motocicleta próprios.

Em área alagável no período das chuvas, erguida sobre pilares de concreto encamisados por tijolos cerâmicos sem revestimento, a moradia é acessível por escada cimentada, possui como anexos, também elevados sobre esteios, galinheiro, canil e reservatório de água em polietileno sobre laje apoiada em único pilar revestido de cimento. Com energia elétrica para televisão, geladeira, rádio, água de poço distante, no verão compram água mineral, o banheiro tem fossa séptica - submersa durante o inverno - e o lixo é queimado periodicamente.

Com 91m<sup>2</sup> de área coberta, mão de obra empreitada a R\$ 600 e material adquirido por R\$ 2.700, a construção foi paga com economias do Seguro Defeso, tem sala e dois quartos, recentemente recebeu copa/cozinha e banheiro, puxado de madeira e palha, utilizado para o fogareiro de barro e um alpendre descoberto, com piso de varas, usado como varal de roupas durante as cheias. Com estrutura de concreto armado, paredes de tijolos cerâmicos, palha e madeira, telhado cerâmico e fibrocimento, a casa tem assoalho de tábuas de madeira na maioria dos ambientes, esquadrias de chapa de ferro e de madeira, cortinas de tecidos nos vãos dos quartos.





Mesorregião Leste  
Alto Alegre do Ma.  
Assentamento:  
Centro dos Cocos



Rural

Ano: 2004  
Área: 122m<sup>2</sup>



Grupo Social  
Assentado



Regime de Produção  
Contratação



Material Predominante  
Tijolo Cerâmico



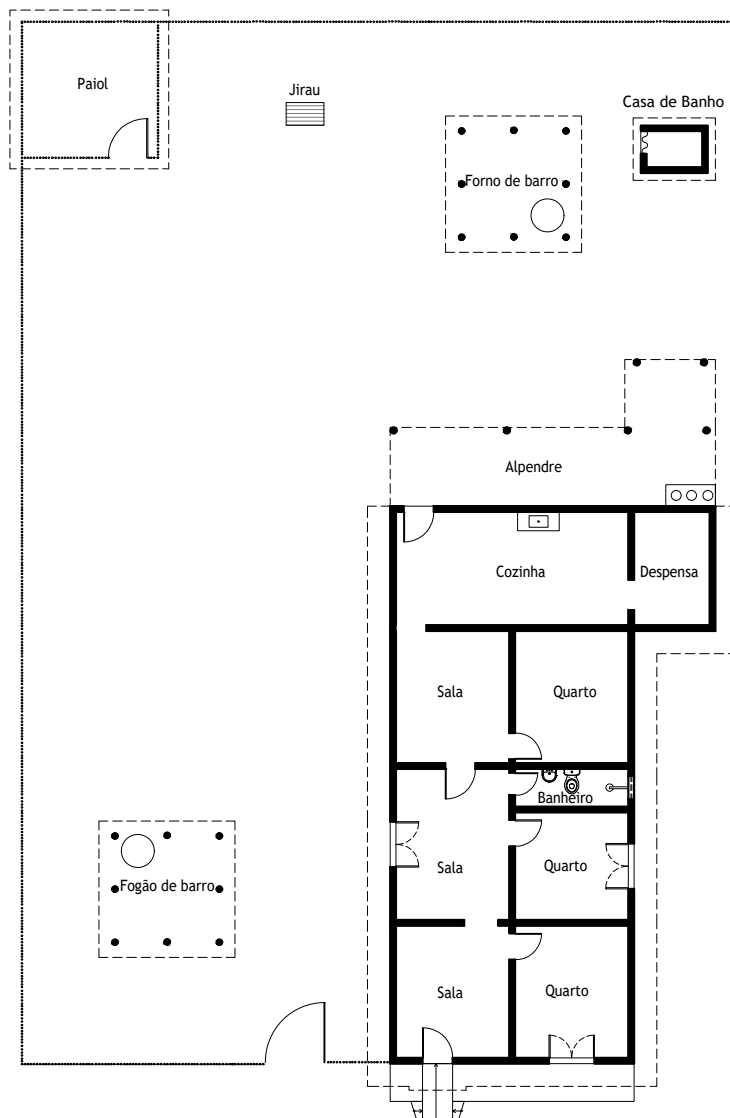
Assistência Social  
Aposentadoria

Composição Familiar



Atividade Produtiva  
Roça, quebra  
coco babaçu

Singularidade Construtiva  
Casa do INCRA ampliada



0 1 3

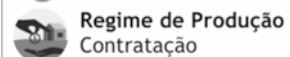
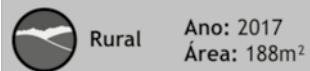
Moradia em Centro dos Cocos, assentamento rural regularizado pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária - INCRA, no município de Alto Alegre do Maranhão, onde vive casal de idosos, ambos aposentados, fazem roça, quebram coco e criam animais para consumo próprio.

Próximo à grande área comum gramada e arborizada de assentamento, o terreno possui delimitação de cercas de madeira que partem das laterais da moradia, deixando livre o acesso principal da casa, que tem uma rampa de cimento ligando ao terreno natural. Os anexos se distribuem pelos lados e fundos do lote: na lateral, com estrutura de madeira e cobertura em palha, o forno de barro, nos fundos, um rancho em madeira com cobertura de telha cerâmica para o fogão de barro e, ao lado, um cercado de talos de palmeira com plantação de temperos e plantas medicinais. Possui energia elétrica para televisão, geladeira e freezer, abastecimento de água do poço artesiano do próprio assentamento, fossa séptica para o banheiro. Como não existe coleta de lixo, os dejetos são queimados periodicamente.

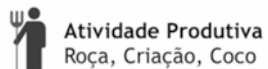
Com projeto original do INCRA de 55m<sup>2</sup>, com sala, dois quartos, cozinha e banheiro, construída por empresa contratada pela própria Associação dos Assentados, com uso de tijolos cerâmicos e cobertura de madeira aparelhada e telhas cerâmicas, esquadrias de madeira e piso cerâmico, a moradia foi posteriormente ampliada para 122m<sup>2</sup> de área coberta, recebendo quatro novos ambientes - sala, quarto, cozinha e despensa, ainda sem revestimento interno nas paredes e com os pisos cimentados. Um puxado com peças de madeira de sustentação e cobertura de telhas cerâmicas abriga a cozinha auxiliar, que possui bancada de trabalho e fogão de barro.



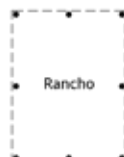




#### Composição Familiar



Singularidade Construtiva  
Varanda em volta da casa



Lavanderia



Moradia no povoado Sobradinho, área rural do município de Mirador, onde vive casal e a mãe do marido, trabalham na roça, quebram coco, vendem o azeite e criam animais tanto para consumo próprio quanto para venda. A moradia foi construída a partir de recursos do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar - PRONAF, através do Banco do Nordeste, com financiamento em torno de 10 mil reais.

O acesso ao povoado se dá através da rodovia MA-270 e, por desvio sobre estrada carroçável de 20 minutos de percurso, o terreno não tem delimitações visíveis. A casa possui como anexos chiqueiro, rancho para a quebra do coco construído de madeira e coberto em palha, um depósito e forno de tijolo maciço utilizado para a queima da lenha e produção de carvão, que fica localizado em outro terreno. Possui energia elétrica para televisão, geladeira, ventiladores. O abastecimento de água é feito através de poço no próprio terreno, tem fossa séptica para o banheiro e o lixo é queimado no próprio terreno.

Com 188m<sup>2</sup> de área coberta, a moradia é toda contornada por varanda aberta, com pilares redondos de concreto armado, está elevada 60cm do terreno natural em todo o seu perímetro. Tem sala, três quartos, cozinha e banheiro interno completo. Na parte posterior da varanda foi construído o fogão de barro e, ao seu lado, um depósito da produção. A moradia está construída em alvenaria de tijolo cerâmico sem revestimento e estrutura de concreto armado, cobertura com madeirame aparelhado e telha cerâmica de duas águas no corpo principal, mais elevado do que as quatro águas da varanda. As esquadrias são de madeira e o piso de cimento queimado na cor vermelha no interior e cimentado na varanda.




**Mesorregião Centro**  
 Bom Lugar  
 Povoado:  
 Jatobá Velho


**Rural**    Ano: Recente  
 Área: 115m<sup>2</sup>


**Grupo Social**  
 Quebradeira de coco


**Regime de Produção**  
 Contratação


**Material Predominante**  
 Tijolo Cerâmico

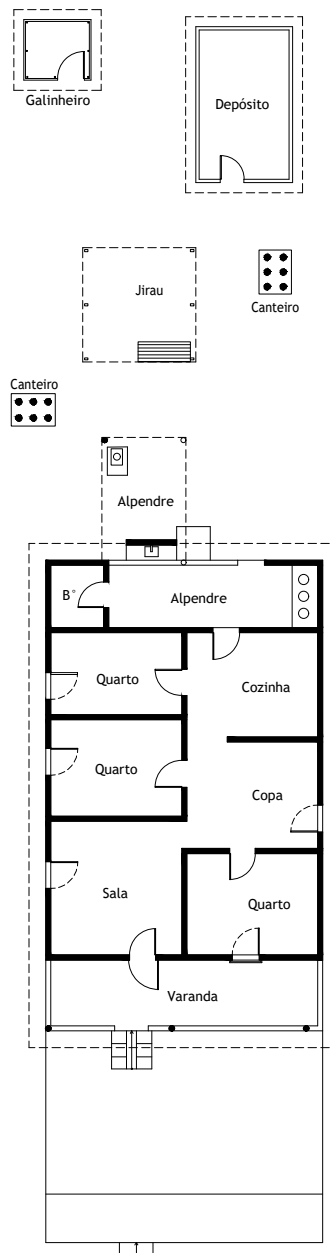

**Assistência Social**  
 Aposentadoria,  
 Bolsa Família

**Composição Familiar**  



**Atividade Produtiva**  
 Roça, Coco

**Singularidade Construtiva**  
 Varanda e alpendre



Moradia no povoado Jatobá Velho, município de Bom Lugar, a cerca de 1 km da MA 321, onde vive família composta por avós, pais, filha e netos. Os três idosos recebem aposentadoria rural, a filha cuida da casa e quebra coco, média 8 kg por dia, vende a R\$ 2,00 para comerciantes locais, recebe auxílio do Bolsa Família, fazem roça de cinco linhas, pagando três alqueires de arroz por linha para os donos da terra.

O lote com 20m de frente, próprio há 20 anos, mas sem documento, está delimitado por cerca de arame farpado, tem como anexos um galinheiro, jirau coberto para lavagem de roupa, depósito ou “casa da bagunça”, onde guardam carvão e ferramentas, além de dois canteiros de temperos e hortaliças. Possui energia elétrica para televisão, aparelho de DVD, telefone e geladeira, abastecimento de água por poço, esgotamento sanitário por fossa séptica. O lixo é coletado e queimado.

A casa onde a família vivia, de taipa de mão e cobertura de telhas cerâmicas, com sala, dois quartos e cozinha, ficava em frente à atual moradia. Só foi demolida depois que a nova construção ficou pronta, restando no lugar a marca do cimentado do piso. Com 115m<sup>2</sup> de área, baldrame de pedra, alvenaria de tijolos cerâmicos sem revestimento, telhado de quatro águas de telhas cerâmicas, a moradia foi empreitada por R\$ 6.000, com mestre de obras e quatro pedreiros. O material foi comprado na sede de Bom Lugar e, em um mês, estava concluída. Com sala, três quartos, copa, cozinha, alpendre e banheiro, piso cimentado, esquadrias de madeira, posteriormente foram construídos a varanda e, contíguo ao alpendre, o puxado com telhas de fibrocimento para o fogão de barro.






**Mesorregião Centro**  
**Esperantinópolis**  
**Povoado: Jiquiri**

 Rural    Ano: 2016  
 Área: 91m<sup>2</sup>

 **Grupo Social**  
 Posseiro

 **Regime de Produção**  
 Empreitada

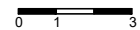
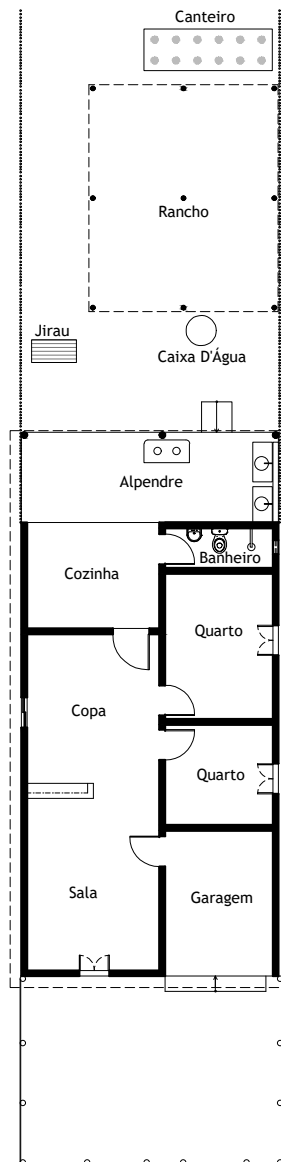
 **Material Predominante**  
 Tijolo Cerâmico

 **Assistência Social**  
 Aposentadoria

**Composição Familiar**  


 **Atividade Produtiva**  
 Roça, Coco, Carvão

**Singularidade Construtiva**  
 Varanda no corpo da casa

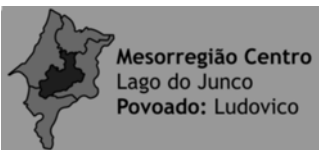


Moradia no povoado Jiquiri, próximo da sede do município de Esperantinópolis, onde vive casal de idosos, os dois já aposentados, lavradores e extrativistas, ainda trabalham com roça, quebra de coco babaçu e venda de carvão que produzem.

Erguida recuada da testada do terreno, com cerca improvisada de varas para delimitar o lote, a moradia tem como anexo nos fundos um rancho no centro do lote, construído em madeira, sem vedação, e cobertura de telha cerâmica, servindo como abrigo de ferramentas, produção da roça e os sacos de carvão que fazem; um reservatório de polietileno, mais ao fundo um poço raso com beiral em alvenaria rebocadas e um canteiro elevado com temperos. Contam com energia elétrica para televisão e geladeira, água abastecida pelo reservatório do povoado, fossa séptica para o banheiro. O lixo é coletado, queimado ou enterrado.

Com 91m<sup>2</sup> de área coberta, uma varanda lateral que serve de garagem, sala integrada com a copa, por bancada, cozinha, dois quartos, banheiro completo, a moradia foi toda construída em alvenaria de tijolos cerâmicos ainda sem revestimento, por pedreiro na empreitada de um mês ano, cujo pagamento foi no valor de R\$ 2.000. A casa tem baldrame de pedra, cintas e pilares de concreto armado, cobertura de quatro águas em madeira aparelhada e telhas cerâmicas, piso de cimento queimado, portas e janelas de madeira. Um puxado, construído posteriormente, funciona como alpendre, onde se localiza o fogão de barro, a lavanderia e uma mesa de refeições. Tem cobertura de uma água em telha cerâmica e piso cimentado.





Rural

Ano: 2010  
Área: 114m<sup>2</sup>



Grupo Social  
Quebradeira de coco



Regime de Produção  
Família



Material Predominante  
Tijolo Cerâmico



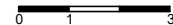
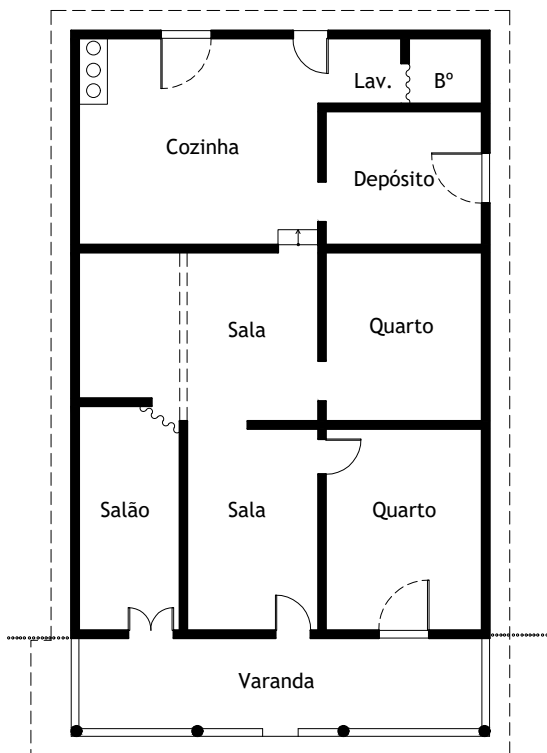
Assistência Social  
Bolsa Família

Composição Familiar



Atividade Produtiva  
Roça, Criação, Pedreiro

Singularidade Construtiva  
Varanda e Salão de  
cabelereiro



Morada no povoado de Ludovico, distante da sede de Lago do Junco, originado no início do século XX por migração de camponeses e extrativistas, polo de organização do movimento das quebradeiras de coco do Maranhão, onde vive casal em união estável e quatro filhos menores, fazem roça, criam galinhas e porcos. O marido trabalha como pedreiro e de barbeiro no salão construído em ambiente da própria casa.

Erguida em terreno abaixo do nível da via asfaltada que atravessa o povoado, mas que não tem implicado em alagamentos por águas pluviais, com declive para os fundos, a casa tem cerca de cama de varas para delimitar o lote. Os anexos da moradia se espalham pelos fundos da casa: jirau de lavar roupa, chiqueiro para os porcos, canteiro elevado com temperos. Possui energia elétrica para televisão, geladeira e equipamentos utilizados no salão de cabeleireiro, abastecimento de água por poço artesiano e reservatório central do povoado, mantido por taxa mensal de R\$ 5,00 dos moradores, fossa séptica para o banheiro. Sem coleta de lixo, os dejetos são queimados periodicamente.

Com 114m<sup>2</sup> de área coberta, iniciada em 2010 através de programa do governo municipal em parceria com Associação Comunitária, entregue somente “o caixão”, isto é, as paredes de roda, a casa só foi concluída com recursos e força de trabalho dos próprios moradores. Uma varanda dá acesso ao salão de cabeleireiro e à moradia, com duas salas, dois quartos e, 40cm mais abaixo, a cozinha com fogão a gás e de barro, depósito, lavanderia e banheiro com vaso e chuveiro. Com cintas e pilares de concreto armado e tijolos cerâmicos, tem somente a fachada, o salão de beleza/cabeleireiro e a primeira sala rebocados. A cobertura está feita em madeira aparelhada e telhas cerâmicas, piso do salão com cerâmica decorada, demais ambientes em cimento queimado, portas e janelas em madeira.






**Mesorregião Centro**  
**Pedreiras**  
**Bairro: Matadouro**


**Urbano**

**Ano: Há muito tempo**  
**Área: 94m<sup>2</sup>**


**Grupo Social**  
 Ocupante


**Regime de Produção**  
 Contratação


**Material Predominante**  
 Tijolo Cerâmico

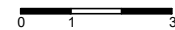
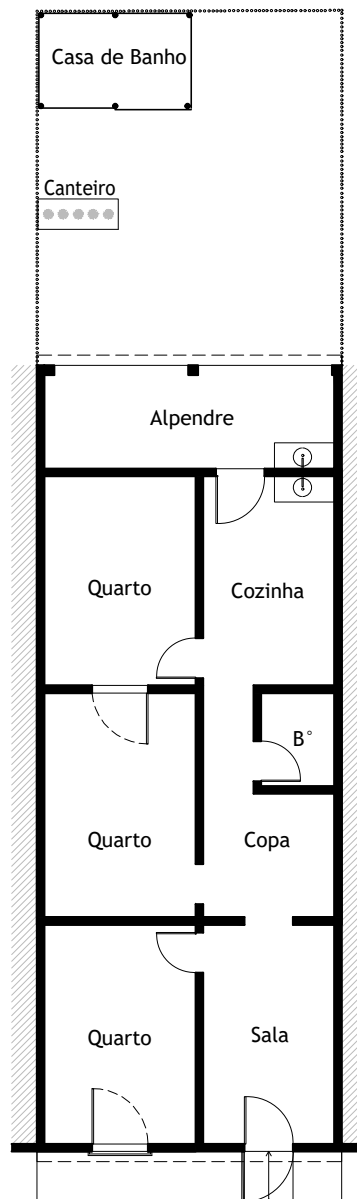

**Assistência Social**  
 Aposentadoria,  
 Bolsa Família,  
 Seguro Defeso

**Composição Familiar**  



**Atividade Produtiva**  
 Pesca

**Singularidade Construtiva**  
 Porta e janela geminada



Moradia no bairro Matadouro, município de Pedreiras, área inundável durante o período de chuvas, onde há 60 anos vive casal de idosos e uma neta, aposentados, recebem benefício do Programa Bolsa Família, o marido veio do Piauí ainda menino com a família, são pescadores registrados na Colônia de Pescadores local, que tem sede no próprio bairro.

Em área sujeita às cheias do Rio Mearim, que obriga os moradores a se retirarem de suas casas, abrigados por dias em colégios municipais, mas sempre retornando com a baixa das águas, a casa está geminada às moradias vizinhas, elevada 40cm do nível da rua. Tem quintal delimitado por cerca de varas com canteiros, fossa séptica do banheiro e, nos fundos, casa de banho fechada com plástico preto e porta de meaçaba. Contam com energia elétrica para televisão, geladeira, ventilador, liquidificador. O abastecimento de água é feito pela rede pública, uma fossa rudimentar para o banheiro e há serviço municipal de coleta de lixo.

Com 94m<sup>2</sup> de área coberta, a porta-e-janela, construída em alvenaria de tijolo cerâmico rebocado e pintado, em substituição de casa de taipa de mão existente, tem cobertura de duas águas com madeira aparelhada e telhas cerâmicas, piso em cimento queimado, porta e janela da fachada em madeira com grades de ferro. Conta com sala, três quartos, cozinha, banheiro e alpendre. Apenas os ambientes da frente e dos fundos possuem aberturas de ventilação e iluminação.





Mesorregião Centro  
São Mateus do Ma.  
Assentamento:  
Cajueiro



Rural

Ano: 2013  
Área: 103m<sup>2</sup>



Grupo Social  
Assentado



Regime de Produção  
Contratação



Material Predominante  
Tijolo Cerâmico



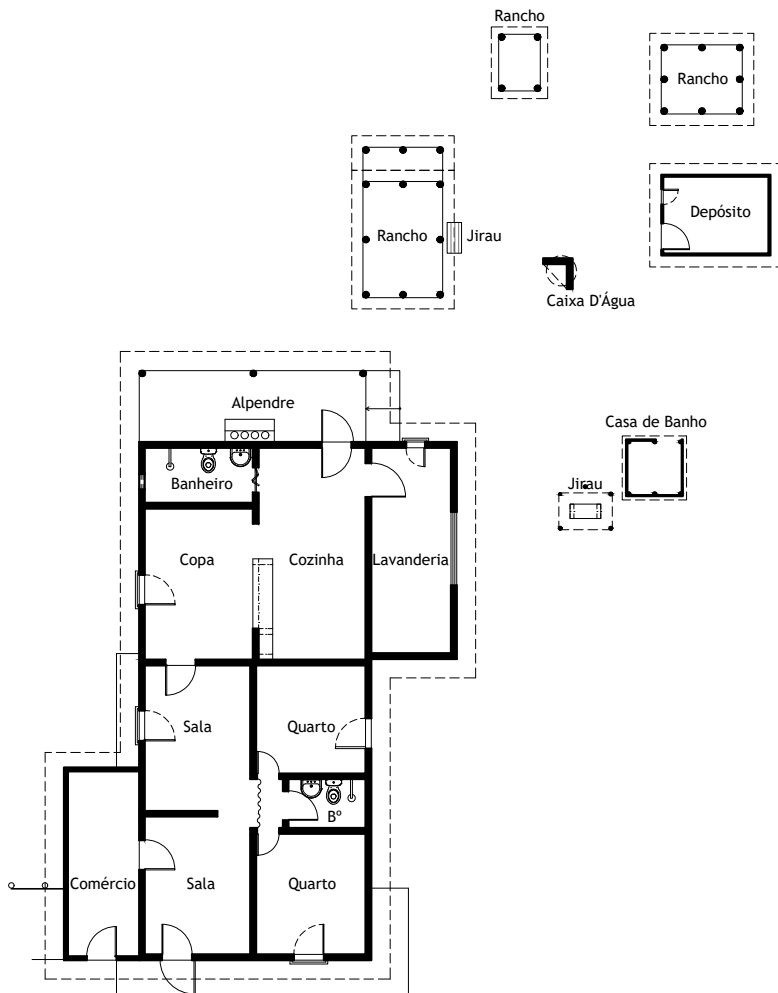
Assistência Social  
Aposentadoria,  
Pensão por viuvez

Composição Familiar



Atividade Produtiva  
Roça, Coco

Singularidade Construtiva  
Casa do INCRA ampliada



Morada no povoado Cajueiro, município de São Mateus, assentamento rural do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária - INCRA, próximo à BR-135, a 9km da sede municipal, onde reside senhora de 63 anos, aposentada, dois netos, ambos na escola, nascida e criada no povoado, “assina o nome”, viúva que voltou a casar, oito filhos do primeiro casamento, cinco filhos do segundo, coleta e quebra coco babaçu, o qual é vendido a comerciantes, faz roça de feijão, mandioca e milho, antes do assentamento pagava foro para o dono da terra.

Em terreno delimitado por estacas de madeira, ao lado do lote em que vive filho casado, tem como anexos, nos fundos da casa, depósito em taipa de mão e cobertura de palha de pindova, casa de banho com paredes de palha e dois ranchos com estrutura de madeira e cobertura de palha. Conta com energia elétrica para televisão, geladeira, tanquinho, ferro de passar roupa, banheiro com fossa séptica e lixo queimado no próprio terreno.

Casa construída no padrão do INCRA, com sala, dois quartos, banheiro e cozinha em alvenaria de tijolos cerâmicos e cobertura de duas águas em telhas cerâmicas, ampliada pela moradora em 2013, com mão de obra na diária de R\$ 50,00 e material adquirido no comércio. Transformou a antiga cozinha em segunda sala e construiu quatro novos ambientes: copa, cozinha, banheiro, sob cobertura de duas águas um pouco mais alta que a construção original, e lavandeira com cobertura de fibrocimento. Em 2018, novas ampliações, um alpendre usando madeira e barro para a taipa de mão e telhas cerâmicas, além de um telhado de uma água para o fogão de barro e um puxado, também com telhado de uma água, na lateral da fachada, para uso comercial. Atualmente com 103m<sup>2</sup> de área coberta, a casa tem piso cerâmico, portas e janelas de madeira, grades de ferro.







Mesorregião Centro  
São Mateus do Ma.  
Povoado: Conceição



Rural

Ano: Há muito tempo

Área: 157m<sup>2</sup>



Grupo Social  
Posseiro



Regime de Produção  
Morador, Filho



Material Predominante  
Tijolo Cerâmico



Assistência Social  
Bolsa Família

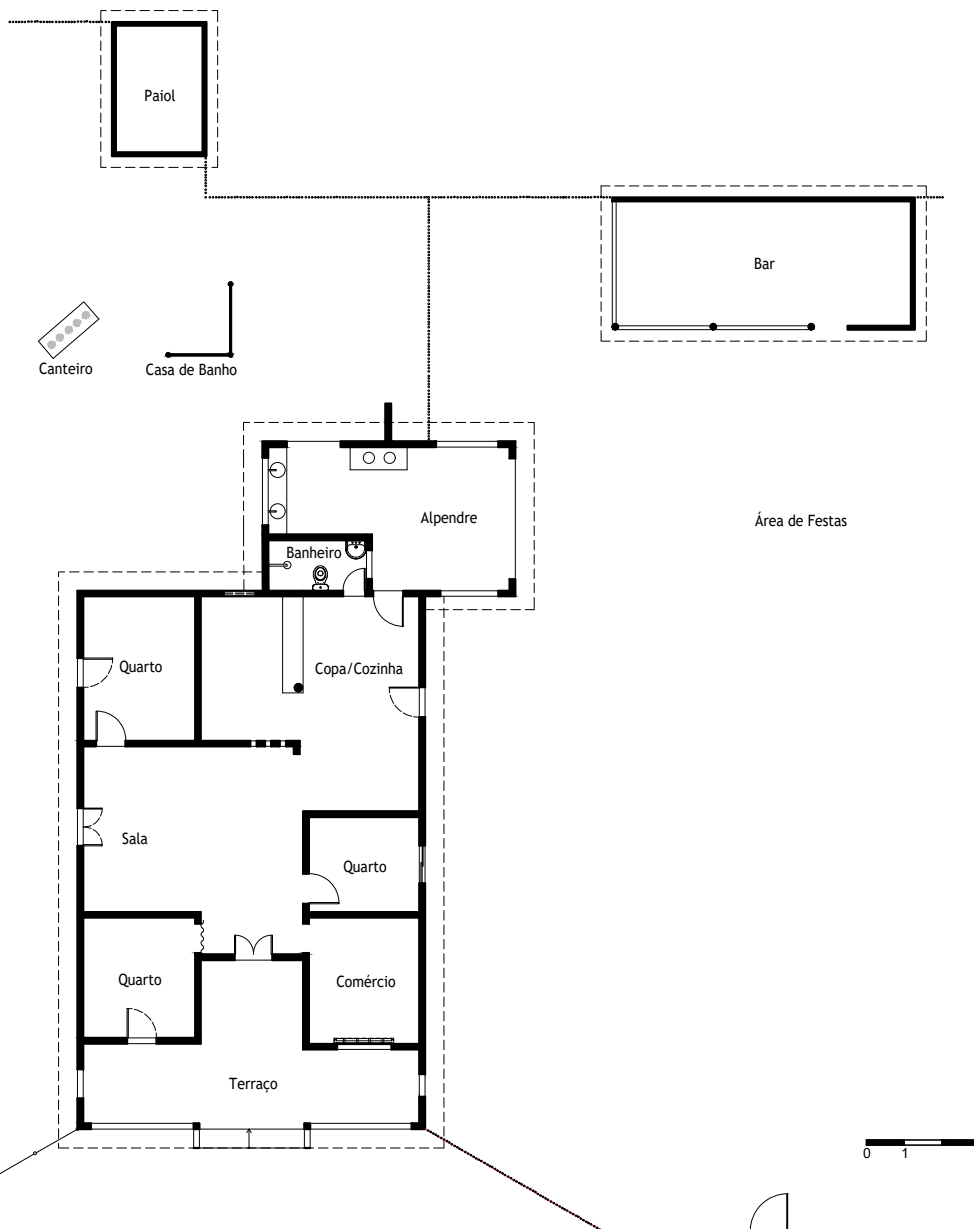
Composição Familiar



Atividade Produtiva  
Roça, Comércio,  
Construtor de casas

Singularidade Construtiva

Bar para festas no  
terreno anexo



Moradia próxima ao Rio Tapuio, onde reside casal, nascidos no lugar, três filhos adultos e dois menores, parentes morando na vizinhança, têm pequeno comércio na própria casa, trabalham com roça de arroz, milho, melancia e mandioca, fazem farinha e criam peixes em açude, agente de saúde, recebem benefício do Programa Bolsa Família e possuem clube de festas no lote ao lado. Semanalmente usam motocicleta própria para compras e consultas médicas na sede do município. Pedreiro há 23 anos, o marido constrói em municípios próximos, tem ferramentas e equipamentos de segurança, cobra R\$ 3.000 por casa de quatro cômodos.

Em terreno de 6ha, herança do sogro e parte do morador, com cerca de talos de palmeira e arames, a moradia possui paiol de taipa de mão e cobertura de palha, casa de banho de palha de pindova com chuveiro, jirau, canteiro elevado e, no lote ao lado, o Espaço Liberdade, destinado às festas que a família organiza, com contratação de shows de quatro horas ao custo de R\$ 2.000, além do jantar para a banda. Com energia elétrica para televisão, geladeira, freezer, tanquinho e ventiladores, contam com água de poço raso e bomba elétrica e manual, caixa d'água de polietileno sobre estrutura de tijolos cerâmicos e fossa séptica. O lixo é queimado periodicamente.

Com 157m<sup>2</sup> de área, construída a partir de risco no chão feito pelo marido e seus dois filhos maiores, material - 10 mil tijolos, 3 mil telhas cerâmicas, 6m<sup>3</sup> de pedra preta - adquirido em comércios do município, a moradia tem varanda, área para o mercadinho, sala, três quartos, copa, cozinha e banheiro, tem puxado nos fundos e na lateral esquerda para refeições e fogão de barro. Toda em tijolo cerâmico ainda sem revestimento externo, rebocado e pintado internamente, cobertura em duas águas de telhas cerâmicas, exceto parte do puxado em fibrocimento, piso em cerâmica esmaltada, portas e janelas em madeira, alumínio e vidro.





Mesorregião Oeste  
Imperatriz  
Bairro:  
Parque Alvorada



Urbano Ano: 2018  
Área: 71m<sup>2</sup>



Grupo Social  
Ocupante



Regime de Produção  
Contratação



Material Predominante  
Tijolo Cerâmico



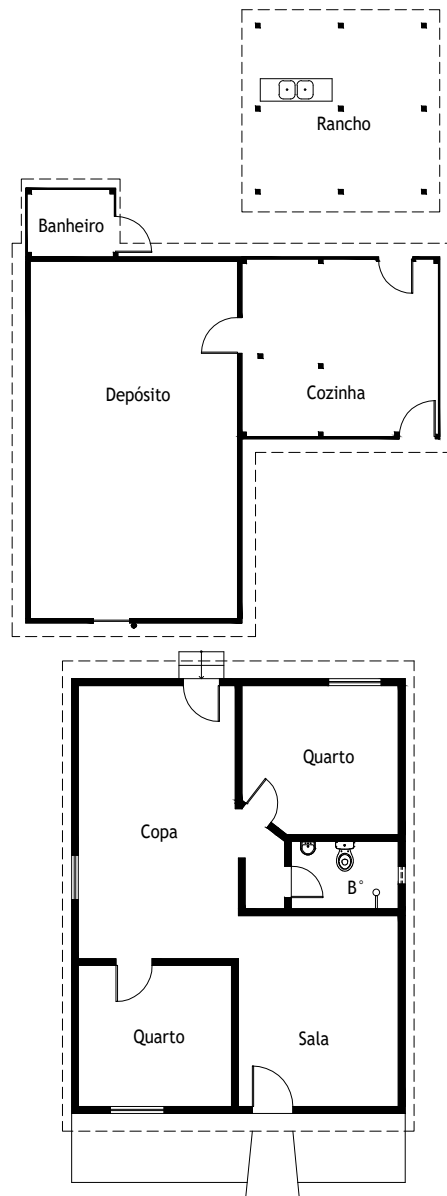
Assistência Social  
Aposentadoria,  
Bolsa Família

Composição Familiar



Atividade Produtiva  
Roça, coco e  
venda de caldo de cana

Singularidade Construtiva  
Modelo Unidade Habitacional



Moradia no bairro Parque Alvorada, ocupação urbana em Imperatriz, onde há 18 anos vive casal, juntos há 35 anos, o marido 63, esposa 53 anos, três filhos e nove netos, sabem escrever o nome, ambos vivem do trabalho na roça - cana de açúcar e quiabo -, da coleta e quebra do coco babaçu, aposentadoria e de benefício do Programa Bolsa Família, usam bicicleta ou motocicleta para os deslocamentos ao centro da cidade.

Antes encarregado pelos donos da área de cobrar a renda - um saco de arroz, milho ou feijão por linha plantada - pelo uso da terra das famílias que ali tinham roça, o chefe da família recebeu 2½ linhas como pagamento pelos serviços prestados quando ocorreu a ocupação que resultou no atual bairro. Parte das terras repassou para os filhos que ali moram, permanecendo com a área arborizada onde fica a casa, afastada da via de circulação do bairro, sem delimitações físicas. Entre os anexos está a antiga moradia de 57,02m<sup>2</sup> de área coberta, em taipa de mão, com cozinha, depósito e banheiro, localizada nos fundos da casa nova, e jirau em rancho com estrutura de madeira, coberto com telha cerâmica. Com energia elétrica para televisão, geladeira, ventiladores, a casa tem acesso à água para consumo através de poço artesiano, esgotamento através de fossa séptica sem rede de esgoto e o lixo é queimado periodicamente nos fundos da casa.

Com 71m<sup>2</sup> de área coberta, em alvenaria de tijolos cerâmicos, cobertura de madeira aparelhada e telhas cerâmicas, baldrame e cinta inferior, piso cerâmico e esquadrias predominantes de ferro, a moradia possui sala, dois quartos, banheiro e cozinha. Para sua construção, que levou 20 dias, foi vendida casa que tinham na Vila e juntada à herança da esposa para compra do material e pagamento dos serviços do filho pedreiro.







Mesorregião Oeste  
Imperatriz  
Bairro: Vila Vitória



Urbano

Ano: 2013  
Área: 60m<sup>2</sup>



Grupo Social  
Ocupante



Regime de Produção  
Família



Material Predominante  
Tijolo Cerâmico



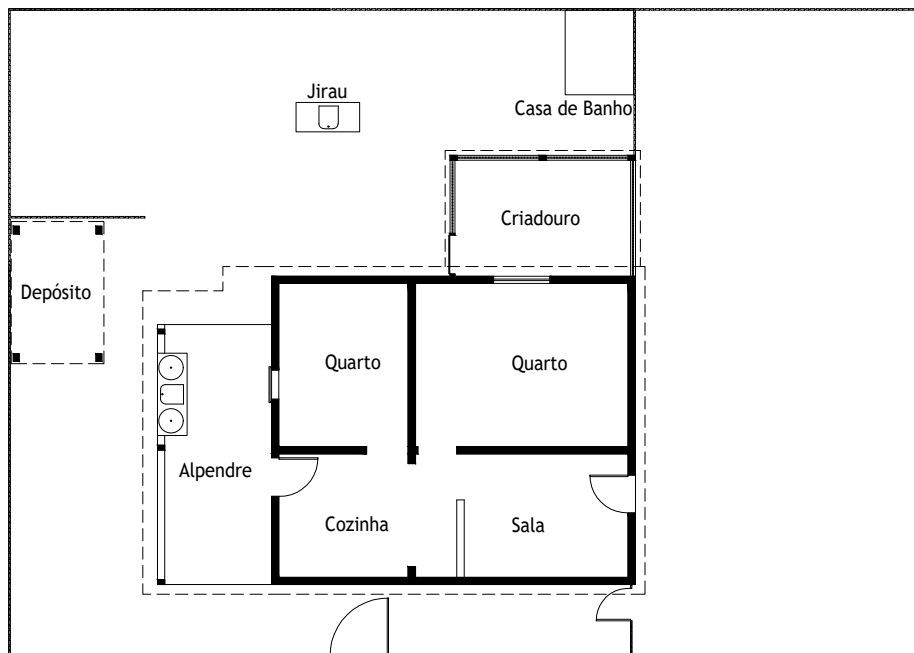
Assistência Social  
Bolsa Família

Composição Familiar



Atividade Produtiva  
Roça, Pesca,  
Ajud. pedreiro

Singularidade Construtiva  
Telhado de uma água



Moradia na Vila Vitória, periferia da cidade de Imperatriz, onde há 11 anos vive casal, ele com 37, ela 26 anos, escolarizados, três filhos menores, todos na escola, fazem uma linha de roça de feijão, pescam, criam galinhas e porquinhos da Índia, plantam mamão e banana no próprio terreno para venda. O marido trabalha de ajudante de pedreiro, usam bicicleta para os deslocamentos no centro da cidade.

Em lote próprio de 8x14m, delimitado por cerca de tábuas de madeira e arame farpado, às margens de estrada carroçável, tendo como anexos casa de banho fechada com telhas de fibrocimento, depósito de madeira com cobertura de fibrocimento, galinheiro e engradado dos porquinhos da Índia em madeira e tela de arame. Possui energia elétrica para televisão, geladeira, tanquinho, som e ventiladores, água de poço artesiano da companhia estadual e esgotamento sanitário por fossa séptica. O lixo é queimado periodicamente nos fundos da casa.

Anteriormente uma “casa de barro” da sogra, a casa atual tem 60m<sup>2</sup>, com sala, dois quartos, cozinha e alpendre, foi construída em 2013 pelo próprio morador em quatro meses, ampliada recentemente com o alpendre nos fundos, onde fica a lavanderia e a família se reúne. Com cinta de concreto, paredes de tijolo cerâmico sem revestimento, mas pintadas com tinta à base de água, cobertura em madeira aparelhada com telhas cerâmicas e de fibrocimento, piso de cimento queimado, portas de madeira e janelas de ferro, todo o material foi comprado - 3.000 tijolos cerâmicos, 42 telhas de fibrocimento, 50 sacos de cimento e 500 peças de cerâmica.




**Mesorregião Oeste**  
 Pindaré Mirim  
 Bairro: Sapucaieira


**Urbano**  
 Ano: Há muito tempo  
 Área: 70m<sup>2</sup>


**Grupo Social**  
 Ocupante


**Regime de Produção**  
 Contratação


**Material Predominante**  
 Tijolo Cerâmico

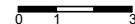
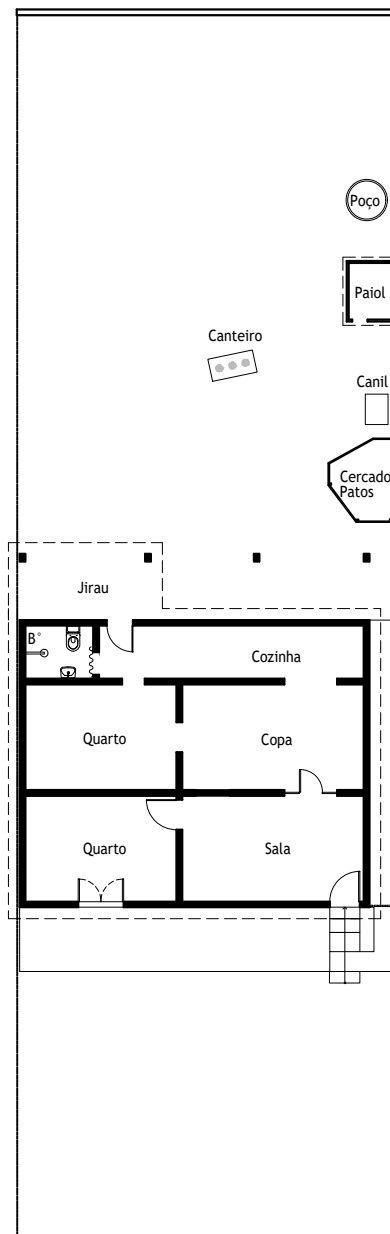

**Assistência Social**  
 Bolsa Família

**Composição Familiar**  



**Atividade Produtiva**  
 Serviços ocasionais

**Singularidade Construtiva**  
 Escadaria e baldrame no terraço



Moradia em Sapucaieira, pequeno núcleo residencial nos fundos do bairro Alto do Bode, ocupação consolidada do município de Pindaré Mirim, às margens do Rio Pindaré, onde vive senhora e seus filhos maiores, nora grávida, mãe e irmãos morando em casas próximas, criam porcos e galinhas para consumo próprio.

Erguida em terreno delimitado por cerca de varas e de estacas de madeira e arame farpado, com aclive para os fundos, próxima à área inundável do rio, a moradia está implantada no centro do lote, elevada sobre baldrame cimentado de pedras, formando um terraço em frente à casa e ao lado da escadaria de acesso. Como anexos, a moradia tem nos fundos um depósito e canteiros de hortaliças. Possui energia elétrica para televisão, geladeira, freezers e tanquinho, tem água encanada, fossa séptica e o lixo é queimado ou enterrado.

Com 70m<sup>2</sup> de área coberta, construída sobre estrutura aterrada com entulho para evitar as cheias periódicas do Rio Pindaré, a moradia é toda em alvenaria de tijolos cerâmicos rebocados e pintados, cobertura de duas águas com madeiramento de telhas cerâmicas e beiral encachorrado duplo, piso de lajotas e esquadrias de madeira. Conta com sala, dois quartos, copa, cozinha, banheiro completo e um puxado, parcialmente coberto, abriga o jirau com bancada de granilite para lavagem de roupa.







Mesorregião Oeste  
Zé Doca  
Assentamento:  
Boa Esperança



Rural Ano: 2005  
Área: 88m<sup>2</sup>



Grupo Social  
Assentado



Regime de Produção  
Contratação



Material Predominante  
Tijolo Cerâmico



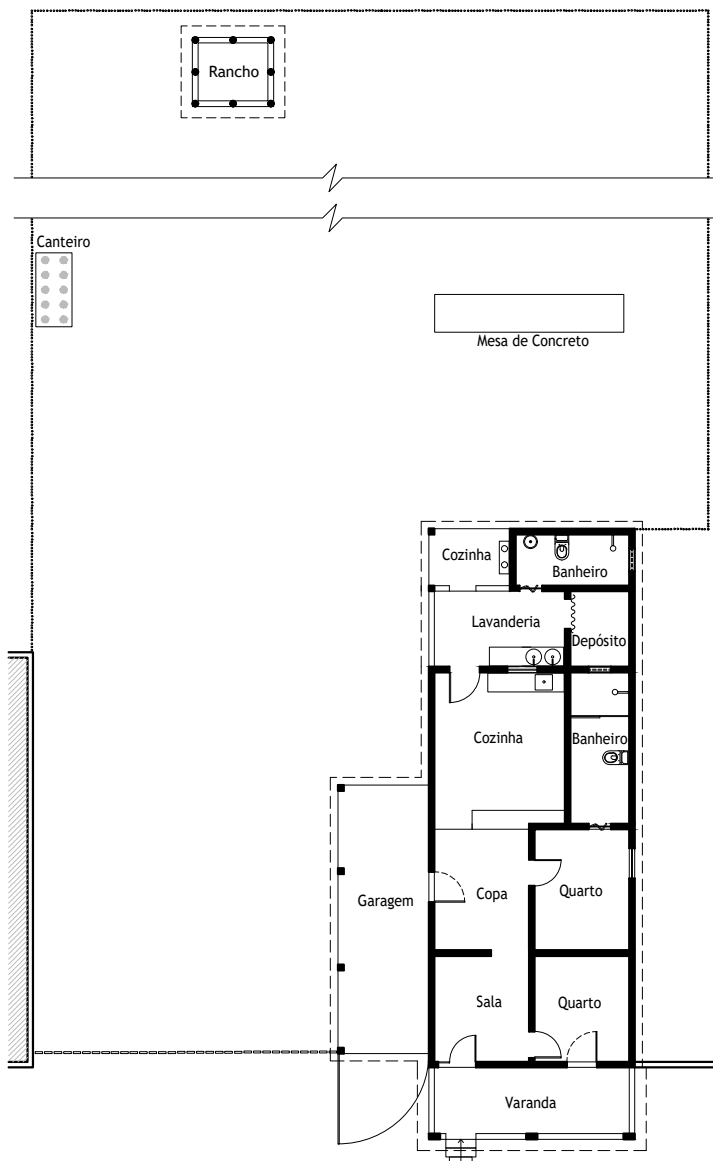
Assistência Social  
Bolsa Família

Composição Familiar



Atividade Produtiva  
Roça, Extrativismo

Singularidade Construtiva  
Varanda e garagem lateral



Moradia no Assentamento Boa Esperança, município de Zé Doca, localizado às margens da rodovia BR-316, resultante da ocupação da fazenda do Armazém Paraíba por 83 famílias em 2001. Três anos depois o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária - INCRA procedeu ao cadastro e, em 2005, foi liberado crédito para produção e construção de moradias dos assentados, onde vive casal e uma filha menor.

Medindo 20x60m, delimitado por cercas, a moradia tem como anexos, uma grande bancada de concreto revestida de cerâmica esmaltada, instalada próxima dos fundos da casa, utilizada para as reuniões dos moradores do assentamento. Mais afastado, há um rancho em estrutura de madeira, guarda-corpo de alvenaria e cobertura de fibrocimento, além de um canteiro suspenso de madeira. Os moradores contam com energia elétrica para televisão, geladeira, forno elétrico, tanquinho e ar-condicionado, abastecimento de água fornecido pela prefeitura, fossa séptica para o banheiro. O lixo é queimado ou enterrado.

A casa inicial, projeto padrão do INCRA, com 35m<sup>2</sup> de área coberta distribuídos em sala, dois quartos, cozinha e banheiro, construída em alvenaria de tijolos cerâmicos e cobertura de madeira aparelhada e telhas cerâmicas, feita por construtora contratada, foi ampliada posteriormente e hoje soma 88m<sup>2</sup> de área coberta. Com novo quarto e banheiro completo privativo para o quarto do casal, uma nova cozinha e o puxado com fogão de barro e depósito, além de uma varanda lateral, que é utilizada como garagem da casa, e a varanda frontal, a área inicial da moradia duplicou. Devido ao tempo transcorrido entre as várias ampliações, cada uma delas está demarcada pelos diferentes padrões do piso de cerâmica esmaltada dos ambientes.




**Mesorregião Oeste**  
 Carolina  
 Ocupação:  
 Sem nome


**Urbano** Ano: 2018  
 Área: 94m<sup>2</sup>


**Grupo Social**  
 Ocupante


**Regime de Produção**  
 Mutirão e Contratação


**Material Predominante**  
 Tijolo Cerâmico

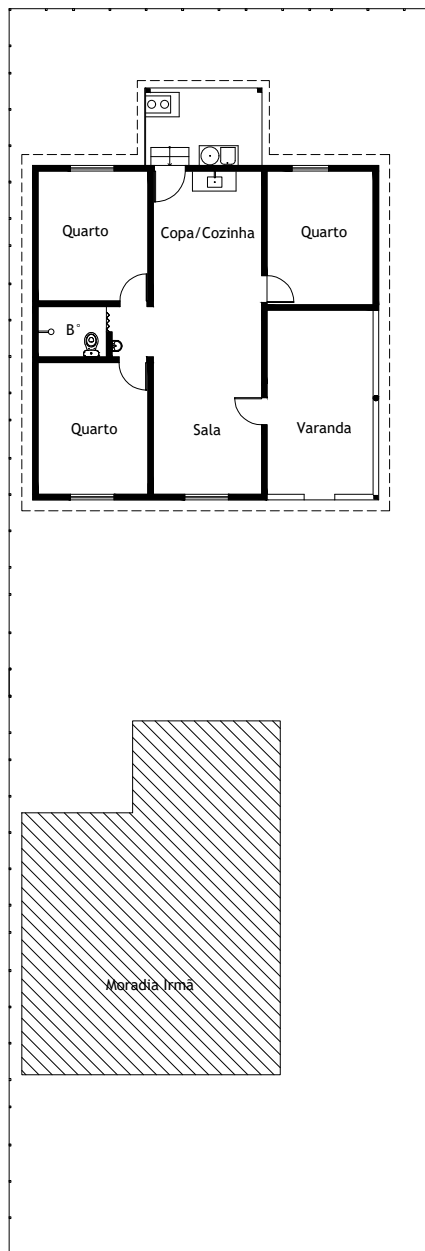

**Assistência Social**  
 Bolsa Família,  
 Seguro Defeso

**Composição Familiar**  



**Atividade Produtiva**  
 Pesca, Ajud. pedreiro,  
 Serviços domésticos

**Singularidade Construtiva**  
 Cobertura em três planos



0 1 3

Morada em área de ocupação recente ainda sem nome na periferia de Carolina, fundos do Cemitério Municipal Campo da Saudade, em conflito fundiário por terras municipais doadas a criadores de gado, onde vive casal, juntos há cinco anos, estudos até o fundamental, ela faxineira e lavadeira, ele pescador, registrado na Colônia de Pescadores, dois filhos menores e um irmão da esposa ajudante de pedreiro.

O lote com área de 360m<sup>2</sup>, dividido com a casa da irmã da moradora, está delimitado por cerca de arame com mourões de madeira e não tem anexos. Com energia elétrica para televisão com antena parabólica, geladeira, tanquinho, som e quatro ventiladores, têm acesso à internet, abastecimento de água através de mangueiras conectadas à rede pública existente, o banheiro tem fossa séptica e o lixo é coletado duas vezes por semana.

Com 94m<sup>2</sup> de área coberta distribuídos em varanda, sala integrada à copa-cozinha, três quartos, banheiro com caixa d'água elevada de polietileno, puxado com tanque e fogão de barro. Com baldrame de pedra e cimento, paredes internas e externas em alvenaria de tijolos cerâmicos sem revestimento, cobertura de uma água em três alturas, madeirame aparelhado e telhas de fibrocimento, piso cimentado, esquadrias de correr em chapa de ferro. Construída em seis meses por mutirão familiar e mão de obra contratada, a casa consumiu 4.000 tijolos, 40 telhas e 35 sacos de cimento, com parte do material doado e outra parte reaproveitado.





# AUTOPRODUÇÃO DA MORADIA DE TAIPA DE MÃO E ADOBE NO MARANHÃO

Aldrey Malheiros  
Frederico Lago Burnett  
Ingrid Braga

*Construtores anônimos continuam a conceber e edificar eles próprios milhares de habitações (...) A prática destas tradições resulta em realizações que constituem elas próprias outros tantos testemunhos duma sabedoria popular ancestral, que não é estática, mas pelo contrário viva e adaptada as limitações e exigências atuais (...)*

Miguel Rocha, 2015

O barro<sup>8</sup>, a água, a madeira e a palha foram alguns dos materiais utilizados por civilizações antigas de todo o mundo na construção de abrigos, considerando a facilidade de acesso e coleta dessas matérias-primas dentre as atividades extrativistas propícias em vegetações perenes. O meio ambiente natural proporcionou potencialidades múltiplas de

---

<sup>8</sup> Terra argilosa em seu estado natural na construção. Trata-se de uma mistura de argila, limo (silte), areia e agregados maiores, como gravilha ou cascalho (MINKE, 2019, p.5).

materiais. O homem utilizou de forma vasta a terra, misturada ou não a outros elementos, para produzir sua arquitetura.

Construir com terra tem o significado de construir com um material presente em todas as partes do mundo. Essa prática permitiu o aprimoramento de técnicas de construção com terra, tais como taipas, blocos de terras recortados, tijolos de barro ou adobe, terra misturada a fibras vegetais e montadas em cofragens, dentre outras (Torgal et al, 2009). A utilização da terra para fins de construção nasce da disponibilidade do material no local e é um sistema válido para a auto-construção. Do leque de possibilidades construtivas do material 'terra', há uma infinidade de variantes adaptadas à qualidade de cada terra e que traduz a identidade dos locais onde se situam, bem como a cultura do povo que as desenvolveu (Rocha, 2015. p.39).

A técnica de construção com terra crua conhecida como taipa de mão, que consiste na execução no local de blocos de terras apilados dentro de estruturas, com possibilidades de combinação com outras técnicas e plasticidade, tem resistido como técnica popular nos povoados do Maranhão. Outra técnica de construção com terra crua e com alta presença nos povoados pesquisados é o adobe, que demanda maiores recursos técnicos do que a taipa de mão.

As técnicas de construção baseadas no uso da terra crua tratados neste texto, resultantes de pesquisa nos povoados do Maranhão, foram: a taipa de mão e o adobe. A taipa de mão é uma técnica de construção de paredes com estruturas de madeira, usuais nos locais, leves e revestidas com argamassa de terra (Rocha, 2015). O adobe é uma técnica construtiva que consiste em moldar, sem compactar, a terra no estado plástico, com posterior secagem ao ar e utilizado em obra.

O Sistema de Informação da Atenção Básica - SIAB

Quadro 1. Maranhão: percentuais por material de construção das moradias (SIAB, 2013)

Estado/ Mesorregião	Taipa de mão sem revestimento	Taipa de mão com revestimento	Madeira	Material impróprio	Pedra, concreto, outros
Maranhão	17,39%	11,17%	2,18%	0,55%	0,61%
Norte Maranhense	19,07%	10,39%	1,12%	0,59%	0,48%
Leste Maranhense	19,69%	12,56%	0,20%	0,25%	0,67%
Centro Maranhense	17,03%	14,40%	0,51%	0,30%	0,41%
Oeste Maranhense	16,40%	10,48%	6,98%	0,67%	0,55%
Sul Maranhense	2,90%	3,05%	1,26%	1,82%	1,94%

(2013)<sup>9</sup>, do Ministério da Saúde, ao coletar dados sobre o universo de famílias cadastradas - 56,7% da população brasileira, 32,3 milhões de famílias ou 111,6 milhões de pessoas, em 2013 -, traz informações sobre os materiais de construção das moradias. Expostos na Tabela 1, os dados sobre o Maranhão mostram que 28,6% das famílias cadastradas moravam em casas de taipa de mão com e sem revestimento, mais do dobro do vizinho Piauí (13,7%) e quase dez vezes o percentual do Brasil (3,9%).

Ainda que as estatísticas oficiais sobre o déficit habitacional brasileiro não incluam a taipa de mão revestida, nem o adobe no componente de precariedades, os dados do SIAB demonstram aspectos importantes da realidade da moradia no Maranhão. O primeiro é a forte predominância da taipa de mão em relação aos demais materiais que constituem o componente de precariedade do déficit habitacional, com a madeira somando 2,18% no estado e significância apenas na Região Oeste, com 6,98%; o segundo aspecto a destacar é a disseminação da prática de construção em taipa de mão praticamente em todo o estado, com exceção do

Sul Maranhense; e terceiro, a presença também elevada de construções em taipa de mão revestida, fora do déficit habitacional e com outra condição de vida dos seus moradores.

Partindo da relevância que as práticas construtivas de taipa de mão e adobe assumem no panorama das moradias autoproduzidas em terra crua no Maranhão, este texto busca contribuir para seu conhecimento, sistematizando os procedimentos gerais adotados pelos moradores no enfrentamento de suas necessidades habitacionais e abrindo possibilidades de discussão sobre a realidade sociocultural dos modos de morar em nosso estado. A comprovada apropriação popular da construção em taipa de mão e adobe, considerando quase a totalidade das regiões maranhenses, prova o enraizamento de tais sistemas no cotidiano da população. O potencial de qualificação de tais sistemas é um indicativo para as alternativas sustentáveis na questão da moradia entre nós.

<sup>9</sup> Os dados do SIAB são gerados a partir do trabalho das equipes de Saúde da Família e Agentes Comunitários de Saúde, que fazem o cadastramento das famílias e identificam a situação de saneamento e moradia.



## TAIPA DE MÃO

O termo taipa, genericamente empregado, significa a utilização de solo, argila ou terra como matéria-prima básica de construção. A origem do vocábulo, provavelmente árabe, entrou para a língua portuguesa por influência mourisca. As paredes de taipa de mão (que, dependendo da região e da época, também recebem o nome de taipa de sebe, pau a pique, barro armado, taipa de pescoção e taponas e sopapo) foram muito empregadas em todo o Brasil desde o início da colonização (Pisani, 2004, p.13). Também com nomes variados em outros países, tais como quincha, bahareque, estanque, fajina, Neves e Faria (2011) propõem a denominação geral do sistema como “técnica mista”, porém conservando as variadas nomenclaturas de cada região.

Dentre essas denominações, a pesquisa identificou a taipa de mão como a técnica construtiva predominante nos povoados maranhenses, executada pela disposição de uma trama de varas na vedação da casa, onde os espaços são formados por malhas menores de varas, as quais dão sustentação ao enchimento de barro. Em geral, o processo de autoconstrução dessa técnica construtiva envolve o trabalho em mutirão, tendo em vista o carregamento de peças pesadas, como os esteios de madeira para o levantamento das paredes, e a preparação das palhas para cobertura. Corresponde a um trabalho colaborativo pago através da troca de dia, isto é, troca de favores ou serviços, segundo relatos de Manuel da Conceição (1980), que trata sobre costumes populares no interior do Maranhão durante os anos de 1930 a 1980 e ainda vigente.



Figuras 1 e 2 - Estruturas com esteios e madeirame da cobertura em construção de moradia de taipa de mão, Pequizeiro, Belágua. Figura 3 - Montante de madeira aparelhada e varas para tapagem de casa de taipa de mão já coberta com telhas cerâmicas, Aldeia Areião, Terra Indígena Rio Pindaré, Bom Jardim.

## MARCAÇÃO, FUNDAÇÕES E ESTRUTURAS

Segundo relatos colhidos nos trabalhos de campo, existe uma relação empírica entre o número de ambientes de uma moradia e seu tamanho. Segundo JN, de São Mateus - há 23 anos trabalhando como pedreiro, ofício que aprendeu “consultando e curiando por aí”, com vasta experiência em receber empreitada, já tendo construído casas de até 288 m<sup>2</sup> -, uma moradia de 4 cômodos mede 8x6 metros. A partir dessa padronização, é feita a marcação da obra sobre o terreno natural, em geral sem uso de trenas, eventualmente utilizando esquadros de madeira para assegurar a perpendicularidade entre as paredes. Medidos em palmos - média de 20cm cada - ou passadas, os riscos determinam o perímetro das paredes de roda da casa e suas divisões internas.

Após a implantação da construção, através da definição e marcação no chão do tamanho da casa e das divisões dos ambientes, a armação se inicia com o uso de esteios de madeira, ou âmagos de árvores, como mucuruna (ou mucuna), maçaranduba, candeia e pau d’arco, que definem o perímetro da moradia. Não há baldrame para receber as paredes, os esteios de madeira são fincados diretamente na terra para dar suporte à trama de varas que formarão as paredes. As cavas variam de 50 centímetros a 1 metro de profundidade e são feitas com o cavador, também utilizado no processo de semeadura da roça. Após a colocação dos esteios, são socados e preenchidos com terra, raramente com pedras, inexistentes em muitos locais.

Considerando que, nas construções de taipa de mão, os esteios ou forquilhas não servem apenas para armação das paredes, mas também são parte da estrutura da cobertura, a dimensão da moradia de taipa de mão tem relação com cumeeiras, caibros e frechal e seus apoios. Assim, além da relação entre número de ambientes e perímetro da moradia, o tamanho da construção determina a priori a configuração e o número de águas que terá a cobertura.





## COBERTURAS

Ao compor um sistema unitário de vedação vertical e horizontal, a moradia de taipa de mão permite que a cobertura da casa possa ser executada antes do fechamento das paredes, condição que no período de chuvas possibilita maior flexibilidade e rapidez na obra. A Figura 1 expõe moradia em execução, com a configuração da cobertura determinada pelo madeirame, necessário para proceder à tapagem com palha de pindova, já disposta ao lado para secar e pronta para ser amarrada aos caibros. Nas Figuras 2, 3 e 4, o entramado da casa de taipa - com esteios e frechais de madeira aparelhada - já recebeu a cobertura em telhas cerâmicas e as esquadrias. Em ambas as construções, observamos a inexistência de desnível entre o piso externo e o interno das moradias.

Ao permitir o apoio da estrutura da cobertura sobre os montantes e frechais das casas de taipa, os processos de cobertura das moradias podem ser iniciados antes mesmo da conclusão do envaramento, pois esteios e frechais são suficientes para suportar a estrutura da cobertura, permitindo que a etapa de preenchimento seja feita com a construção já coberta. Essa técnica também é observada na construção de casas no litoral do Piauí (Alexandria, 2005).

Apesar de terem sido encontradas moradias com coberturas de palhas de buriti ou babaçu, telhas cerâmicas ou de fibrocimento, as casas de taipa de mão, em geral, apresentam inclinação acentuada de seus telhados. Isso se deve à tradição do uso da palha como cobertura de tais moradias e a necessidade de assegurar rápido escoamento das águas de chuvas sobre as folhas, impedindo a infiltração nos ambientes.

Quando a família decide substituir a cobertura de palha por telhas cerâmicas ou de fibrocimento, em

Figuras 4 e 5 - Coberturas de palha de babaçu e telha cerâmica com madeirame apoiado nas paredes de moradias de taipa de mão, Barro Vermelho, Chapadinha, Canguçu, Aldeias Altas.  
Figura 6 - Calha de zinco em telhado de palha de pindova em moradia de taipa de mão de canto dobrado, Taboca, Aldeias Altas.

muitas situações, o madeirame permanece o original, explicando o porquê determinadas moradias apresentam inclinações acima das necessárias para o tipo de cobertura que apresentam.

Como a palha passa por um processo natural de ressecamento e vai perdendo sua impermeabilidade, podem surgir goteiras, mas também insetos, exigindo substituição periódica. Conforme depoimentos, essa substituição deve acontecer no máximo a cada quatro anos. Assim como a tapagem das paredes, a cobertura da moradia também é uma tarefa trabalhosa que precisa ser concluída em um dia, pois a casa deve estar disponível para abrigar os moradores durante a noite. Assim, tanto a tapagem do telhado novo quanto a substituição de palhas envelhecidas demandam ajuda além dos membros da família, resultando sempre em mutirão de amigos que trabalham de forma voluntária, além da participação de vizinhos e conhecidos distantes, que se reúnem periodicamente em torno de atividades coletivas.

Aí convoca a coberta da casa. É sempre fim de semana, dia de sábado. Vem tanto morador deste povoado, como às vezes vem de povoados distantes seis quilômetros. Trabalha o dia inteiro, cobrindo a casona daquela família. Quando é de tarde, vai todo mundo embora. Agora, qualquer casa daquelas redondezas que a gente sabe que o pessoal vai cobrir ou chega o convite, a gente também vai. (Conceição, 1980, p.60-61).



Figura 7 - Estrutura portante de cobertura em palha de carnaúba em casa de taipa de mão, Pequizeiro, Belágua.  
Figuras 8 - Mutirão para substituição de cobertura de palha de babaçu em casa de taipa de mão, Gameleira, Caixas.  
Figura 9 - Cipó escada sendo desfiado para amarração das palhas de pindova ao madeirame do telhado.





## PAREDES

Divididas em externas - também chamadas de paredes de roda - e internas, as paredes de taipa de mão têm como suporte esteios verticais de madeira, ou âmagos, que são fincados diretamente no chão, sem uma base mais sólida ou baldrame. Retiradas da vegetação próxima, peças mais finas, varas de madeira, são presas horizontalmente nas peças verticais por amarrações de cipó, embira e mesmo pregos ou fitas pet (opções menos frequentes), constituindo-se no envaramento ou entramado, suporte para os enchimentos ou a tapagem com barro.

Usando bolas de barro mole ou argila, retirado do *barreiro*, os espaços do entramado são recobertos com o trabalho de um mutirão, o qual lança ali o barro e, depois, amassa com as mãos, modelando a superfície da parede. Dependendo do tamanho da moradia e dos componentes do mutirão, esse trabalho pode ser finalizado em um dia ou mais, mas quando é feito apenas pelo dono, o processo pode durar semanas, até um mês. Com espessura usual da parede entre 10 e 13 centímetros, durante o preenchimento o barro apresenta uma coloração mais escura e acinzentada, porém, após a secagem, volta à sua cor natural.

A taipa de mão do Maranhão se caracteriza pela forma empírica em que é executada, principalmente a partir de práticas tradicionais ancestrais, transmitidas entre gerações. Esse traço comum, que se apresenta em todas as regiões do estado, tem variações a partir da disponibilidade de recursos naturais com que contam, resultando em uma infinidade de exemplares que se ajustam aos condicionantes externos e às capacidades produtivas de seus moradores.

O problema comum se dá na irregularidade da superfície das paredes, devido à terra ser muito úmida e



Figura 10 - Gaiola de armação para casa de taipa de mão com cobertura de telha cerâmica, portas e janelas de almofadas reutilizadas, Núcleo G1, Zé Doca.

Figura 11 - Casa de taipa de mão em execução pela própria família, com o barreiro ainda aberto em primeiro plano, Aldeia Novo Angelim, Terra Indígena Rio Pindaré.

por possuir maior proporção de argila do que de areia. A argila fica “inchada” com a umidade e, após a secagem, se contrai e provoca rachaduras nas paredes (Silva, 2000), propiciando um abrigo para a proliferação de insetos vetores da Doença de Chagas<sup>10</sup>. Esses insetos se instalam nas frestas deixadas pela retração da massa. A aplicação das outras camadas de revestimento com elementos estabilizadores confere maior resistência às paredes e tapam as fissuras, evitando que as rachaduras apareçam.

Por isso, vale ressaltar que o barro é um material de construção não estabilizado, considerando suas características que variam bastante. O barro se contrai ao secar e forma fissuras por conta da retração, pela quantidade de água e de argila, e do tipo adicionado. O barro deve estar sempre protegido das intempéries. Sobre isso, Silva (2000) explica a importância da continuação das outras camadas da tapagem, condição indispensável para garantir as propriedades térmicas do material, que regula a umidade no ambiente (Minke, 2019, p. 6-7). Muitas casas são consideradas prontas quando chegam na cobertura da trama de madeira.

Em linhas gerais, os principais agentes de degradação das construções com terra crua são a erosão - basicamente originada pela ação da chuva, ventos, seres vivos e cristalização de sais; a absorção que resulta da presença de água em contato com os elementos da construção e ação da chuva; a condensação originada

---

<sup>10</sup> Doença de Chagas é “qualquer enfermidade causada por protozoários do gênero *Trypanosoma*, que parasitam o sangue e os tecidos de pessoas e animais”, seu “principal vetor é um percevejo popularmente conhecido como barbeiro ou chupão”, e deve ser combatida com “emprego de inseticidas eficazes, construção ou melhoria das habitações de maneira a torná-las inadequadas à proliferação dos vetores, eliminação dos animais domésticos infectados, uso de cortinados nas casas infestadas pelos vetores, controle e descarte do sangue contaminado pelo parasita e seus derivados” (Agência FIOCRUZ, 2013).



Figura 12 - Casa de taipa de mão com entramado de varas de madeira e montante de esquina com reaproveitamento de tubo de aço de antiga prospecção da Petrobrás, Caeté, Primeira Cruz  
Figura 13 - Entramado de taipa de mão executado com ripas de madeira de serraria da região, Nova Conquista, Zé Doca.





pela existência de vapor de água em excesso e ocorrência de situações propícias para que esse vapor seja condensado na superfície, ou no interior dos elementos; e as ações dinâmicas e estáticas, que são essencialmente estruturais (Rocha, 2015, p. 45).

O cuidado na manutenção deve ser constante, dado o estado das madeiras da trama, que são facilmente desgastáveis com a ação do tempo, principalmente na base da parede, onde as partes fincadas no chão são afetadas pela umidade e se estragam com mais facilidade. Também há a possibilidade de proliferação de insetos xilófagos, sendo os cupins os mais conhecidos, atraídos pelo madeirame do entramado da taipa de mão.

A independência entre as paredes externas e internas da casa de taipa é explorada pelos moradores, os quais, muitas vezes, ocupam a moradia sem divisões internas, aguardando o melhor momento para concluir a obra. Além da taipa de mão, o madeirame interno pode servir para fechar sala, quarto e cozinha com folhas de palha de palmeira, como do babaçu. Uma pessoa deixa as folhas bem abertas e, no outro dia, outras pessoas da família ou da vizinhança ajudam na amarração, ocasião em que uma carreira de talos é colocada de modo intercalado (uma por dentro, outra por fora), formando um painel, até chegar ao chão. Nesse ponto, passa-se uma vara e os restos de palha são amarrados nessa terminação. As sobras são retiradas com facão. Dessa forma, não ficam fiapos e a estrutura se assenta firmemente (Conceição, 1980, p. 61-62).

Figuras 14 e 15 - Tipos de proteção de paredes externas em casas de taipa de mão contra água de chuva: calçada de terra com meio-fio de tronco de madeira, Taboca, Aldeias Altas, e baldrame de areia e contenção em estrutura de madeira, Mairi, Primeira Cruz.



Figura 16 - Parede frontal de casa de taipa de mão que sofreu rebaixamento, obrigando criação de desnível para possibilitar a abertura da porta de entrada, Gameleira, Cajari.



Figura 17 - Vista de ambiente interno do entramado de madeira coberto com telhas cerâmicas pronta para receber tapagem com barro, Maracá, Pindaré Mirim.

Figura 18 - Processo de tapagem interna de moradia de taipa de mão executada por empreitada com construtor local, Taboça, Aldeias Altas.

Figura 19 - Cobertura com telhas de cavaco em moradia de taipa de mão, atualmente utilizada como paiol para guarda da produção da roça, Chapô, Zé Doca.

Figura 20 - Cobertura de palhas de pindova amarradas com fita pet ao madeirame roliço em casa de taipa de mão, Pequizeiro, Belágua.





## ESQUADRIAS: PORTAS, CANCELAS, JANELAS E GRADEADOS

Assim como as coberturas, as esquadrias das moradias de taipa de mão variam conforme os recursos financeiros dos moradores, podendo ser de varas, ripas e tábuas de madeira. Nas situações mais carentes, aproveitam folhas de portas e janelas doadas ou recuperadas de demolições, deixam pequenas áreas sem tapagem ou utilizam a meaçaba para fechamento de portas externas e janelas.



Figura 21 - Meaçaba utilizada como folha de janela em casa de taipa de mão, Mangueirão, Cajari.

Figura 22 - Caixa e folha de janela em madeira de casa de taipa de mão em processo final de tapagem, Taboca, Aldeias Altas.

Figura 23 - Vão no entramado de madeira sem tapagem em moradia de taipa de mão rebocada na Aldeia Novo Angelim, Terra Indígena Rio Pindaré.



Figura 24 - Folha de janela de abrir em madeira lavrada em casa de taipa de mão, Gameleira, Cajari.  
Figura 25, 26, 27 e 28 - Varanda frontal fechada com varas de madeira, guarda-corpo de varanda, folha de porta e cancela executadas com ripas de madeira em casas de taipa de mão, São Miguel dos Correias, Cajari.





## ADOBE

Dentro do conceito de “arquitetura e construção com terra”, definido pelo Projeto Proterra-Cyted (Neves e Faria, 2011), o adobe pertence ao grupo de técnicas construtivas das mais conhecidas, utilizadas e difundidas que trabalham com materiais naturais. O termo alvenaria de adobe inclui paredes e coberturas em abóbadas e cúpulas com blocos de terra, cujo componente básico pode ser moldado à mão, graças ao estado plástico da mistura, permitindo executar grande variedade de formas: retas e curvas, esbeltas e de muita massa. Mistura de terra devidamente selecionada, água e fibras, o adobe exige argamassa de terra - com ou sem fibras - para unir os blocos, tanto na construção das

paredes como das coberturas. As técnicas variam de acordo com os costumes e as potencialidades locais.

Inclui três variantes de fabricação: dois manuais, com e sem moldes de madeira, e um terceiro mecânico, quando a forma passa por processo de extrusão (Fernandes e Tavares, 2016, p.25). As duas primeiras são artesanais e a terceira industrial. As etapas da construção com adobe são realizadas na seguinte ordem: fundação e estrutura, assentamento das paredes, cobertura, esquadrias, instalações elétricas e, por fim, os revestimentos e acabamentos fixos e temporários da construção (Neves e Faria, 2011). A quantidade de adobe que se produz depende do procedimento - artesanal ou mecanizado - e da escala de fabricação. Tanto na produção artesanal como na mecanizada em grande escala, a fabricação é um processo entre 25 a 40 dias, incluindo moldagem, secagem e armazenamento de adobes (Neves e Faria, 2011).

Um dos dois sistemas construtivos de terra crua utilizado em várias regiões do Maranhão, sobretudo nos processos de autoprodução de moradias populares, o adobe difere da taipa de mão por exigir fabricação prévia das peças e por apresentar independência entre as estruturas de vedação e de cobertura das construções, constituindo dois momentos do processo executivo. Enquanto a fabricação prévia influencia no tempo da construção, tornando-o mais lento que a taipa de mão, o peso dos blocos - em média, pesam 5 quilos as unidades coletadas no Maranhão - e sua manipulação na montagem das alvenarias dificultam o manejo e comprometem o ritmo do trabalho em mutirão.

Graças às suas qualidades construtivas, como estabilidade, conforto térmico e durabilidade, o adobe está em processo de normatização pela Associação Brasileira de Normas Técnicas - ABNT e o cálculo do déficit habitacional no Brasil não inclui moradias assim construídas no componente de precariedade. Entretanto, sendo de terra crua, prevalecem os riscos já apontados na taipa de mão: desagregação do material pelas características naturais dos componentes ou em função do contato com líquidos.

A possibilidade de reaproveitamento dos blocos de adobe em caso de demolição das construções é uma prática comum nas regiões visitadas, sendo viabilizada pela relativa facilidade de desprender a argamassa das juntas, o que facilita a recuperação quase integral dos componentes das paredes. Ainda que não sejam utilizadas para novas moradias, vários equipamentos - como fogões e fornos - e muitos anexos são construídos com os blocos assim recuperados.

A compatibilidade do bloco de adobe com o tijolo cerâmico industrial - cada vez mais acessível e bem mais leve - tem feito com que, nas ampliações e complementações de altura das moradias de adobe, os moradores misturem os materiais, uma prova da dinâmica de apropriação de novas possibilidades construtivas.



Figura 29 - Demolição de casa de adobe com aproveitamento de parte dos tijolos em Pequizeiro, Belágua.  
Figuras 30 e 31 -Tijolos de adobe estocados em anexos de moradias, Pastos Bons e Belágua.



## PRODUÇÃO DE ADOBE NO MARANHÃO

Além da execução da obra, a construção com adobe exige uma etapa prévia para produção dos componentes, os quais variam conforme as práticas culturais das regiões. No Maranhão, a produção artesanal dos blocos de adobe apresentam diferenças regionais que se expressam nas formas de produzir e na matéria-prima utilizada, resultando em variações de tamanho e peso, conforme exposto nas imagens abaixo.

O material para confecção dos blocos de adobe é retirado do *barreiro*, escavação no próprio terreno ou em local próximo. Adiciona-se água à terra para dar consistência na mistura e modelação do material. O barro mole é aplicado em um molde de madeira sem fundo, com formato de paralelepípedo, retirando-se o excesso com uma ripa. As peças são levadas da área de confecção para secar ao sol. Em geral, nos locais pesquisados, o tempo estimado para secagem dos tijolos é de 5 dias; após esse período, as peças são assentadas como tijolos de alvenaria. O barro mole do barreiro é utilizado como argamassa de assentamento.

No formato de paralelepípedo, os blocos de adobe coletados nos municípios de Loreto, Primeira Cruz e Brejo apresentam tamanho médio de 17 centímetros de largura, 28 de comprimento e 9 de altura, com peso variando de 6 a 8,5 quilos, características que exigem força e levam ao desgaste físico dos construtores. Essa situação é agravada pelas condições de trabalho, com utilização de escadas de madeira para tecer a parte superior das paredes.

Quadro 2 - Peso e dimensão de blocos de adobe coletados durante trabalho de campo

Nº	Município	Balança Digital (Kg)	Balança Analógica (Kg)	Dimensões em cm (L x C x H)
1	Loreto	6,285	6,10	18 x 28 x 7,5
2	Primeira Cruz	7,439	7,320	17,5 x 28,5 x 9
3	Brejo	8,654	8,360	17 x 28,5 x 11



Figura 32 - Tijolos de adobe recém fabricados secando ao sol, São João de Cortes, Alcântara.

Figura 33 - Forma de madeira para fabricação de tijolos de adobe, Faveira, Brejo.

Figura 34 - Tijolos de adobe recolhidos durante a pesquisa, da esquerda para a direita, Loreto, Primeira Cruz e Brejo

## MARCAÇÕES, FUNDAÇÕES E ESTRUTURAS

A partir de pesquisa de campo no povoado de Pequizeiro, Belágua, foi constatado que a marcação da moradia no terreno mantém semelhanças com o observado nas edificações de taipa de mão. Antes da fundação, a área de locação da casa é demarcada no chão de terra por “passadas” e o número de passos dados define o tamanho da casa. As marcações são feitas ao fincar galhos de madeira nos cantos da forma delimitada.

No perímetro da construção, uma vala é cavada para receber as pedras que serão o lastro do baldrame, onde os adobes serão assentados pelo lado de maior comprimento, ficando com uma base mais larga para receber o assentamento da fiada de adobe, posicionamento que recebe o nome de *adobe de tição*. Há casos em que a inexistência de pedras na região impossibilita o preenchimento das cavas, condição que compromete a estabilidade dos blocos, os quais ficam em contato com o solo e a umidade.

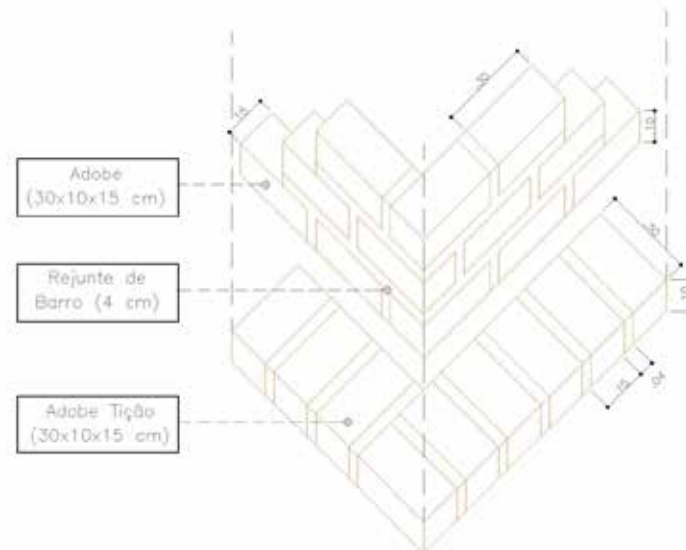


Figura 35 - Esquema de assentamento da parede de adobe sobre fiada de adobe tição como base.  
Figuras 36 e 37 - Adobe tição sobre alicerce de pedra aparente e calçada de barro, Morro do Chupé, e sem tição ou baldrame, Barracão, São Raimundo das Mangabeiras.



## PAREDES

Utilizando argamassa de barro para rejunte, com espaçamento médio de 3 centímetros entre os blocos, a execução das paredes de adobe no Maranhão apresenta variações nos elementos utilizados para sua estabilidade. Em geral, considerando as limitações para adquirir cimento e barras de ferro, necessários na confecção de cintas, são encontrados panos de alvenaria - internos ou externos - sem quaisquer elementos de amarração, resultando em rachaduras verticais nas paredes, principalmente em construções de grande altura.

Quando há possibilidade de execução de estruturas de amarração, a maioria dos casos se limita às cintas horizontais, que, contornando a edificação na altura superior de portas e janelas, funcionam como vergas e possibilitam maior liberdade no dimensionamento dos vãos.

Como são raros os usos de cintas de concreto, o padrão para resolver o problema das cargas sobre os vãos de portas e janelas são tábuas de madeira que, encrustadas nos blocos laterais da abertura, funcionam como vergas e distribuem as cargas para os panos de alvenaria.

O processo de autoconstrução, cujo ritmo acompanha as condições de vida dos moradores, implica soluções provisórias e mudanças em planos iniciais, impondo redução nos custos das obras. No caso das aberturas para portas e janelas, as limitações financeiras levam à modificação do planejado, com fechamento definitivo ou temporário de aberturas externas das moradias de adobe.



Figura 38 - Alvenaria de tijolos de adobe parcialmente rebocada com cinta superior de concreto, Pequizeiro, Belágua.

Figura 39 - Alvenaria de adobe com verga interna em tábua de madeira, Morro do Chupé, São Raimundo das Mangabeiras.

Figura 40 - Vão de janela com verga em tábua de madeira em moradia de adobe sem revestimento, Pequizeiro, Belágua.

## COBERTURAS

No Maranhão, diferentemente das construções de taipa de mão, a cobertura das moradias de adobe são estruturas à parte das paredes, sendo executadas em geral após a conclusão das vedações externas e internas. O padrão é a distribuição da carga pontual dos esteios que suportam a coberta sobre frechais de madeira, sobrepostos na parte superior das alvenarias.

Assim como nas construções de taipa de mão, o tipo de cobertura se altera conforme as condições financeiras da família, variando da palha às telhas de fibrocimento e cerâmicas. Em um primeiro momento, a cobertura é de palha de buriti ou babaçu, com madeiramento de pau pombo, pau d'arco ou pindoba. Algumas peças como frechais e cumeeiras são de madeira extraída da vegetação local. Aqueles moradores com melhores condições investem no uso de telhas cerâmicas com madeiramento convencional, montadas por um profissional experiente residente na região. No entanto, o custo e a dificuldade de adquirir madeira de serraria fazem com que esse material seja retirado das matas, sendo comum encontrar a madeira roliça como madeira da coberta. Em construções de maiores dimensões e para reduzir os custos com peças de madeira, panos de alvenaria se elevam até terças e cumeeiras, sem uso de pontaletes.



Figuras 41, 42 e 43 - Madeirame roliço em coberturas de fibrocimento, Mato Grosso, São Luis, palha de pindova e telha artesanal de barro em moradias de adobe, Pequizeiro, Belágua.





## ESQUADRIAS: PORTAS, CANCELAS, JANELAS E GRADEADOS

Compatíveis com as condições de acabamento das moradias de adobe, as esquadrias variam de acordo com os materiais, as varas de pindova, as folhas de madeira para as aberturas externas e os tecidos nos vãos internos. As primeiras, quando de madeira, possuem trinco junto ao caixilho e, no caso de ripas, utilizam corda ou barbante para “trancar” o vão. Contudo, há casos em que as folhas são completamente soltas dos vãos, permanecendo abertas durante o dia.

Porém, é comum o uso de janelas e portas de folhas de madeira e ferragens, em geral artesanais, compradas ou encomendadas em carpintarias locais. Quase sempre são vãos de pequenas dimensões, não excedendo 1m de largura, tanto pelo custo financeiro quanto pela solução estrutural exigida.



Figuras 44 e 45 - Folhas de portas soltas do vão executadas com varas de pindova, Pequizeiro, Belágua, e São Raimundo, Brejo.  
Figura 46 - Varas de pindova em folha de janela externa à alvenaria de adobe, São Raimundo, Brejo.

# ACABAMENTOS E INSTALAÇÕES PREDIAIS

Tendo em vista que as moradias autoproduzidas de taipa de mão e adobe adotam procedimentos semelhantes para executar os acabamentos de pisos e paredes, além das instalações prediais - basicamente hidrosanitárias e elétricas -, este tópico reúne descrição e comentários sobre as formas com que moradores e construtores resolvem tais desafios.

## REVESTIMENTOS

### Pisos

Em geral, quem faz casa de taipa de mão não tem recursos para comprar cimento, predominando os pisos de terra batida, um procedimento que exige o uso do marretão, peça de madeira maciça e pesada fixada a um cabo também de madeira, com o qual o barro é socado até alcançar estado de dureza e superfície plana.

Depois da casa tapada e dividida, ele vai fazer o aterro da casa. Cava um buraco, tira o barro e carrega. Despeja no centro dos quartos, espalha todo o barro e joga água. Depois pega o marretão e bate o barro. Estando molhado e batido, o barro fica seco e vira uma casca dura, como uma laje, que evita a poeira e as minhocas no tempo da internada (Conceição, 1980, p.62).

Ocasionalmente, assim como são encontradas moradias de taipa de mão revestidas, há casas que recebem um piso de cimento queimado, mistura de pó de cimento com querosene, espalhado sobre a base de barro apilado.

Geralmente, pela inexistência de um contrapiso, tais acabamentos superficiais sofrem com a umidade do solo e com a baixa aderência dos materiais de acabamento, perdendo rapidamente a camada de recobrimento.

Tal como constatado nas moradias de taipa de mão pesquisadas, nas casas de adobe são raros os casos de uso de cerâmica aplicada nos pisos, quase sempre de terra batida ou cimentados. Em poucos casos há o uso de blocos de adobe para executar degraus.



Figura 47 - Moradia de adobe revestido com piso da sala em cacos de cerâmica de diferentes padrões e tamanhos, Canelatiua, Alcântara.

Figura 48 - Piso de cerâmica esmaltada em varanda de moradia de adobe revestido, São Raimundo, Brejo.





Figura 49 e 50 - Escada interna com degraus de adobe em moradia do mesmo material, Jenipapo dos Vieiras, e pedras de cantaria no piso da cozinha, Faveira, Brejo.

Figuras 51, 52 e 53 - Varanda com piso cimentado em casa de taipa de mão revestida, Canguçu, Aldeias Altas, cerâmica esmaltada em parte da sala de moradia, São Miguel dos Correias, Cajari, e desagregação do piso cimentado em casa de taipa de mão no Parque Almiro Paiva, Bacabal.

## Paredes

A grande maioria das moradias autoproduzidas de taipa de mão e de adobe levantadas pela pesquisa de campo se apresenta sem reboco externo e interno. Parte delas possui apenas reboco na fachada principal e, quando interno, preferencialmente na sala.

Para contornar a dificuldade em executar o reboco dos ambientes internos, é comum que os moradores utilizem outras maneiras de conseguir um acabamento interno de suas casas, principalmente naquelas de taipa de mão. Grandes panos de tecidos - lisos ou estampados - são comumente encontrados dependurados nas paredes de salas e quartos, em uma releitura do “papel de parede”.

A preocupação com o acabamento das paredes internas se estende preferencialmente às cozinhas, quase sempre na área sobre a bancada ou fogão a gás, onde os mais diferentes materiais são utilizados para evitar o contato direto das panelas com o barro, seja de taipa de mão ou de adobe.

Menor ainda é o quantitativo de moradias rebocadas e com algum tipo de pintura, material que demanda aquisição no mercado. Pela limitação financeira das famílias, as pinturas costumam ser utilizadas apenas na fachada principal e com tintas à base de cal.



Figura 54 - Reboco de fachada principal com uso de cacos de telha cerâmica em moradia de adobe, Barracão, São Raimundo das Mangabeiras.

Figuras 55 e 56 - Moradias em adobe com revestimento e pintura a base de cal, Beira de São Brás, Carolina, e Canelatiua, Alcântara.





Figuras 57 e 58 - Uso de plástico transparente e sacos de aniação em cozinhas, São João de Cortes, Alcântara e São Raimundo, Brejo.

Figuras 59 e 60 - Uso de tecidos em paredes de taipa de mão sem reboco em dormitório, São Miguel dos Correia, Cajari, e sala, Iguaiá, Alcântara.

Figura 61 - Moradia em taipa de mão com reboco e pintura a base de cal, Tamanduá, Aldeias Altas.



Figura 62 - Redes armadas nos esteios de madeira de dormitório de moradia de taipa de mão, Aldeia Tabocal, Terra Indígena Rio Pindaré. Figuras 63, 64 e 65 - Escápulas de madeira e de ferro em paredes de adobe rebocado, Pastos Bons e Faveira, e travessão de madeira para redes em casa de adobe, São Raimundo, Brejo.

## ARMADORES DE REDES

De origem indígena e indispensáveis nas moradias rurais, de onde foram levadas para as cidades de todo o Brasil, as redes são componentes essenciais nas casas populares. Transportáveis, adequadas para o calor e sem ocupar espaço, as redes possibilitam o uso como dormitórios de todos os ambientes da moradia, sendo comum encontrá-las armadas e suspensas em salas, varandas e copas-cozinhas. A rede permite multiplicar o número de moradores nas casas com poucas dependências, como nas ocasiões de festas, quando parentes que moram distante se hospedam no lugar.

Entretanto, armar rede em casas de taipa de mão e de adobe exige certas precauções, pois ambos os materiais construtivos possuem reduzida resistência aos esforços de tração, indispensáveis para aguentar o peso de adultos se embalando em uma rede. No caso das moradias de taipa de mão, são as peças de madeira da construção - esteios das paredes e frechais, caibros e pontalotes da cobertura - que servem de suporte para armar as redes. Essas peças, via de regra, permanecem assim, em alguns casos, com “nós” para suspender as redes, evitando que atrapalhem a passagem.







## INSTALAÇÕES PREDIAIS

### INSTALAÇÕES ELÉTRICAS

Com exceção da região do Parque Nacional das Chapadas das Mesas, em Carolina, onde não há acesso à energia elétrica e os moradores recorrem aos candeeiros a querosene ou aos equipamentos de geração de energia solar, todas as demais moradias visitadas dispõem de serviço para iluminação e funcionamento de geladeiras, televisões, tanquinhos e ventiladores.

As fiações elétricas podem ser ou não embutidas na parede. Quando não são embutidas, são presas ao madeiramento do telhado para abastecer um ponto de luz no teto. Da mesma forma ocorre com as tomadas, que são amparadas por peças de madeira na parede.

Nas casas de taipa predominam as fiações elétricas aparentes, amparadas no madeiramento do telhado para conduzir energia às lâmpadas e aos interruptores de luz e pontos de tomadas, também aparentes nas paredes, para conectar aparelhos elétricos. Não é comum o uso de condutores ou caixas de embutir, sendo utilizadas a fiação aparente e as peças de madeira fixadas na argamassa, principalmente nas moradias sem revestimento.



Figura 66 - Interruptor e tomada com eletroduto rígido e caixa 4x2 em casa de taipa de mão, Aldeia Januária, Terra Indígena Rio Pindaré.

Figura 67 - Tomada de sobrepor, base de madeira e fiação aparente em taipa de mão, Piratininga, Bacabal.

Figura 68 - Tomada em caixa 4x2 embutida na taipa de mão, Mato Grosso, São Luís

## INSTALAÇÕES HIDROSSANITÁRIAS

São variáveis as condições de acesso à água das moradias de taipa de mão e adobe no Maranhão, existindo aquelas servidas por rede geral do povoado ou bairro, por poços rasos escavados pelos moradores nos fundos das casas, por montagem de sistemas de coleta de água da chuva, por calhas improvisadas, pelo deslocamento para coleta de água potável ou pela compra com vendedores ambulantes que circulam em carroças e motos. Conforme as condições financeiras dos moradores, o armazenamento da água pode implicar o uso direto - bombeadas manual ou mecanicamente até caixa d'água elevada - ou exigir transporte manual em recipientes variados até o local de uso.

## BANHEIROS, CASAS DE BANHO E SENTINAS

Com raras exceções, o uso da água no interior da moradia se resume às atividades da cozinha e, somente em algumas casas de adobe, a limpeza corporal e as necessidades fisiológicas ocorrem no espaço da própria casa, em banheiros de alvenaria de tijolos cerâmicos, anexados à construção original.

A regra geral são os anexos - a casa de banho e a sentina - cobertos ou não, construídos a partir de uma distância relativa da moradia. A casa de banho também é utilizada para lavar roupa.

Enquanto a casa de banho é uma construção durável e mais próxima da moradia, a sentina está mais afastada da casa e costuma ser feita de material mais leve, pois, uma vez “cheia”, é transferida para outro local. Entretanto, foram visitadas moradias nas quais a família faz uso do “mato” para as necessidades fisiológicas, sem qualquer construção para essa finalidade.



Figura 69 - Banheiro completo com piso e paredes em cerâmica esmaltada em moradia de adobe revestida, São Raimundo, Brejo. Figura 70 e 71 - Casas de banho em taipa de mão em Oitua, Alcântara, e palha de babaçu, Faveira, Brejo.





Figura 72 - Criação doméstica atraída pelas águas servidas da cozinha de moradia de adobe, Vila das Almas, Brejo.  
Figuras 73 e 74 - Escoamento no terreno das águas servidas de jirau de casa de taipa de mão, Santa Luzia, Cantanhede e São Miguel dos Correia, Cajari.

## COZINHAS E JIRAUS

Nas cozinhas, os pontos de água se localizam em jirau acessível desde uma janela ou guarda-corpo - ou como anexo externo, próximo da moradia, coberto ou não.

Tanto em casas de taipa de mão quanto de adobe, foram encontradas bancadas instaladas na área da cozinha, com torneiras, mangueiras ou baldes, onde são executadas partes dos serviços. Mesmo nesses casos, é constante a presença do jirau externo. Em algumas situações, a parede da bancada estava protegida por fiadas de cerâmicas, evitando o contato direto da água com as paredes de terra crua.

Figuras 115 e 116: Bancada de granilite com torneira e revestimento cerâmico em casa de taipa de mão revestida, Crioli, Aldeias Altas, e adobe revestido, Vila das Almas, Brejo

Na grande maioria dos casos, a água servida na preparação de alimentos e na lavagem dos utensílios de cozinha é lançada diretamente para fora da moradia. Sem ligação com qualquer caixa de decantação ou fossa, a água escorre pelo terreno e é lentamente absorvida pelo solo.

As poças assim formadas costumam atrair as criações da casa - galinhas, cachorros, gatos, porcos etc. -, que aproveitam os restos de comida transportados pela água servida.

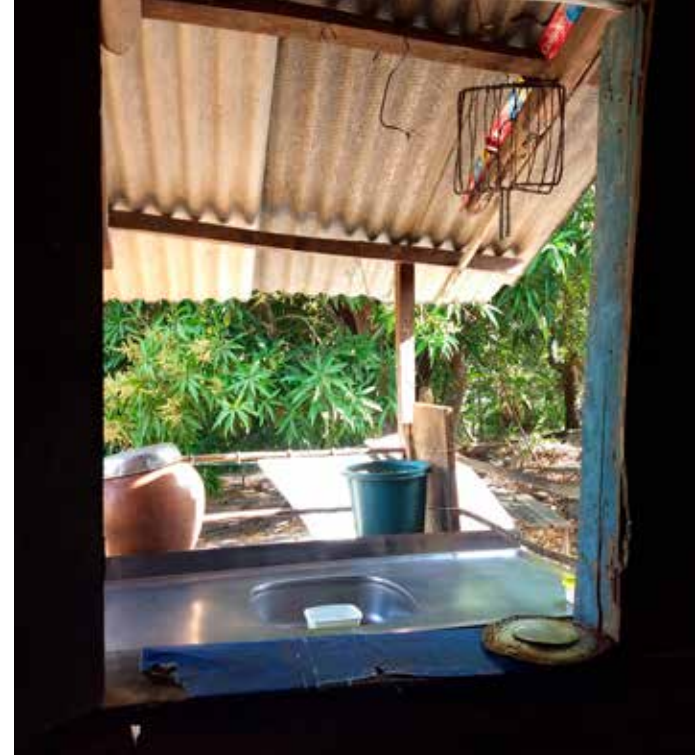


Figura 75 - Jirais externo para lavar louça, Castelo, Aldeias Altas.  
Figuras 76, 77 e 78 - Jirais de janela, Canguçu, Aldeias Altas,  
Santa Luzia, Cantanhede e São João de Cortes, Alcântara.  
Figura 79 - Bancada de granilite com revestimento de cerâmica  
esmaltada em casa de taipa de mão, Castelo, Aldeias Altas.



CAPÍTULO 4

# AUTOPRODUÇÃO POPULAR DO ESPAÇO RURAL E URBANO NO MARANHÃO







## PEQUIZEIRO, BELÁGUA, MARANHÃO

Clara Raissa Pereira de Souza  
Marivânia Leonor Souza Furtado

Pequizeiro é um povoado situado a sete quilômetros da sede municipal, em Belágua. Apresenta uma população de 705 residentes (IBGE, 2010), que se organizam em torno da produção de uma agricultura de provisão familiar e da pesca, em menor frequência.

As relações pessoais estão estruturadas em torno de vínculos familiares. A posse do solo é comunitária e seus moradores possuem liberdade para produzir suas roças e estabelecer pequenos comércios de venda de artigos alimentícios.

De acordo com relatos orais dos moradores, os primeiros habitantes do povoado remontam à década de 1930. Vindos de outras comunidades, em busca por melhores condições de fertilidade do solo, camponeses estabeleceram-se no território que hoje corresponde a Pequizeiro e constituíram moradia. Tomando como referência um frondoso pé de Pequi, outrora situado

em uma área que hoje corresponde à principal via de acesso ao povoado, passaram a lavar a terra e a praticar o cultivo de pequenos animais. Ainda de acordo com relatos dos moradores locais, a maioria dos habitantes de Pequizeiro possui um vínculo familiar com o fundador do povoado, o que fortalece, dentro do território, as relações de reciprocidade e as alianças entre parentes e vizinhos.

Pequizeiro apresenta um padrão de ocupação disperso, com casas alinhadas ao longo dos arruamentos<sup>11</sup> (Figura 2), característica comumente observada em outros povoados do estado. Embora não apresente limites determinados de ocupação pela gestão municipal, o povoado faz parte de uma gleba de 3.828.013 ha, denominada Gleba Rio Negro II, da qual fazem parte os povoados de Pequizeiro, Buritizinho, Juçaral e Cabeceiras.

De acordo com relatos de moradores locais, em Pequizeiro moram cerca de 230 famílias. A composição etária dos residentes aponta para o predomínio de uma população jovem, com 46% na faixa etária dos 0 a 14 anos; 28% na faixa dos 15 aos 29; 12% na faixa dos 30 aos 44 anos; 9% na faixa dos 45 aos 59 anos; 3% na faixa dos 60 aos 74 anos; e 2% dos 75 aos 94 anos (IBGE, 2010). A composição das famílias visitadas revela um número que varia de 2 a 9 integrantes, constituídos por pai, mãe, filhos e, ocasionalmente, netos em uma moradia. Ao questionar quem respondia pela família, a maioria das reações era de timidez, ao que depois de certo tempo de ponderação, era admitido que as responsabilidades pela chefia da família costumam ser

---

<sup>11</sup> O povoado é constituído por sete ruas principais, além de ruas menores que interligam as primeiras. Apenas a rua principal - em destaque laranja - possui uma denominação específica: chama-se Rua São Pedro, levando o nome do santo da Igreja Católica do povoado. As demais ruas não possuem uma designação específica, mas foram identificadas a partir dos nomes dos seus moradores, para fins de apresentação do espaço geográfico do povoado.

compartilhadas entre marido e esposa.

A gestão das terras é feita pela Associação de Moradores, que define quais são os critérios de delimitação dos terrenos e sua distribuição entre os moradores. Todavia, é possível perceber que o padrão de ocupação também é baseado nas estruturas de parentesco e de posse comunal. Não raro, vê-se filhos compartilhando o mesmo terreno de moradia dos pais, o que é percebido na fala de O.F., uma das moradoras:

No fundo do meu terreno, o meu menino ainda quer fazer uma casa. Ele não tem terreno, então eu deixei ele fazer a casa dele aqui no fundo. (O.F., 01 de junho de 2017)

Em relação às atividades produtivas, é possível perceber que o povoado está inserido na lógica da produção familiar. O grupo doméstico, entendido na acepção de Heredia (2013, p. 37) como “(...) o conjunto de indivíduos que vivem na mesma casa e possuem uma economia doméstica comum”, produz roça para o consumo familiar, além de atividades de pesca, embora com menor frequência. O povoado faz parte de uma região onde as chuvas são mais recorrentes apenas de dezembro a maio, fator que dificulta a recarga dos mananciais fora desse período e a consecutiva reprodução de peixes.

Quanto às atividades realizadas no terreno da moradia, há uma pequena roça que costuma ser cultivada nos fundos da casa. Contudo, não é raro que os moradores cultivem outra roça de arroz e feijão, fora dos limites do terreno, numa área de várzea próxima à moradia. A principal produção da roça em Pequizeiro é de maniva, milho, feijão, além do cultivo de árvores frutíferas.



Figura 1 - Croqui do Povoado Pequizeiro, Belágua. Fonte: Souza, 2017.



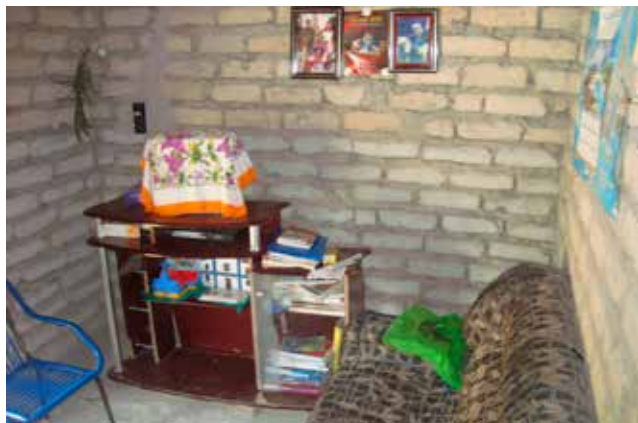


Figura 2 - Redes de dormir na sala.

Figura 3 - Objetos afetivos sobre a parede da sala.

Figura 4 - Cozinha interna.

## Tipos de plantas baixas

A análise das plantas baixas encontradas em Pequizeiro permite identificar que há uma forma-base ou esquema comum que é definido pelos ambientes sala, quartos, cozinha e “meia-água”. As variações dessa forma-base são percebidas apenas quanto ao número de quartos.

As moradias populares rurais, embora apresentem tipologias semelhantes, não são reproduzidas em série; seu dimensionamento é variável e leva em conta o tamanho do grupo familiar. Evidentemente que existem soluções arquitetônicas na moradia rural camponesa e que muito se assemelham em regiões diferentes do país, mas essa semelhança pode ser explicada pela fala de Moneo (1984), que afirma que, na arquitetura, para idênticos problemas existem idênticas soluções.

A análise das plantas baixas permite perceber a recorrência de um esquema de organização das moradias no qual a sala costuma ser o primeiro cômodo da casa, seguida pelos quartos de dormir. A quantidade dos quartos varia em função do número de integrantes na família, ou de acordo com a disponibilidade dos recursos familiares. Verifica-se a quase inexistência de corredores de circulação no interior da casa, o que permite interpretar como o uso do espaço no interior da casa precisa assumir uma função pragmática de ocupação, sem gerar ambientes “ociosos”<sup>12</sup>.

Os quartos e as salas são cômodos destinados ao descanso e ao recolhimento da família. Em famílias com mais de cinco moradores e apenas um quarto, é comum perceber uma organização para o descanso, quando a mãe e as crianças pequenas compartilham

<sup>12</sup> Quando questionado sobre a ausência de corredores em sua casa, um dos moradores e também construtor de sua própria casa, J.R.N. afirmou que: “corredor toma muito espaço na casa, espaço sem uso, e que é melhor dar preferência de fazer um quarto maior”.



Figura 5 - Tipos de plantas baixas de moradias em Pequizeiro, Belágua.

do mesmo quarto, enquanto o pai e os filhos homens maiores dormem na sala, utilizando redes. De todos os cômodos que compõem a casa, os quartos são os reservados à intimidade da família. É nele que são guardados itens de uso pessoal, como roupas, redes e documentos. Em algumas casas, é possível perceber o uso de uma pequena mesa em um dos cantos do quarto, para guardar a bíblia e imagens de santos.

Quanto à sala, foi possível perceber que seu uso costuma ser de domínio heterogêneo; marido, esposa e filhos se revezam na sua ocupação. A forma de organização do espaço interno da sala obedece à mesma estética que Arruda (2007, p. 128) percebeu em seu trabalho de campo: “no interior da casa enfeites e lembranças da família decoram as paredes que circunscrevem esse espaço, assim como quadros, flores, retratos de familiares e santos, objetos que dão vida ao espaço da sala”. Em habitações com apenas um quarto, a sala converte-se em dormitório, onde as mulheres costumam ocupar o único quarto e os homens ocupam a sala, com uso de redes.

A análise dos espaços destinados à cozinha permitiu a compreensão de que esse compartimento não se destina apenas ao preparo dos alimentos, mas também ao convívio cotidiano da família. É possível observar mães e filhas trabalhando juntas no cômodo em questão, no preparo dos alimentos para os homens que vão ao trabalho na roça. Durante o processo, conversam entre si para “fazer o tempo passar mais rápido”. A tarefa de cozinhar, que, quando preparada solitariamente, seria enfadonha, torna-se um momento de convivência e socialização entre familiares. É comum também perceber a extensão da cozinha com a construção de um anexo - a meia-água -, destinado a abrigar a mesa das refeições, onde a família se reúne para conversar e comer. Os usos e valores simbólicos atribuídos ao es-

paço da cozinha confirmam a perspectiva de que esse espaço é compreendido

...não só como um lugar de encontros (ou) de interação das técnicas das relações sociais e das representações dentro da família nuclear, no fazer doméstico, mas também uma cozinha que se estende pelo entorno (o terraço e o terreiro), uma cozinha externa mais social (Silva, 2009, p.1).

Quanto à sua espacialização na moradia rural, a cozinha costuma ser o último cômodo da casa, sempre situada aos fundos, contígua à roça; a aproximação entre ambas sugere a necessidade, por conta dos moradores, de facilitar o fluxo entre a produção de alimentos na roça e o seu preparo na cozinha. Em algumas casas, os moradores adotam o uso da meia-água - construção adjacente à cozinha e destinada à instalação do fogão a carvão. As meias-águas costumam ser também espaços de convivência familiar, onde mesas e cadeiras são dispostas para as refeições em família. Quando vedada, a meia-água recebe o nome de paiol, e exerce a função, além de abrigar o fogão de barro, de armazenar os itens produzidos na lavoura.

É possível perceber também que as tarefas da cozinha costumam ser de atribuição feminina; a higiene dos utensílios de cozinha é feita por mulheres e crianças, de ambos os sexos, bem como o preparo dos alimentos e a lavagem das roupas. Aos homens cabe a atribuição do trabalho na roça, o que corrobora a afirmação de Silva (2009), que explica a divisão do trabalho no campesinato:

O tempo de desenvolvimento de cada serviço é planejado de acordo com a necessidade de alimentação do homem que trabalha fora e das crianças que vão para a escola. Cabe ao homem o trabalho fora de casa, no roçado, nas firmas, nos sítios vizinhos. O trabalho do masculino no espaço da cozi-

na está diretamente ligado aos cuidados dos animais que ficam no terreiro, em pequenos cercados. A ocupação com os animais que ficam no entorno da casa, na área do quintal, é incluída nas obrigações domésticas diretamente ligadas a cozinha, cabendo a mulheres e crianças a responsabilidade de alimentá-los colocando restos de comidas e sobras das cozinhas da comunidade. (Silva, 2009, p.12)

Essa divisão está, portanto, pautada pelo gênero e confirma a situação de oposição casa-roçado sobre a qual Heredia (1979) faz referência. O universo da vida familiar camponesa é definido em termos de papéis sociais atribuídos aos gêneros, onde se espera que o homem faça o trabalho da roça e a mulher o trabalho da casa.

A análise da área construída das casas demonstra a existência de moradias de 25 a 83 m<sup>2</sup>, e nota-se que a variação das áreas se dá de acordo com as demandas específicas de cada família, num esquema que corresponde ao que Arruda (2007) denomina de “reciprocidade da forma”, conceito que defende que as características físicas da casa - suas dimensões e fluxos - são um reflexo do modo de produção e das necessidades próprias de cada grupo familiar.

Quando questionados sobre o processo de criação e organização dos espaços da moradia antes de procederem à construção, os moradores responderam que haviam “tirado a casa da cabeça” ou feito “no sentimento”.

Nós *tiramo* da nossa cabeça mesmo. Que o material era pouco, então não pode inventar muito. Quando tá pronta a gente pensa em aumentar pra trás, fecha a cozinha e faz mais uns quartos... (L. R., 11 de abril de 2016)

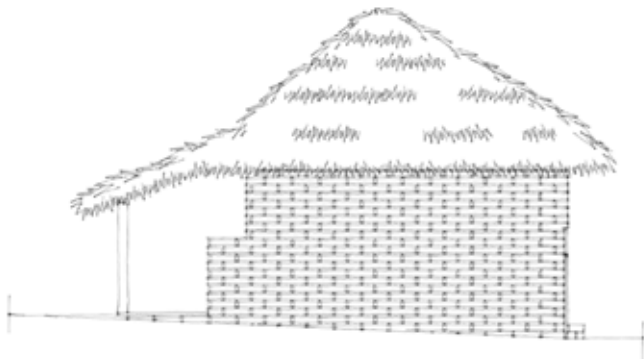
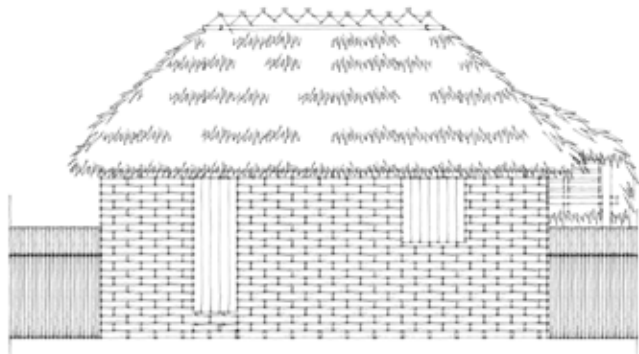
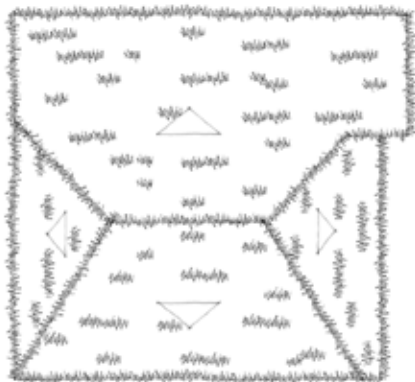
Meu marido fez da cabeça dele mesmo, do jeito que todo mundo faz (M. J. S., 11 de abril de 2016)



Figura 6 - Cozinha na meia-água.

Figura 7 - Cozinha externa.





Figuras 8, 9 e 10 - Planta de cobertura e fachadas frontal e lateral de moradia de adobe e telhado de palha de pindova.

José Alves de Oliveira: Eu não tinha modelo, nem ideia, só fui riscando no terreno. Foi no sentimento mesmo, fui fazendo ela dessa maneira porque eu não tinha ideia mesmo de nada mesmo. E fiz sem ideia de aumentar também... até porque se eu tivesse nessa época com uma pessoa me orientando, eu tinha feito com uma sobra de terreno pra frente. Aí a minha casa acabou ficando no meio da rua. (J. A. O., marido de M. J. N., 11 de abril de 2016)

Essas falas permitem pensar que os moradores de Pequizeiro se organizam na construção de suas moradias conforme um *habitus* construtivo. O *habitus* remete a um conjunto de esquemas de pensar e agir, herdado do campo social em que se está inserido. Esses esquemas são reproduzidos cotidianamente, como uma herança ancestral (Bourdieu, 1983). É possível compreender que a produção e a repetição de um determinado tipo de moradia revelam um *habitus*; um modo de fazer que é reproduzido a “olhos fechados”. Contudo, é preciso sempre ter em conta que o *habitus* também é uma estrutura estruturante; os modos de construir e de morar seguem uma tradição, mas não estão congelados e insuscetíveis às mudanças; tanto é que se percebe a paulatina adesão, nas moradias rurais, de novos materiais construtivos, como a telha cerâmica ou a alvenaria de tijolos cerâmicos. A percepção e o pensamento dos sujeitos estão sempre em movimento, ainda que se trate de um movimento de lenta transformação.

## COBERTURAS

As coberturas encontradas nas moradias de Pequizeiro revelam o predomínio do uso da telha cerâmica com madeiramento. Quando questionados sobre o motivo da escolha desse tipo de cobertura, os moradores revela-

ram que seria para economizar com a compra de telhas cerâmicas, porque estas demandam menos manutenção, em especial quando comparadas com a cobertura de palha. Também há registros de coberturas em palha recorrentes em todo o povoado. Os moradores costumam montar a estrutura do telhado com as madeiras que encontram em Pequizeiro e povoados vizinhos, e usar a palha do buritizeiro, que é abundante nos povoados Buritizinho e Centro do Dico, onde costumam fazer a coleta do material. A manutenção da cobertura de palha é constante por conta de sua exposição às intempéries: os moradores afirmam que ela costuma ser “carregada pelo vento” com muita facilidade, ou secar muito depressa, pela exposição constante ao sol.

Também é comum, embora menos frequente, perceber o uso da telha cerâmica com troncos rústicos de madeira, coletados da vegetação de Pequizeiro ou de povoados vizinhos. Nesses casos, os moradores se valem da utilização dos recursos naturais que possuem à sua disposição, priorizando apenas a compra de materiais que não conseguem produzir por conta própria.

A maioria das casas apresenta duas águas, sendo uma voltada para a frente e a outra para os fundos. Contudo, não raro, notam-se também composições mais complexas, com cobertura de palha em quatro águas (figura abaixo).

## FACHADAS

As moradias de Pequizeiro utilizam o adobe como vedação predominante nas paredes externas e internas. Esse adobe pode se apresentar com e sem revestimento. Quando seus moradores optam por revesti-lo, o fazem priorizando a fachada frontal das moradias.

A vedação em taipa de mão também é recorrente nas moradias. Costuma ser construída após a monta-



Figura 11 - Adobe revestido e cobertura de telhas cerâmicas

Figura 12 - Taipa de mão e cobertura de palha de pindova

Figura 13 - Adobe sem revestimento e cobertura de palha de pindova

gem dos esteios e das varas de madeira. Em Pequizeiro, a madeira predominante utilizada para os esteios e varas é a pindaíba. Quando a estrutura é finalizada, os moradores preparam uma mistura de barro molhado, que é jogado e apertado com as mãos sobre a trama de esteios e varas.

Quanto ao material utilizado nas esquadrias, o predomínio é de tábuas de madeira, compradas em lojas de material de construção. A partir delas, os moradores produzem suas portas e janelas. É possível também perceber o uso de cortinas de tecido como vedação das aberturas das janelas e nas portas dos quartos. Alguns moradores, com maiores recursos financeiros, optam por adquirir portas e janelas de madeira prontos para instalação.

A presença de poucas aberturas para iluminação e ventilação nos cômodos da casa se dá tanto por questões de privacidade quanto pelos recursos limitados para a aquisição de esquadrias. Então, “A gente abre uma janelinha no quarto porque precisa, pra não ficar muito escuro, né? Mas aqui a gente não tem o costume de abrir muita janela na casa não”, revelou A.A., uma das moradoras.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos tipos de casas em Pequizeiro permite perceber que seus moradores se organizam de acordo com o que Arruda (2007) denomina de “mínimo habitável”: termo que corresponde ao que os camponeses consideram como necessário para o abrigo do grupo familiar, utilizando, para isso, os recursos disponíveis na natureza: terra, madeira, palha.

No meio rural, a habitação constitui-se como uma unidade onde vários usos se misturam: lazer, trabalho e descanso. Enquanto no urbano os locais de trabalho

e de moradia costumam estar situados em espaços físicos distintos, no rural, esses espaços costumam compor uma unidade.

Mais do que a função de abrigo, a moradia popular rural é um cenário de manifestação de práticas ancoradas em uma tradição, onde os espaços da casa costumam ter domínios específicos de acordo com o gênero.



## SÃO MIGUEL DOS CORREIAS, CAJARI

Andrea Garcez de Farias  
Amanda Marques Gomes

O povoado de São Miguel dos Correias localiza-se no município de Cajari, ao norte do estado do Maranhão, aproximadamente 14km de distância na direção sudoeste em relação à sede municipal<sup>13</sup>. O povoado faz

---

<sup>13</sup> Há dois acessos que levam ao povoado de São Miguel dos Correias: pela MA-317, que leva até a sede municipal de Cajari, sendo, a partir daí, através de estrada carroçável; e pelas rodovias MA-014 e MA-216,

parte do Território Quilombola de Camaputiua, composto por mais outras 25 comunidades ou assentamento rural, aqui entendido conforme Santos:

De acordo com os agentes sociais, entende-se como comunidade os povoamentos com infraestrutura mínima como: escolas, igrejas, cemitérios, terreiros, espaços esportivos e comércios. Nesta definição, não é necessário que a localidade possua todos estes serviços para ser considerada uma comunidade. Estas possuem o mesmo significado de povoado. Porém existem no território, pequenos núcleos de povoamentos, normalmente com pou-

---

através da cidade de Penalva, um percurso alternativo, atravessando o caminho de um corpo d'água. Contudo, ambos os caminhos ficam praticamente impossíveis de se utilizar na época das chuvas.



quíssimas casas, mas com denominações próprias. Essas áreas geralmente dependem dos serviços existentes nas comunidades. (Santos, 2015 p. 18).

Conforme o autor, no século XIX, vários engenhos foram instalados na Baixada Maranhense, sendo um deles o Engenho Tramaúba, que foi desmembrado do Engenho Kadoz e que hoje corresponde às terras do Território Quilombola Camaputiua. Contudo, o território ainda depende de questões relacionadas à identidade e definição da territorialidade, como documentos de titulação e garantia de direitos quilombolas. Essas questões geram conflitos que envolvem “violência física e psicológica, pois as ações dos latifundiários penalizam as famílias das comunidades que são colocadas na condição de invasoras e promotoras de ações ilegais” (Santos, 2015, p. 38).

Caracterizado como área alagável, São Miguel dos Correias está próximo de vários corpos d’água que cortam o território, como a grande lagoa de Centralzinho, a Lagoa de Cajari e o Lago de Viana. Organizado em torno de um núcleo central, estendendo-se com casas mais espaçadas ao longo da vicinal de acesso à sede municipal e a outros povoados, o povoado se destaca por um grande espaço livre, com piso de areia e usos diversos, como campo de futebol no fim da tarde, garantindo lazer de homens, mulheres e crianças. Ao lado do campo está em construção um grande edifício que abrigará a igreja católica.

Referindo-se aos povoados rurais, Müller sintetiza “fatos observados em relação aos sítios de São Paulo, tanto nas áreas de povoamento antigo quanto nas de ocupação recente” e, a partir daí, “enquadra-os dentro de três variedades de dispersão, segundo critério morfológico já apontado por Demangeon: a dispersão absoluta (integral), a dispersão coagular e a dispersão linear” (apud Bernardes, 1963, p. 533).

A imagem da Figura 1 identifica os eixos de concentração e expansão do povoado, com a formação central mais concentrada, em torno do campo e ao lado do curso de água. A vicinal, que leva ao município de Penalva, só é possível durante o tempo da seca, e o acesso à sede do município de Cajari depende de pontes de madeira para transitar durante a temporada das chuvas, tendo em vista a elevação do nível dos cursos de água da região.

O povoamento concentrado está localizado na região central do povoado, ao redor do campo de futebol. Já



Figura 1 - Planta de localização com núcleo em torno do campo de futebol e o eixo de expansão ao longo da estrada vicinal, São Miguel dos Correias, Cajari.

o povoamento disperso às margens da via principal de acesso, vicinal, no sentido norte leva ao município de Penalva e, para o sul, à sede de Cajari.

O interior do terreno dos camponeses é um local destinado à produção agrícola e criação de animais. Em relação à produção, as atividades extrativistas são comuns no povoado. Recebe destaque a agricultura de subsistência, feita no quintal da própria casa, caracterizada pela existência de plantações de árvores frutíferas que auxiliam na alimentação familiar, além de proporcionarem sombras ao terreno, o que favorece a sensação térmica. É no quintal, à sombra dessas árvores, que a maioria das entrevistas aconteceu, deixando claro que esse é o espaço de reunião daquelas pessoas. A partir das transcrições feitas das entrevistas com moradores do povoado, bem como a observação pessoal, foi notado que a produção predominante é caracterizada pela existência de plantações de mandioca, milho, banana, feijão, pequenas hortas e alguns moradores que também trabalham com o babaçu. A roça, feita fora do lote, e a pesca também são práticas corriqueiras.

O abastecimento de água é feito por rede geral, poço raso ou nascente, localizados na própria propriedade, e a população dispõe de energia elétrica da concessionária. Quanto aos cuidados, tratamento e descarte do lixo, este é queimado ou enterrado. Em relação ao esgotamento sanitário, é mais comum a utilização da sentina com fossa rudimentar, sempre como um anexo exterior à moradia.

No povoado, há a presença de equipamentos comunitários, como: escola municipal, centro de lazer, representado pelo campo de futebol, tendo jogos disputados por homens e mulheres, além de ser utilizado também para festejos, e outros locais utilizados para reunião da comunidade, como a igreja, o rio e o açazeiro.

Contudo, devido à carência de serviços no próprio povoado, a população necessita se deslocar em busca de comércio, hospital, bancos, dentre outros. As viagens são feitas, em sua maioria, em veículos de linha, o que gera despesa para as famílias. Além do Posto de Saúde se localizar no povoado Ladeira, a população de São Miguel dos Correias também busca serviços na própria sede de Cajari ou de Penalva.

## **AS MORADIAS DE SÃO MIGUEL DOS CORREIAS**

Tendo em vista que os materiais empregados nas habitações rurais maranhenses estão diretamente ligados à abundância de vegetação e solo característicos de cada região, a técnica tradicional empregada no povoado estudado é a taipa de mão coberta de palha ou telhas cerâmicas, não sendo prática tradicional a produção e construção com blocos de adobe. As tipologias predominantes do povoado de São Miguel dos Correias são casas de taipa de mão, sendo que existem variações: desde aquelas sem qualquer revestimento, algumas com a taipa revestida somente na fachada e outras, além da fachada, também fazem o acabamento nos ambientes internos. O reboco não é predominante, aparecendo somente em algumas fachadas e ambientes internos sociais, assim como a pintura, em geral a base de cal. Geralmente, o chão é de terra batida e poucos são os cômodos com piso cimentado, preferencialmente sala e cozinha.

## TIPOS DE PLANTAS BAIXAS

Analisando as plantas baixas das casas estudadas, percebem-se características comuns em relação à localização dos cômodos: sala e, às vezes, sala e quarto na parte da frente da moradia, cozinha e demais quartos em um ponto intermediário e meia-água imediatamente aos fundos. São poucas as casas que fogem desse esquema, podendo não ter a meia-água, ou que esta esteja na parte lateral da moradia. O corredor não é um elemento comum, pois ocorre a conexão direta entre os ambientes. O dimensionamento das casas, bem como a quantidade de quartos, varia de acordo com o número de residentes e também com os recursos de cada família.

Em relação às áreas dos ambientes, foi constatado que as salas variam entre  $6\text{m}^2$  a  $13\text{m}^2$ , os quartos entre  $5\text{m}^2$  e  $11\text{m}^2$ , cozinhas de  $8\text{m}^2$  a  $13\text{m}^2$  e a meia-água entre  $5\text{m}^2$  a  $12\text{m}^2$ , comprovando-se uma média de variação menor nos quartos e cozinhas, com as salas e a meia-água apresentando as maiores variações de tamanho.

Abaixo são reproduzidas plantas esquemáticas das casas estudadas, as quais exemplificam a distribuição e os tipos dos usos nas referidas moradias.



Figura 2 - Tipos de plantas baixas e usos dos ambientes das moradias.

## OS AMBIENTES DAS MORADIAS

A sala é considerada o lugar de visitas ou de estar da família, também podendo ser um local de descanso e recolhimento, visto ser utilizado pelos integrantes da família como espaço para dormir, onde as redes ficam armadas. A decoração é garantida pelas fotos da família, calendário, imagens de santos, espelhos, dentre outros elementos. A cortina na parede aparece como elemento que remete à pintura, dando um aspecto singular. Por fim, a sala ainda é o espaço utilizado para a realização de trabalhos manuais, como o conserto de redes de pesca, uma prática comum no povoado.

A cozinha é o ambiente de produção e consumo, onde estão localizados o fogão a gás (quando a família possui), geladeira, bancada com pia para lavagem de louças, armários e mesa. Além do preparo das refeições, esse espaço é utilizado também para interação e convívio dos familiares.

Espaços destinados ao recolhimento familiar, nos quartos são guardados os objetos pessoais. As famílias dormem em camas ou redes, sendo esta última a mais presente nas moradias.

A cozinha pode ser seguida pelo paiol, alpendre ou “meia-água” (como os moradores chamam), que se refere a um local de apoio à cozinha, onde estão dispostos o fogão à lenha e as ferramentas. Também é utilizado como depósito. Nesse ambiente pode ainda ser encontrado o jirau de janela, estrutura montada para o auxílio da lavagem da louça e que permite utilizá-lo dentro da cozinha, diferentemente do jirau externo.

A meia-água é comum nas moradias estudadas, geralmente com desnível de piso marcando a transição de cômodo, cobertura de palha e vedação de varas de madeira, criando um ambiente vazado e iluminado, que impede o acesso de galinhas, porcos e cachorros.



Figura 3 e 4 - Mobiliário, cortinas e eletrônicos na sala de estar.  
Figura 5 - Cama, rede e tecidos no dormitório.





Figura 6, 7 e 8 - Equipamentos e mobiliários nas cozinhas internas e na meia-água.

Há uma preocupação em garantir aberturas para a ventilação dos quartos, o que nem sempre é observado nos demais cômodos da casa, como a cozinha. Muitas casas possuem apenas o vão para a colocação das folhas de janela, em geral de tábuas ou ripas de madeira, mas também de meaçabas. As portas de madeira são utilizadas basicamente no cômodo de entrada (sala) e saída da casa (cozinha/copa), sendo que a privacidade dos ambientes internos é garantida pelas cortinas de tecidos.

A varanda é um elemento raro. Quando existe, é um espaço aberto “[...] quase sempre em um ângulo da fachada principal. [...] sendo coberta com o mesmo telhado da casa [...] ocupando o lugar de um cômodo, com usos principalmente de lazer e descanso, não sendo exercido nela nenhum tipo de trabalho doméstico cotidiano” (Piccini, 1996 apud Pinheiro, 2011, p. 37).

## COBERTURAS

Nas casas do povoado, há presença de coberturas de telha cerâmica e de palha de babaçu. O telhamento cerâmico representa um desejo comum das famílias, visto que a cobertura de palha exige manutenção frequente e a incidência da palmeira pindoba na região está cada vez rara. Aqueles que possuem a casa com telhado cerâmico e madeirame aparelhado mostram uma condição financeira melhor que os demais. Contudo, o mais comum é a casa ser construída com o telhado de palha e, depois de um tempo, ser substituído pelas telhas cerâmicas, conforme a condição do morador.

Outra característica comum é o telhado cerâmico no corpo principal e a cobertura de palha na meia-água, com variações de pé direito e material utilizado na cobertura. Como predominam as coberturas de duas

águas, o oitão é frequente, podendo ser de taipa de mão ou com fechamento de palha. A estrutura de suporte das coberturas é em madeira, tanto com ripas e caibros adquiridos no mercado, quanto com madeira roliça extraída da região.

O estudo de dez moradias de São Miguel dos Correias mostra que as casas apresentam duas águas no corpo principal, sendo uma voltada para frente e a outra para os fundos, tendo a meia-água uma ou duas águas.

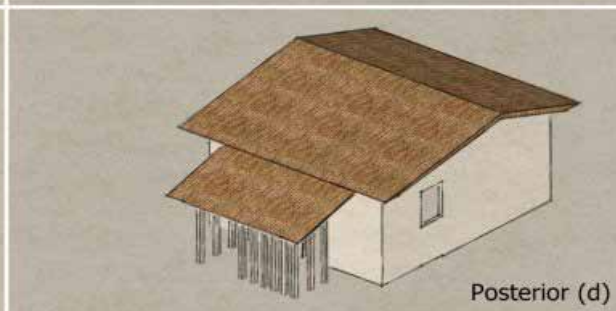
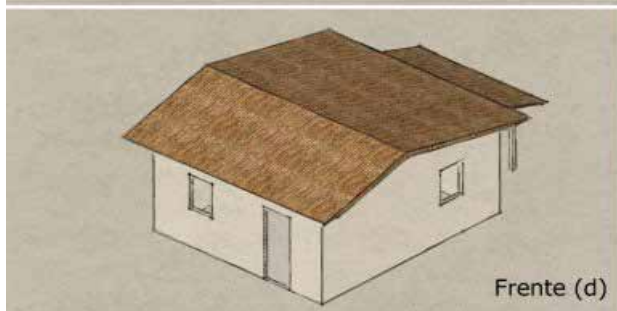
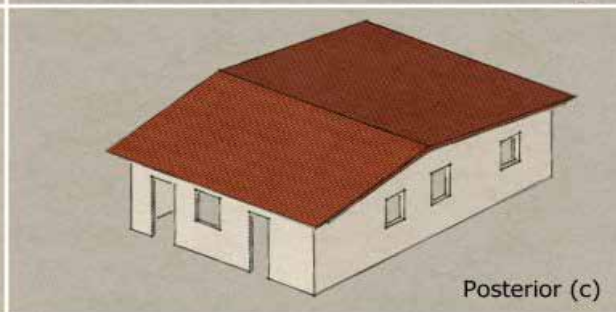
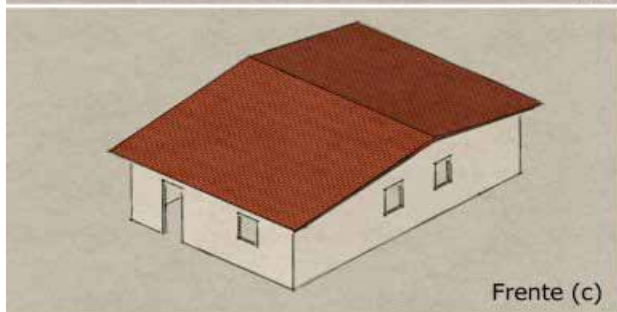
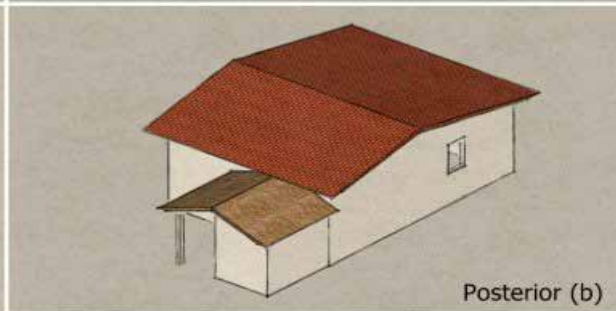
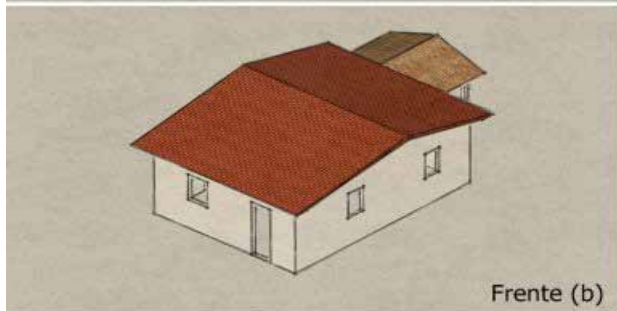
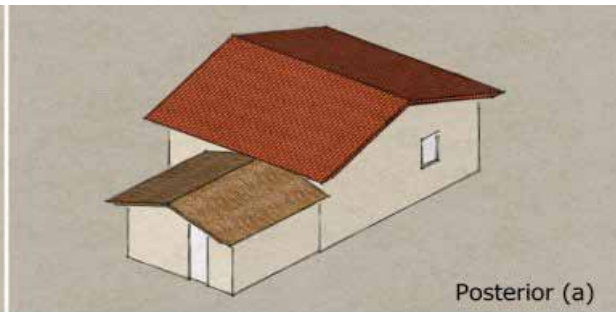
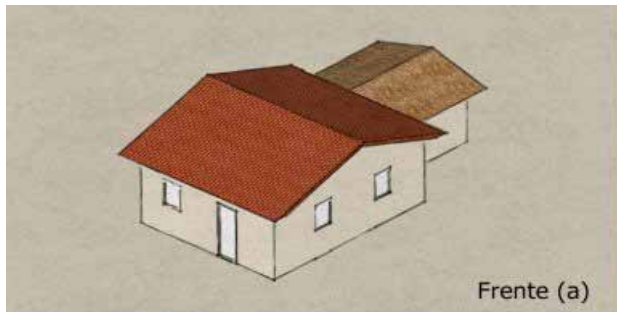
As vistas isométricas de quatro das moradias estudadas representam as características gerais das demais, compondo um tipo que se repete com pequenas variações.

A maioria das moradias de São Miguel dos Correias utiliza a taipa de mão como vedação predominante para as paredes externas e internas. Algumas delas possuem a taipa revestida somente na fachada principal, outras apresentam esse acabamento nos ambientes internos. Além dessas, também há a presença de casas de taipa de mão sem qualquer revestimento externo e interno em nenhum cômodo.

O reboco não é predominante, aparecendo somente em algumas fachadas e ambientes internos sociais. No geral, o chão é de terra batida, com poucos cômodos apresentando piso cimentado, comumente a sala e a cozinha.



Figuras 9, 10 e 11 - Soluções de coberturas: telha cerâmica no corpo principal e palha na meia-água; empena lateral em taipa de mão e cobertura de palha; puxado com águas do telhado de palha perpendicular ao corpo principal da moradia.





## ANEXOS

O sítio do morador rural é a clara expressão do modo de produção da vida, quando a casa é, ao mesmo tempo, morada e meio de produção de alimento. No meio rural, o sentido de morar não se restringe somente aos limites físicos das paredes da casa. A relação com o entorno, com o exterior, não pode ser excluída desse processo de compreensão. Nesse sentido, tem-se a “casa-quintal”, pois, segundo Arruda, “é no exterior da casa que parte do trabalho da família se espacializa” (2007, p. 78).

O espaço externo da casa, a área do lote, tem múltiplas funções. Nesse entorno brincam as crianças, ocorrem as reuniões familiares e conversas com vizinhos, além de ser o espaço destinado aos anexos, às hortas e às plantações. A parte posterior do lote, o quintal, segundo Arruda (2007), configura-se como um acesso a outros espaços utilizados pelo camponês. Inicialmente, escapando à vista de um observador externo, possui atalhos que ligam as casas de parentes, conduz a coleta do coco babaçu ou a um curso de água, onde se pesca o necessário para o dia.

Os anexos são elementos complementares nos afazeres familiares, ficam no quintal e podem ser compartilhados com mais de uma família. Possuem tamanhos variados, mas notou-se que os locais para banho e sentina quase não variam de uma casa para outra, pois há certo padrão no tamanho e no material utilizado (palha). Os anexos costumam ser feitos de taipa de mão ou ripas de madeira com cobertura de palha. Relacionando a disposição dessas edificações no espaço e na distância com a casa, pode-se dizer, em termos gerais, que a horta ou canteiro, a casa de banho e o jirau são os que se encontram mais próximos da moradia, seguidos pelas plantações, galinheiros, chiqueiros e demais



Figura 12 (na página anterior) -Tipos de cobertura das moradias.  
Figura 13, 14 e 15 - Rancho, paiol e alpendre.



anexos; e, por último, a sentina, a mais afastada da casa principal.

Sendo comum a criação de animais nos quintais - galinhas e porcos, mas também cães e jumentos -, os anexos encontrados em São Miguel dos Correias foram o galinheiro e o chiqueiro. Também foram encontrados depósitos feitos com troncos ou varas de madeira e cobertura de palha, que servem para guardar apetrechos relacionados com o trabalho de produção ou a manutenção da casa, abrigando materiais diversos e mesmo as colheitas da roça.

A casa de farinha, um anexo com equipamentos de maior complexidade - o forno e o caititu -, com uso periódico, apesar de se assemelhar com outros anexos - cobertura de palha e estrutura de madeira, sem paredes -, costuma ser compartilhado por várias famílias e, às vezes, existe apenas uma nos pequenos povoados. A tradição assegura o seu uso coletivo e também o pagamento, com parte da produção aos seus proprietários, uma forma de compensar o uso dos equipamentos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do desconhecimento sobre o espaço produzido a partir dos modos de vida das comunidades camponesas do Maranhão, as quais vivem em precárias condições de reprodução, a identificação tipológica das moradias rurais populares do povoado de São Miguel dos Correias, em Cajari, enquanto ambiente de vida e trabalho e de atividades cotidianas familiares, buscou contribuir para a compreensão da produção e do uso do espaço da moradia rural maranhense.

Os conhecimentos sobre arquitetura de terra adquiridos e passados de geração em geração por essa comunidade permitiram compreender que a moradia rural está ligada às necessidades da família, fora dos

padrões urbanos, com forte ligação com a terra e os materiais regionais. O espaço da moradia do povoado

...demonstra costumes específicos, percebidos no arranjo e organização dos anexos do lote e dos cômodos da casa, na disposição das atividades cotidianas referentes ao morar e trabalhar, que são desenvolvidas neste ambiente, nas relações sociais envolvidas na construção de casas, nas atividades de lazer e de produção, havendo uma preocupação com a coletividade, nos saberes de técnicas tradicionais que esta população adquiriu com o tempo. (Vieira, 2017, p. 86).

Analizando as moradias rurais de São Miguel dos Correias, constata-se que seus moradores usam o material que a natureza oferece e empregam aquilo que sabem para construir uma casa, ou um anexo no lote, desde a fundação até as esquadrias. Uma arquitetura de sobrevivência, fruto de conhecimento coletivizado que, ainda com falhas e necessidade de melhorias técnicas, recomenda seu aprimoramento e não a sua erradicação.

O estudo da tipologia arquitetônica do povoado demonstra a variedade de situações espaciais, desafiando os padrões massivos dos programas estatais e impondo a necessidade de pensar alternativas que sejam capazes de, com respeito às diversidades familiares e produtivas, oferecer moradias que contribuam, efetivamente, para qualificar as condições de vida local.



## PARQUE JAIR, SÃO JOSÉ DE RIBAMAR, MARANHÃO

Monique Assunção Aguiar  
Frederico Lago Burnett

Localizado na Ilha do Maranhão, a 18 km da sede São José de Ribamar e a 20 km de distância do centro de São Luís, capital do estado, o Parque Jair é um dos 27 “aglomerados subnormais”<sup>14</sup> oficialmente identificados

---

<sup>14</sup> Conceito criado pelo IBGE, aglomerado subnormal é o conjunto constituído por 51 ou mais unidades habitacionais caracterizadas por ausência de título de propriedade e, pelo menos, uma das características abaixo: - irregularidade das vias de circulação e do tamanho e forma dos lotes e/ou - carência de serviços públicos essenciais (como coleta de lixo, rede de esgoto, rede de água, energia elétrica e iluminação pública). (IBGE, 2010, p. 03)

naquela municipalidade pelo Censo de 2010 do IBGE<sup>15</sup>. Próximo do limite com o município de Paço do Lumiar e circundado por dois cursos d’água pertencentes à bacia do rio Paciência, o bairro tem topografia relativamente plana, sem riscos de alagamento ou desmoronamento.

Segundo o Censo de 2010, o bairro possuía 3.511 habitantes, correspondendo a uma baixa densidade populacional, constatável ainda hoje pela relação entre as áreas edificadas e o tamanho dos lotes (Figura 19). Com a população distribuída de forma equilibrada entre homens e mulheres, a pirâmide etária indica predominância de crianças, adolescentes e adultos até os 34 anos, reduzindo-se significativamente a partir daí para os mais idosos.

---

<sup>15</sup> Os quatro municípios da ilha do Maranhão totalizam 79 aglomerados subnormais, assim distribuídos: São Luís (39), São José de Ribamar (27), Paço do Lumiar (7) e Raposa (6). (IBGE, 2010),

Segundo o Atlas de Desenvolvimento Humano (2017), na Unidade de Desenvolvimento Humano - UDH<sup>16</sup> em que o Parque está incluso, a maioria da população de 25 anos ou mais possui apenas o ensino fundamental, e apenas 2,10% dos moradores conseguiu concluir o ensino superior.

Com o perfil ocupacional da maioria da população composto por autônomos, funcionários públicos de serviços gerais, domésticas e aposentados, semelhante à realidade de muitos bairros originados em ocupações, a renda per capita do Parque Jair é de R\$ 323,29. O seu IDHM-R (coeficiente Renda do Índice de Desenvolvimento Humano Municipal) alcança 0,594, considerado baixo.

Assim como centenas de bairros irregulares da Ilha do Maranhão, o Parque Jair é resultante das transformações urbanas que, a partir da década de 70, impactaram a cidade de São Luís, tendo em vista a “combinação entre as migrações promovidas pelo êxodo rural e o processo de industrialização na capital maranhense” (Cunha et al., 2014, p. 1). Resultando no grande crescimento demográfico de São Luís, o crescimento de ocupações populares atingiu também os municípios próximos, como São José de Ribamar. Dentro desse contexto é que, em 1996, grupos sociais que não tiveram acesso à terra urbanizada ocuparam o que é hoje o Parque Jair, conforme depoimentos coletados por Chaves (2015).

---

16 Os indicadores sobre escolaridade e renda foram retirados do Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil, que fornecem os dados agrupados por unidades de desenvolvimento humano (UDH), onde são levadas em consideração recortes espaciais intrametropolitanos, com características socioeconômicas semelhantes. Nesse caso esta é formada pelo Parque Jair, Miriitua, Terra Livre, Canudos, Parque das Palmeiras, Renascer e Recanto do Turu. Por conta da dificuldade de se encontrar dados relacionados à área estudada, optou-se por fazer a análise através desta UDH, que pode fornecer um parâmetro geral da situação socioeconômica da área em que o Parque Jair está incluso.

...nasci num povoado chamado Rosário, município do Maranhão (...) eu vi falar sobre o assentamento no Parque Jair, eu me dirigi até a Sol e Mar, a Luizão, ali onde eu me encontrei com os líderes que eram responsáveis pelo assentamento e aí eles me trouxeram até aqui no Parque Jair e daí eu iniciei. (Chaves, 2015, p. 45-46)

...a gente morou no Coroadinho uns dois anos, foi quando surgiu aqui essa invasão, a gente ficou sabendo que eles estavam vendendo terreno barato, né, logo assim, depois da invasão, eu não vim na época da invasão, vim depois da invasão. (Chaves, 2015, p. 46)

Devido à falta de registros escritos a respeito de sua história, foram resgatadas informações da memória de moradores antigos, tanto daqueles que fizeram parte do movimento de ocupação, quanto dos que estavam presentes antes desse período. A partir disso, foi possível perceber que a história do Parque Jair está dividida em três fases: a primeira consiste no período que antecede o movimento; a segunda é a própria ocupação; e a terceira é a consolidação do bairro.

Inicialmente, o Parque Jair correspondia ao loteamento Nova Era, que foi ocupado em 1996 por pessoas advindas de São Luís e de cidades como Rosário e Bacabal, no Maranhão. O nome do bairro foi dado em homenagem a Raimundo Nonato Jairzinho da Silva, conhecido popularmente como “Jairzinho” por seus trabalhos como radialista, apresentador de programas televisivos, deputado estadual, vereador e vice-prefeito.

Contudo, foi liderando as ocupações que se tornou um dos principais personagens da história de formação das ocupações de São Luís. Esses movimentos eram compostos por um grupo de pessoas que, liderados por ele, participaram da formação de diversos bairros, entre eles: Vila Cruzado, Recanto Fialho e Novo Angelim,

em 1986 (Matos, 2014). A partir das demandas por moradia, o movimento liderado por Jairzinho se inscrevia nas práticas com motivação política, como se pode depreender do depoimento de um entrevistado:

Araújo explicou ainda que a maioria das pessoas que se apossaram do terreno da COHAB não tinha casa, como é o caso dele que vivia de aluguel no Bairro do Turu. Acrescenta ainda que Jair da Silva ajudou a povoação se firmar na localidade por interesses políticos, já que na época era vereador e cabo eleitoral de políticos de São Luís, como a Prefeita da qual era Vice. (Matos, 2014, p. 300)

Além de Jairzinho, haviam outras pessoas que serviam de apoio ao movimento de ocupação do bairro, como Carlos Augusto ou “Carlinhos”, uma figura muito próxima do vereador, com importante papel de liderança na construção do bairro. Desmitificando a crença de que as ocupações ocorrem sem nenhum tipo de planejamento, entrevistas constataram que havia um projeto de implantação.

Eu cheguei no terceiro dia do assentamento, trabalhava com um pequeno depósito, vendendo palha, pau, é, estaca para acertar os terrenos, ajudei muito, inclusive eu, é, tinha um pouco proteção deles também, porque eu era um dos que ajudavam. Ajudava a fazer as casinhas, ajudava aqueles que não tinha condição de comprar o material, eu vendia pra eles me pagassem o dia que pudessem e, enfim, ajudei da forma melhor que eu pude (Chaves, 2015, p. 46)

A avenida principal do bairro seria mais larga que a atual, com duas caixas de rolamento separadas por um canteiro central, projeto reduzido para ampliar as áreas de lotes:

No plano de Carlinhos, essa rua, a Avenida Carlos Augusto, não era pra ser estreita do jeito que é; era pra ser bem larga com um canteiro no meio, pra fazer mão e contramão [...] quando ele che-



Figura 1 e 2 - Precariedades no serviço de coleta de resíduos sólidos e na drenagem pluvial.



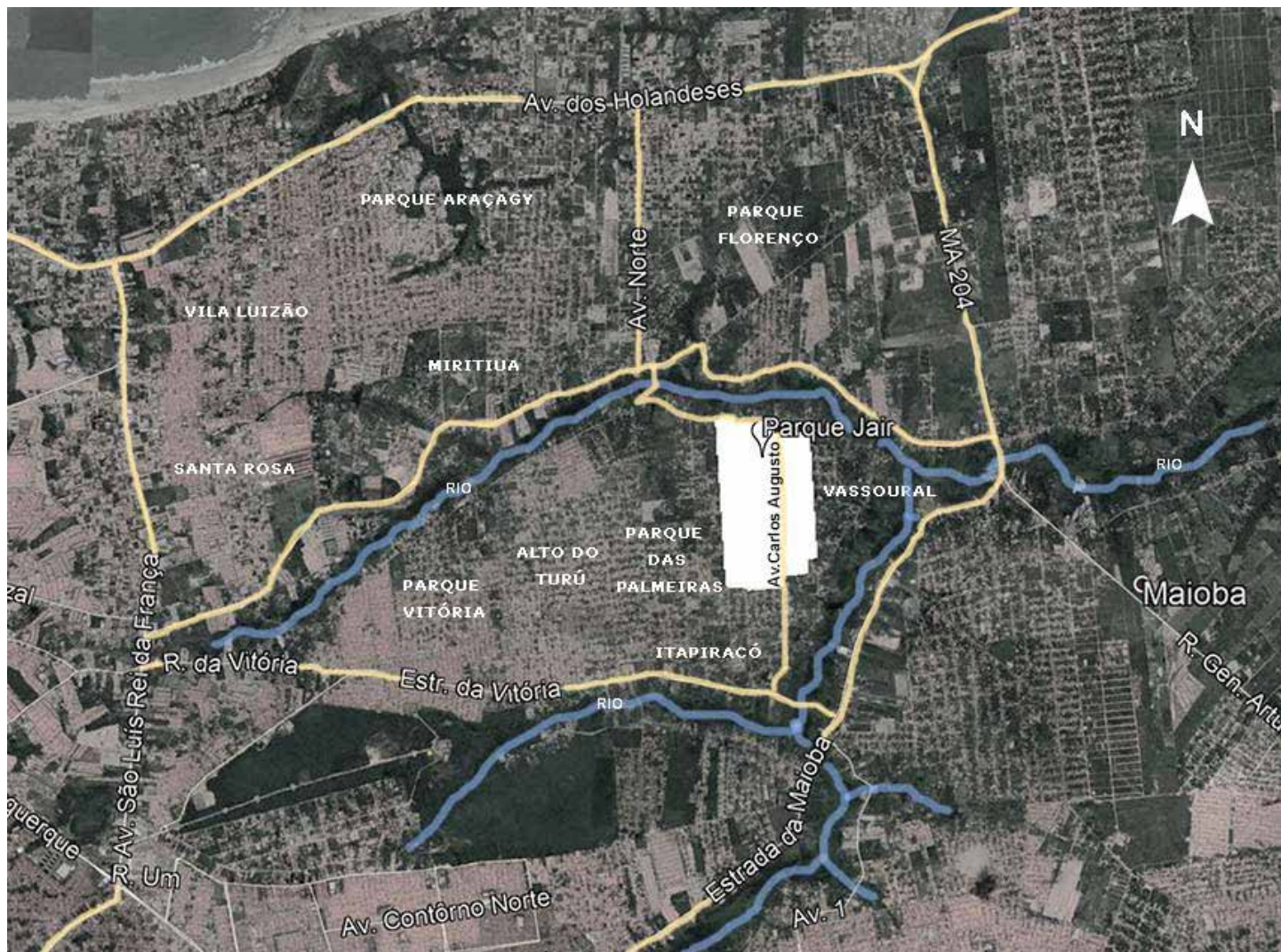


Figura 3 - Vias de acesso e bairros do entorno.

gou, apresentou pra gente. As casinhas eram todas quase que em estilo de minha casa minha vida, mas aí o pessoal veio, fez de um jeito e uns de outro, e ficou tudo diferente. (M.H 19/11/2016)

Mesmo destino tiveram os lotes reservados para a construção de equipamentos urbanos na comunidade, os quais, infelizmente, não aconteceram, pois todos os terrenos foram vendidos. O início da construção do Parque Jair foi marcado pela violência causada por disputas de terras entre antigos proprietários dos lotes e os novos moradores. Quando a ocupação chegou, a maior parte das terras da Nova Era já havia sido vendida e só uma pequena porcentagem estava sendo habitada, o que demonstra que os seus donos as adquiriam objetivando apenas o seu valor de troca, já que, futuramente, poderia ser vendida a um preço maior.

As denominações das ruas do Loteamento Nova Era não foram mantidas, sendo rebatizadas com o nome das pessoas que faziam parte do movimento de ocupação, como Carlos Augusto, nome da principal avenida do bairro, e outros mais:

Aqui, nós fomos colocando o nome das pessoas que nós conhecíamos como James Eunice Calado, Elinaldo Santos, que é irmão do finado Jairzinho, Paulo Brandão, que mora hoje em dia na Raposa, Ionele Santos, que é a mãe ou a irmã de Florizete Serra, que também tava na invasão com a gente, Elinoane Santos é de uma conhecida do finado Carlinhos e Maranhão, Kênia Cristina é de uma das meninas que mora aqui hoje em dia também. (M.H 19/11/2016)

A consolidação do bairro ocorreu em cima de improvisos e dificuldades. As primeiras casas foram construídas em taipa de mão com telhado de palha. A energia elétrica chegava às moradias por conta dos postes de madeira que sustentavam a ligação elétrica feita pelos próprios moradores. Só tinha acesso à água quem pos-



Figuras 4 e 5 - Vias internas.





Figuras 6 e 7 - Pavimentação, calçadas e meio-fio da avenida principal.  
Figura 8 - Campo de futebol.

suía poços artesianos em seus quintais, ou quem comprasse tonéis d'água de carroceiros na rua. Também podiam apelar para a solidariedade de vizinhos que possuíam poços e carregar baldes até suas residências.

## INFRAESTRUTURA E SERVIÇOS URBANOS

Apesar de sua larga existência, somando atualmente mais de 20 anos, a área ainda contabiliza diversas e sérias carências, com serviços básicos, como distribuição de água e coleta de lixo, ofertados de forma irregular e com abrangência parcial. Tais precariedades são visíveis principalmente no caso dos resíduos sólidos e da drenagem pluvial, com acúmulos de dejetos mesmo ao longo da Avenida Carlos Augusto (Figuras 3 a 6). A rede de coleta de esgoto é inexistente e, segundo o IBGE (2010), cerca de 73% das residências utilizam fossas como destino do esgoto.

Mesmo com a proximidade que o bairro tem em relação à Avenida Artur Carvalho e à Estrada da Vitória, os cursos d'água que contornam o Parque Jair são obstáculos que limitam a mobilidade de seus moradores, os quais têm maior acessibilidade ao setor oeste da região. Sendo o último bairro na área delimitada pelos rios, o bairro ocupa a posição de “fim de linha”, condição que contribui para sua baixa densidade populacional.

A principal via de acesso ao bairro é a Avenida Carlos Augusto que corta o bairro nos eixos norte e sul, é por meio desta que o bairro se conecta ao sul com a estrada da Vitória e, ao Norte, com a Avenida General Artur Carvalho. Observando a Figura 2, é possível perceber que a configuração do curso d'água acabou criando uma barreira geográfica natural, restringindo alguns fluxos viários e peatonais ao Parque Jair. (Aguíar, 2017, p. 31)

Padrão nas ocupações populares e loteamentos clandestinos, os espaços públicos do Parque Jair se resu-

mem às vias de circulação veicular, com passeios para pedestres presentes de forma intermitente e geralmente em precárias condições de conservação. Com exceção da Avenida Carlos Alberto, que corta toda a extensão do bairro e conta com cobertura asfáltica, as vias secundárias apresentam leito carroçável em picarra e mesmo areia e barro do terreno natural.

A ausência de meio-fio na avenida resultou em grandes fendas com extensões e profundidades significativas, nas quais o fluxo de água - de chuva ou servida - se encarrega de assegurar a presença constante de vegetação de porte significativo. Nas vias internas do bairro predomina a falta de pavimentação e inexistem meios-fios e passeios, comprovando a condição inacabada da urbanização do bairro.

A reduzida ocupação populacional predomina nas áreas internas, mais afastadas do eixo da avenida principal, onde o cenário se assemelha às paisagens rurais pela ausência de pavimentação e muros, além da presença de animais criados soltos e de muitas moradias com materiais extraídos da própria natureza ou reaproveitados.

Os poucos espaços de lazer do Parque Jair se caracterizam pelo caráter privado que têm, instalados em bares ou terrenos particulares, como uma Associação Cultural, onde é possível encontrar reforço escolar, quadra de esporte e danças, ou o campo de futebol, cedido gratuitamente aos praticantes do esporte.

## **ORGANIZAÇÃO SOCIAL**

A permanência das precárias condições no espaço público do Parque Jair, passados mais de 20 anos de sua ocupação, pode ser explicada pelas condições de organização comunitária do bairro. Segundo depoimentos de lideranças religiosas colhidos por Chaves (2015), a

descontinuidade da presença do grupo que coordenou e comandou a ocupação possibilitou a ascensão de “outras lideranças que sempre decidiram as coisas da forma deles, não de uma forma que era bom para toda comunidade”. Apesar da tentativa de reação de grupos vinculados à Igreja Católica, ameaças de violência impediram mudanças, pois

...a maioria das pessoas que queria o bem do bairro, acabaram ficando, é, eu posso dizer assim, recuados, com medo de agir pela melhoria, até porque existia muita violência, inclusive nós tivemos aqui no Parque Jair uma manifestação que foi organizada pela irmã Brígida e o padre Edmilson na época e, eles foram ameaçados não puderam continuar com a manifestação, que era para a melhoria da comunidade, do bairro e pararam por aí... (Chaves, 2015, p. 134).

A desmobilização que se seguiu a essa situação tem reflexos em vários aspectos da vida comunitária, seja na prestação de serviços, no atendimento de demandas comuns e na impunidade de grupos marginais, conforme depoimentos feitos a Chaves, em 2015:

Mas até hoje a gente ainda não conseguiu fazer um grande movimento, até porque encontramos muitas dificuldades, questão de outras pessoas que impede é, porque sempre quer mandar na comunidade da forma que acha melhor pra ele mesmo, enquanto isso ficam as famílias sofrendo, o bairro todo cheio de buracos, as ruas não se pode nem andar, cheias de lixo e buracos, enfim, a gente tá aí na luta, na esperança de próximo ano a gente possa fazer algo melhor para a comunidade, mas sabemos que nós vamos encontrar muitas dificuldades, né, mas a esperança está aí com a gente, espero que se desenvolva o que é bom para o bairro. (Chaves, 2015, p. 134).

...nós temos água aqui há uns doze anos, dez a doze anos, é uma situação muito triste, porque a pessoa que diz que é responsável pelo abasteci-





mento da água daqui ele só deixa dar água pro setor que ele quer e bota taps nos canos para não ir pra onde ele não quer e, muitos tem água e muitos também não tem, nós queremos que a prefeitura mande organizar essa água, deixar que dê água pra todas as pessoas, então é isso que nós estamos aguardando... (Chaves, 2015, p. 137).

Nós aqui do Parque Jair ou de qualquer outro bairro que tenha comportamento igual ao Parque Jair, tem os traficantes, e o traficante ele sempre cria um grupo de companheiros, dez, quinze pessoas, até mais, e eles estão tão confiantes, neles mesmo ou talvez na justiça, não sei, parece que é isso também, eles ficam no meio da rua. (Chaves, 2015, p. 112)

Um contexto também foi verbalizado por liderança do Parque Jair que, buscando uma “participação partidarizada”, foi impactado pela experiência e se afastou da militância:

Eu passei a primeira eleição para prefeito e vereador. Fiz uma eleição humilde, eu fui pra política, mas para conhecer mesmo como era a política, a gente sabe que os humildes dificilmente ganham a eleição, mas eu fui pra política não tanto pensando em vencer, ganhar a eleição para vereador, foi pra conhecer e graças a Deus que eu conheci bastante, eu até me arrependi depois {ri}, fiquei com um trauma imenso que eu vi muitas coisas que não é bom para a comunidade e fiquei com trauma, foi muito difícil de eu perder esse trauma, até falei que eu não voltaria mais (Chaves, 2015, p. 135).

Figura 9 - Mensagem em muro.

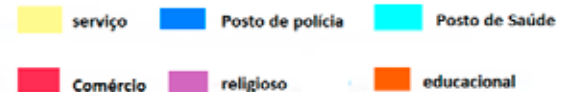
Figuras 10 e 11 - Serviços instalados em moradias.

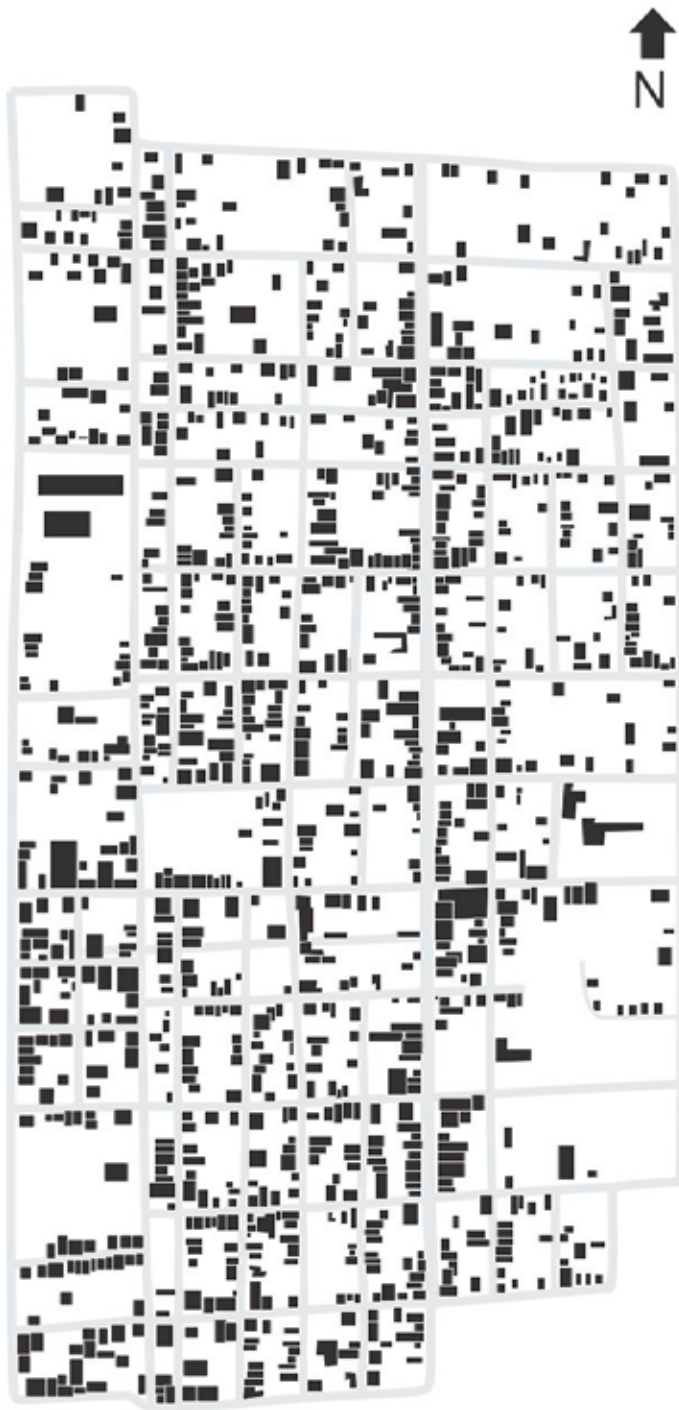
Figura 12 (na página seguinte) - Mapa de usos do solo no entorno da avenida principal.

## MORFOLOGIA URBANA

As imagens reticuladas da malha urbana do Parque Jair, que denotam um esforço de ordem e controle em sua implantação, expõem sua limitação quando é observada a inexistência de espaços públicos na forma de áreas verdes e equipamentos coletivos de cultura, esporte e lazer. A permanência de sua marginalização perante ações de regularização do poder público, que se dedica ao mínimo necessário ou às intervenções de emergência, relegou as decisões sobre o espaço do bairro a interesses particulares dos moradores, sendo sintomático que os esforços para identificar e contatar alguma forma de associação dos moradores durante a pesquisa de campo foram infrutíferos.

Apesar da baixa densidade do bairro, a falta de infraestrutura chega a assemelhar muitas áreas aos espaços de uso rural, pois mesmo a implantação das moradias e muros sobre a testada dos lotes em vias principais, ou em suas proximidades, empresta ao Parque Jair um limitado clima urbano. A elevada presença de inúmeros vazios não tem continuidade nem mesmo na Avenida Carlos Augusto, onde o comércio e os serviços - “lojas de roupas, mercados, farmácias, padaria, lojas de material de construção e alguns tipos de serviços como lan-houses, cabelereiros e bares” (Aguiar, 2017, p. 29) - se concentram em alguns pontos, onde o “maior polo de fluxos peatonais, de veículos e comércios da área que atende não só pessoas do Parque Jair, mas também de bairros adjacentes, onde a oferta desses serviços é escassa” (Aguiar, 2017, p. 29).





## USO E OCUPAÇÃO DO SOLO

A área possui um traçado regular, mas as quadras não seguem um padrão no seu desenho. Diferenças de tamanho, proporções e formatos, algumas ruas apresentam uma quebra na sua continuidade, que é o reflexo da adaptação que houve sob o traçado do antigo loteamento, mas também pelos próprios procedimentos técnicos adotados, sem utilização de instrumentos de medição e com a pressa que a situação exigia. A adaptação da ocupação comandada pelo grupo de Jairzinho sobre um loteamento anterior também pode ter contribuído para as irregularidades constatadas no bairro, assim como o posterior afastamento das lideranças que comandaram a ocupação (Chaves, 2015), favorecendo as iniciativas particulares de moradores que adequaram os lotes às suas necessidades.

Com exceção da Avenida Carlos Augusto, onde se concentram serviços e comércio, o uso do solo no bairro é essencialmente residencial, com poucos usos mistos, já que as moradias dividem espaço com prestação de alguns serviços e pequenos comércios.

## MORFOLOGIA URBANA NO PARQUE JAIR

A planta do setor estudado, quando representado com as edificações em preto sobre fundo branco, comprova que a reprodução de padrão de ocupação das quadras é feita no sentido do exterior para o interior, ficando o fundo dos lotes e o centro dos quarteirões sem construções. Esse procedimento demonstra a preferência generalizada dos moradores em deixar o fundo do lote livre, para ser usado como quintal, uma reserva para futuras expansões construtivas e localização de anexos para usos variados, como será visto mais adiante.

A utilização da área dos quintais para atividades di-



versas, como “secagem de roupas, plantações de árvores frutíferas e raros casos para lazer”, mas não “um espaço de produção e trabalho” (Barbosa et al., 2018, p. 14), ficou registrada na pesquisa de campo:

Conforme a pesquisa identificou no levantamento de campo, o lote da casa no Parque Jair abriga árvores frutíferas, depósitos de materiais que serão utilizados para ampliação da casa, banheiros, local para reservatório de água, casa de outros parentes, locais de lazer improvisado, mas há casos em que a própria construção da casa ocupar todo o lote. A delimitação - testada dos fundos ou das laterais - do lote é feita de alvenaria, cerca de madeira, tecido, lona ou por materiais metálicos. (Barbosa et al., 2018, p.14).

O padrão de implantação das edificações pode ser confirmado pela vista geral da Avenida Carlos Augusto e das vias transversais e internas do Parque Jair, predominando o alinhamento sobre o limite frontal dos lotes. Em casos de usos comerciais, mas também residenciais, constata-se a ocupação da área do passeio público com “varandas”, colunas ou escadas. A inexistência de meio-fio, determinando limites horizontais e verticais para o espaço público, oportuniza a execução das próprias calçadas, adaptadas aos níveis internos das edificações.

### TIPOLOGIA ARQUITETÔNICA

Compatíveis com os modos construtivos familiares e de poucos recursos, predominam no Parque Jair as moradias térreas e de pequenas dimensões. A consolidação do bairro e as diferenças de renda dos seus habitantes ficam evidentes na presença de grandes edificações, as quais se destacam também pelos materiais de acabamento de muros e fachadas, contrastando com a maioria das construções do lugar.



Figura 13 (na página anterior) - Mapa de densidade construtiva. Figuras 14, 15 e 16 - Variedade de usos residenciais.





Figuras 17, 18, 19, 20 e 21 - Morfologia urbana e tipologia construtiva.

O sistema construtivo predominante nas habitações do Parque Jair utiliza pilares e cintas de concreto armado e alvenaria de tijolo cerâmico, “com paredes internas altamente desgastadas e sem revestimento, diferentemente da parte externa, bem revestida e conservada” (Barbosa et al., 2018, p.14). No entanto, os poucos recursos das famílias fazem com que a maioria das edificações tenha aspecto inacabado (Figuras 32 e 33), pois “o que faz com que a cor alaranjada dos tijolos seja predominante na paisagem urbana” (Aguar, 2017, p. 37).

As moradias na sua totalidade apresentam serviços inacabados como: falta de revestimentos internos e externos, de esquadrias, de piso, acabamentos no banheiro e na área de serviço. Observou-se que é de desejo das famílias visitadas aumentar, finalizar o que já tem construído ou construir uma nova casa no próprio local ou fora do bairro (Barbosa et al, 2018, p.18).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Parque Jair comprova que, para as populações de baixa renda, a autoprodução não se limita ao espaço familiar da moradia, mas se estende ao próprio espaço urbano, fazendo da ocupação e da invasão, assim como dos loteamentos clandestinos, práticas indispensáveis à produção de espaço para aqueles que não têm acesso ao mercado formal de terras. Conforme Baldez (2003), as ocupações devem ser entendidas como ações

(...) de sujeito coletivo, portanto político, e de ruptura com o subjetivismo individualizante do direito burguês; cria novo modo de aquisição da propriedade, rompendo com o conceito de venda e compra que está no bojo da aquisição entrevivos da propriedade; e sub-

mete a propriedade à necessidade e antecedência da posse. É direito que se constrói na luta e na prática da ação política de ocupar a terra (Baldez, 2003, p. 90).

A partir de tais processos, a capacidade de organização dos ocupantes determinará os rumos que tomarão o bairro, a vila, o parque ou o residencial, denominações que costumam adotar e que podem se referir aos políticos de plantão, ou, em casos que demonstram organizacionais estruturais mais fortes, referências históricas ou contemporâneas de lutas sociais.

O Parque Jair, resultado de um projeto político personalizado pelas lideranças populares com inúmeras ações no campo da ocupação em áreas ociosas de São Luís, com baixos efeitos sobre a organização local dos moradores, é exemplo de “sujeito coletivo” limitado às ações de posse fundiária. Quando entregues à decisão dos moradores, a individualidade se impõe e, perdendo protagonismo na construção dos seus espaços urbanos, a dispersão social reproduz no próprio bairro as desigualdades que imperam na cidade.

# GLOSSÁRIO

## A

**Açaí** - Conhecido no Maranhão como juçara (nome científico *euterpe edulis*), o açaí (nome científico *euterpe oleracea*) é fruto do açazeiro, própria da Amazônia, que cresce em touceiras, à diferença do juçaral, que cresce na Mata Atlântica, sendo uma palmeira solitária, indicada para a retirada do palmito.

**Açazeiro** - Palmeira que dá o açaí, equivocadamente chamado no Maranhão de juçara.

**Adobe** - Também adobo, tijolo de barro seco ao sol em formas de madeira, por ele se designa o tijolo cru, feito de argila compactada, e quase sempre, secado ao vento e/ou sol. Curado dessa forma adquire maior resistência e permite ser assentado com argamassa de barro. (Weimer, 2012, p. 265). Composto de argila e areia em pequena quantidade, com mistura de estrume, fibra vegetal ou crina, para obtenção de maior consistência nos blocos (Corona e Lemos, 1972, p.19).

**Adobe de tijão** - alvenaria executada utilizando o tijolo - de adobe ou maciço - no sentido do seu comprimento, que passa a determinar a largura da parede. Técnica utilizada nas primeiras fiadas de paredes externas de adobe, que funcionam como baldrame da construção. O uso da técnica com tijolos cerâmicos implica na visualização dos furos das peças, impossibilitando ou pelo menos dificultando a aplicação de acabamento de argamassa.

**Agregado** - Também chamada de “morar de favor”, é uma “relação subordinada, doméstica, hereditária e generalizada, baseada em reciprocidades que uniam protetor e protegido”, foi uma “instituição corriqueira na sociedade brasileira até meados do século XX” (Ribeiro, 2010, p.393). Para ter acesso à terra como moradias e fonte de recursos naturais, “o agregado se subordinaria

à casa, à terra e à família do fazendeiro, mas nos limites da relação decidiria seu próprio destino” (Ribeiro, 2010, p.398), podendo a agregação ser de partilha, proteção indígena, mobilidade, incorporação de posses e mudanças de contrato (Ribeiro, 2010, p. 400-402).

**Água** - Cada uma das superfícies de um telhado que determinam um plano de escoamento das águas das chuvas, sendo delimitado por cumeeira, espigão, empena, beiral ou calha.

**Água encanada** - abastecimento de água através de rede de distribuição geral ou de poço central localizado no bairro ou povoado, com instalação feita pela prefeitura ou através de organização dos moradores, que também podem assumir a manutenção do serviço com contribuições mensais.

**Água Salobra** - Água com salinidade superior à da água doce, mas inferior à da água do mar, podendo ser resultante de mistura de água do mar em lençóis freáticos ou em aquíferos fósseis salobres. Fonte: <https://www.portalsaofrancisco.com.br/biologia/agua-salobra>

**Alpendre** - Genericamente, espaço coberto e aberto incorporado à construção. Em geral possui maior comprimento que largura. Pode ser saliente em relação à edificação da qual faz parte ou formar nesta um espaço reentrante. Quando forma saliência, pode ser constituído pelo prolongamento do telhado principal do edifício ou possuir cobertura independente (Albernaz e Lima, 1998, p. 649; Corona e Lemos, 1972, p.32-36). No Maranhão, termo designa áreas cobertas nos fundos das moradias, originalmente construídas ou ampliadas posteriormente.

**Alqueire** - Unidade de medida, com consistência de valor nos séculos XVIII e XIX e cuja conversão foi claramente definida na Lei de 1862. Entretanto como o alqueire representava volume sua conversão deu-se para litros, também unidade de volume. Como na atualidade os grãos são medidos em unidade de peso, havia a necessidade de transformar litros de milho, arroz ou feijão em quilos (Luna e Klein, 2001, p.1-2). No Brasil, há variações regionais na área que corresponde um alqueire - 48.300 m<sup>2</sup> em Minas Gerais, Rio de Janeiro, Goiás e Mato Grosso; 24.200

m<sup>2</sup> em São Paulo e Paraná; 27.221 m<sup>2</sup> em estados do Norte (Corona e Lemos, 1972, p. 36) e, no Maranhão, foram identificados 50.000 m<sup>2</sup> no Centro e 45.000 m<sup>2</sup> no Sul.

**Alvenaria** - Tanto a arte do pedreiro quanto o conjunto de elementos que compõem paredes ou muros e alicerces, dispondo pedras, tijolos etc. com argamassa ou não (Corona e Lemos, 1972, p. 37).

**Amigados** - Viver junto com alguém, sem formalização civil ou religiosa da união conjugal.

**Arariba** - Madeira de lei usada na construção civil e naval, em marcenaria fina e carpintaria, sinônimo de Arariva, Muiraquitira e Guararoba (Corona e Lemos, 1972, p. 49). No Maranhão, designa a *Symmeria paniculata* Benth, espécie típica de ambiente inundável, suportando cheias de até seis meses no ano em matas de igapó, áreas baixas, sujeitas a inundação por períodos de até 6 meses anuais, selecionando espécies de plantas e animais adaptadas à inundação (Machado e Pinheiro, 2016, p. 1411-1414).

**Armação** - Madeirame das casas de taipa de mão, composto por forquilhas ou montantes - peças estruturais das paredes e da cobertura - estacas e varas que formam a malha para receber o barro molhado.

**Armador de rede** - Gancho em que se prende o punho da rede de dormir, também chamado de escápula.

**Armazém** - Local para guarda de mercadorias, comestíveis ou não, por longo ou por pequeno prazo, podendo ser local de venda a varejo (Corona e Lemos, 1972, p. 53).

**Atravessador** - intermediário, aquele que se coloca entre o produtor e o comerciante.

## B

**Barro** - Ou argila, terra gorda e compacta, argilosa, que absorve pouca água, empregada no assentamento de alvenaria de tijolo em construções populares ou em obras provisórias e no fabrico de telhas e objetos cerâmicos. (Corona e Lemos, 1972, p. 71)

**Barreiro** - Local, se possível próximo da moradia, de onde é retirado o barro para a tapagem das casas de taipa de mão que resulta em orifício de grandes proporções, geralmente usado para lançamento de resíduos sólidos e posterior queima.

**Beiral** - Parte do telhado que faz saliência sobre o prumo da parede externa de uma construção, tendo como principal função afastar a água da chuva dos panos das paredes e de suas aberturas - portas e janelas. (Corona e Lemos, 1972, p. 75)

**Beiral com cachorros** - Ou beiral encachorrado, beiral do telhado com uso de peças de madeira - simples ou duplas - em balanço, fixadas no frechal e nos caibros da cobertura.

**Bodega** - comércio de fazendeiro e/ou comerciante, dentro ou fora de suas terras, podendo ser em mais de uma localidade, onde são vendidos sal, sabão, querosene, açúcar, fumo, que também pode ser local de compra da produção familiar dos camponeses da região. (Conceição, 1980, p.21)

**Borega** - analfabeto, quem não sabe ler, termo utilizado na região do Parque Nacional da Serra das Mesas, Carolina, sul do Maranhão.

## C

**Cachorro** - Peça de madeira em balanço, fixado ao frechal da cobertura para sustentação do beiral da cobertura, mas também piso de sacadas ou balcões. (Corona e Lemos, 1972, p. 92-93)

**Cacimba** - Também chamada de poço raso, cisterna e poço Amazonas, “diferenciadas dos cacimbões pela falta de revestimento em sua parede”, é um “poço com diâmetro superior a 0,5 m e que não possui revestimento em sua parede. Nas regiões onde ocorre escassez de água, é comum existir um tipo especial de cacimbas XVIII Congresso Brasileiro de Águas Subterrâneas 10 que possui um diâmetro menor do 0,5 m com profundidades não superiores a 0,5 m, chamadas de “cacimbas temporárias”. (Vasconcelos, 2014) “Tem lugar que cada morador tem uma cacimba no fundo do quintal dele. No caso da água ser muito funda, depois de oitenta palmos pra frente, eles se reúnem e fazem uma cacimba coletiva. Furam aquele buraco até tocar na água, botam um carretel e um balde grande. De manhã cedinho todo mundo vai puxar a água e leva pra casa” (Conceição, 1980, p.58).

**Caititu** - Ralador manual ou elétrico para moer mandioca no processo de produção da farinha.



**Campo** - Denominação dada pelos moradores da Baixada Maranhense à área dos campos sujeita a inundações no período das chuvas, em oposição aos tesos, partes altas que não inundam.

**Cancela** - Porta de madeira ou de ferro, usada para vedar entradas ou corredores de edifícios (Corona e Lemos, 1972, p. 102-103). No Maranhão, também usada para designar porteira de glebas, lotes e terrenos limitando acesso de pessoas e animais maiores.

**Canteiro suspenso** - horta plantada nos limites do lote da moradia, suspensa sobre estrutura de madeira ou protegida da criação - galinhas, porcos - por cerca fechada

**Capote** - parte da cobertura da construção localizada na cumeeira do telhado, diferindo em forma do restante da cobertura para proteção da junção de duas ou mais águas. Um dos nomes dados à galinha d'Angola, também chamada de "tô fraco".

**Carretel** - Ou gangorra, roldana artesanal de madeira para puxar água de poço raso.

**Carrinho** - Automóvel particular utilizado no transporte informal de passageiros, existente tanto na área urbana quanto em zonas urbanas, preenchendo a demanda por mobilidade de moradores de periferia e povoados para acessar centros comerciais e de serviços.

**Casa de banho** - Termo utilizado na zona rural do Maranhão para designar o ambiente, geralmente fora da moradia, onde exercem as atividades de limpeza corporal. Anexo das moradias, nos fundos do lote, construído em palha, taipa de mão, alvenaria de adobe ou tijolos cerâmicos, com dimensões de 1 a 2 m<sup>2</sup>, altura variada e quase sempre sem cobertura, piso de tabuado ou mesmo terra batida, com ponto de água, tina ou balde, onde os moradores tomam banho, tenho em alguns casos, bancada de madeira em seu interior para lavagem de roupas.

**Casa de canto dobrado** - Moradia com planta em L, termo utilizado na área rural de Caxias, MA.

**Casa de farinha** - Rancho geralmente com cobertura de palha de pindova, onde se processa a produção da farinha de mandioca, constituídos de descascamento, la-

vagem, trituração, prensagem, esfarelamento, torração, peneiramento, resfriamento e ensacamento.

**Casa de forno** - o mesmo que casa de farinha.

**Casinha** - na zona rural do Maranhão, denominação da sentina, anexo construído fora da moradia de diferentes formas, ver sentina. Na zona rural da Baixada maranhense, também denominação do anexo elevado, usado para abrigar a criação - de galinha ou porcos, mas também os cachorros da casa - no período do inverno.

**Cerca** - Elemento de delimitação na zona rural, no Maranhão quase sempre feita de madeira extraída da vegetação do lugar e utilizando peças de diferentes espessuras e dimensões, classificadas como varas, estacas ou mourões (Silva; Barros, 2015), raramente utilizando pedras ou alvenaria de barro. Tanto podem delimitar o espaço da moradia e seus anexos, quanto a área de roça e dos anexos - como canteiros no chão, galinheiros, chiqueiros e ranchos.

**Cerca de cama** - Ou de lombo, onde as varas de fechamento são postas horizontalmente, formando pano cego, travadas entre 3 estacas fincadas verticalmente no solo, sem uso de amarração de qualquer espécie.

**Cerca de engano** - Fechamento idêntico ao da cerca de cama ou lombo, com as varas postas horizontalmente, porém, os panos não obedecem a um alinhamento, com trechos que mudam de direção ao longo da cerca.

**Cerca de faxina** - Cerca de varas, fechada com peças fixadas em sentido vertical, com travessas horizontais de sustentação variando conforme a altura da cerca.

**Cerca de talos** - Cerca de pequena altura, executada com talos de pindova para construção de fechamento de canteiros de plantas ou galinheiros, usada também na delimitação de lotes rurais.

**Chapéu de palha** - Pequena e média cobertura, com pilar central que apoia mãos francesas de madeira - roliça ou aparelhada - que fazem sustentação de cobertura de palha de babaçu ou carnaúba, geralmente utilizado para uso em bares e restaurantes.

**Cheia** - Período das chuvas - geralmente entre dezembro e junho - quando os campos da Baixada Maranhense

sofrem inundações pela elevação do nível dos rios combinada ou não com as marés altas.

**Chiqueiro** - Estrutura frequentemente solta no lote, é o local onde se confina e cria os porcos para consumo próprio ou venda, normalmente descoberta e fechada com cerca de cama para impedir a saída dos animais.

**Cipó** - Matéria-prima retirada da natureza utilizada na manufatura de utensílios e cestarias, como também empregada na construção das moradias, chamado de “prego do Brasil” por Rainville em “O Vinhola Brasileiro”, pois se “constituiu, em nossas antigas construções, valioso e utilíssimo elemento, servindo para atar paus-a-pique, ripas de cobertura etc.” (Corona e Lemos, 1972, p. 131)

**Cipó de escada** - Nome popular da *Bauhinia Splendens*, trepadeira com fins medicinais que, por sua extensão e maleabilidade, é utilizada na amarração de madeiram de paredes de taipa de mão e coberturas de palha em construções rurais do Maranhão.

**Clube de festas** - Área descoberta e cercada, no próprio terreno da moradia ou em suas proximidades, com pequenas instalações de apoio - geralmente bilheteria, bar e banheiros - e algum tipo de segurança, onde famílias promovem ou terceirizam shows musicais com grupos locais ou de fora e comercializando bebidas alcoólicas.

**Cobrar renda** - Ato dos proprietários de terras receber o pagamento, devido pelos agricultores que necessitam produzir em área de terceiros, quase sempre um percentual da produção, calculada pela superfície plantada - no Maranhão, tendo como unidade a *linha* - e paga anualmente, na época da colheita.

**Cocho** - recipiente, geralmente de madeira, onde é depositada a massa ralada da mandioca na casa de farinha, também “vasilha ou tabuleiro onde é transportada a argamassa das construções” (Corona e Lemos, 1972, p. 133).

**Colono** - Membro de uma colônia. Trabalhador agrícola ou pequeno proprietário rural, especialmente quando imigrante ou descendente deste. (Ferreira, 1999, p.504 apud Myskiw, 2002, p. 23)

**Curiar** - O mesmo que observar, assistir o fazer de outras pessoas.

## D

**Defeso** - Período de proibição da pesca para preservação das espécies, com ocorrência anual, variando os meses conforme a região, determinada pelo Ministério do Meio Ambiente.

**Depósito** - Ambiente voltado para estocagem e/ou abrigo de utensílios domésticos, produção (arroz, feijão, etc.), ferramentas, entre outras.

**Diária** - Forma de pagamento do pedreiro ou carpinteiro contratado para serviços de construção, correspondendo a uma jornada de 8 horas, com ou sem fornecimento de alimentação pelo contratante.

**Dindim** - Suco de frutas congelado e ensacado em tubos de plástico de produção familiar de comunidades rurais e urbanas para complementação da renda familiar, também chamado de gostosinho, suquinho, geladinho.

## E

**Envaramento** - Ou entramado, a malha de esteios e varas de madeira que compõem o arcabouço de sustentação das paredes e cobertura das construções de taipa de mão e que recebem a *tapagem* com bolas de barro molhado e amassado.

**Escada de encosto** - Ou escada singela, composta das travessas que sustentam os degraus, funcionando simplesmente apoiada no piso e na superfície superior onde está o vão de entrada, podendo ser retirada, isolando assim o acesso.

**Estadualização das terras devolutas** - A Constituição republicana de 1891 “promoveu uma reformulação radical da responsabilidade de realizar a regularização fundiária: o artigo 64 entregou aos Estados as terras devolutas situadas em seus territórios, deixando para a União só as áreas de fronteira” (Treccani, s/d). Porém como “tanto a Coroa como os proprietários eram incapazes, em geral, de localizar com exatidão as terras que lhe pertenciam, os *Estados, portanto receberam um espólio incerto nos limites e anárquico na titulação*” (Mendonça apud Treccani, s/d).

**Escada de sótão** - Escada que dá acesso a pavimento superior através de porta alçapão, podendo ser fixa ou móvel, com ou sem corrimão.

**Escápula** - Objeto de metal ou madeira para sustentação, gancho para pendurar a rede de dormir, popularmente chamado pela corruptela “escapa”.

**Esteios** - Nome dado na Baixada Maranhense às estacas de madeira que, fincadas no solo, sustentam as moradias em palafita, evitando que seu alagamento pela subida periódica das águas. Seu nome vem das estearias, sítios palafíticos ou estearias, como foram denominados desde o final do séc. XIX (Lopes, 1922), seriam originalmente conjuntos de habitações pré-coloniais sustentadas por meio de estacas em locais centrais dos lagos ou áreas alagadiças marginais, orientados a partir de critérios organizacionais específicos. (Leite Filho, 2016, p. 58) Essas habitações sustentadas por estacas ou esteios (palafitas) ocorrem ocasionalmente em terra firme, no interior ou às margens de lagos, enseadas, restingas e outros locais sujeitos a ação oscilante da água e persistem entre inúmeras sociedades amazônicas atuais (Sá, 2002 apud Leite Filho, 2016, p.68).

## F

**Fogão de barro** - Fogão a lenha de variadas dimensões com possibilidade de uso de diferentes materiais de combustível - madeira, carvão vegetal, casca de coco babaçu -, presente nas moradias rurais, mas também nas áreas urbanas, possibilitando a preparação de alimentos com baixo custo. Executado no Maranhão de maneira similar à taipa de mão, pode estar apoiado diretamente no solo ou sobre suportes, geralmente de madeira, mas também utilizando equipamentos descartados, como fogões a gás.

**Fogareiro de barro** - Pequeno fogão de barro, às vezes móvel, feito utilizando latas de tintas ou querosene vazias, preenchidas com barro e com abertura na parte inferior de um dos lados, onde o carvão é colocado e aceso.

**Foreiro** - Moradores de propriedades rurais que pagam aluguel pelo uso da terra para produção e moradia, “subordinados a antigos e novos patrões, através de diversos mecanismos de exação de renda e de controle político” (Carneiro, 2004, p. 98).

**Forquilha** - peça de madeira com terminação em duas pontas onde é possível apoiar ou alojar outra, horizon-

tal. Termo utilizado para os montantes das moradias que enterrados no solo, servem de amarração dos panos de paredes e apoio estrutural do madeirame da cobertura de palha ou telhas cerâmicas.

**Forno de barro** - Forma abobadada executada utilizando o barro, localiza-se dentro da moradia junto à cozinha ou fora, como um anexo, solto no lote e protegido por uma cobertura alimentada por carvão, às vezes do coco babaçu, ou lenha.

**Forno de farinha** - O mesmo que casa de farinha, local para beneficiamento da mandioca e produção da farinha d’água. Nome dado também para a chapa de ferro para tostar a mandioca podendo ser produzido industrialmente, no formado circular, ou de forma artesanal, a partir de chapa de ferro, estruturada com laterais de peças de madeira.

**Foro** - Pagamento, por trabalhadores rurais, pelo uso da terra de terceiros, sempre com parte da produção agrícola familiar.

**Fossa séptica** - Ela é construída de cimento ou alvenaria e consiste em uma cavidade que represa o esgoto para que ele seja consumido por bactérias. A fossa séptica separa líquidos de elementos mais densos que possam conter o esgoto. Ela é composta por três câmaras: a de decantação, que são decantados os resíduos suspensos, a de digestão, que utiliza as bactérias para consumir os resíduos decantados e a câmara de espuma que recebe o que não foi decantado. (HIGTEC, 2017)

**Fossa rudimentar** - Também chamada de fossa negra, esse modelo é mais rústico traz mais riscos ao local. Escavada diretamente no terreno, ela não possui revestimentos. Os resíduos caem diretamente no solo, sendo assim eles podem se infiltrar na terra, contaminando o ambiente e tornando-se mais prejudicial à saúde. Não deve ser utilizada próximo a poços e mananciais, é preciso que seja esvaziada e tratada com mais frequência. (HIGTEC, 2017)

**Frechal** - Em construção, peça de madeira da cobertura assentada sobre os panos de vedação das fachadas e

panos internos que recebem a carga de telhados ou pisos superiores. Quilombo de Frechal, reserva extrativista desde 1992, após reconhecimento como “comunidade remanescente de quilombo” e a desapropriação de 10 mil hectares de terras.

## G

**Gangorra** - Ou carretel, roldana de madeira artesanal utilizado para puxar água do poço raso ou cacimba.

**Geladin** - O mesmo que suquinho, *dindin* e *gostosinho*, polpa ou suco de frutas da região, embalado em saquinhos roliços de plástico e postos a congelar.

**Granilite** - Cimento branco ou comum, misturado com areia, água e partículas de mármore, granito, quartzo e outros minerais, utilizado para confecção de bancadas de pias de cozinha e de tanques de lavar.

**Guarimã** - Também chamada de arumã, espécie de cana lisa e reta, com superfície plana e flexível, que suporta corte de talas milimétricas, utilizado para confecção de cestaria diversificada na região amazônica, onde cresce em regiões semialagadas (<https://artebaniwa.org.br/aruma1.html>).

## J

**Jacá** - cesto de “palha, cipó, taquara ou fibra... para transportar objetos e, geralmente, conduzido em lombo de animal.” (Theciane, 2017, p. 89)

**Jarana** - Madeira de alta resistência a ataques de insetos xilófagos, também conhecida como inahíba-dorego, inhaíba, inhaíba-vermelha, a jarana é utilizada para dormentes ferroviários, estacas, esteios e mourões. Fonte: [http://www.ipt.br/informacoes\\_madeiras3.php?madeira=67](http://www.ipt.br/informacoes_madeiras3.php?madeira=67)

**Jirau** - bancada para lavar louças, panelas e roupas, quase sempre um tabuado sobre estrutura de madeira. Conforme sua utilização, pode se localizar nas proximidades da cozinha, normalmente no lado de fora de uma janela desse ambiente, ou ao lado e mesmo dentro da “casa de banho”.

**Juquira** - Erva daninha que cresce no pasto, mas também sinônimo de trabalho pesado e de baixa remuneração,

“parte das estratégias de sobrevivência desses trabalhadores rurais, uma vez que não há outra oportunidade de trabalho nos locais de residência” (Moura, 2008, p.25). “Trabalho temporário, consorciado com o trabalho com o coco babaçu, contrato para se fazer o trabalho na roça” (Lucena, 2008, p. 122). “Roço da juquira ou simplesmente juquira, derrubada do mato com a foice, caracterizando uma das últimas etapas da limpeza do pasto para a criação de gado, com a retirada de ervas daninhas e demais tipos de vegetação que cresce em meio ao capim, já plantado anteriormente” (Moura, 2008, p.25).

## K

**Kariú** - O não índio, em Guajajara.

## L

**Limpar o peixe** - Processo de retirada das escamas, nadadeiras e as vísceras do peixe.

**Linha** - medida de área, correspondente a ¼ de um hectare, ou 2.500 m<sup>2</sup>, no Maranhão utilizada como referência para pagamento pelos camponeses do arrendamento da terra aos proprietários ou seus prepostos. Sistema de plantio realizado em fileiras espaçadas. O plantio pode ser feito em sulcos ou pequenas covas no sentido longitudinal ou transversal do canteiro, de acordo com a EMBRAPA.

**Loteamento** - Desmembramento de glebas, disponíveis no perímetro urbano, mas “em geral áreas remanescentes da zona rural incorporadas ao espaço urbano pelo desenvolvimento dos meios de transporte, tornando-se assim alvo da especulação imobiliária” (Valladares, 1983, p.48).

**Loteamento clandestino** - Todo parcelamento do solo urbano sem autorização da Prefeitura Municipal, ainda que esteja em terra própria.

**Loteamento irregular** - Parcelamento do solo urbano fora das normas urbanísticas municipais, já seja por não respeitar projeto previamente aprovado ou não cumprir as exigências legais para registro das obras.

## M

**Madeira aproveitada** - Reutilização de madeira de demolição ou descartada de obras para usos em elementos construtivos diversos nas moradias e seus anexos autoproduzidos.



**Madeira roliça** - Segmento do tronco da árvore, com pouco ou nenhum trabalho de processamento, utilizada em diferentes seções e comprimento, principalmente como madeirame de construções de taipa de mão e estruturas de coberturas.

**Maniva** - (1) parte do caule da planta da mandioca capaz de germinar, normalmente utilizado para plantio e formação de lavoura; (2) mandioca (Ormond, 2006, p. 186).

**Mão francesa** - peça estrutural inclinada para apoio a componente em balanço, utilizada principalmente em estruturas de madeira.

**Maré cheia** - O mesmo que maré alta, ciclo de duração de cerca de seis horas que se alterna com a maré baixa. No Maranhão, a variação de altura entre as marés pode atingir 6 metros, penetrando por quilômetros em terras litorâneas mais baixas.

**Marretão** - Compactador artesanal de piso, normalmente de madeira, formado por base quadrangular de dimensões e peso variável, fixado a cabo de seção circular, também de madeira, utilizado para socar o piso, retirando irregularidades e vazios do pavimento, de forma a alcançar superfície lisa, plana e rígida.

**Meassaba ou Meaçaba** - O mesmo que esteira, “tecido trançado, em tiras entrelaçadas, usando a palha do olho da palmeira de babaçu” (Silveira, 2017, p. 84), utilizada no Maranhão como fechamento de portas e janelas de moradias, principalmente de palha, taipa de mão e adobe. “Esteira comprida que abre e fecha com várias utilidades, feita de folhas de pindova” (LPM apud Silveira, 2017, p. 84).

**Meia-água** - Ou *puxado*, cobertura para ampliação de edificação, utilizada geralmente para expansão da área coberta de espaços de serviços como cozinha, depósitos e criação de animais. Diferentemente do *puxadinho*, que está entendido pela legislação como imóvel urbano de acesso independente construído no mesmo lote ou em acréscimo vertical a edificação já existente. Apesar do nome, a cobertura tem uma água, inexistindo do ponto de vista técnico a cobertura com meia-água.

**Meação** - sistema de exploração agrícola, regido por contrato, verbal ou escrito, entre um produtor denominado meeiro e um proprietário de terra, no qual o pagamento pela utilização da terra é feito com a metade da produção colhida na terra, pelo meeiro (Ormond, 2006, p.189).

**Morar de favor** - O mesmo que agregado ou viver de favor.

**Morfologia** - É o estudo das formas, estruturas e classificação sobre determinado assunto, por exemplo: morfologia urbana, morfologia da paisagem, morfologia vegetal, entre outras.

**Mutirão** - Processo de trabalho calcado na cooperação entre as pessoas, na troca de favores, nos compromissos familiares, diferenciando-se, portanto, das relações capitalistas de compra e venda da força de trabalho. Seja para construção de casas ou tratamento de colheita, o mutirão é uma tradição que frequentemente implica em festas com danças e bebidas, num acontecimento que coroa o fim do dia, ou do processo de trabalho (Maricato, 1982, p.71). Forma de compartilhar a força de trabalho entre os membros de um grupo através da prestação de auxílio gratuito em benefício de um indivíduo, de uma família ou para construção ou manutenção de bens comuns ou coletivos. Esse trabalho pode ser a colheita de uma safra, o preparo da terra para plantio, o plantio, a construção de uma casa, de uma escola, de estradas, de barragens, de açudes etc. (Ormond, 2006, p.199). Sistema de trabalho na zona rural para tarefas nas quais a força familiar é insuficiente, caso do arroz que “precisa mutirão tanto para colher, como para plantar”, mas também quando “o pessoal de uma aldeia botava roça num lugar, todo mundo na mesma área de terra”, o “povoado que tinha cinquenta pais de família, aqueles cinquenta iam trabalhar para um só naquele dia de mutirão” e “a despesa ficava com o cara” que “tinha que dar comida, água, ajeitar tudo” (Conceição, 1980, p.22-23). “As casas são construídas em sistema de união (mutirão), transformando-se em dias de festa aqueles dedicados à armação, tapagem ou à cobertura de uma moradia. O proprietário

fornece a alimentação e as bebidas; todos trabalham animadamente e, no final do dia, a tarefa está cumprida” (Araujo, 1990, p.43)

## O

**Ocupação** - processo coletivo de apropriação de áreas urbanas ociosas por grupos organizados, sendo considerada “ato de sujeito coletivo, portanto político, e de ruptura com o subjetivismo individualizante do direito burguês; cria novo modo de aquisição da propriedade, rompendo com o conceito de venda e compra que está no bojo da aquisição entrevistados da propriedade; e submete a propriedade à necessidade e antecedência da posse. É direito que se constrói na luta e na prática da ação política de ocupar a terra” (Baldez, 2003, p. 90). As ocupações se originam de distintas formas, de forma gradual, promovida por proprietários ou cabos eleitorais, grupos organizados, movimentos coletivos (Valladares, 1983, p.29).

## P

**Palha** - Material retirado da natureza e utilizado na forma de feixes para cobrir a cobertura ou preencher a parede de uma construção, utiliza-se também na mistura para construções em terra.

**Paiol** - Construção anexa à moradia rural, onde a família estoca a produção agrícola para consumo próprio.

**Paiol coletivo** - Armazém para guarda da produção agrícola de camponeses de Pindaré Mirim durante conflito com criadores de gado no final dos anos 1960, como forma de resistir aos jagunços dos comerciantes, que cobravam dívidas de compras e reduziam o preço dos produtos. “Construímos o paiol. Era um tipo de pequeno armazém. Foi coberto com palha, parede de barro, de taipa. A gente forrou o chão com pau, depois fez uma esteira de palha de coco de babaçu e forrou com capim pra ficar quentinho. Ali em cima botou o arroz, a produção da roça coletiva. (Conceição, 1980, p.153)

**Palmo** - Unidade de medida utilizada em algumas regiões do Maranhão para determinar dimensões das moradias, corresponde a aproximadamente 21 centímetros.

**Pagar foro** - relação de ocupação de terra privada atra-

vés da qual os moradores repassam para o dono uma parte da produção - arroz, milho, feijão etc. que produzem, uma prática cumprida pontualmente pelos trabalhadores, que reconhecem o direito dos proprietários.

**Paneiro de farinha** - Volume de 30 kg, tradicionalmente embalado em cestos de palha trançada à mão e recoberta com folhas de guarimã usada como embalagem para a farinha de mandioca. (Peralva, 2017)

**Paredes de roda** - Paredes externas da casa autoconstruída de palha e taipa de mão, permitindo o fechamento da moradia e posterior execução das divisórias dos ambientes. (Conceição, 1980, p.61)

**Periurbano** - permanência de práticas rurais, moradores com trabalhos urbanos, proximidade da área urbana e/ou presença de produção imobiliária urbana nas vizinhanças

**Pindova** - Palmeira nova, sem cacho, que mantém relação metafórica com os termos *palmito*, broto de algumas palmeiras, e *pindaíba*, “estar em dificuldade, em extrema penúria” (Silveira, 2017, p. 98-99). O uso da palha da pindova para o fechamento e cobertura das moradias, bem como para a fabricação de esteiras, estaria motivado pela durabilidade que assegura aos produtos com ela fabricados.

**Piso batido** - piso interno das moradias mais simples, composto por solo argiloso compactado, sendo uma solução de baixo custo em relação aos pisos de concreto, cimentados ou cerâmicos. Também chamado de aterro, processo em que o barro retirado do entorno da moradia é despejado “no centro dos quartos, espalha todo o barro e joga água. Depois pega o marretão e bate o barro. Estando molhado e batido, o barro fica seco e vira uma casca dura, como uma laje, que evita a poeira e as minhocas no tempo da internada” (Conceição, 1980, p. 62).

**Piso de cimento queimado** - mistura de pó de cimento e querosene, aplicado como acabamento do piso cimentado.

**Poço artesiano** - Poço tubular onde a pressão da água dispensa o uso de bombas e que segundo a Associação

Brasileira de Águas Subterrâneas - ABAS atinge o Aquífero Guarani, distinguindo-se do semiartesiano ou sedimentar, que exige o uso de bombas de recalque.

**Ponta de Rua** - processo de expansão informal e auto-construída de vias públicas nas periferias urbanas ocupadas pela migração rural nas sedes municipais do Maranhão. (Carneiro, 2004, p. 98), uma forma de produção de espaço urbano à margem das ações do Estado, com o esforço coletivo de famílias e vizinhos.

**Programa Bolsa Família** - Segundo o Ministério da Saúde, é um programa federal de transferência direta de renda às famílias em situação de pobreza ou de extrema, com a finalidade de promover seu acesso aos direitos sociais básicos e romper com o ciclo intergeracional da pobreza. O Programa é realizado por meio de auxílio financeiro vinculado ao cumprimento de compromissos (condicionalidades) na Saúde, Educação e Assistência Social.

**Puxado** - Ou puxada, nome dado à expansão posterior de uma construção, geralmente nos fundos ou na lateral, pela extensão da cobertura existente, mas também com panos independentes. Também usado para se referir ao bombeamento de água de um poço ou outro reservatório para uso na moradia.

**PVC** - O policloreto de vinila, mais conhecido pelo acrônimo PVC, é um dos polímeros sintéticos de plástico rígido e flexível, com vasta possibilidade de aplicações, principalmente na construção civil, moda e medicina.

## Q

**Quebrar coco** - Extrativismo vegetal amplamente praticado na zona rural de todo o Maranhão para consumo familiar e comercialização, que consiste na quebra do coco babaçu para produção de azeite, sabonete, pães, bolos, mingaus e utilização da casca como combustível dos fogões de barro, mas também com uso industrial.

**Quebradeiras de coco babaçu** - Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu do Maranhão, Pará, Piauí e Tocantins, criado na década de 1990, com a finalidade de defender os direitos e as condições de vida e trabalho daqueles que praticam aquele extrativismo vegetal.

**Quitanda** - o mesmo que bodega, pequeno comércio de produtos alimentícios,

**Quilombo** - Território ocupado e usado tradicionalmente pelas comunidades remanescentes de quilombolas, para quem é “reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes títulos respectivos”, conforme o Art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias de 1988.

**Quilombola** - Referência à comunidade e ao indivíduo descendente de escravos, “definidos como grupos étnico-raciais que tenham também uma trajetória histórica própria, dotado de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida, e sua caracterização deve ser dada segundo critérios de auto-atribuição atestada pelas próprias comunidades, como também adotado pela Convenção da OIT sobre Povos Indígenas e Tribais”, conforme a Coordenação Nacional de Articulação de Comunidades Negras Rurais Quilombolas - CONAQ)

**Quitinete** - Concebido para viabilizar moradia em áreas adensadas através de apartamento de pequenas dimensões com sala, quarto e cozinha conjugados em um só ambiente (Silva, 2013), a quitinete se consolidou como moradia multifamiliar e forma de rentismo popular nas periferias urbanas do Brasil.

## R

**Rabeta** - Motor de propulsão que movimenta pequenas canoas de madeira na baixada maranhense para pesca e transporte de cargas e pessoas.

**Radiola de reggae** - Equipamento de som utilizado em festas populares no Maranhão, quando caixas de som de grande potência são conectadas a rádios e vitrolas, sempre sob comando de festeiros em disputa com outros grupos pelo melhor equipamento e músicas mais exclusivas.

**Rancho** - Construção rústica para fins habitacionais, abrigo em caminhos para viajantes (Corona e Lemos, 1972, p. 402), no Maranhão, cobertura anexa às moradias rurais sem vedação onde são exercidas atividade de beneficiamento da produção e do extrativismo, também

local temporário: “A casa mesmo ficava situada em Pedra Grande. Fazia só um rancho provisório” (Conceição, 1980, p.33)

**Redário** - Grande espaço coberto, mas aberto, onde se instalam várias redes para descanso rápido, principalmente depois do almoço, conforme registrado em restaurante de Nova Conquista, Zé Doca.

**Rede taineira** - Rede de cerco para cardumes, lançadas a partir de barcos de tamanho médio (Gamba, 1994), utilizada em Cunha Cuema, Turiaçu.

**Roça** - A roça é representante do tipo de agricultura de derrubada e queima, em que se abre uma clareira dentro da vegetação primária ou em diferentes estágios de sucessão e ateam fogo. Dessa maneira, ele incorpora nutrientes ao solo e aí estabelece uma comunidade de plantas que apresenta heterogeneidade de espécies. (Martins, 2005, p. 209) “O sistema de lavar nos centros nordestinos continua o mesmo dos tempos primitivos. Os utensílios são ainda: foice, machado, cavador, facão e enxada. Os serviços dividem-se em oito partes: broca, derriba, corte, encoivramento, cerca, planta, capina e colheita; sem falar na terrível queimada, o maior tirano de nossas matas” (Costa, 1978, p.197)

## S

**Sabiá** - Espécie vegetal de “crescimento cespitoso, ou seja, de um mesmo ponto na base da planta partem vários fustes ou troncos, principais fontes de estacas para cercas no Nordeste” e que “a partir do terceiro ao quarto ano, fornece estacas para cercas, boa opção para a produção de lenha e carvão”. Fonte:[https://www.agencia.cnptia.embrapa.br/gestor/bioma\\_caatinga/arvore/CONT000g798rt3n02wx5ok0wtedt3sugbu5b.html](https://www.agencia.cnptia.embrapa.br/gestor/bioma_caatinga/arvore/CONT000g798rt3n02wx5ok0wtedt3sugbu5b.html)

**Saco de aniagem** - Tecido grosseiro de juta, linho cru ou outra fibra vegetal, para confecção de sacos e fardos.

**Sala da fumaça** - Local da moradia - a própria cozinha ou o *puxado* - onde fica o fogão de barro a lenha que expele grande quantidade de fumaça no próprio ambiente, conforme constatado na Cachoeira do Prata, Parque Nacional da Serra das Mesas.

**Seca** - Período da estiagem no Maranhão, geralmente de julho a dezembro, quando são suspensas as chuvas intermitentes, que então só ocorrem esporádica e com pouca duração. Na Baixada Maranhense, os rios baixam de volume, deixando as áreas mais altas do campo, os *tesos*, secos e favoráveis ao plantio e à pastagem.

**Seguro Defeso** - O Seguro Desemprego do Pescador Artesanal - SDPA é “assistência financeira temporária concedida ao pescador profissional que exerça sua atividade de forma artesanal, individualmente ou em regime de economia familiar, ainda que com o auxílio eventual de parceiros, que teve suas atividades paralisadas no período de defeso” (Fundo de Amparo ao Trabalhador, Ministério do Trabalho, 2016).

**Sentina** - O mesmo que latrina, cloaca. Estrutura independente de madeira, palha ou tijolo cerâmico ou PVC, também conhecida como “casinha”, no qual os dejetos caem diretamente na fossa rudimentar ou em buraco que, quando cheio, cobre-se com terra. (Medeiros et al., 2016, p. 255)

## T

**Taipa de mão** - Está diretamente associada ao emprego em construções de pau - a - pique, em que ela serve para fechar frestas formadas entre galhos verticais. Sua execução consiste em amassar o barro molhado com as mãos, ou outro meio como patas de animais, até adquirir a devida consistência, quando então o barro é pressionado para dentro das frestas com a mão. (Weimer, 2012, p. 261)

**Taipa de sopapo** - Uma das variantes da taipa, sua especificidade consiste na forma de aplicação do barro. Em vez de amassado concomitantemente pelos dois lados da trama, ele é arremessado na forma de bolas, que vão sendo moldadas manualmente. (Weimer, 2012, p. 263)

**Tanquinho** - Máquina de lavar semiautomática, que não possui operação de centrifugação incorporada no ciclo de lavagem, por essa razão sendo mais barata que a lava-roupa automática.

**Tapagem** - Fechamento da armação das casas de taipa de mão, processo coletivo - familiar ou com vizinhos e



amigos - de lançamento manual de bolas de barro molhado no entramado que estrutura a moradia (Araujo, 1990, p.43).

**Tauari** - Madeira utilizada em esquadrias, rodapés, forros, bem como nas partes auxiliares de estruturas portantes, [http://www.ipt.br/informacoes\\_madeiras3.php?madeira=67](http://www.ipt.br/informacoes_madeiras3.php?madeira=67)

**Telha de cavaco** - Telha artesanal de pau d'arco (ipê) e o cedro vermelho, com medidas aproximadas de 57cm x 12cm x 2cm de espessura, considerado "melhor isolante térmico do que o zinco e fibrocimento, a cobertura de cavacos propicia um ótimo conforto térmico em climas quentes como o amazônico" (Pinheiro et al, 2012).

**Telha francesa ou Marselha** - Telha de barro, plana e retangular, produzida em pequenas olarias, que possui bordas abauladas, para facilitar seu encaixe.

**Terraço** - qualquer recinto descoberto e pavimentado anexo a uma construção, no rés do chão, em balanço ou sobrelevado (Corona e Lemos, 1972, p.448).

**Terreno de marinha** - faixa de 33 metros de Imóveis que margeiam mar, rios e lagoas, no continente ou em ilhas, onde exista a influência das marés, considerando a média das marés altas de 1831, época em que foi criado o conceito.

**Teso** - Parte elevada de terreno em área alagadiça que fica acima do nível das águas (Corona e Lemos, 1972, p.450)

**Torrar camarão** - Devido à alta perecibilidade do camarão e a inexistência, em muitos dos locais, de estrutura para conservação "in natura", a torragem é uma forma de beneficiamento para garantir a inocuidade do produto e consiste em cozinhar o camarão em água e sal em proporção de aproximadamente 1 kg de sal para 10 Kg de camarões que são cozidos por, no máximo, 20 a 30 minutos aproximadamente e depois é colocado em utensílios perda do excesso de água e salga, permanecendo aí por 24 horas (Cavalcante et al, 2014).

**Trempe ou Tacuruba** - De origem indígena, no Maranhão é o conjunto de três pedras sobre o qual se assenta

a panela ao fogo (Ormond, 2006, p. 286). "As pessoas de lá, cozinhavam em fogões de alvenaria (carvão e lenha); usavam, ainda, com bastante frequência, as tacurubas (trempe), o que levava as mulheres a ficarem acocoradas junto ao fogo enquanto cozinhavam" (Araujo, 1990, p. 44). Tacuruba como "nome popular para a trempe, ou "fogão" indígena, do termo tupi "itá'curuba" (Martins, 2018, p. 2).

**Trocar dia** - Prática utilizada tanto no mutirão, quanto no uso de ferramentas ou execução de trabalhos especializados, quando o pagamento é feito através da disponibilidade do favorecido para executar serviços em troca do favor recebido (Conceição, 1980, p. 25, 29, 61)

## V

**Valeta** - Cava no perímetro da construção de taipa, preenchida com massa de barro e água, servindo como baldrame das moradias de taipa de mão na região de Aldeias Altas.

**Varanda** - Espaço aberto integrado à construção. Pode ser coberta ou descoberta, em pavimento térreo ou superior, constituir saliência ou reentrância na edificação. Frequentemente é utilizada como um prolongamento da área de estar. (Albernaz e Lima, 1998, p. 29)

**Várzea** - Terreno plano, mais ou menos extenso, próximo a cursos de água, com potencial de cultivo, podendo ou não ser sujeito a inundações periódicas.

**Verga** - Peça que fecha horizontalmente a parte superior de um vão de porta ou janela, apoiando-se lateralmente nas ombreiras da alvenaria (Corona e Lemos, 1972, p. 470).

**Vicinal** - Caminho ou estrada que liga duas povoações, duas vilas, entre si ou com a sede municipal (Corona e Lemos, 1972, p. 470).

**Viver de favor** - Moradores em terra particular, com permissão do proprietário sob condição de execução de serviços diversos, às vezes em casas cedidas, com ou sem obrigação de pagamento de foro

# REFERÊNCIAS

AGUIAR, M. A. Espaço público: Democratizando o lazer no Parque Jair. 2017. Monografia Conclusão de Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Estadual do Maranhão, São Luís, 2017.

ALBERNAZ, M. P.; LIMA, C. M. Dicionário ilustrado de arquitetura. São Paulo: ProEditores, 1997-1998.

ALEXANDRIA, S. S. S. Arquitetura e Construção com Terra no Piauí: Investigação, Caracterização e Análise. Dissertação de mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente, Universidade Federal do Piauí, 2006.

ALMEIDA, A. W. B. As Secas do Nordeste e o Maranhão. Anexo do relatório coordenado pelo antropólogo Moacir Palmeira e enviado à CONTAG para discussão sobre os efeitos das secas e das medidas aventadas pelo Congresso Nacional. Brasília, mimeo, 1981.

ALMEIDA, A. W. B. Terra de quilombo, terras indígenas, “babaçuais livre”, “castanhais do povo”, faixinais e fundos de pasto: terras tradicionalmente ocupadas. Manaus: PGSCA-UFAM, 2008.

ALMEIDA, A. W. B.; MOURÃO, L. Questões agrárias no Maranhão contemporâneo. Manaus: UEA Edições, 2017.

ALVES, N. C. Redes de solidariedade em bairros de exclusão social de Presidente Prudente - São Paulo - Brasil. Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina - 20 a 26 de março de 2005 - Universidade de São Paulo. Disponível em <http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal10/Geografiasocioeconomica/Geografiadelapoblacion/02.pdf> acesso em: 18 nov. 2019.

AMARAL da SILVA, Tiago e PRADO, André Luiz. Arquiteturas apropriáveis: um panorama de alternativas metodológicas contra a soberania do arquiteto na produção do espaço. PIXO, Revista de Arquitetura, Cidade e Contemporaneidade, volume 2, nº 6, 2018, 76-89. Disponível em <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/pixo/article/view/13622/8954> acesso em: 15 out. 2019.

ARAUJO, M. Breve memória das comunidades de Alcântara. São Luís: SIOGE, 1990.

ARCANGELI, A. O mito da terra: uma análise da pré-

-colonização da Amazônia Maranhense. São Luís: EDUFMA, 1987.

ARRUDA, A. F. O espaço concebido e o espaço vivido da morada rural: políticas públicas x modo de vida camponês. 2007. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16135/tde-19052010-094729/pt-br.php>. Acesso em: 21 nov. 2015

BACHELARD, G. O novo espírito científico. In Gaston Bachelard. A filosofia do não, O novo espírito científico, A poética do espaço. São Paulo: Abril Cultural, 1978, p. 90-179.

BALDEZ, M. L. A luta pela terra urbana. In: RIBEIRO, L. C. Q.; CARDOSO, A. L. (Org.) Reforma urbana e gestão democrática: promessas e desafios do Estatuto da Cidade. Rio de Janeiro: Revan: FASE, 2003. p. 71-92.

BARBOSA, L. B.; MONIZ FILHO, M. F.; VIEIRA, N. F.; SOUZA, R. C. Autoconstrução de moradias em Aglomerados Subnormais: Parque Jair, São José de Ribamar, Maranhão. In: III Seminário Nacional sobre Urbanização de Favelas, 21 a 23 novembro 2018. Salvador - Bahia - Brasil, Anais. Disponível em <http://www.sisgeenco.com.br/sistema/urbfavelas/anais2018a/ARQUIVOS/GT1-301-105-20180820233820.pdf> acesso em: 17 jun. 2019

BARBOSA, Z. M. O global e o regional: a experiência de desenvolvimento no Maranhão contemporâneo. Revista Brasileira de Desenvolvimento Regional, Universidade Regional de Blumenau, Santa Catarina, outono 2013, p. 113-128. Disponível em <https://proxy.furb.br/ojs/index.php/rbdr/article/view/3651> acesso em: 16 out. 2019.

BERNARDES, N. O problema do estudo do habitat rural no Brasil. Palestra proferida em 21 de fevereiro de 1957. Transcrição do Boletim Carioca de Geografia, ano X, nº 1 e 2, 1957. Boletim Geográfico. Ano - XXII, setembro-outubro 1963, N.º 176, p. 529-544. Disponível em [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/19/bg\\_1963\\_v22\\_n176\\_set\\_out.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/19/bg_1963_v22_n176_set_out.pdf) acesso em: 11 nov. 2019.

BRASIL. Comunidades remanescentes de quilombolas. Certificação. Fundação Cultural Palmares, 2019. Disponível em [http://www.palmares.gov.br/?page\\_id=37551](http://www.palmares.gov.br/?page_id=37551) acesso em 10 out. 2019

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Aglomerados Subnormais. Censo 2010. Disponível em <http://www.censo2010.ibge.gov.br/agsn/> acesso em: 21 mar. de 2017.

BRASIL. Instituto Brasileiro De Geografia E Estatística. Censo Demográfico de 2010: características gerais da população, religião e pessoas com deficiência. Disponível em: <[http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/94/cd\\_2010\\_religiao\\_deficiencia.pdf](http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/94/cd_2010_religiao_deficiencia.pdf)> Acesso em: 22 jul. 2016

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Aglomerados Subnormais. Informações Territoriais 2010. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/imprensa/ppts/00000015164811202013480105748802.pdf> acesso em: 08 mar. 2017.

BRASIL. Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas. Atlas do desenvolvimento humano do Brasil, 2013. Disponível em <http://www.atlasbrasil.org.br/2013/pt/consulta/> acesso em 14 mai. 2017.

BRASIL. Terras indígenas no Maranhão. Ministério da Justiça e Segurança Pública. Fundação Nacional do Índio, 2019. Disponível em <http://www.funai.gov.br/index.php/indios-no-brasil/terras-indigenas> acesso em 08 dez. 2018

BICCA, P. Arquiteto, a máscara e a face. São Paulo: Projeto Editores, 1984

BORTOLUCI, J. H. A descoberta do viver periférico: Articulações do popular na arquitetura paulista (1960 - 1980). Novos estud. CEBRAP, São Paulo, V35.03, p. 31-50, Novembro 2016. Disponível em <http://www.scielo.br/img/en/artsrc.gif> acesso em 08 dez. 2019.

BOURDIEU, P. Sociologia. (Org. Ortiz, R.). São Paulo: Ática, 1983.

BOURDIEU, P. Razões práticas: sobre a teoria da ação. Campinas, SP: Papyrus, 1996

BRASIL. Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. Sistemas de plantio. Disponível em <https://www.embrapa.br/hortalias/alho/sistemas-de-plantio> acesso em: 05 maio de 2019.

BURNETT, F. L. Urbanização de Desenvolvimento Sustentável: a sustentabilidade dos tipos de urbanização em São Luís do Maranhão. São Luis: Eduema, 2008.

BURNETT, F. L. Da tragédia urbana a farsa do urbanis-

mo reformista: a fetichização dos planos diretores participativos. São Paulo: Annablume, 2011.

BURNETT, F. L. Moradia Popular no Maranhão: Política Habitacional Rural, Autoconstrução em Aldeias Altas e Produção Estatal em Buriticupu. In Anais do I Encontro Habitat Urbano e Rural no Maranhão: formas de produção e uso da moradia popular tradicional no Maranhão, São Luis, 8 e 9 de junho 2017. Disponível em <http://www.athuar.uema.br/wp-content/uploads/2018/03/Anais-do-I-Encontro-Estadual-Habitat-Urbano-e-Rural-no-Maranh%C3%A3o..pdf> acesso em: 12 dez. 2019.

BURNETT, F. L. Política habitacional rural e moradia camponesa no Maranhão. Arquitetura Revista, v.15 n.2 2019 DOI: 10.4013/arq.2019.152.07. Disponível em <http://revistas.unisinos.br/index.php/arquitetura/article/view/arq.2019.152.07/60747140> acesso em 08 set. 2019.

BURNETT, F. L e SILVA, J. V. O espaço da ciência e da técnica na urbanização de assentamentos precários: uma análise da gestão do PAC Rio Anil em São Luís, Maranhão. I URBFAVELA - Seminário Nacional sobre Urbanização de Favelas, São Bernardo do Campo, SP, 13 a 15 de novembro de 2014. Disponível em [http://www.mom.arq.ufmg.br/mom/01\\_biblioteca/arquivos/burnett\\_14\\_o\\_espaco\\_da\\_ciencia.pdf](http://www.mom.arq.ufmg.br/mom/01_biblioteca/arquivos/burnett_14_o_espaco_da_ciencia.pdf) acesso em: 25 nov. 2019.

BURNETT, F. L.; FARIAS, A. G.; GOMES, A. M.; VIEIRA, N. F. Habitação, Produção e Sociabilidade no Meio Rural. 4º Fórum Habitar, 08 a 10 de novembro de 2017, Belo Horizonte. Disponível em <https://even3.blob.core.windows.net/anais/73091.pdf> acesso em: 12 nov. 2018.

CABRAL, M. S. C. Caminhos do gado: conquista e ocupação do Sul do Maranhão. São Luis: SIOGE, 1992.

CARNEIRO, M. S. Da “Reforma Agrária dos Partidários” à “Reforma Agrária Coletiva”: Luta pela terra e declínio de relações de patronagem no Maranhão recente. Caderno Pós Ciências Sociais - São Luís, v. 1, n. 2, ago./dez. 2004, p. 95-121 <http://www.periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/rpcsoc/article/download/209/146> acesso em: 05 jan. 2019

CARVALHO, C. O sertão. Subsídios para a história e a geografia do Brasil. Imperatriz, MA: Ética, 2006.

CASTELLS, M. A questão urbana. São Paulo: Paz e Ter-

ra, 2000.

CAU-BR/DATAFOLHA. O maior diagnóstico sobre Arquitetura e Urbanismo já feito no Brasil. Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Brasil/Datafolha Instituto de Pesquisa, 2015. Disponível em <https://www.caubr.gov.br/pesquisa2015/> acesso em: 08 jul. 2016

CAVALCANTE, R. C. C.; COELHO, A. V.; SOARES, J. A. L. S.; FIGUEIREDO, M. B. Processo e comercialização do camarão torrado no estado do Maranhão. IV Semana Acadêmica de Ciências Agrárias, II Workshop de Pós-graduação em Ciências Agrárias. Universidade Estadual do Maranhão, 2014. Disponível em <http://www.cca.uema.br/wp-content/uploads/2015/12/PROCESSO-E-COMERCIALIZA%C3%87%C3%83O-DO-CAMAR%C3%83O-TORRADO-NO-ESTADO-DO-MARANH%C3%83O.pdf> acesso em: 21 out. 2019.

CHAUI, M. Conformismo e resistência, aspectos da cultura popular no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1989.

CHAVES, A. S. Resíduos das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) no Maranhão: atualidades no contexto urbano de São Luis e São José de Ribamar. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-graduação em Psicologia, Curso de Ciências Humanas, Universidade Federal do Maranhão. Disponível em <https://tedebc.ufma.br/jspui/bitstream/tede/1762/2/Adriana%20Sousa%20Chaves.pdf> acesso em: 02 jun. 2019.

CLEGG, L. The World Bank and the globalisation of housing finance: mortgaging development. Cheltenham: Elgar, 2017

CONCEIÇÃO, M. Essa terra é nossa: depoimento sobre a vida e as lutas de camponeses no Estado do Maranhão. Entrevista e edição de Ana Maria Galano. Petrópolis: Vozes, 1980

CORONA, E.; LEMOS, C. Dicionário da Arquitetura Brasileira. São Paulo: EDART, 1972.

COSTA, L. C. B. F. Arraial e Coronel: dois estudos de história social. São Paulo: Cultrix, 1978.

CPT. Massacres no campo. Comissão Pastoral da Terra, 2019. Disponível em <http://www.cptnacional.org.br/mnc/> acesso em 15 dez. 2019

CUNHA, C. S., LUCENA, L. d., SILVA, R. A., & DINIZ, J. S. (2014). O processo da segregação socioespacial em São

Lúis e suas implicações no bairro Divinéia. In: VII Congresso Brasileiro de Geógrafos, 10 a 16 agosto 2014, Vitória, Espírito Santo. Disponível em <https://slidex.tips/download/o-processo-de-segregao-sociespacial-de-sao-luis-ma-e-suas-implicacoes-no-bairro> acesso em: 20 jun. 2019.

FATHY, H. Construindo com o povo. Arquitetura para os pobres. São Paulo: Editora USP, 1980.

FERNANDES, M.; TAVARES, A. O Adobe. Cadernos de Construção com terra. Lisboa: Argumentum, 2016.

FERRO, S. Arquitetura e trabalho livre. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

FGV. Morar Longe: o Programa Minha Casa Minha Vida e a expansão das Regiões Metropolitanas Projeto em Parceria CEPESP/FGV e Instituto Escolhas, 2019. Disponível em [http://www.escolhas.org/wp-content/uploads/2019/01/Morar\\_-Longe\\_O\\_Programa\\_Minha\\_Casa\\_Minha\\_Vida\\_e\\_a\\_expans%C3%A3o-das\\_Regi%C3%B5es\\_Metropolitanas-RELAT%C3%93RIO.pdf](http://www.escolhas.org/wp-content/uploads/2019/01/Morar_-Longe_O_Programa_Minha_Casa_Minha_Vida_e_a_expans%C3%A3o-das_Regi%C3%B5es_Metropolitanas-RELAT%C3%93RIO.pdf) acesso em 07 nov. 2019

GAMBA, Mi. R. Guia prático de tecnologia de pesca. Ministério do Meio Ambiente e da Amazônia Legal. Instituto do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis - Ibama. Diretoria de Incentivo à Pesquisa e Divulgação - DIRPED, Centro De Pesquisa e Extensão Pesqueira das Regiões Sudeste e Sul, CEPESUL, 1994. Disponível em [http://www.icmbio.gov.br/cepsul/images/stories/biblioteca/download/trabalhos\\_tecnicos/pub\\_1994\\_gamba\\_guiapratico.pdf](http://www.icmbio.gov.br/cepsul/images/stories/biblioteca/download/trabalhos_tecnicos/pub_1994_gamba_guiapratico.pdf) acesso em 17 mai. 2019

GUGLIELMI, P. M. C. Habitação, Ordem e Progresso. A Política Habitacional Brasileira, a Legitimação do Regime e a Acumulação Capitalista. Monografia apresentada como conclusão do Curso de Mestrado em Administração e Planejamento Urbano. Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas, 1984.

HEREDIA, B. M. A. A morada da vida: trabalho familiar de pequenos produtores no Nordeste do Brasil. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2013.

Disponível em: [www.bvce.org](http://www.bvce.org). Acesso em: 27 mai 2016

HIGTEC. <https://www.higitec.com.br/blog/a-diferenca-entre-fossa-negra-fossa-septica-e-fossa-seca/> acesso em: 08 jan. 2019.

IBAM. Instituto Brasileiro de Administração Municipal.



Pau-a-pique: Cartilha para construção de casas de taipa em pau-a-pique, 1987.

ILLICH, I. Needs. In: Wolfgang Sachs (ed.). The Development Dictionary: A Guide to Knowledge as Power. London / New Jersey: Zed Books, 1992, p. 88-101.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Censo Demográfico de 2010: características gerais da população, religião e pessoas com deficiência. IBGE, 2010. Disponível em: <[http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/94/cd\\_2010\\_religiao\\_deficiencia.pdf](http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/94/cd_2010_religiao_deficiencia.pdf)> Acesso em: 22 jun. 2018

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Síntese de Indicadores Sociais. Agência IBGE Notícias, 06/11/2019, Disponível em <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/25882-extrema-pobreza-atinge-13-5-milhoes-de-pessoas-e-chega-ao-maior-nivel-em-7-anos> acesso em 08 nov. 2019

KAPP, S.; NOGUEIRA, P.; BALTAZAR, A. P. Arquiteto tem sempre conceito. IV Projetar 2009 - Projeto como Investigação: Ensino, Pesquisa e Prática FAU-UPM, outubro 2009, S. Paulo, Brasil. Disponível em [http://www.mom.arq.ufmg.br/mom/01\\_biblioteca/arquivos/kapp\\_09\\_arquiteto\\_sempre\\_tem.pdf](http://www.mom.arq.ufmg.br/mom/01_biblioteca/arquivos/kapp_09_arquiteto_sempre_tem.pdf) acesso em: 08 jul. 2019

KAPP, S.; SILVA, M. M. A. Quem mora na favela. e-metropolis, nº 09, ano 3, junho de 2012, p. 28-35. Disponível em [http://www.mom.arq.ufmg.br/mom/01\\_biblioteca/arquivos/kapp\\_12\\_quem\\_mora\\_nas.pdf](http://www.mom.arq.ufmg.br/mom/01_biblioteca/arquivos/kapp_12_quem_mora_nas.pdf) acesso em: 23 nov. 2019.

LEITE FILHO, D. C. Arqueologia dos ambientes lacustres: cultura material, dinâmica sociocultural e sistema construtivo nas estearias da Baixada Maranhense. Arquivos do Museu de História Natural e Jardim Botânico. - Vol. 25, nº 1, 2016 - Belo Horizonte: UFMG, Museu de História Natural, 1974, p.54-99. Disponível em <https://www.ufmg.br/mhnpj/wp-content/uploads/2018/03/Vol25n1.pdf> acesso em: 07 julho 2019.

LEMOS, José de Jesus Souza. Efeitos da expansão da soja na resiliência da agricultura familiar no Maranhão. Revista de Política Agrícola, Ano XXIV - No 2 - Abr./Maio/Jun. 2015, p. 26-37. Disponível em [https://seer.sede.embrapa.br/Capa/v.24,n.2\(2015\)](https://seer.sede.embrapa.br/Capa/v.24,n.2(2015)) Lemos acesso

em: 14 jun. 2019.

LIMA, R. M. O rural no urbano: uma análise do processo de produção do espaço urbano de Imperatriz, MA. Imperatriz, MA: Ética, 2008.

LIVINGSTONE, R. La guerra de los arquitectos. In Arquitectura e Autoritarismo. Buenos Aires: Ediciones de la Flor, 1993.

LOBATO, S. A cidade dos trabalhadores. Insegurança estrutural e táticas de sobrevivência em Macapá (1944-1964). Belém, Pará: Paka-Tatu, 2019.

LOPES, J. M. O anão caolho. Novos Estudos 76, Novembro, 2006 p. 219-227. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/nec/n76/11.pdf> acesso em 22 out. 2019

LUCENA, J. M. Uma palmeira em muitos termos: a terminologia da agricultura extrativista, industrial e comercial do coco babaçu. Tese de Doutorado em Linguística, Departamento de Letras Vernáculas da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, Ceará, 2008. Disponível em [http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/8871/1/2008\\_tese\\_jmlucena.pdf](http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/8871/1/2008_tese_jmlucena.pdf) acesso em 14 mai. 2019.

LUNA, F. V.; KLEIN, H. S. Nota a respeito de medidas para grãos utilizadas no período colonial e as dificuldades para sua conversão ao sistema métrico. Boletim de História Demográfica (São Paulo) Ano VIII, no. 21, março, 2001, pp. 1-3. Disponível em <http://historia-demografica.tripod.com/pesquisadores/paco/pdf-paco/ar47.pdf> acesso em: 05 mai. 2019.

MACHADO, M. A.; PINHEIRO, C. U. B. Da água doce à água salgada: mudanças na vegetação de igapó em margens de lagos, rios e canais no baixo curso do rio Pindaré, Baixada Maranhense. Revista Brasileira de Geografia Física v.09, n.05 (2016) 1410-1427. Disponível em <https://periodicos.ufpe.br/revistas/rbgfe/article/view/233770> acesso em: 23 mai. 2019

MARANHÃO. Plano Estadual de Habitação de Interesse Social - PEHIS. Sumário executivo. Secretaria de Estado das Cidades e Desenvolvimento Urbano, 2014. Disponível em <https://secid.ma.gov.br/files/2014/09/Sum%C3%A1rio-Executivo-Plano-Estadual-de-Habita%C3%A7%C3%A3o-de-Interesse-Social-do-Maranh%C3%A3o.pdf> acesso em: 08 mai. 2018.

MARANHÃO. Universidade Estadual do Maranhão, Curso de Arquitetura e Urbanismo, Laboratório de Análise Territorial e Estudos Socioeconômicos (LATESE). Registros fotográficos. Acervo pessoal: São Luís, 2017.

MARICATO, E. Autoconstrução, a arquitetura possível In MARICATO, Ermínia (Org.). A produção capitalista da casa (e da cidade) no Brasil Industrial. São Paulo: Alfa Omega, 1982, p. 71-93

MARTINS, P. S. Dinâmica evolutiva em roças de caboclos amazônicos. Estudos avançados, volume 19, São Paulo, 2005. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ea/v19n53/24089.pdf> acesso em 18 mai. 2018.

MARTINS, M. M. Análise da configuração dos espaços culinários em habitações quilombolas de Alcântara (Maranhão, Brasil). Tese de Doutorado em Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Arquitetura, Universidade de Lisboa, Portugal, 2018.

MARX, K.; ENGELS, F. A ideologia alemã. São Paulo: Martins Fontes, 2007

MATOS, H. R. Análise topomínica de 81 bairros de São Luís/MA. Fortaleza: Tese de Doutorado, Centro de Humanidades, Departamento de Letras Vernáculas, Programa de Pós Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, 2014. Disponível em <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/8930> acesso em: 23 jul. 2019.

MATTOS JUNIOR, J. S. Assentamentos Rurais: Construção e Reconstrução de Territórios no Maranhão In: Paisagens e dinâmicas territoriais em Portugal e no Brasil: As Novas Geografias dos Países de Língua Portuguesa. 1 ed. GUARDA: Áncora Editora, 2014, v.26, p. 315-336

MEDEIROS, S. B. M.; RODRIGUES, V. C.; MESQUITA, J. R. C. Realidade e perspectivas da ATER junto à populações extrativistas no Pará: o caso do PAE Ilha Piquiarana em Abaetetuba - Pará - Amazônia - Brasil. Rev. Terceira Margem Amazônia, Vol. 3, Nº 11, 2018. Disponível em <http://www.revistaterceiramargem.com/index.php/terceiramargem/article/viewFile/246/184> acesso em 05 ago. 2019.

MESQUITA, B. A. O desenvolvimento desigual da agricultura: a dinâmica do agronegócio e da agricultura familiar. São Luis: EDUFMA, 2011.

MINKE, G. Paredes e Rebocos de terra. Sistemas - Exe-

ção- Orientações práticas. São Carlos: RiMa Editora, 2019.

MONEO, R. De la tipologia. Summarios, Buenos Aires, nº 79, julho, 1984.

MYSKIW, A. M. Colonos, Posseiros e Grileiros. Conflitos de terra no Oeste Paranaense (1991/66). Dissertação mestrado, Programa Pós-graduação Interinstitucional em História UFF/UNIOESTE, Niterói, RJ, 2002. Disponível [http://www.direito.mppr.mp.br/arquivos/File/Politica\\_Agraria/7MYSKIWPOSSEIROSOLONOSGRILEIROS.pdf](http://www.direito.mppr.mp.br/arquivos/File/Politica_Agraria/7MYSKIWPOSSEIROSOLONOSGRILEIROS.pdf) acesso em: 06 jan. 2019.

NEVES, C. e FARIA, O. B. Técnicas de construção com terra. Bauru, SP: FEB-UNESP/PROTERRA, 2011.

OLIVIER, P. The importance of the study of vernacular Architecture. In OLIVER, P. Built to meet needs: cultural issues in vernacular architecture. Oxford: Architectural Press, 2006, p. 17-26.

ORMOND, J. G. P. Glossário de termos usados em atividades agropecuárias, florestais e ciências ambientais. Rio de Janeiro: BNDES, 2006. Disponível em [https://www.mma.gov.br/estruturas/sqa\\_pnla/\\_arquivos/glossario\\_bndes\\_textodoc\\_46.pdf](https://www.mma.gov.br/estruturas/sqa_pnla/_arquivos/glossario_bndes_textodoc_46.pdf) acesso em: 15 jan. 2019

PERALVA, C. Farinha de Bragança é crocante e intensa. E quer indicação geográfica. Reportagem do Estadão, 2017. Disponível em <https://paladar.estadao.com.br/noticias/comida,farinha-de-braganca-e-crocante-e-intensa-e-quer-indicacao-geografica,70001896716> acesso em: 06 de maio de 2019.

PINHEIRO, C.; RUGGIERO, J. K. C.; SOUZA B. P.; BITTENCOURT P. G.; LENTINI M. W. Produção de telhas de madeira (cavacos) por comunidades rurais da Amazônia: uma alternativa de renda para o pequeno produtor florestal no manejo florestal comunitário e familiar. Instituto Florestal Tropical, Boletim Técnico IFT 05, abril 2012. Disponível em [http://www.ift.org.br/wp-content/uploads/2015/05/BOLETIM\\_TECNICO\\_05.pdf](http://www.ift.org.br/wp-content/uploads/2015/05/BOLETIM_TECNICO_05.pdf) acesso em: 16 jan. 2019.

PINHEIRO, A. P. S. C. Modo de olhar: metodologia para o estudo de moradias rurais. 2011. 224 f. Dissertação de Mestrado em Engenharia Civil: estruturas e construção civil - Centro de Tecnologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.

PISANI, M. A. Taipas: a Arquitetura de Terra. Sinergia, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 09-15, jan. jun. 2004. Disponível em [https://www.promemoria.indaiatuba.sp.gov.br/arquivos/cefetarquiteturas\\_de\\_terra\\_no\\_brasil.pdf](https://www.promemoria.indaiatuba.sp.gov.br/arquivos/cefetarquiteturas_de_terra_no_brasil.pdf)

RAPOPORT, A. Cultura, Arquitectura e Diseño. Arquitectonics. Barcelona: Ediciones UPC, 2003.

RIBEIRO, E. M. Agregados e fazendas no nordeste de Minas Gerais. *Estud. Soc. e Agric.*, Rio de Janeiro, vol. 18, n. 2, 2010: 393-433. Disponível em <file:///C:/Users/Frederico/Downloads/330-Texto%20do%20artigo-887-1-10-20131209.pdf> acesso em: 15 jun. 2019.

RIBEIRO JR., J. R. B. Formação do espaço urbano de São Luís: 1612-1991. São Luís: Edições FUNC, 1999.

ROCHA, G. M. Ocupação planejada da terra na região de integração do Xingu: da colonização oficial aos assentamentos rurais. *Revista Movendo Ideias*. Vol. 15, Nº 1 - jan. a jun. 2010, p.18-28, Disponível em <http://revistas.unama.br/index.php/Movendo-Ideias/article/view/553/226> acesso em: 08 nov. 2019

ROCHA, M. Técnicas de Construção com terra. Uma introdução. *Cadernos de Construção com terra*. Lisboa: ARGUMENTUM, 2015.

ROMANELLI, G.; BEZERRA N. M. A. Estratégias de Sobrevivência em Famílias de Trabalhadores Rurais. *Paidéia*, FFCLRP-USP, Rib. Preto, junho/99, p. 77-87. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-863X1999000100008&script=sci\\_abstract&lng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-863X1999000100008&script=sci_abstract&lng=pt) acesso em: 09 ago. 2019

SAMPAIO, M. R. A. A casa brasileira. *Revista USP*, março/abril e maio 1990, p.113-116. Disponível em <http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/25537> acesso em 17 mai. 2019.

SANTOS, C. N. F. *Movimentos urbanos no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981

SANTOS, C. N. F. *Habitação: o que é mesmo que pode fazer quem sabe?* In VALLADARES, L. P. (Org.) *Repensando a habitação no Brasil*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983, p. 79-107.

SANTOS, D. *Identidade étnica e territorialidade: a luta pela titulação definitiva do território quilombola de Camaputua - Cajari - MA / Dorival dos Santos*. São Luís, 2015. 132 f.

SANTOS, J. A. F. *Posições de Classe Destituídas no Brasil In Souza, J. A ralé brasileira*. Belo Horizonte, MG: Editora UFMG, 2009, p. 463-478. Disponível em <http://flacso.redelivre.org.br/files/2014/10/1143.pdf> acesso em: 10 out. 2019.

SANTOS JR, O. A.; MONTANDON, D. T. (Org.) *Os Planos diretores municipais pós-Estatuto da Cidade: balanço crítico e perspectivas*. Rio de Janeiro: Letra Capital/ IPPUR/UFRJ, 2011.

SEYFERTH, G. *As identidades dos imigrantes e o melting pot nacional*. Universidade Federal do Rio de Janeiro, *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 6, n. 14, p. 143-176, nov. 2000.

SILVA, C. G. T. *Conceitos e Preconceitos relativos às Construções em Terra Crua*. Dissertação de Mestrado, Escola Nacional de Saúde Pública. Fundação Oswaldo Cruz. março, 2000. *Conceitos e Preconceitos relativos às Construções em Terra Crua*. Disponível em: < <https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/4736/2/175.pdf> >. Acesso em: 8 de dez. de 2019.

SILVA, J. B. V. *Tudo isso era maré: origens, consolidação e erradicação de uma favela de palafitas em São Luís do Maranhão*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Minas Gerais, 2016.

SILVA, J. M. C. *Habitar a metrópole: os apartamentos quitinetes de Adolf Franz Heep*. *Anais do Museu Paulista*. São Paulo. N. Sér. v.21. n.1. p. 141-157. Jan - jun. 2013, Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/anaismp/v21n1/a09v21n1.pdf> acesso em: 08 jul 2019.

SILVA, M. A. *Cozinha: espaço de relações sociais*. *Revista Iluminuras*, v. 10, n. 23, 2009. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/iluminuras/article/download/10083/5852>>. Acesso em 28 abr. 2017

SILVA, M. P.; BARROS, R. F. M. *Conhecimento tradicional e uso de espécies da caatinga em construções rurais na Comunidade Sítio Velho em Assunção do Piauí, Brasil*. *Revista Educação Ambiental em Ação*, número 51, ano XIII, março 2015. Disponível em <http://www.revistaea.org/pf.php?idartigo=1987> acesso em: 12 jan. 2019.

SILVA, R. A. *Aglomerados Subnormais: Definição, Limitações e Críticas*. *Ver. GEOUECE*, 12/2014, p.26-40. Dis-

ponível em <http://seer.uece.br/?journal=geouece&page=article&top=view&path%5B%5D=1021&path%5B%5D=1062> acesso em: 11 nov. 2019.

SILVEIRA, T. S. Maranhão Terra das Palmeiras: um estudo da sinonímia na terminologia do babaçu. Dissertação Mestrado, Programa Pós-graduação em Letras, Universidade Federal do Maranhão, 2017. Disponível <https://tede.bc.ufma.br/jspui/bitstream/tede/1377/2/Thecia-naSilveira.pdf> acesso em: 05 fev. 2019.

SOUZA, C. R. P. A Morada Camponesa em Pequizeiro, Belágua (MA): Modos de construir e de morar In Anais do I Encontro Habitat Urbano e Rural no Maranhão: formas de produção e uso da moradia popular tradicional no Maranhão, São Luis, 8 e 9 de junho de 2017. Disponível em <http://www.athuar.uema.br/wp-content/uploads/2018/03/Anais-do-I-Encontro-Estadual-Habitat-Urbano-e-Rural-no-Maranh%C3%A3o..pdf>

SOUZA, C. R. P. Política de habitação rural no Maranhão: da moradia camponesa à “casa do governo”. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Socioespacial e Regional, Universidade Estadual do Maranhão, 2017.

SOUZA, J. A ralé brasileira: quem é e como vive. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009

SOUZA, M. L. Da “diferenciação de áreas” à “diferenciação socioespacial”: a “visão (apenas) de sobrevo” como uma tradição epistemológica e metodológica limitante. *Cidades*, v. 4, n. 6, 2007, p. 101-114. Disponível em <http://revista.fct.unesp.br/index.php/revistacidades/article/download/573/604> acesso em: 11 nov. 2019.

SOUZA, M. L. Dos espaços de controle aos territórios dissidentes. Rio de Janeiro: Consequência, 2015.

TORGAL, F. P.; EIRES, R. M. G.; JALALI, S. Construção em Terra. Universidade do Minho. Ed. TEC Minho. Guimarães, 2009. P. 187.

TRECCANI, G. D. O Título de posse e a legitimação de posse como formas de aquisição da propriedade. MP Paraná, Textos apoio, Produção acadêmica estudo Legislação e questão fundiária, s/d. Disponível [http://www.direito.mppr.mp.br/arquivos/File/Politica\\_Agraria/7TRECCANITitulodePosse.pdf](http://www.direito.mppr.mp.br/arquivos/File/Politica_Agraria/7TRECCANITitulodePosse.pdf) acesso em: 05 jan. 2019.

TROVÃO, J. R. O processo de ocupação do território

maranhense. São Luis: IMESC, 2008

VALLADARES, L. P. (Org.) Repensando a habitação no Brasil. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983.

VARGA, I. D. A cabeça branca da hidra, e seus pântanos: subsídios para novas pesquisas sobre comunidades indígenas, quilombolas e camponesas na Amazônia maranhense. *Rev. Hist.* Nº 178 São Paulo, Mar 25, 2019. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-83092019000100300](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-83092019000100300) acesso em: 14 jun. 2019

VASCONCELOS, M. B. Poços para captação de águas subterrâneas: revisão de conceitos e proposta de nomenclatura. Anais XVIII Congresso Brasileiro de Águas Subterrâneas, Belo Horizonte, MG, 14-17 out. 2014. Disponível <https://aguassubterraneas.abas.org/asubterraneas/article/viewFile/28288/18401> acesso em: 08 nov. 2018

VELHO, O. G. Frente de expansão e estrutura agrária: estudo do processo de penetração numa área da Transamazônica. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2009.

VIEIRA, N. F. O espaço da moradia rural no povoado de Pequizeiro, Belágua, Maranhão. 2017, 101f, Monografia de Graduação, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Estadual do Maranhão, São Luís, MA, 2017.

VILLAÇA, F. O que todo cidadão deve saber sobre habitação. São Paulo: Global, 1986

WEIMER, G. A arquitetura popular brasileira. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2012.

ZAGALO, J. G. C.; SANTOS, L. E. N; BURNETT, F. L. Planejamento e caos urbano na periferia do Brasil: O Plano Diretor de São Luis, Maranhão: Participação Truncada, Privatização do Espaço e Crise de Gestão Pública do Solo Urbano. Mesa Temática Coordenada: Questão urbana e gestão de cidades. IX Jornada Internacional de Políticas Públicas, 20-23 agosto 2019, UFMA, São Luis, MA, disponível em <http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2019/images/trabalhos/1225.pdf> acesso em 08 set. 2019.



# AUTORES, PESQUISADORES E COLABORADORES

Empenho coletivo ao longo de quatro anos em torno de pesquisas sobre a moradia popular maranhense, este trabalho foi possível graças às contribuições de docentes e discentes relacionados em ordem alfabética, os quais, em diferentes momentos e com igual importância, disponibilizaram tempo e conhecimentos em discussões teóricas, coletas de campo, sistematização de dados e redação de textos, esforços indispensáveis para tornar possível esta publicação.

## COORDENADOR/ORGANIZADOR

**Frederico Lago Burnett.** Graduação em Arquitetura, Universidad de Buenos Aires, Argentina, Mestrado em Desenvolvimento Urbano, Universidade Federal de Pernambuco, Doutorado em Políticas Públicas, Universidade Federal do Maranhão, professor da Universidade Estadual do Maranhão - Uema, líder do Laboratório de Análise Territorial e Estudos Socioeconômicos - Latese, membro do Núcleo de Pesquisa e Extensão em Assessoria Técnica para o Habitat Urbano e Rural - ATHUAR.

## COLABORADORAS

**Clara Raissa Pereira de Souza.** Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Mestrado em Desenvolvimento Socioespacial e Regional, Uema, professora Substituta da Uema, membro do ATHUAR.

**Ingrid Braga.** Graduação em Desenho Industrial, Universidade Federal do Maranhão, Mestrado em Design de Interiores, Universidad de Salamanca, Espanha, Doutorado em Conservação e Restauração de Bens Culturais, Universidad de Valência, Espanha, professora

da Uema, coordenadora do Laboratório Trilhando espaços saudáveis, criativos e resilientes - Tescer, membro da Rede Terra Brasil e do ATHUAR.

**Marluce Wall de Carvalho Venâncio.** Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Mestrado em Desenvolvimento Urbano, Universidade Federal de Pernambuco, Doutorado em Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro, professora da Uema, líder do ATHUAR.

**Marivânia Leonor Souza Furtado.** Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal do Maranhão, Mestrado em Sociologia, Universidade Federal do Ceará, Doutorado em Geografia, Universidade Estadual Paulista, professora da Uema líder do Grupo de Estudos, Pesquisa e Extensão em Lutas Sociais, Igualdade e Diversidades - LIDA e da Licenciatura Intercultural para a Educação Básica Indígena da Uema.

**Rose France de Panet Farias.** Graduação em Ciências Sociais e Jurídicas, Universidade Federal da Paraíba, Mestrado em Antropologia Social e Etnologia, École des Hautes Études en Sciences Sociales, Paris, França, Doutorado em Antropologia e Políticas Públicas, École Pratique des Hautes Études, França, e UFMA, professora da Uema, membro do ATHUAR.

**Silke Kapp.** Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Mestrado e Doutorado em Filosofia, Universidade Federal de Minas Gerais, professora da Escola de Arquitetura e do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da UFMG, líder do Grupo de Pesquisa Morar de Outras Maneiras - MOM.

## PESQUISADORES BOLSISTAS

**Aldrey Malheiros Neves de Oliveira.** Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Mestrado em Desenvolvimento Socioespacial e Regional, Uema, bolsista de Apoio Técnico Institucional (2016-2017).

**Amanda Marques Gomes.** Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Mestranda em Desenvolvimento Socioespacial e Regional, Uema, bolsista de Iniciação Científica (2016-2017).

**Andréa Garcez de Farias.** Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Uema, bolsista de Iniciação Científica (2016-2017).

**Nubiane da Fonseca Vieira.** Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Uema, bolsista de Iniciação Científica (2016-2017) e de Apoio Técnico Institucional Uema (2017-2018).

**Marcos Andrei Freire Dias.** Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Ceuma, Especialização em Assessoria Técnica para o Habitat Urbano e Rural, Uema, bolsista de Apoio Técnico Institucional Uema (2018).

**Marcelo Durans Diniz.** Graduação em Arquitetura e Urbanismo, UNDB, bolsista de Apoio Técnico Institucional Uema (2019-2020).

**Manoel Fernando Moniz Filho.** Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Uema, bolsista de Iniciação Científica (2017-2018) e de Apoio Técnico Institucional Uema (2019).

**Luana Barros Barbosa.** Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Uema, bolsista de Iniciação Científica (2017-2018).

**Roseane Caldas Souza.** Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Uema, bolsista de Iniciação Científica (2017-2018).

**Gabriela Silva de Oliveira.** Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Uema, bolsista de Iniciação Científica (2018-2019).

**Aylla Maria Gomes Pimenta.** Graduanda em Arquitetura e Urbanismo, Uema, bolsista de Iniciação Científica (2018-2019).

**Jéssica Costa Dias.** Graduanda em Arquitetura e Urbanismo, Uema, bolsista de Iniciação Científica (2018-2019).

## **PESQUISADORAS VOLUNTÁRIAS**

**Monique Assunção Aguiar.** Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Uema, pesquisadora voluntária (2019).

**Emanuelle Christiny de Abreu Fonseca.** Graduanda em Arquitetura e Urbanismo, Uema, pesquisadora (2018-2019).

**Lorena Araújo Gonçalves.** Graduanda em Arquitetura e Urbanismo, Uema, pesquisadora voluntária (2018-2019).

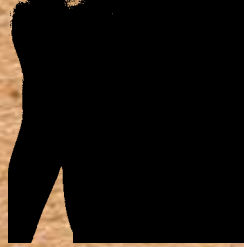
**Marcelle Costa Araújo.** Graduanda em Arquitetura e Urbanismo, Uema, pesquisadora do Latese (2018-2019).

**Maria Eduarda Lima Brito.** Graduanda em Arquitetura e Urbanismo, Uema, pesquisadora Latese (2018-2019).

**Tauanda Souza Braga.** Graduanda em Arquitetura e Urbanismo, Uema, pesquisadora (2018-2019).









Inventário parcial, mas abrangente das construções populares do Maranhão, esta publicação comprova a contradição da nossa questão habitacional: diferentemente do que pensa o senso comum, o valor das soluções culturais, implícitas nas construções populares maranhenses, em muito supera seus problemas técnicos, sempre usados para justificar a condenação das práticas tradicionais, às quais faltaria “dignidade”.

Cabe perguntar se a prevalência de tais pré-conceitos, que sempre ocultam segundas intenções, não são atentados contra a identidade e a autonomia de grupos sociais marginalizados, mas capazes de construir um padrão de habitat compatível com seus modos de vida e condições de existência.

Afinal, apesar das limitações nas soluções implementadas, está comprovado que os mais capazes para enfrentar a questão da moradia popular no Brasil têm sido seus próprios moradores.



9 788582 272619

